

RESUMO

**PEQUENOS GRUPOS: UMA FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA,
TEOLÓGICA E HISTÓRICA DESDE UMA PERSPECTIVA
DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA NO BRASIL**

por

José Umberto Moura

Orientador: Roberto Pereyra Suárez

RESUMO DE PESQUISA DE PÓS-GRADUAÇÃO
Tese de Doutorado em Teologia Pastoral

Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia

Centro Universitário Adventista de São Paulo

Campus Engenheiro Coelho

Título: **PEQUENOS GRUPOS: UMA FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA, TEOLÓGICA E HISTÓRICA DESDE UMA PERSPECTIVA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA NO BRASIL**

Nome do pesquisador: José Umberto Moura

Nome e título do orientador: Roberto Pereyra, Ph.D.

Data do término: novembro de 2009

Tópico

A fundamentação bíblica, teológica e histórica que se faz apresentar nesta pesquisa compreende uma análise dos Pequenos Grupos através da história, desde sua origem até o presente, com ênfase na prática desenvolvida pela Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil.

Propósito

O propósito desse estudo é construir uma base bíblica, teológica e histórica para os Pequenos Grupos/Células, enquanto também se define e apresenta a origem e circunstâncias históricas de seu desenvolvimento – particularmente na Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil – como sua importância e contribuição para essa Igreja.

Fontes

O desenvolvimento deste trabalho valeu-se de fontes primárias, tanto do texto bíblico quanto de autores especialistas na área, e demais obras que tratam de assuntos do interesse da pesquisa. Também se utiliza de fontes secundárias que contribuíram na formação do lastro bibliográfico deste estudo.

Conclusões

Surgidos nos portais da história bíblica, deslizando sutilmente através dos tempos, os grupos pequenos mantiveram-se como princípios de uma realidade vivida pelo povo de Deus, principalmente no período apostólico e nos séculos que se sucederam. O panorama apresentado nesta pesquisa revelou que os grupos pequenos podem ser percebidos como um fio dourado, vindo desde o Éden, projetando-se através da história; mergulham no subterrâneo da Idade Média para ressurgirem vigorosos no período moderno, consolidando-se no movimento liderado por John Wesley no século 18, cuja influência se faz sentir nos modelos praticados pelas igrejas do presente.

Paul (David) Yonggi Cho e Ralph Neighbour Jr. iniciaram a construção de um movimento internacional e interdenominacional que hoje se consolida na experiência de outras lideranças em milhares de igrejas ao redor do mundo. Buscando construir seu próprio modelo, a IASD no Brasil tem avançado em direção à consolidação dos Pequenos Grupos como um modelo bíblico e apostólico, e como um importante instrumento no cumprimento de sua missão profética.

ABSTRACT OF GRADUATE STUDENT RESEARCH
Doctor of Pastoral Theology Dissertation

Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia

Centro Universitário Adventista de São Paulo

Campus Engenheiro Coelho

Title: **SMALL GROUPS: A BIBLICAL, THEOLOGICAL AND HISTORICAL FOUNDATION FROM THE PERSPECTIVE OF THE SEVENTH-DAY ADVENTIST CHURCH IN BRAZIL**

Name of researcher: José Umberto Moura

Name and degree of advisor: Roberto Pereyra, Ph.D.

Date completed: November 2009

Topic

The biblical, theological and historical basis presented in this research involves an analysis of the Small Groups throughout history, since their origin until the present day, with emphasis on the practices developed by the Seventh-Day Adventist Church in Brazil.

Purpose

The purpose of this study is to build a biblical, theological and historical foundation for the Small Groups/Cells as well as define and present the historical origin and circumstances of their development, particularly in the Seventh-Day Adventist Church, and their importance and contribution to this church.

Sources

The development of this research was underpinned by primary sources from the Biblical text as well as from expert authors on the subject. Other additional sources dealing with the research topic were also used. It also embraces secondary sources that contributed to the development of the bibliographic coverage of this study.

Conclusions

Appearing on the entryways of Biblical history, subtly slipping throughout time, the small groups remained as principles of a reality lived by God's people, especially during the apostolic period and the centuries that followed it. The perspective presented in this study revealed that the small groups can be understood as a golden thread, coming from Eden, projecting throughout history, plunging into the underground of the Medieval Age to strongly resurface in the modern period, getting consolidated in the movement led by John Wesley in the 18th Century, whose influence has been felt in the models practiced by the churches of our days.

Paul (David) Yonggi Cho and Ralph Neighbour introduced the development of an international and interdenominational movement, which nowadays is consolidated in the experience of other leaderships in thousands of churches around the world. Trying to build its own model, the Seventh-Day Adventist Church in Brazil has moved towards the consolidation of the Small Groups as an apostolic and biblical model, and as an important tool for the fulfillment of its prophetic mission.

Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia
Centro Universitário Adventista de São Paulo
Campus Engenheiro Coelho

**PEQUENOS GRUPOS: UMA FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA,
TEOLÓGICA E HISTÓRICA DESDE UMA PERSPECTIVA
DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA NO BRASIL**

Tese Doutoral

Apresentada em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para o Programa de
Doutorado em Teologia Pastoral

por

José Umberto Moura

2009

© Copyright por José Umberto Moura 2009
Todos os direitos reservados

**PEQUENOS GRUPOS: UMA FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA,
TEOLÓGICA E HISTÓRICA DESDE UMA PERSPECTIVA
DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA NO BRASIL**

Tese
Apresentada em Cumprimento Parcial
dos Requisitos para o Título de
Doutor em Teologia Pastoral

por

José Umberto Moura

COMISSÃO DE APROVAÇÃO:

Dr. Roberto Pereyra Suárez
Orientador da Tese
Professor de Teologia Bíblica
Diretor da Pós-Graduação do SALT

Data da Aprovação

Dr. Mario Veloso
Examinador Externo
Professor de Teologia Bíblica

Dr. Elias Brasil de Souza
Examinador Adjunto
Professor de Teologia Bíblica

SUMÁRIO

Agradecimentos	vi
I. INTRODUÇÃO	1
Definição do Problema	3
Propósito do Estudo	4
Delimitações do Estudo	4
Revisão de Literatura	5
Metodologia	8
Definição de Termos	8
Organização do Estudo	9
II. DEFININDO PEQUENOS GRUPOS	10
Generalização do Termo Pequenos Grupos	11
Definição de Pequenos Grupos	20
III. FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA E TEOLÓGICA DOS PEQUENOS GRUPOS	30
Fundamentação Bíblica	30
Antigo Testamento	31
Contexto Histórico-Literário	31
Novo Testamento	34
Contexto Histórico-Literário	34
Igrejas em Casa	40
Fundamentação Teológica	50
Panorama Teológico	50
Uma Teologia de Comunidade	57
Algo Dentro da Comunidade	60
Os Sacrifícios Aprofundam o Significado de Algo Dentro da Comunidade	61
Os Evangelhos Revelam Algo Dentro da Comunidade	65
O Sacrifício de Cristo Aponta Algo Dentro da Comunidade	66
O Chamado para a Comunhão	69
A <i>Ecclesia</i> Pratica a Comunhão	71
A Comunhão como Experiência Dinâmica	73
A Comunhão como Base Teológica	75
A Comunhão com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo	77
A Comunhão em Pequenos Grupos	78

IV. FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA DOS PEQUENOS GRUPOS	82
Precusores Bíblicos	82
Precusores Históricos	89
João Wesley e os Pequenos Grupos	96
Ellen G. White e os Pequenos Grupos	102
V. PEQUENOS GRUPOS NO BRASIL	115
Precusores Interdenominacionais	115
Grupos Familiares	116
Modelo de Células	120
Modelo Governo dos 12 ou G12	123
Comunidades Eclesiais de Base	125
Precusores Denominacionais da IASD	129
Koinonias	133
Grupos Familiares	136
Origem dos Pequenos Grupos na IASD no Brasil	141
Projeto Chuva Serôdia	142
Pequenos Grupos	143
Expansão dos Pequenos Grupos	149
Aracaju e Nordeste	151
Região Sul e Santa Catarina	156
Região Este e Rio de Janeiro	157
Região Norte	158
Região Centro-Oeste	158
Divisão Sul-Americana	159
Pequenos Grupos e Escola Sabatina	160
Linha Histórica	164
VI. RESUMO GERAL, CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	166
Resumo	167
Conclusões	170
Recomendações	172
ANEXOS	173
Anexo 1 – Textos de Ellen G. White Sobre Pequenos Grupos	174
Anexo 2 – Tabela de Textos de Ellen G. White Sobre Pequenos Grupos	202
BIBLIOGRAFIA	205
VITA	241

AGRADECIMENTOS

Os grandes projetos humanos apontam para uma verdade inexorável – ninguém até hoje fez nada de importante sozinho. Este trabalho é a mais exata expressão dessa verdade, e sua importância está na medida em que tantas pessoas contribuíram para sua execução. Ao recordar a parte de cada um e a participação de tantos, o sentimento que espontaneamente brota é gratidão.

Quando solto minhas lembranças, a primeira recordação me traz gratidão a Acílio Alves Filho, por ter me ensinado o caminho do cais do porto de Santos ao velho IAE-SP; Escola que me traz muitas lembranças por ter sido minha primeira Escola Adventista, onde também iniciei meu ministério como preceptor e professor, com a confiança de Homero Reis, Oder Mello, Gumercindo Martins, Walter Boger e Darci Borba; aos irmãos do Culto da Mata e do Projeto Chuva Serôdia, como Moisés Nunes e Wilson Rossi, entre outros, com quem iniciei meu ministério em Pequenos Grupos; e Álvaro Galindo pelos 21 anos de companheirismo. Deste período, recordo Josino Campus, de saudosa memória.

Recordo e agradeço meus companheiros leais de meu primeiro grupo pequeno de pastores da APS como Adolfo Tito, Eufrazio Pereira, Berengar Dammann, Humberto Banhara, entre outros. Agradeço Osmar Reis pelo chamado ao ministério pastoral e ao distrito de Itapecerica da Serra. Agradeço Elias Zanatelli pelo chamado para o distrito pastoral da Igreja Central de Aracaju–SE, onde as coisas aconteceram.

De Aracaju, recordo com gratidão as igrejas Central, Barra dos Coqueiros, Mosqueiro, Coroa do Meio, Bairro Industrial, entre outras. Representando essas igrejas agradeço Nicodemos Falcão, Delman Falcão, Carlinhos Galvão, família Alves, Grupo Órion, família Araújo, Iraci Correia, Helio Valença, além de Juvêncio Oliveira e Ana Lúcia,

entre outros. Recordo com gratidão meus leais colegas Ney Queiroz, Laércio Cardoso, Jorge Santana e Marcos Meireles, entre outros. Agradeço a Maceió e ao SALT-IAENE por nos terem proporcionado realizar a maior série evangelística do Brasil em Pequenos Grupos. Agradeço com emoção ao presidente Jurandir Reis, o mais excelente.

No difícil retorno a São Paulo agradeço Domingos José de Sousa e aos colegas da UCB pela confiança, e ao UNASP, nas pessoas do Magnífico Reitor Euler Pereira Bahia e do Diretor de Desenvolvimento Espiritual José Maria Barbosa. Sincera gratidão ao UNASP-EC pela feliz “volta” a Escola, e à sua diretoria – Paulo Martini, Elizeu Sousa, Afonso Cardoso e Rui Lopez. Agradeço àqueles que me colocaram no caminho dessa pesquisa e aos colegas do SALT-EC que colaboraram de alguma forma – José Carlos Ramos, Natanael Moraes e Wilson Paroschi. Agradecimentos especiais ao Reitor do SALT, Alberto Timm, ao Diretor de Ministério Pessoal da DSA, Jolivê Chaves, e ao Presidente e secretário da UCoB, Helder Cavalcante e Cícero Gama, respectivamente. Agradeço pessoalmente ao Diretor e Coordenador do SALT-EC, Emilson Reis e Reinaldo Siqueira, respectivamente; e claro, minha reconhecida gratidão a Roberto Pereyra, orientador, incentivador, e agora também amigo. Agradeço àqueles que me auxiliaram na preparação do texto: Álvaro Cunha, Neumar de Lima, Rita Soares, Joubert Perez, Kellen Raquel, Alexsandro Ferreira, Otávia Scharlack e Acilinho Alves. Também agradeço a Tércio Sarli, Emmanuel Guimarães, José Edilson, Dirceu Lima; além de Roberto Lay do Ministério Igreja em Células (MIC) pela gentil atenção e colaboração.

Com muito carinho, reservo esse espaço especial à minha querida família: a esposa Eliane, por ver esse dia antes de mim; aos filhos, teologando Joelson (e esposa Greice e filho Víctor), Josane (e esposo pastor Filipe) e Jeanne (e esposo pastor Manolo) – uma família ministerial. Vocês são minha inspiração e felicidade.

A Deus toda a glória!

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Os grupos pequenos têm sido redescobertos como um importante recurso para os ministérios das diversas igrejas de todo o mundo,¹ inclusive para a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) no Brasil.² Seus princípios e propostas têm sido encontrados na Bíblia, tanto no Antigo Testamento – onde “se destacam como programa de conservação (missão centrípeta)”³ (Êx 18)⁴ – quanto no Novo Testamento – onde é enfatizado “como programa de evangelização (missão centrífuga)”⁵ (At 20:20; Rm 16:5).

A Igreja Primitiva, principalmente no período apostólico, quando não dispunha de templo e era hostilizada pelos judeus,⁶ manteve sua fé contagiante e seu compromisso de missão, tal qual seu crescimento e senso comunitário por meio de grupos pequenos (At

¹ Christian Schwarz, *O desenvolvimento natural da igreja* (Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 1996), 3. Ver também Roberto Michael Lay, Hélio R. Nichele, ed., *Manual do auxiliar de célula* (Curitiba, PR: Ministério Igreja em Célula, 1998), 20-28; Joel Comiskey, *Crescimento explosivo da igreja em célula* (Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 1997), 15; Russell Burrill, *Como reavivar a igreja no século 21* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), 19.

² Os Pequenos Grupos hoje estão sendo recomendados em todos os programas das Uniões e Campos da IASD no Brasil através das Resoluções de Foz do Iguaçu: “Recomendações do Departamento dos Ministérios Pessoais para o Concílio Quinquenal da Divisão Sul-Americana (DSA)”, Foz do Iguaçu, 30/10 a 09/11/2005; da Proposta do I Fórum de Pequenos Grupos da DSA, “Documento de Pequenos Grupos da DSA”, votado em maio de 2007, no Centro de Vida Saudável (CEVISA), Engenheiro Coelho, São Paulo, ver Heron Santana, ed., *Pequenos grupos teoria e prática* (Brasília, DF: Confederação das Uniões Brasileiras da IASD, 2008), 166-172, 8-27; e da Proposta do II Fórum de Pequenos Grupos da DSA, “Aprofundando a Caminhada”, Brasília, 02-05 de novembro de 2008.

³ José Umberto Moura, *Manual para implantação e desenvolvimento de pequenos grupos* (São Paulo: Editora Sobretudo, 1995), 13.

⁴ Todos os textos bíblicos, salvo quando indicados, referem-se à versão *Bíblia Sagrada*, rev. e atual. 2ª ed. (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993).

⁵ Moura, *Manual para implantação*, 13.

⁶ John R. W. Stott, *A mensagem de Atos até os confins da terra* (São Paulo: ABU, 2003), 97-114.

2:41-47)⁷ – um modelo bíblico-eclesiástico que tem sido percebido como “uma maneira de ser”,⁸ um estilo de vida cristã (At 2:46).⁹

Os Pequenos Grupos/Células, porém, não aparecem nas Escrituras como uma atividade sistêmica regular, conforme desenvolvidos pelas igrejas modernas. A Bíblia não apresenta em suas narrativas os métodos praticados, prescrições ou recomendações específicas à implementação e desenvolvimento de Pequenos Grupos/Células.¹⁰ A ausência dessas características, bem como de uma consistente base bíblica, teológica e histórica construída a partir de uma definição que expresse seus propósitos, tem dado oportunidade para que os Pequenos Grupos/Células sejam conduzidos de forma empírica, experimental e mesmo aleatória.¹¹ Entretanto, o que há na Bíblia são princípios, bases da prática e experiência dentro do estilo de vida de uma igreja que viveu há, pelo menos, dois mil anos em contexto, cultura e necessidades diferentes.¹² Mesmo assim, é

⁷ Ellen White, *Atos dos apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), 63-65, 148, 149.

⁸ Ralph W. Neighbour Jr., *Manual do líder de células* (Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 1995), 13.

⁹ Arilton Oliveira, “Pequeno Grupo Não é Programa da Igreja; é o Estilo de Vida Ideal do Cristão”, em Santana, 62-73.

¹⁰ Êxodo 18, o livro Atos dos Apóstolos, e algumas Cartas de Paulo (1 Coríntios, Colossenses e Filipenses), têm sido utilizados como ponto de partida dos pequenos grupos tanto vetero quanto neotestamentário, mas não apresentam orientações específicas quanto à sua implantação e desenvolvimento. Os textos se limitam a tratar da formação de grupos pequenos para atender às atividades religiosas da Igreja da época.

¹¹ Helder Roger e Wagner Aragão, “Implantação de PGs: Conheça as Melhores Práticas”, em Santana, 107.

¹² Para maior esclarecimento sobre a base bíblica para os pequenos grupos, ver Miguel Angel Cerna, *El poder de los grupos pequeños en la iglesia* (Newbury Park, CA: Publicaciones El Camino, 1991), 17-27; Burrill, *Como reavivar*, 47-51; José Umberto Moura, *Preparo para testemunhar em pequenos grupos* (São Paulo: Editora Sobretudo, 1995), 13 e 14.

esse modelo baseado no relato bíblico que vem norteando um movimento que se estende desde a Ásia¹³ às Américas nos últimos 50 anos.¹⁴

Definição do Problema

A expansão e desenvolvimento da prática dos Pequenos Grupos/Células no campo eclesial têm se caracterizado como um movimento mundial e interdenominacional; entretanto, ainda não foi elaborada uma fundamentação bíblica e teológica que o represente de forma satisfatória e conclusiva.¹⁵ Sem isso, sua definição é ampla e generalizada, permitindo agregar à sua história elementos inconsistentes que carecem de respostas às suas questões fundamentais como: existe uma base bíblico-teológica para os Pequenos Grupos/Células? Quando e em quais circunstâncias ocorreu sua origem? Como transcorreu sua história? Qual sua importância e contribuição para a Igreja? A origem dos Pequenos Grupos, da IASD no Brasil, por exemplo, vem sendo

¹³ Paul Yonggi Cho, *Grupos familiares e o crescimento da igreja* (Belo Horizonte, MG: Editora Vida, 1995), 55.

¹⁴ Para ter uma visão do quadro mundial de Igrejas em Células (Pequenos Grupos), ver Comiskey, *Crescimento explosivo*, 1; Lay, 20-26. Depois de muita discussão, a Igreja Católica resolveu que os grupos pequenos não são um programa evangélico, mas bíblico; por isso resolveu adotá-lo como programa oficial para os seus fiéis. Ver Isabelle Cousturié, "Reconnaissance du Système des Cellules Paroissiales D'évangélisation", pesquisa realizada na internet, no site <http://cellules-evangelisation.org/>, no dia 01 de maio de 2009.

¹⁵ Consulta realizada no ATLA Serials (ATLAS) FAQs-General Information, demonstrou que, de 300 artigos sobre "small groups" encontrados e consultados, apenas dois tratavam da questão teológica de grupos pequenos, e um deles pertence ao campo da psicologia. Pesquisa realizada no site http://www.atla.com/products/FAQs/FAQs_atlas/FAQs_atlas_general.html, no dia 18 de junho de 2009. Dentre as 1.000 teses sobre "small groups" consultadas, apenas cinco tratam de aspectos teológicos. Destas, três são bastante conhecidas por terem suas matérias publicadas por seus autores ou em outras obras: Joel Comiskey, "A Cell-Based Ministry: A Positive Factor Church Growth in Latin America" (Ph.D. tese, Fuller Theological Seminary, Pasadena, California, 1997); Gareth Weldon Icenogle, "Biblical, Theological and Integrative Foundations for Small Group Ministry" (D.Min. tese, Fuller Theological Seminary, Pasadena, California, 1990); William Walter Dean, "Disciplined fellowship: The Rise and Decline of Cell Groups in British Methodism" (Ph.D. tese, Graduate College of The University of Iowa, Iowa City, Iowa, 1985). Ainda foram consultadas 119 teses que tratam de "Cell Groups Church" ou "Home Churches"; dessas, apenas uma trata vagamente da questão no capítulo 2 ("Theological Perspectives The Nature of the Church"), Craig Arthur Dossman, "Home Cells: A New Testament Model for Church Growth" (D.Min. tese, Faculty of the School of Theology, Claremont, California, 1995).

reivindicada por diferentes fontes.¹⁶ As versões apresentadas incluem lugares e períodos de tempo distintos, além de uma pluralidade de nomenclaturas.¹⁷

Propósito do Estudo

O propósito desse estudo, portanto, é construir uma base bíblica, teológica e histórica para os Pequenos Grupos/Células, enquanto também se define e apresenta a origem e circunstâncias históricas de seu desenvolvimento – particularmente na Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil – bem como sua importância e contribuição para essa Igreja.

Delimitações do Estudo

Apesar de seu amplo escopo contextual, escapa ao objetivo desse trabalho descrever uma história geral exaustiva dos grupos pequenos, bem como discutir seus métodos e estratégias experimentados com maior ou menor sucesso ao longo dos anos, por diversas denominações religiosas. Com isso, também se esclarece que a nomenclatura

¹⁶ Tércio Sarli (Tércio Sarli, "Koinonias Familiares", *Revista Adventista*, março de 1984, 18; Tércio Sarli, "Koinonias Familiares", Tércio Sarli, *O cajado*, fevereiro de 1984, 1-4; Tércio Sarli, "Vêm Aí os Grupos Familiares", Tércio Sarli, *Revista Adventista*, junho de 1985; Tércio Sarli, "A Igreja, Alvos e Batismos", *Revista Adventista*, dezembro de 1987, 8-10), Osmar Reis e Jorge Burlandy são considerados pioneiros de pequenos grupos no Brasil. Entretanto, suas narrativas (bem como a de Sesóstris César, que também se reivindica pioneiro de pequenos grupos, conforme sua declaração feita na Reunião de Congregação do UNASP-EC, realizada no dia 21/09/2008) sobre a origem dos Pequenos Grupos no Brasil não concordam quanto ao tempo, lugar e metodologia. (Entrevista com Tércio Sarli, Pastor Jubilado, Ex-Presidente da Associação Paulista Oeste, Associação Paulista Central, Campinas, e União Central Brasileira, Artur Nogueira, Campinas, São Paulo, em 05 de julho de 2007; entrevista com Osmar Reis, Pastor Jubilado, Ex-Presidente da Associação Paulista Sul, sede Capão Redondo, entre os anos de 1989 a 1995, e Ex-Diretor de Ministério Pessoal da DSA, entre os anos de 1995 e 2005; entrevista com Jorge Lucien Burlandy, Pastor Jubilado, Ex-Presidente da Associação Paulista Sul, sede Brooklin, entre os anos 1987 a 1989, Engenheiro Coelho, São Paulo, 02 de julho de 2007).

¹⁷ Os grupos pequenos de Mário Veloso, lançados na Divisão Sul-Americana, em Brasília, foram chamados de "Koinonia" (Luís Melo, "Noticiário", *Revista Adventista*, 28 de dezembro de 1977); os grupos pequenos de Tércio Sarli, lançados pela Associação Paulista Oeste, com sede em Campinas, foram chamados, a princípio de "Koinonias Familiares", depois "Grupos Familiares" (Tércio Sarli, "Breve Relato dos Pequenos Grupos no Brasil e na América do Sul", (s/d), 1; os grupos pequenos de Umberto Moura tiveram início em 1988, no Instituto Adventista de Ensino (IAE), São Paulo, e foram denominados "Projeto Chuva Serôdia" (ver José Umberto Moura, *Preparo para a chuva serôdia* [Rio de Janeiro: Golden Cross, 1989]).

“Pequenos Grupos” ou “Células”, descrita neste trabalho, trata exclusivamente de seu emprego bíblico, religioso e eclesiástico.

A abordagem realizada nessa pesquisa atém-se a elaborar uma base bíblica e teológica para os Pequenos Grupos, firmada no contexto das Escrituras, e a apresentar a origem e circunstâncias históricas de seu desenvolvimento – particularmente na Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil.

As fontes secundárias que tratam de uma visão pluri-eclesiástica de grupos pequenos, e seu funcionamento em diversos períodos de tempo e países do mundo são utilizadas apenas como ferramentas na elaboração filosófica da narrativa histórica e fonte de informação na construção dum contexto específico a esse estudo.

Revisão de Literatura

Constituem-se fontes relevantes para este trabalho um conjunto de obras¹⁸ que tratam de conceitos e definições de grupos pequenos, por contribuírem para a definição de Pequenos Grupos formalizada nesta pesquisa. O livro de Michael Henderson e a tese de William Walter Dean,¹⁹ que examinam o ministério de John Wesley, são importantes à compreensão do papel de Wesley como precursor dos Pequenos Grupos nos tempos modernos.

¹⁸ Comiskey, *Crescimento explosivo*, 15-19; Burrill, *Como reavivar*, 25-27, 47-52; Lyman Coleman, *Manual serendipity para treinamento de grupos pequenos* (São Paulo: SEPAL, 1996), 18, 19; Neighbour, *Manual do líder*, 15-22, 252-254; Cho; *Grupos familiares*, 21-28; Kurt Johnson, *Pequenos grupos para o tempo do fim* (Brasília, DF: Departamento de Ministério Pessoal da Divisão Sul-Americana da IASD, 2000), 117-125; Cerna; César Castellanos, *Sonha e ganharás o mundo* (São Paulo: Palavra da Fé Produções, 1999); Carl George, *Prepare Your Church for the Future* (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1992), 99; D. Michael Henderson, *John Wesley's Class Meeting* (Neppanee, IN: Evangel Publishing House, 1997), 42-81; George G. Hunter III, *To Spread the Power: Church Growth in the Wesleyan Spirit* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1987), 58, citado em Comiskey, *Crescimento explosivo*, 24; Lyle E. Schaller, *The New Reformation: Tomorrow Arrived Yesterday* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1995), 14, citado em, Comiskey, *Crescimento explosivo*, 18; Elias Brasil de Souza, “Fundamentos Bíblicos e Teológicos do Ministério de Pequenos Grupos”, em *Pequenos Grupos grandes soluções*, ed. Milton Torres (Guarulhos, SP: ABU, 2007), 14-27.

¹⁹ Henderson; Dean, "Disciplined Fellowship".

Merecem destaque, também, as obras de Icenogle,²⁰ Beckham,²¹ Neighbour,²² Donahue e Robinson²³ por tratarem mais especificamente da teologia dos grupos pequenos, contribuindo para a construção do fundamento bíblico-teológico dos Pequenos Grupos. Ao fundamentar bíblicamente pequenos grupos como comunidade, um grupo de obras²⁴ contribuiu para esclarecer a teologia dos Pequenos Grupos.

Outro grupo de fontes²⁵ tornou-se importante por trazer um conteúdo histórico sobre os grupos pequenos: Emílio Abdala, por exemplo, em seu estudo “Os Pequenos Grupos na História do Cristianismo”, ao tratar a história dos grupos pequenos desde a alta Idade Média até Wesley; Kurt Johnson por cobrir o mesmo período, iniciando com a Igreja Apostólica, e acrescentando breve abordagem histórica sobre os “ministérios de pequenos grupos” entre os adventistas no século 20, com destaque para as décadas de 1980 e 1990, e Russell Burrill por trazer um estudo sobre grupos pequenos no período apostólico, no período da expansão metodista, e por apresentar comentários sobre “Ellen White e a Reunião Social” e “Ellen White e os Pequenos Grupos”.

²⁰ Gareth Weldon Icenogle, *Biblical Foundation for Small Group Ministry: An Integrational Approach* (Downers Grove, IL: Inter Varsity Press, 1994); idem, “Biblical, Theological and Integrative Foundation”.

²¹ William A. Beckham, *A segunda reforma: a igreja do Novo Testamento no século XXI* (Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 2007), 16-20, 115-125, 137-144.

²² Ralph Neighbour, *Where do We Go From Here* (Houston, TX: Touch Publications, 2000).

²³ Bill Donahue e Russ Robinson, *Edificando uma igreja de pequenos grupos* (São Paulo: Vida, 2003).

²⁴ Icenogle, *Biblical Foundations*, 9-15; Donahue e Robinson, 29-76; Henderson; Jeffrey Arnold, *Pequenos grupos sua missão na igreja e na comunidade* (Arapongas, PR: Gráfica e Editora Aleluia, 2000), 90, 91, 113-123; e *The Big Book on Small Groups* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1992), 43-54; David Cox, *Pense em grande pense em grupos pequenos* (Almargem do Bispo, Portugal: Publicadora Atlântico, 2000), 29-34; Burrill, *Como reavivar*, 25-65; Beckham, 18, 19.

²⁵ Emílio Abdala, “Os Pequenos Grupos na História do Cristianismo”, em *Pequenos grupos grandes soluções*, ed. Milton Torres, 29-41; Kurt Johnson, *Small Group Outreach* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1991), 13-24; Burrill, *Como reavivar*, 117-158. Ver também Howard Snyder, *Vinho novo odres novos – vida nova para a igreja* (São Paulo: ABU, 1997), 203-211; Beckham, 137-144.

As obras pesquisadas e, especialmente, as citadas, contêm sérias dificuldades para aferir uma definição de Pequenos Grupos/Células; também não apresentam uma elaborada e consistente fundamentação bíblica e teológica e, em consequência, sua narrativa histórica fica comprometida. Essas obras são, em sua maioria, de autores estrangeiros e, apesar de sua relevância e abrangência, não tratam, em nenhum momento, da História dos Pequenos Grupos no Brasil, nem se relacionam diretamente com suas peculiaridades, métodos ou culturas utilizadas em sua implementação e desenvolvimento. Além disso, apresentam conceitos e definições peculiares e, às vezes contraditórios, limitando as proposições e possibilidades dos Pequenos Grupos.

Quanto às fontes de autores brasileiros, destaca-se David Kornfield, da CEPAL,²⁶ e Roberto Lay, da MCI,²⁷ dentre outros que foram úteis por apresentar aspectos práticos e pedagógicos sobre o tema em questão. Horne Silva, surpreende ao apresentar, em 1974, a tese "Bible Study Groups as a Means of Christian Nurture in the Brazilian Culture".²⁸ Um bom estudo teórico, porém sem desdobramentos práticos. Ainda faz-se necessário considerar que, com o drástico crescimento de igrejas organizadas em grupos pequenos, tanto as ligadas a denominações tradicionais,²⁹ quanto, às igrejas novas no Brasil,³⁰ a consulta e utilização de material em sites tem sido útil e imprescindível na elaboração deste trabalho.

²⁶ David Kornfield, *Começando grupos familiares pastorais: vivenciando a igreja em pequeno grupo* (São Paulo: Sepal, 2001).

²⁷ Robert Lay, *Ministério da Igreja em Células* (2004, acessada em 17 de julho de 2007); Disponível em <http://www.celulas.com.br/boletim/index.htm>.

²⁸ Horne P. Silva, "Bible Study Groups as a Means of Christian Nurture in the Brazilian Culture" (D.Min. tese, Andrews University, Berrien Springs, MI, 1974).

²⁹ <http://www.ipmanaus.org>; <http://www.mir12.com.br>.

³⁰ A Igreja Videira (<http://www.igrejavideira.com>) e a Igreja Elim (<http://www.achologia.blogspot.com>; <http://achologia.wordpress.com>) são exemplos de igrejas novas no Brasil, com grande crescimento, que utilizam a internet como apoio aos seus Ministérios em Células.

As fontes brasileiras citadas,³¹ entre outras, apesar de sua importância e utilidade, também não tratam da fundamentação bíblica, teológica e histórica dos Pequenos Grupos, nem da origem e desenvolvimento do sistema de Pequenos Grupos praticado.

Metodologia

O método da presente pesquisa é histórico-literário e teológico. É histórico porque analisa os textos bíblicos em seu contexto original, em relação com o tema, ao longo do tempo; é literário por se tratar de um estudo que utiliza como base a língua original vetero e neotestamentária, em função de sua estrutura sintática e semântica; e é teológico porque em função das evidências históricas e literárias, precisa-se da significação teológica do texto – o que Deus quer comunicar.

Definição de Termos

Os termos que são definidos nesta pesquisa correspondem ao significado que lhe é atribuído na mesma, ou seja, por Pequeno Grupo ou Pequenos Grupos entende-se grupo ou grupos de pessoas comprometidas com uma estrutura eclesial definida, operando sob critérios específicos, seguindo os princípios e objetivos orientados pela Bíblia.

Por Célula ou Células, entende-se os pequenos grupos realizados por igrejas evangélicas, geralmente seguindo os mesmos princípios e objetivos adotados pelos Pequenos Grupos praticados pela IASD.

Por pequenos grupos, grupo pequeno e grupos pequenos, entende-se grupos de pessoas envolvidas em serviços eclesiais, mas sem a estrutura e os critérios dos Pequenos Grupos; termo geralmente usado para se diferenciar de Pequenos Grupos.

³¹ Kornfield, *Começando grupos*; Lay, <http://www.celulas.com.br/boletim/index.htm>, 17/07/2007; <http://www.ipmanaus.org>; <http://www.mir12.com.br>, 17/07/2007; Igreja Videira, <http://www.igrejavideira.com>, 17/07/2007; Igreja Elim, <http://www.achologia.blogspot.com>; <http://achologia.wordpress.com>, 17/07/2007; Valberto da Cruz e Fabiana Ramos, *Pequenos grupos para a igreja crescer integralmente* (Viçosa, MG: Ultimato, 2007).

Por escritos de Ellen White e Espírito de Profecia, entende-se uma coleção de mais de 60 obras sobre vários temas. “A Igreja Adventista do Sétimo Dia considera Ellen White uma profetisa e inclui a aceitação dela nesse papel como parte de suas crenças fundamentais”.³² “Seus escritos têm passado por rigorosos critérios à luz das Escrituras, não sendo nem substitutos, nem concorrentes da Bíblia.”

Organização do Estudo

Após a Introdução, o segundo capítulo, “Definindo Pequenos Grupos”, trata da (1) generalização do termo Pequenos Grupos e (2) da definição de Pequenos Grupos. O Capítulo III, “Fundamentação Bíblica e Teológica dos Pequenos Grupos”, investiga criticamente o pensamento bíblico-teológico na literatura da área e apresenta uma (1) fundamentação bíblica dos Pequenos Grupos, seguida de (2) sua fundamentação teológica. O quarto capítulo, “Fundamentação Histórica dos Pequenos Grupos”, estuda os (1) precursores dos Pequenos Grupos no texto bíblico, (2) os precursores históricos, destacando o papel de (3) John Wesley para o movimento, e examina (4) o significado de “pequenos grupos” para Ellen White. Nesses dois últimos capítulos encontra-se o fundamento histórico, literário e teológico sobre o qual a tese está baseada. O Capítulo V, “Pequenos Grupos no Brasil”, apresenta o papel dos (1) precursores interdenominacionais, (2) precursores denominacionais da IASD, (3) Pequenos Grupos na IASD no Brasil, com sua origem e desenvolvimento e, uma visão geral chamada (4) “Como um Fio Dourado”. O último capítulo apresenta o Resumo Geral e as Conclusões e possíveis Recomendações para futuras pesquisas. São fornecidos ainda nos anexos “Textos de Ellen G. White sobre Pequenos Grupos”; e “Tabela de Textos de Ellen G. White sobre Pequenos Grupos”.

³² Gerhard Pfandl, “O Dom Profético”, *Lição da Escola Sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, janeiro-março, 2009), 77.

CAPÍTULO II

DEFININDO PEQUENOS GRUPOS

A ampla generalização no uso das palavras “pequenos grupos”/“células”, mesmo seu emprego intencional, porém inconveniente, e às vezes ingênuo, tem criado dificuldades para sua compreensão, causando transtornos em sua implementação e desenvolvimento.¹ Essa percepção sugere a necessidade de um esclarecimento quanto ao uso generalizado do termo, bem como a elaboração duma definição que lhe represente e contribua para seu entendimento e desenvolvimento.

¹ Relatórios sobre Pequenos Grupos apresentados em alguns Campos da IASD demonstram certo artificialismo quando apontam um aumento vertiginoso de crescimento para, em seguida, estabilizarem-se ou decrescerem drasticamente. Os exemplos encontrados indicam ou a falta de compreensão do que realmente são os Pequenos Grupos, o que confunde sua prática, ou indicam uma séria fragilidade de autenticidade desses relatórios. O relatório da União Este Brasileira, por exemplo, apresentado em 02-05/12/1992, nada consta sobre Pequenos Grupos; o relatório apresentado em 04-07/01/1998 declara que somente na semana santa de 1998 foram organizados 1.560 Pequenos Grupos; o relatório de 1998-2002, apresentado em 10-12/11/2002, não consta número de Pequenos Grupos; e no relatório de 2003 aparecem abruptamente 5.416 Pequenos Grupos. Ver União Este Brasileira, Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE), *“Melhor, só no Poder do Espírito”*, XIV *Assembléia Geral Ordinária*, 02 a 05 de dezembro de 1992; Idem, *“Ouvindo Seus Passos...”*, XV *Assembléia Geral Ordinária*, 04 a 07 de janeiro de 1998; Idem, Faculdades Integradas Adventista de Minas Gerais (FADMINAS), *“Quase no Lar”*, XVI *Assembléia Geral Ordinária*, 10 a 12 de novembro de 2002; Idem, *“Comunhão e Missão”*, XVII *Assembléia Geral Ordinária*, 02 a 04 de dezembro 2007. No relatório quinquenal da União Central Brasileira de 1998 os Pequenos Grupos, praticamente, não são mencionados, porém, aparecem com destaque no relatório da Associação Paulista Central de 1997; no relatório de 2003 da mesma União, constam 9.550 Pequenos Grupos, e no relatório seguinte o número de Pequenos Grupos novamente não é mencionado. Ver Federação Paulista Central, *“Pequenos Grupos, Saúde, Temperança e Grupos Minoritários”*, III *Assembléia Denominacional Ordinária*, 17 a 19 de novembro de 1994; União Central Brasileira, Instituto Adventista de Ensino, Campus 2, *“Um Só Coração”*, III *Assembléia Quinquenal*, 13 a 16 de dezembro de 1998; idem, Instituto Adventista de Ensino, Campus 2, *“Fé, Oração, Trabalho”*, IV *Assembléia Quinquenal*, 14 a 16 de dezembro de 2003; idem, Instituto Adventista de Ensino, Campus 2, *“Diga ao Mundo: A Esperança É Jesus”*, V *Assembléia Quinquenal*, 07 a 09 de dezembro de 2008. No território da UCoB também foi verificado um desencontro entre o número de Pequenos Grupos dos relatórios e o número real. Entrevista por telefone com Cícero Gama, Diretor de Pequenos Grupos na União Centro-Oeste Brasileira, Engenheiro Coelho, SP, 22 de setembro de 2009.

Generalização do Termo Pequenos Grupos

“Pequenos Grupos” é uma “expressão moderna”,² um termo de valor semântico³ recente. Por sua natureza específica tem agregado a si a qualidade de termo técnico. Como tal, tem sido aplicado a um processo⁴ realizado em igrejas há algumas décadas.⁵ Tem sido entendido como um grupo de poucas pessoas que se reúnem regularmente, com propósito específico e de forma intencional. Isso, no entanto, não parece estar muito claro para muitos, a ponto de que tem sido designado “pequeno grupo” quase que qualquer reunião regular envolvendo membros de igreja com propósitos religiosos. Muitos passaram a atribuir esse nome a uma variedade de atividades realizadas com poucas pessoas, grupos pequenos que insistentemente têm sido chamados de Pequenos Grupos.⁶

Os Pequenos Grupos/Células têm sido percebidos como um movimento,⁷ um fenômeno,⁸

² Burrill, *Como reavivar*, 148.

³ “Semântica é o estudo do sentido das palavras de uma língua”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.pciconcursos.com.br/aulas/portugues/semantica>, no dia 14 de fevereiro de 2009; “Semântica (do grego σηματικός, derivado de *sema*, sinal) refere-se ao estudo do significado, em todos os sentidos do termo”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sem%C3%A2ntica>, no dia 14 de fevereiro de 2009.

⁴ No período experimental de implantação dos Pequenos Grupos na IASD do Brasil, especialmente na União Nordeste Brasileira (UNeB), discutiu-se exaustivamente se os Pequeno Grupos eram programa, ou projeto, ou plano, ou estilo de vida, etc. (Entrevista com Hélder Roger Cavalcanti, Presidente da União Centro-oeste Brasileira, Engenheiro Coelho, 24 de setembro de 2008). Para ajudar a esclarece essa questão, em 1999 Moura escreve um artigo no qual declara que os Pequenos Grupos podem ser considerados “um plano, projeto, método, ou uma estratégia”, mas “nenhum desses termos pode, isoladamente, defini-los.” Ver José Umberto Moura, “Sucesso Garantido”, *Ministério*, maio/junho de 1999, 24.

⁵ Beckham, 11.

⁶ Sérgio Leoto, “Iniciando Pequenos Grupos I”, pesquisa realizada na internet, no site http://www.igeva.com.br/pages/estudos.php?id_estudo=313, no dia 05 de dezembro de 2008.

⁷ Beckham, 11, 13, 16; Arnold, *Pequenos grupos*, 25.

⁸ Comiskey, *Crescimento explosivo*, 15; Burrill, *Como reavivar*, 19; Arnold, *Pequenos grupos*, 25; Beckham, 15.

uma “onda do futuro”,⁹ e até mesmo como uma revolução social.¹⁰ “Especialistas estimam que somente nos Estados Unidos 80 milhões de adultos participam de um pequeno grupo”.¹¹ George Barna, por volta de 1994, havia sugerido cerca de 25 milhões.¹² Mais recentemente Wuthnow declarou: “No presente, de cada quatro americanos dez pertencem a um pequeno grupo que se encontra regularmente e provê cuidado e apoio para seus membros. Estas não são simplesmente reuniões informais de vizinhos e amigos, mas grupos organizados”.¹³

É necessário entender que o emprego da expressão “pequeno grupo” supracitada está contaminada pela generalização do termo.¹⁴ Igualmente, os grupos pequenos que se encontram no relato sagrado, tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, contém diferenças importantes em relação a métodos e estratégias de um Pequeno Grupo conforme os modelos atualmente praticados. Estes agregaram em torno de si valores e características que nunca foram percebidos ou lhes foram atribuídos antes.¹⁵

⁹ Robert Wuthnow, “Small Groups and Spirituality: Exploring the Connections” em *I Come Away Stronger*, ed. Robert Wuthnow (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1994), 1. *Tradução do autor.*

¹⁰ Donahue e Robinson, 11, 66; Carl George, *Nine Keys to Effective Small Groups Leadership* (Mansfield, TX: Kigdom, 1997), 196. *Tradução do autor.*

¹¹ Wuthnow, “Appendix: Small Group – A National Profile”, em *I Come Away*, 370. *Tradução do autor*; ver também Comiskey, *Crescimento explosivo*, 18.

¹² Icenogle, *Biblical Foundations*, 194. Ver ainda George Barna, “Protestants, Catholics and Mormons Reflect Diverse Levels of Religious Activity”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.barna.org/cgi-bin/PagrPressRelease.asp?PressReleaseID=93&Reference=4>, no dia 15 de julho de 2009.

¹³ Wuthnow, “Small Groups Forge New Notions of Community and the Sacred”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.religion-online.org/showarticle.asp?title=228>, no dia 03 de julho de 2008. *Tradução do autor.*

¹⁴ O assunto tratado no início deste capítulo, “Generalização do Termo Pequenos Grupos”, busca esclarecer seu uso indiscriminado ao atribuir o nome Pequenos Grupos a qualquer reunião feita com poucas pessoas. Perceber a generalização do termo é fundamental para se buscar uma definição para o mesmo.

¹⁵ Pequenos Grupos/Células são hoje um sistema bem desenvolvido por milhares de igrejas ao redor do mundo. Para uma visão geral do funcionamento desse sistema, ver Umberto Moura, <http://www.pequenosgrupos.com.br>; José Francisco de Souza, <http://www.pequenosgrupos.org.br>; <http://www.celulas.com.br>; <http://www.videirario.com.br>; <http://www.cellchurch.com>; <http://www.ccmnglobal.com>; <http://www.cellchurchonline.com/home.cfm>; <http://www.celluk.org.uk>; <http://www.elim.org.sv>; <http://joelcomiskeygroup.com>.

Deixaram de ser um adjetivo, um modo de se apresentar ou de estar, para se transformarem em substantivo, um objeto concreto, uma marca, um nome.¹⁶

Portanto, este trabalho entende os Pequenos Grupos como um termo técnico, com significação substantivada que designa uma atividade específica. Isso se contrapõe ao uso livre e adjetivado do mesmo cuja percepção tem escapado quando se trata grupos pequenos de pessoas reunidas para qualquer finalidade religiosa como se fossem Pequenos Grupos.¹⁷

A reunião de um pequeno número de pessoas não a torna um “Pequeno Grupo”, conforme os princípios e técnicas nele envolvidos. Comiskey entende que “nem todos os grupos pequenos são Células”.¹⁸ Essa declaração é muito importante como ponto de

¹⁶ “Em se tratando de gramática tradicional da língua portuguesa, a posição preferencial dos adjetivos é após o substantivo. Onde percebemos que, nalguns exemplos infracitados, há a posição pós-nominal: os exemplos 1 e 2 estão em posição pré-nominal; os exemplos 3 e 4 ocupam duas posições; e os exemplos 5 e 6 fazem com que haja mudança de significado. 1. As principais ferramentas de trabalho; 2. As ferramentas principais de trabalho; 3. Único exportador de petróleo; 4. Exportador único de petróleo; 5. As grandes empresas; 6. As empresas grandes. Pode-se afirmar que nem todo adjetivo qualificador admite a posição anteposta ao substantivo, mas que todo anteposto admite a posição posposta”. (Entrevista via internet com Álvaro Cunha, Professor de Língua Portuguesa e Latim na Faculdade Adventista de Letras, Engenheiro Coelho, no dia 25 de novembro de 2009). “Substantivo é a palavra que serve para nomear” (Faraco & Moura, *Gramática* [São Paulo: Ática, 2004], 207). “Adjetivo é a palavra variável que modifica o substantivo” (Ibid., 236). “Locuções adjetivas” são “expressões equivalentes a adjetivos” (Ibid., 238). “Certos adjetivos, pelas suas propriedades semânticas (= propriedades de significado), devem ocupar posição específica em relação ao substantivo, dependendo do sentido que se quer atualizar. Nesses casos a mudança na ordem das palavras pode afetar o significado da expressão. Compare os dois casos: a. Bonita roupa. Roupa bonita. b. Grande homem. Homem grande. No exemplo a, a mudança de posição do adjetivo não afeta o sentido da expressão, pois uma bonita roupa é sempre uma roupa bonita; isso não ocorre no exemplo b, porque um grande homem nem sempre é um homem grande, e vice-versa” (Ibid., 241). Quando a expressão “pequenos grupos” é usada como uma locução adjetiva, encaixa-se no primeiro exemplo e significa qualquer grupo pequeno, isto é, um grupo com poucas pessoas (exemplo: pequeno grupo evangelístico ou grupo pequeno de evangelismo, pequeno grupo de oração ou grupo pequeno de oração, pequeno grupo de terapia ou grupo pequeno de terapia, etc.). Quando é usada como substantivo próprio (o nome de algo) significa Pequenos Grupos – o nome de um modelo de atividade com características próprias, com uma definição específica, com propriedade semântica diferenciada. Neste caso, a expressão Pequenos Grupos é um sintagma nominal que pode ser analisado como um substantivo próprio ou como substantivo comum modificado por um adjetivo. Portanto, neste trabalho, Pequeno Grupo não se refere apenas a um número pequeno de membros ou pessoas, mas a totalidade de seu significado.

¹⁷ Leoto, http://www.igeva.com.br/pages/estudos.php?id_estudo=313, 05/12/2008.

¹⁸ Comiskey, *Crescimento explosivo*, 18.

partida para a definição de Pequenos Grupos. Na IASD as Células são chamadas de Pequenos Grupos. Portanto, pode-se construir uma paráfrase da declaração de Comiskey: “Nem todos os grupos pequenos são Pequenos Grupos”.

A expressão “pequenos grupos” pretende dizer mais do que sugere sua etimologia e semântica. É um termo no qual estão codificadas suas informações básicas. Podemos nos referir a eles como um plano, projeto, método, ou uma estratégia. São tudo isso.... Mas nenhum desses termos pode, isoladamente, defini-los”.¹⁹

Antônio Francisco da Silva, líder de uma igreja em Células, faz uma declaração muito interessante, estabelecendo uma diferença entre grupos familiares e Células. Diz: “Nossa igreja está numa transição de grupos familiares (grupos pequenos) para Células. Toda Célula é um grupo pequeno, mas nem todo grupo pequeno é uma Célula”.²⁰ Ele está rigorosamente de acordo com Comiskey. É o tipo de compreensão que só pode ser percebida na prática.

Lawrence Khong,²¹ pastor da Primeira Igreja Batista de Cingapura, conhecido internacionalmente por seu ministério pioneiro nas igrejas em células, esclarece isso de maneira irretocável:

Há uma grande diferença entre uma igreja com células [com pequenos grupos] e uma igreja em células [em Pequenos Grupos]... Nós não fazemos nada fora da célula [Pequenos Grupos]. Tudo aquilo que a igreja precisa fazer – treinamento, preparo, discipulado, evangelismo, oração, adoração – é feito por meio da célula [Pequenos Grupos]. Nosso culto... é somente uma celebração coletiva.²²

A organização de um Exército é algo impressionante. Tudo o que é realizado é feito pela ordem. Um Exército se organiza através de pelotões, companhias, batalhões, exércitos. Mas nem tudo é feito em pelotão, ou companhias. Há tarefas que são em grupos menores, em duplas e, até individualmente; mas cada tarefa realizada, ou cada

¹⁹ Moura, “Sucesso Garantido”, 24.

²⁰ Antônio Francisco da Silva, “A Igreja em Células”, pesquisa realizada na internet, no site <http://achologia.wordpress.com>, no dia 13 de julho de 2007.

²¹ Para conhecer melhor o ministério de Lawrence Khong ver Neighbour, *Where do We Go*, 14-19; Comiskey, *Crescimento explosivo*, 16-17, 26; Touch Ministries International (http://www.fcbc.org.sg/ministry_International.asp).

²² Comiskey, *Crescimento explosivo*, 17.

indivíduo que execute seu dever se reporta a seu comando. Qualquer tarefa, por menor que seja; ou qualquer soldado, por “mais moderno”²³ que seja, faz parte de um comando. Assim é com uma igreja que vive em Pequenos Grupos.

David Cox faz, pelo menos, duas declarações que precisam ser revistas. Na primeira ele diz: “Os grupos pequenos não são nada de novo na Igreja Adventista do Sétimo Dia”.²⁴ E continua: “As nossas classes semanais de Escola Sabatina são pequenos grupos de pessoas. As nossas decisões são tomadas por conselhos constituídos por um pequeno grupo. Realizamos Seminários sobre Apocalipse em pequenos grupos. E também fazemos muitas outras coisas através de grupos pequenos”.²⁵

No texto de Cox são usados, intercambiadamente, os termos “grupos pequenos” e “pequenos grupos”; ele apresenta algumas de suas atividades através da Bíblia, citando, por exemplo, “a unidade familiar” (referindo-se a Adão e Eva no Éden), o conselho de Jetro (Êx 18), os grupos pequenos da Igreja do Novo Testamento, e segue sua análise através da história,²⁶ passando pelo evento de Melbourne, Austrália,²⁷ até nossos dias. Como apoio, toma uma declaração de Howard Snyder ao afirmar que “praticamente todos os grandes movimentos de renovação espiritual da igreja cristã têm sido acompanhados por um regresso ao *grupo pequeno* e pela proliferação desses grupos em lares privados para estudo da Bíblia, oração e discussão da fé”.²⁸

²³ A expressão “mais moderno”, no sentido militar, significa menos graduado.

²⁴ Cox, 13.

²⁵ Ibid.

²⁶ Cox, 13-17.

²⁷ O “evento Melbourne” será tratado no capítulo “Fundamentação Histórica dos Pequenos Grupos”, no item “Ellen White e os Pequenos Grupos”.

²⁸ Howard Snyder, *O problema dos odres* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1975), 164 (grifos acrescentados); ver também, Cox, 17.

A segunda declaração de Cox, diz: “Há grupos pequenos, e há grupos pequenos”.²⁹ Talvez essa declaração ficasse mais bem compreendida com outra tradução, se é que essa não foi a intenção do autor: “Há grupos pequenos, e há pequenos grupos”. No que equivaleria às declarações de Comiskey (que “nem todos os grupos pequenos são Células”),³⁰ e de Lawrence Khong (“igreja com células” é diferente de “igreja em células”).³¹

Daniel Rode, um especialista em crescimento de igreja, segue a mesma linha de Cox ao declarar:

Os pequenos grupos se desenvolveram em diferentes modalidades: ‘unidade de ação’ da escola sabatina... ‘grupos familiares’, ‘igrejas no lar’, ‘grupos de oração’, ‘unidades dos desbravadores’. Nas sociedades de jovens foram chamados de ‘*koinonías*’. Outras pessoas deram outro nome a algo que hoje chamamos de ‘pequenos grupos’.³²

Dentre os muitos exemplos e narrativas que Rode utiliza para exemplificação de Pequenos Grupos, está a curiosa declaração, na qual menciona (a seguir) que os três jovens hebreus dentro da fornalha ardente (ver Dn 3) era um “pequeno grupo”. “Os jovens universitários de Babilônia mantiveram sua fidelidade apoiando-se num pequeno grupo. Este foi o único pequeno grupo que funcionou dentro de uma fornalha ardente e seus integrantes viveram para contar”.³³

Declarações como estas de Cox e Rode, supracitadas, fazem caracterizar, de maneira bastante expressiva o emprego generalizado do termo “pequenos grupos”. Quando tratam comissões de igreja, “Escola Sabatina”, “grupos de oração”, “unidades dos desbravadores”, estudos bíblicos em grupo (exemplo: “Seminário sobre o Apocalipse”)

²⁹ Ibid., 21.

³⁰ Comiskey, *Crescimento explosivo*, 18.

³¹ Ibid., 17.

³² Daniel Rode e Isabel Rode, *Crescimento: chaves para revolucionar sua igreja* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2007), 66. *Tradução do autor.*

³³ Ibid. *Tradução do autor.*

como Pequenos Grupos, está evidente a dificuldade de se definir e, portanto, de se compreender o que realmente são os Pequenos Grupos.

Há ainda outra questão subjacente nesse campo de definição dos Pequenos Grupos. Trata-se da indistinção entre grupos pequenos teológicos e grupos pequenos sociológicos, entre outros, em sua rica diversidade. Os grupos pequenos teológicos, ou Pequenos Grupos, são aqueles que estão diretamente voltados para objetivos redentivos, intencionais; os grupos sociológicos tratam de questões sociais, como: bem-estar social, emocional, psicológico e mesmo físico. Essa percepção é dificilmente encontrada. O estudo apresentado por Walter Lehoux, “Elasticidade nas Regras”, é um entre muitos exemplos. Lehoux comenta sobre as “enfermidades eclesiais” elaboradas por Fred Smith³⁴ que, segundo este, são “bíblicas, antropológicas e sociológicas. No grupo das antropológicas aparece a enfermidade que é conhecida como ‘cegueira social’”.³⁵ Em seguida Lehoux declara que “este mesmo fenômeno poderia estar afetando os pequenos grupos. Dizemos isto porque a igreja enferma de cegueira social não reconhece o princípio de que existem diferentes grupos de indivíduos, e atuam como se todas as pessoas fossem iguais.”³⁶

No mesmo estudo Lehoux, seguindo uma classificação de Johnson,³⁷ agrupa todas as reuniões de grupos nos lares, do Novo Testamento e, em seguida, faz um agrupamento de várias reuniões e motivos para se reunir em grupos apresentados por Ellen White.³⁸

³⁴ Ver Fred Smith, *Dinámica de iglecrecimiento* (Miami, FL: Editorial Caribe, 1993), 52-59.

³⁵ Walter Lehoux, *En las manos de uno que no falla* (Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana, 2008), 35. *Tradução do autor.*

³⁶ *Ibid.* *Tradução do autor.*

³⁷ Johnson, *Pequenos grupos*, 83.

³⁸ Ver Lehoux, 33-35.

Aplicando-se a mesma lógica de Lehoux, pode-se dizer que, não só “existem diferentes grupos de indivíduos, [que] atuam como se todas as pessoas fossem iguais”, também existem diferentes tipos de grupos pequenos que muitos entendem que atuam como se todos fossem iguais, entendem que são iguais, entendem que são todos Pequenos Grupos.

Talvez a maior contribuição para essa tensão na indistinção de grupos pequenos venha não de um teólogo, de um pastor, ou líder de igreja, mas de um cientista social (sociólogo) da Universidade de Princeton, Wuthnow³⁹ já anteriormente citado. Ao tratar Pequenos Grupos no âmbito da sociologia, Wuthnow alinhou todos os tipos de grupos pequenos, das mais variadas índoles, tendências e naturezas e classificou-os de Pequenos Grupos. Ele abre o livro *I Come Away Stronger* com a seguinte declaração:

Alcoólicos anônimos, co-dependentes anônimos, “Al-Anon”,⁴⁰ filhos de alcoólicos, “Al-Ateen”,⁴¹ comedores compulsivos anônimos, pais solteiros, devedores anônimos, amigos compassivos – estes são alguns dos numerosos grupos de auto-ajuda enumerados em jornais locais e diretórios da comunidade. Milhões de americanos, aparentemente, estão se juntando em pequenos grupos.⁴²

Tudo indica que o único critério que Wuthnow utiliza para definir Pequenos Grupos é uma reunião com poucas pessoas, organizada para algum propósito de ajuda comum,

³⁹ Robert Wuthnow é professor de Ciência Social e diretor do Centro para Estudo de Religião na América, da Princeton University, é autor de vários livros nessa área, como *Rediscovering the Sacred: Perspectives on Religion in Contemporary Society* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1992); *The Restructuring of American Religion: Society and Faith Since World War II* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1988) e, talvez, da mais importante pesquisa realizada na área de grupos pequenos, publicada em 2 volumes: *Sharing the Journey: Support Groups and America's New Quest for Community*, 2 vols. (New York: Free Press, 1994). Wuthnow é citado por reconhecidos autores na área de Pequenos Grupos/Células, como Ralph Neighbour (Neighbour, *Where do We Go*), Joel Comiskey (Comiskey, *Crescimento explosivo*; idem, *Cell-Based Ministry*) e Beckham.

⁴⁰ Al-Anon Grupos Familiares é um programa de Doze Passos para familiares e amigos de alcoólicos. Seus membros compartilham suas experiências e buscam forças e esperança na tentativa de resolver seus problemas comuns. Eles acreditam que o alcoolismo é uma doença familiar e que mudanças de atitudes podem colaborar com a recuperação. Ver <http://www.adroga.casadia.org/grupos/al-anon-alateen.htm>.

⁴¹ Alateen é uma divisão de Al-Anon dedicada a pessoas mais jovens que são afetadas pelo hábito de alguém beber. Ver <http://www.adroga.casadia.org/grupos/al-anon-alateen.htm>.

⁴² Wuthnow, *I Come Away*, 1. Tradução do autor.

seja religioso, social, cívico, etc.. Ele classifica Pequenos Grupos como reuniões de pessoas “sem-igreja”; isso inclui os “sem-religião”, e reuniões com variadas finalidades.

Estes grupos são talvez melhor descritos como grupos de interesse especial ou como grupos de apoio. De fato, das pessoas pesquisadas que eram de grupos sem igreja, a maioria... usou o termo “grupo de interesse especial” aplicado a seu grupo, e quase o mesmo número disse que o termo “grupo de apoio” era apropriado. O termo “grupo de auto-ajuda” foi usado 30% entre os que responderam a pesquisa.⁴³

No mesmo contexto, Wuthnow segue classificando “grupos de mulheres”, “grupos de homens”, “grupos de casal”, “grupos de terapia”, “grupos anônimos”, “grupos de discussões de questões sociais e políticas”, “atividades cívicas”, etc., como pequenos grupos. “Outros pequenos grupos de sem-igreja estão mais profundamente preocupados com crises emocionais, aditos, e outras questões pessoais”.⁴⁴ Ou seja, para Wuthnow, grupos de oração e grupos de auto-ajuda têm as mesmas características funcionais. Desconsidera, portanto, as características orgânicas e sistêmicas dos Pequenos Grupos de natureza eclesial. Como acontecem com outros estudos considerados, os indícios acima apontam para uma crise de identidade nos Pequenos Grupos de Wuthnow. Para ele, a definição de Pequenos Grupos não considera se é religioso, espiritual ou cristão.

Beckham, por exemplo, acredita que Philip Jacob Spener⁴⁵ “foi vítima de uma definição inadequada dos seus próprios grupos pequenos... eles não puderam sobreviver”.⁴⁶ “Os Pequenos Grupos prosperam quando sua missão e identidade são claras. É preciso definir as razões de sua existência”.⁴⁷ Não seria o caso do que ocorre em muitas igrejas onde os Pequenos Grupos não sobreviveram? Talvez o problema não estivesse nos Pequenos Grupos, mas na sua compreensão. O exposto sugere que uma

⁴³ Ibid., 378. *Tradução do autor.*

⁴⁴ Ibid., 379. *Tradução do autor.*

⁴⁵ Para uma compreensão sobre a pessoa e ministério de Spener ver Doyle L. Young, *New Life for Your Church* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1989); B. K. Kuiper, *The Church in History* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978); Comiskey, “Cell-Based Ministry”, 37-42.

⁴⁶ Beckham, 140.

⁴⁷ Torres, 32.

definição para Pequenos Grupos é fundamental para o seu funcionamento e para o seu futuro.

Definição de Pequenos Grupos

O tratamento generalizado dado aos Pequenos Grupos exige uma definição a fim de que os mesmos possam ser entendidos em seu devido contexto. Na sequência desse estudo, percebe-se também uma grande quantidade de “definições”, algumas mais concorrentes que complementares e esclarecedoras.

Lyman Coleman, no *Manual Serendipity*, apresenta pela primeira vez, de Roberta Hastenes (1983), uma tentativa de definição mais abrangente e conceitual de pequenos grupos, ao qual ainda⁴⁸ designaram “grupo cristão pequeno”: “Grupo cristão pequeno é uma reunião intencional de 3 a 12 pessoas, face a face, em base regular e horário determinado, com o propósito comum de descobrir e crescer nas possibilidades da vida (Roberta Hastenes)”⁴⁹.

Kurt Johnson também apresentou uma boa tentativa quanto à definição de Pequenos Grupos. Ele pergunta: “Então o que é um pequeno grupo?” E ele mesmo responde: “É uma reunião de 3 a 12 pessoas, que se encontram em períodos regulares, com o propósito comum de desenvolver relacionamentos, suprir as necessidades sentidas

⁴⁸ A literatura dos anos 80 parece preferir a nomenclatura “grupos pequenos” e “grupos familiares” (ver, por exemplo, Cho); já a literatura dos anos 90, principalmente com a escola de Ralf Neighbour, preferiu a nomenclatura Células (Neighbour, *Where do We Go*; idem, *Manual do líder*, Lay, *Manual do auxiliar*, Comiskey, *Crescimento explosivo*). Após o ano 2000 parece haver uma tendência para se chamar grupos pequenos ou pequenos grupos (ver Beckham; Arnold, *Pequenos grupos*; Donahue e Robinson). Para uma informação mais completa sobre este assunto, ver Simson, 93, 94, 143-166. Ver também estudo mais recente de Comiskey, “Do you Need to Use Cell to Describe Your Small Groups?”, <http://www.joelcomiskeygroup.com/articles/basics/whatIsACell.htm>, 12/8/2008.

⁴⁹ Lyman Coleman, *Manual serendipity para treinamento de líderes* (São Paulo: Editora Sepal, 1996), 18.

dos membros do grupo, crescer espiritualmente e estabelecer planos para levar outros a aceitarem Jesus como Senhor e Salvador pessoal”.⁵⁰

Pode-se observar no texto acima que, apesar de Johnson não citar Roberta Hastenes, ou admitir tê-la consultado, sua definição está muito próxima da apresentada por ela no *Manual Serendipity*.

Ralf Neighbour apresenta a seguinte definição comentada:

A igreja em células é uma maneira de ser da igreja que encontramos no Novo Testamento.... O bloco básico que entra na construção de uma igreja em células é uma célula: isto é, uma comunidade de sete a quinze pessoas, realizando as suas atividades num rodízio constante entre as casas dos membros.... Às vezes esses grupos são chamados de “comunidade cristã de base”.⁵¹

Roberto Lay segue a definição de Neighbour:

A célula é chamada de “Comunidade cristã de base”. A célula é o bloco básico na edificação de construção na edificação da igreja. Em outras palavras, onde houver somente uma “célula” ali haverá “igreja”.... A célula (até 15 pessoas) se reúne toda semana na casa de um dos membros.... por um período de seis a dez meses.⁵²

Howard Snyder define da seguinte forma: “Um grupo pequeno de oito a doze pessoas que se reúne informalmente nas casas”.⁵³

Já Jeffrey Arnold caracteriza tais reuniões como segue: “Um grupo pequeno é uma reunião intencional de três a doze pessoas comprometidas a trabalharem juntas para se tornarem melhores discípulos de Jesus Cristo. A palavra chave nesta definição é... – compromisso, trabalhar juntos e discipulado”.⁵⁴

Jeff Basette, pastor sênior da Hope Christian Fellowship, descreve da seguinte maneira: “Um grupo de 3 a 15 pessoas que se reúne semanalmente fora do prédio da

⁵⁰ Kurt Johnson, *Pequenos grupos para o tempo do fim* (Brasília, DF: Departamento de Ministério Pessoal da Divisão Sul-Americana da IASD, 2000), 118.

⁵¹ Neighbour, *Manual do líder*, 13.

⁵² Lay, *Manual do auxiliar*, 27.

⁵³ Snyder, *Vinho novo*, 170.

⁵⁴ Arnold, *The Big Book*, 9. *Tradução do autor*.

igreja. Capacitados pelo Espírito através da oração, o seu objetivo é transformar vidas através da comunidade, discipulado, evangelismo e multiplicação”.⁵⁵

A definição de Cox acompanha as anteriores. Para ele, grupos pequenos são “uma pequena quantidade de pessoas (geralmente entre cinco e 12) que se reúnem com a intenção específica de crescer”.⁵⁶ Depois de declarar que as classes de Escola Sabatina são Pequenos Grupos, Cox atenua seu comentário ao declarar que “ao vermos ‘que se vai aproximando aquele dia’, pode bem ser que Deus nos esteja a convidar a olharmos para os grupos pequenos de maneira nova e radicalmente diferente”.⁵⁷

Aluízio Silva, líder da Videira Igreja em Células,⁵⁸ uma igreja brasileira com filiais nos EUA e Europa, define Célula como segue: “Uma célula é um grupo constituído de cinco a quinze pessoas, que reúnem-se, semanalmente, para aprenderem como tornar-se uma família, adorar o Senhor, edificar a vida espiritual dos outros, orar uns pelos outros e levar pessoas ao Evangelho”.⁵⁹

Silva, apesar de algumas contradições,⁶⁰ deixa enfaticamente claro que muitos dos tipos de grupos chamados Células, não são Células; e apresenta, em seguida, alguns grupos que não podem ser chamados de Células. E avisa: “Cuidado! Não se engane! Esses grupos não são células”: grupos de oração; grupos de estudo bíblico, grupos de discipulado, grupos de cura interior, grupos de apoio, grupos de pregação.⁶¹ Comiskey

⁵⁵ Comiskey, “Cell Basics”, 3. *Tradução do autor.*

⁵⁶ Cox, 22.

⁵⁷ Ibid.

⁵⁸ Para conhecer a Videira Igreja em Célula ver <http://www.igrejavideira.com>.

⁵⁹ Aluízio A. Silva, *Manual da visão de células* (Goiânia, GO: Videira, 2008), 41.

⁶⁰ Quando Silva declara que “célula é simplesmente uma miniatura da igreja reunindo-se nas casas”, sai do conceito de igrejas em células para o conceito de igrejas em casa. Ver Silva, 44.

⁶¹ Ibid., 44 e 43.

usa o mesmo argumento encontrado em Silva e apresenta também uma lista do que ele chama “concepções erradas sobre células”.⁶²

É surpreendente como Icenogle, um dos mais profundos e teológicos autores da área, declare exatamente ao contrário:

A igreja da década de noventa continha muitos tipos, estilos e formatos de ministério de grupos pequenos: estudo bíblico, de recuperação, de missão, de evangelismo, de apoio, igreja em casa, equipe de serviços, de compartilhar, de oração e assim por diante. Algumas igrejas tem amplamente reunido enorme número de membros ao fazer dos pequenos grupos o foco central de seu ministério estratégico.⁶³

Esse tipo de declaração não é incomum e tem contribuído para confundir o entendimento sobre Pequenos Grupos. Comiskey, em seu estudo “Cell Basics”, deixa perceber que Pequenos Grupos, ou Células, sofreram um comprometedor desgaste por seu uso generalizado. Ele mergulha no centro dessa questão ao declarar que

os pequenos grupos ou células tem se tomado uma mercadoria nas igrejas de hoje. A palavra célula tem se tornado um termo vulgar. Quando alguém menciona a palavra *célula* o que se capta é um estudo bíblico, uma reunião social, uma classe de escola dominical ou qualquer outra coisa (tanto quanto se refira a pequeno ou a um grupo). E muitos “modelos celulares” são adicionados a esse pensamento, por um liberal polvilhar da palavra célula aplicada a todos os grupos de suas igrejas. Certas... igrejas nos EUA têm tido enorme liberdade na definição de seus grupos celulares. Aqui estão algumas das últimas definições de grupos celulares: um grupo de pessoas tendo aconselhamento pré-marital; um curso de seis semanas reunindo-se dentro da igreja; crianças em um ônibus a caminho da igreja; Grupos G-12; Corais, Diáconos, Etc, Etc.⁶⁴

Após definir pequenos grupos como “um encontro semanal, entre três a 15 pessoas, fora do edifício da igreja, com o propósito de evangelizar, fazer comunidade e discipular com o alvo de multiplicação”,⁶⁵ Comiskey ainda chama a atenção para o

⁶² Joel Comiskey, *Reuniões atraentes* (Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 2008), 16-17.

⁶³ Icenogle, *Biblical Foundations*, 11. *Tradução do autor.*

⁶⁴ Comiskey, “Cell Basics”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.joelcomiskeygroup.com/articles/basics/whatsACell.htm>, no dia 12 de agosto de 2008. *Tradução do autor.* Ver também [Appeared in] Cellchurchtalk, January, 2002.

⁶⁵ Comiskey, “Cell Basics”, 12/8/2008. *Tradução do autor.*

seguinte: “Você pode definir pequenos grupos com diferentes componentes. Contudo, não caia na armadilha de batizar tudo na sua igreja como pequeno grupo”.⁶⁶

A Igreja Adventista é uma dessas igrejas citadas por Comiskey que usa o termo pequenos grupos com “enorme liberdade” e tem a tendência de “batizar” as atividades realizadas em grupos pequenos com o nome de Pequenos Grupos.⁶⁷ É essa comprometedora generalização que se encontra no livro de Cox, ao dizer que as classes de Escola Sabatina e Pequenos Grupos são a mesma coisa. Visto, porém, de outra forma,

a Escola Sabatina é um programa desenvolvido em pequenos grupos, mas uma classe de Escola Sabatina não é um pequeno grupo, contextualmente falando. Uma igreja toda dividida em classes de Escola Sabatina não significa que esteja organizada em pequenos grupos. Temos também outras comissões de trabalho, grupos familiares, de oração, micro séries de evangelismo, etc., que são programas e tarefas realizados com poucas pessoas, mas não significa que sejam pequenos grupos, no sentido específico da expressão.⁶⁸

William Beckham parece de acordo com o texto acima e ainda amplia essa percepção por entender que uma classe de escola dominical (no caso da IASD, Escola Sabatina atual), não atende as necessidades de vida em grupo, nem se adéqua às características de uma comunidade em grupos pequenos, e diz o porquê:

Alguns vêem a escola dominical como o cumprimento dessa condição da vida de grupos pequenos. No entanto, uma classe de escola dominical típica não vivencia as características de comunidade da célula do Novo Testamento. Uma classe de escola dominical está impedida pela sua limitação de tempo de uma hora por semana, pelo seu propósito restrito de estudo bíblico cognitivo e pelo local de reunião que é isolado da vida no mundo real.⁶⁹

Considere-se ainda que Pequenos Grupos tenham dinâmica, organização e sistema que diferem da dinâmica, organização e sistema da Escola Sabatina. Estes, quando operam dentro de seus princípios, são um sistema vivo, sendo cada um deles uma célula viva de um corpo dinâmico e sistema maior chamado igreja. Mais do que isso,

⁶⁶ Ibid. *Tradução do autor.*

⁶⁷ Cox, 13-17; Rode, 66.

⁶⁸ Moura, “Sucesso garantido”, 24.

⁶⁹ Beckham, 79.

um Pequeno Grupo pode ser um sistema vivo, a partir de uma célula com capacidade de auto-reprodução e multiplicação, podendo tornar-se, a partir dela mesma, um sistema complexo, porém, jamais independente do sistema universal chamado Igreja.

Assim é que, embora excepcionalmente, na prática tem ocorrido.⁷⁰ Alguns Pequenos Grupos têm crescido e se transformado em congregações e igrejas. Quando isso ocorre estes deixam de ser Pequenos Grupos e passam a ser congregações ou igrejas. Ademais,

os Pequenos Grupos têm uma proposta diferente, um método peculiar, uma estratégia particular, objetivos específicos. Por isso eles causam um grande impacto onde são implantados. Podemos dizer que uma congregação foi bem sucedida na implementação de pequenos grupos quando 1) todo o povo está envolvido; 2) ocorreu um reavivamento sustentado; 3) o número de membros cresceu acima da média; 4) diminuiu sensivelmente o número de apostasia; 5) aumentou o número de membros envolvidos no testemunho e nas atividades gerais da igreja; 6) nasceu uma consciência geral e permanente, por parte dos membros, quanto à importância dos pequenos grupos; e 7) a igreja vive e demonstra sua felicidade com o programa.⁷¹

De posse dos elementos dessa abordagem propõe-se chegar a uma definição de Pequenos Grupos. Para entender o que são os Pequenos Grupos e construir uma definição para seu significado neste trabalho, deve-se considerar os vários elementos de sua construção, que são: (1) a terminologia “Pequenos Grupos” carrega um significado novo; (2) grupos pequenos nem sempre significam Pequenos Grupos; (3) o termo pequenos grupos tornou-se generalista, quando é, na verdade, essencialmente especialista; e, finalmente, (4) os paradigmas afetam fortemente sua conceituação e, conseqüentemente, seu desempenho.

Ainda antes de se chegar a uma definição seria bastante esclarecedor apresentar o que se entende como características dos Pequenos Grupos. Podem variar de um lugar

⁷⁰ Três congregações no distrito da Igreja Central de Aracajú – SE, entre os anos de 1996 a 1998, foram formadas a partir de pequenos grupos. E entre 1993 a 1994, dois Pequenos Grupos no Distrito de Itapecerica da Serra, SP, transformaram-se em congregações e, posteriormente, em igrejas organizadas. São elas: Igreja do Parque Paraíso, em Itapecerica da Serra e Igreja de Vista Alegre, no Embu das Artes.

⁷¹ Moura, “Sucesso garantido”, 24, 25.

para outro, mas de modo geral, os Pequenos Grupos têm as seguintes características: (1) reunião semanal, (2) geralmente em um lar, mas pode ser também em outro local adequado, (3) dia e horário fixos e determinados, (4), três a 12 pessoas, (5) intencionalmente evangelístico, (6) fortemente relacional, (7) estrutural, (8) e sistêmico.⁷²

Comiskey deixa bastante claro que o “Ministério em células não é ‘mais um programa’; é o coração da igreja”.⁷³ Sua definição é um pouco mais elaborada. Para ele,

as células são grupos pequenos abertos focalizados no evangelismo que estão embutidos na vida da igreja. Elas se reúnem semanalmente para que os seus participantes se edifiquem uns aos outros como membros do corpo de Cristo, e para anunciar o evangelho àqueles que não conhecem Jesus. O objetivo de cada célula é multiplicar-se à medida que o grupo cresce por meio do evangelismo e das conversões que seguem.⁷⁴

Em obra mais recente Comiskey praticamente confirma sua definição anterior, porém, com mais pragmatismo. Diz ele: “Defino um grupo pequeno ou célula como um grupo de pessoas (4-15), que se reúnem regularmente com o propósito de edificação espiritual e evangelismo (com o objetivo de multiplicação), e que tem o compromisso de participar nas atividades da igreja local”.⁷⁵

Randal Neighbour, do Touch Outreach Ministries, apresenta uma das mais recentes definições de Pequenos Grupos, mas não traz novidades.

A definição do autor de um pequeno grupo holístico com potencial para o crescimento orgânico e de multiplicação é a seguinte:

Um grupo pequeno saudável é composto de 3-12 pessoas que escolheram viver juntos em comunidade bíblica para fins de adoração, edificação, evangelismo relacional, e discipulado centrados em Cristo.⁷⁶

⁷² Moura, *Manual para implantação*, 10, 11.

⁷³ Comiskey, *Crescimento explosivo*, 17.

⁷⁴ Ibid.

⁷⁵ Comiskey, *Reuniões atraentes*, 15. Neste livro, mais recente que os anteriormente citados, Comiskey, ou os editores, faz uma adaptação do nome “pequenos grupos” para “grupo pequeno”. Interessante que na abertura de uma sessão de introdução traz o título “Mantenha o grupo pequeno”. Uma expressão que pode ter mais de um significado, e que, portanto, indica que o termo “grupo pequeno” não é o mais adequado para sua definição.

⁷⁶ Randal Neighbour, *The Naked Truth about Small Group Ministry TOUCH* (Houston, Texas: Touch Publications, 2009), 16.

Percebe-se em muitos casos que, aquilo que é chamado de definição de Pequenos Grupos ou Células, trata apenas de conceitos sobre reuniões de grupos pequenos e suas atividades. Observe-se que as definições falam de um encontro de pessoas para realizarem atividades religiosas. Nem mesmo o conceito de comunidade tão destacado por muitos autores aparece nessas definições de grupos pequenos. São definidos como programa, como uma reunião, como um acontecimento. Seria muito pouco a dizer a respeito de um sistema considerado um “fenômeno”, “revolucionário”, uma “onda do futuro”.⁷⁷

Essas tentativas de definir células, ou grupos pequenos não dão conta de representar os Pequenos Grupos como um sistema, nem convencem de sua importância, nem demonstram sua amplitude, nem esclarecem suas pretensões históricas, nem justificam sua base bíblica. Essas tentativas de definições contribuíram definitivamente para empobrecer o significado de Pequenos Grupos e confundir sua compreensão e operação, reduzindo-o a um “encontro semanal entre três a doze pessoas para estudar a Bíblia”.⁷⁸

A redescoberta dos grupos pequenos por Yonggi Cho teve como ponto de partida uma reunião nos lares para serviços religiosos de atendimento ao povo e trabalho missionário.⁷⁹ Apesar dos grupos pequenos terem passado por grandes mudanças e significativa evolução, o paradigma Cho, ao que tudo indica, permanece até o presente.

Assim como a igreja surgiu com um grupo de pessoas reunidas em uma sala e uma pregação na praça (Atos, 1 e 2), e hoje é um sistema complexo, espalhada pelo mundo todo, assim os Pequenos Grupos modernos surgiram inicialmente como reuniões

⁷⁷ Ver Arnold, *Pequenos grupos*, 25; Wuthnow, *I Come Away*, 1; Comiskey, *Crescimento explosivo*, 15; Burrill, *Como reavivar*, 19; Beckham, 15.

⁷⁸ Ver Coleman, 18; Johnson, *Pequenos grupos*, 118; Lay, 27; Snyder, *Vinho novo*, 170; Arnold, *The Big Book*, 9; Comiskey, *Cell Basics*, 3; Silva, 41, Cox, 22.

⁷⁹ Cho, *Grupos familiares*, 27.

nos lares, mas cresceram, tornaram-se um sistema, cujas reuniões nos lares são apenas como a ponta de um *iceberg*. Sua estrutura, porém, sugere que eles saíram também das paredes enclausuradas dos lares para interagir na vida de seus participantes, impulsionar a igreja e impressionar o mundo.⁸⁰

Nesse contexto é que se tem buscado formular sua definição. Após sucessivas tentativas e anos de experiências, e depois de consultar inúmeras versões, foi sugerida em 1999 a seguinte definição de Pequenos Grupos conforme o modelo geralmente praticado na Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil:

Os pequenos grupos... são um processo organizado intencionalmente para o crescimento, conservação e preparo final da Igreja. Tem como objetivo a missão espiritual, social, profética e escatológica... sob a direção da vontade de Deus revelada na Bíblia, e a direção do Espírito Santo. Desenvolvem-se a partir de reuniões interativas em grupos de três a 12 pessoas, que acontecem em dia, local e horário regulares, buscando através do louvor, oração, testemunho e estudo da Palavra, o aperfeiçoamento de cada cristão, família e congregação.

Como processo, os pequenos grupos necessitam de tempo para se desenvolver, aglutinar os departamentos, promover a unidade e viabilizar as possibilidades evangelísticas, de acordo com as características locais. Eles não nascem prontos, mas se desenvolvem, quase naturalmente, numa dinâmica eclética. Valem-se de recursos pedagógicos e didáticos, funcionam como uma escola que transmite conhecimento através do ensino e da experiência ou testemunho.⁸¹

Alguns anos depois de elaborada essa definição, foi percebido que os Pequenos Grupos, se praticados corretamente e progressivamente, alcançam o *status* de sistema,⁸² quando então, e somente então, encontram a maturidade:

⁸⁰ Para uma compreensão como andam os Pequenos Grupos/Células no mundo, ver ; <http://www.celulas.com.br>; <http://www.videirario.com.br>; <http://www.cellchurch.com>; <http://www.ccmnglobal.com>; <http://www.cellchurchoonline.com/home.cfm>; <http://www.celluk.org.uk>; <http://www.elim.org.sv>; <http://joelcomiskeygroup.com>.

⁸¹ Moura, "Sucesso garantido", 24.

⁸² "Um sistema (do grego *σύστημα*), é um conjunto de elementos interconectados, de modo a formar um todo organizado. É uma definição que acontece em várias disciplinas, como biologia, medicina, informática, administração. Vindo do grego o termo 'sistema' significa 'combinar', 'ajustar', 'formar um conjunto'. Todo sistema possui um objetivo, embora às vezes seja difícil identificá-lo – por exemplo, quando não conseguimos visualizar o meio ambiente em que está inserido. Um sistema consiste de componentes, entidades, partes ou elementos – embora também possam ser vistos como subsistemas – e as relações entre eles. A integração entre tais componentes pode se dar por fluxo de informações, matéria, energia. A boa integração dos elementos é chamada sinergia, determinando que as transformações ocorridas em uma das partes

Os pequenos grupos se desenvolvem como processo e se estabelecem como um sistema. Sua evolução passa por um reavivamento espiritual que promove o envolvimento dos membros nas práticas evangelísticas, o que resulta em batismos e redução da apostasia. Passa pelo surgimento de uma consciência coletiva quanto à sua importância para a vida dos membros, da família e da igreja. Quando isso acontece, podemos dizer que a implantação do projeto foi um sucesso. A igreja não apenas *tem* pequenos grupos, ela *está* em pequenos grupos, vive em pequenos grupos. Então podemos dizer que pequenos grupos são um estilo de vida.⁸³

Os Pequenos Grupos/Células são um sistema com peculiaridades que exigem prioridade sobre as demais estruturas auxiliares da igreja.⁸⁴ Quando se tornam um programa opcional, ou um programa entre outros, jamais chegam à maturidade. Uma significativa diferença entre Pequenos Grupos e outros grupos pequenos está no valor que os mesmos ocupam no sistema estrutural universal e na consciência coletiva da igreja. Talvez seja importante esclarecer que os Pequenos Grupos são um subsistema em consideração ao sistema universal da Igreja. Essa é uma visão importante porque marca a diferença com outras no debate da definição do que são os Pequenos Grupos. A visão e missão dos Pequenos Grupos são a visão e missão da igreja. Em realidade, os Pequenos Grupos instrumentam, ou implementam, essa visão e missão. Essa é a percepção declarada e ampliada em sua fundamentação bíblica e teológica.

influenciarão todas as outras. A alta sinergia de um sistema faz com que seja possível a este cumprir sua finalidade com eficiência; já sua falta pode implicar em mau funcionamento, inclusive falha completa. Podemos também dizer nesses últimos casos que a entropia sistêmica está alta. Vários sistemas possuem a propriedade da homeostase, que em poucas palavras é a característica de manter o meio interno estável, mesmo diante de mudanças no meio externo. As reações homeostáticas podem ser boas ou más, dependendo se a mudança foi inesperada ou planejada, respectivamente". "Sistema", pesquisa realizada na internet, no site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema>, no dia 24 de março de 2001.

⁸³ José Umberto Moura, "O Sucesso dos Pequenos Grupos", *Revista Ministério*, novembro/dezembro de 2003, 23.

⁸⁴ Ver Glêydson C. Barbosa, "Pensadores Adventistas Contemporâneos e a Estrutura de Pequenos Grupos", em Torres, 86-88; Helder Roger e Wagner Aragão, "Implantação de PGs: Conheça as Melhores Práticas", em Santana, 107.

CAPÍTULO III

FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA E TEOLÓGICA DOS PEQUENOS GRUPOS

Tem havido um considerável esforço por parte dos estudiosos de Pequenos Grupos/Células para organizá-los bíblicamente e fundamentar sua teologia. Se os Pequenos Grupos/Células são o que pretendem ser – um fenômeno¹ moderno, um movimento² – conforme declarados e defendidos por teólogos e pastores que o praticam, precisam de sustentação teológica e de uma base bíblica consistente que vá além de tentativas homiléticas. Organizar sua base bíblica e fundamentá-los teologicamente é o desafio deste capítulo.

Fundamentação Bíblica

Como movimento religioso os Pequenos Grupos/Células necessitam de uma criteriosa base bíblica. Dificuldades surgem, primeiro, porque a expressão “pequenos grupos”, ou “célula”, não aparece uma única vez em toda a Bíblia;³ segundo, porque aquilo que é chamado hoje de Pequenos Grupos, conforme definição apresentada nessa pesquisa, não têm indícios de existirem no Antigo Testamento e, com dificuldade, podem ser, talvez, percebidos excepcionalmente no Novo Testamento; terceiro, as características (estratégias, estruturas, métodos) dos Pequenos Grupos/Células atuais diferem bastante dos grupos pequenos dos tempos bíblicos. Faz-se assim necessário desmistificar,

¹ Comiskey, *Crescimento explosivo*, 15; Burrill, *Como reavivar*, 19; Arnold, *Pequenos grupos*, 25, Beckham, 15.

² Beckham, 11, 13, 16; Arnold, *Pequenos grupos*, 25.

³ Weverton Miranda, “Pequenos Grupos”, pesquisa realizada no site http://www.pibac.org.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=51&Itemid=64, no dia 05 de dezembro de 2008. Ver também Gilson de Almeida Pinho, *Edificando pequenos grupos em uma igreja com propósitos* (Rio de Janeiro: MK Editora, 1995).

reavaliar e, talvez, impugnar alguns textos bíblicos citados como exemplos de Pequenos Grupos/Células; pois, tratando-se de seu contexto original, há dificuldades enormes para sustentá-los. Ralph Neighbour admite que “as células [entenda-se Pequenos Grupos] não estão baseadas sobre um sólido entendimento teológico do porque de sua existência”.⁴

A seguir, são apresentados os textos bíblicos mais citados para justificar a existência de Pequenos Grupos/Células na Bíblia, seguidos de seu contexto histórico-literário, como esclarecimento ao exposto acima.

Antigo Testamento

Contexto histórico-literário

Os textos a seguir são os únicos que tratam explicitamente de organização de grupos pequenos no Antigo Testamento.⁵

“Procura dentre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborreçam a avareza; põe-nos sobre eles por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinqüenta e chefes de dez” (Êx 18:21).

“Tomei, pois, os cabeças de vossas tribos, homens sábios e experimentados, e os fiz cabeças sobre vós, chefes de milhares, chefes de cem, chefes de cinqüenta, chefes de dez e oficiais segundo as vossas tribos” (Dt 1:15).

Tenha-se agora uma visão geral do contexto dessas passagens:

Vendo, pois, o sogro de Moisés tudo o que ele fazia ao povo, disse: Que é isto que fazes ao povo? Por que te assentas só, e todo o povo está em pé diante de ti, desde a manhã até ao pôr-do-sol?

Respondeu Moisés a seu sogro: É porque o povo me vem a mim para consultar a Deus; quando tem alguma questão, vem a mim, para que eu julgue entre um e outro e lhes declare os estatutos de Deus e as suas leis.

⁴ Neighbour, *Where do We Go*, 228. Tradução do autor.

⁵ Embora no livro de Neemias, capítulo 3, encontre-se uma organização de trabalhadores em grupos, percebe-se, porém, que se trata de um trabalho específico, de um mutirão, que se encerrou no momento em que a obra terminou — cinquenta e dois dias depois (Ne 6:15).

O sogro de Moisés, porém, lhe disse: Não é bom o que fazes. Sem dúvida, desfalecerás, tanto tu como este povo que está contigo; pois isto é pesado demais para ti; tu só não o podes fazer. Ouve, pois, as minhas palavras; eu te aconselharei, e Deus seja contigo; representa o povo perante Deus, leva as suas causas a Deus, ensina-lhes os estatutos e as leis e faze-lhes saber o caminho em que devem andar e a obra que devem fazer. Procura dentre o povo homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que aborçam a avareza; põe-nos sobre eles por chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez; para que julguem este povo em todo tempo. Toda causa grave trarão a ti, mas toda causa pequena eles mesmos julgarão; será assim mais fácil para ti, e eles levarão a carga contigo. Se isto fizeres, e assim Deus to mandar, poderás, então, suportar; e assim também todo este povo tornará em paz ao seu lugar.

Moisés atendeu às palavras de seu sogro e fez tudo quanto este lhe dissera. Escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e os constituiu por cabeças sobre o povo: chefes de mil, chefes de cem, chefes de cinquenta e chefes de dez. Estes julgaram o povo em todo tempo; a causa grave trouxeram a Moisés e toda causa simples julgaram eles (Êx 18:14-26).

Nesse tempo, eu vos disse: eu sozinho não poderei levar-vos. O senhor, vosso Deus, vos tem multiplicado; e eis que, já hoje, sois multidão como as estrelas do céu.... Como suportaria eu sozinho o vosso peso, a vossa carga e a vossa contenda?

Tomai-vos homens sábios, inteligentes e experimentados, segundo as vossas tribos, para que os ponha por vossos cabeças. Então me respondestes e dissestes: É bom cumprir a palavra que tens falado.

Tomei, pois, os cabeças de vossas tribos, homens sábios e experimentados, e os fiz cabeças sobre vós, chefes de milhares, chefes de cem, chefes de cinquenta, chefes de dez e oficiais segundo as vossas tribos.

Nesse mesmo tempo ordenei a vossos juizes, dizendo: ouvi a causa entre vossos irmãos e julgai justamente entre o homem e seu irmão ou o estrangeiro que está com ele. Não sereis parciais no juízo, ouvireis tanto pequeno como o grande; não temereis a face de ninguém, porque o juízo é de Deus; porém a causa que vos for demasiadamente difícil fareis vir a mim, e eu a ouvirei (Dt 1:9-10, 12-17).

Como confirma Comiskey, “realmente, o Antigo Testamento diz muito pouco sobre o ministério de grupos pequenos”.⁶ Observe-se ainda que, o contexto trata de uma organização sócio-político-administrativa, não de um modelo de funcionamento eclesialístico com vistas à evangelização, conservação ou crescimento.

Outra observação importante é que a palavra casa, em hebraico בית (bait),⁷ local imprescindível para acontecer os Pequenos Grupos, não aparece nesses textos,

⁶ Comiskey, “Cell-Based Ministry”, 13. *Tradução do autor.*

⁷ “Hebraico בית (bait): 1. Casa, templo, i.e., uma construção consistindo de uma ou mais salas (Gn 19:10); 2. Sala, quartos, i.e., uma parte de um edifício maior (2Rs 37:7); 3. Família, residência, i.e., a menor unidade de um clã ou tribo, consistindo de pais, filhos, parentes próximos, incluindo servos, que vivem próximos, em intimidade familiar (Gn 7:1; 24:38); 4. Clã, i.e., uma estendida unidade familiar, maior que uma família, consistindo de parentes por linhagem,

sugerindo que os grupos pequenos de Jetro não incluíam reuniões nos lares. O Êxodo foi a experiência do “povo de Israel como nação”.⁸ O povo, cerca de dois milhões e meio de pessoas,⁹ estava desorganizado. A ordem primária de tribos e famílias não satisfazia mais a forte interação de pessoas numa convivência mais próxima e mais ampla. Tratou-se, sim, de uma “estrutura orgânica”¹⁰ de liderança com o objetivo primário de governar a nação israelita em sua saída do Egito em direção à Terra prometida, Canaã.¹¹

Flávio Josefo concorda que a divisão em “regimentos de mil e de quinhentos homens; os regimentos, ainda, em companhias de cem e de cinquenta homens e essas companhias em esquadras de trinta, de vinte e de dez homens comandados por oficiais, que teriam nomes conforme o número de soldados sob seu comando”,¹² seria para auxiliar na liderança de Moisés, que “estava sobrecarregado pela multidão de negócios”.¹³

usualmente vivendo aproximadamente na mesma área geográfica (Jz 4:17); 5. tribo, i.e., um maior ‘subjunct-unit’ de uma nação ou raça organizada em torno de um simples ancestral (2Cr 19:11); 6. Linhagem, linha familiar, i.e., pessoas de sucessivas gerações que são parentes por nascimento (1Sm 2:31); 7. Possessão, bens, propriedades, i.e., coisas ou estado real que alguém é dono e possui (1Rs 13:8); 8. Local, fomalmente” (James Swanson, *Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domain: Hebrew Old Testament (DBLG)*, [Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997], 1074). *Tradução do autor.*

⁸ Atilio René Dupertuis, *De Egipto a Canaán: el evangelio en el éxodo* (Berrien Springs, MI: Pioneer Publications, 1995), 29. *Tradução do autor.*

⁹ “Muitos estudiosos seguiram a contagem do livro de números, que arrola mais de seiscentos mil homens e, portanto, deduzem a estimativa mínima de pelo menos dois milhões de israelitas” (Donahue e Robinson, 68, rodapé). Ver também Ellen White, *Patriarcas e profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 200.

¹⁰ Comiskey, “Cell-Based Ministry”, 14.

¹¹ Ibid.

¹² Flávio Josefos, *História dos hebreus: obra completa* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1992), 92.

¹³ Ibid.

Novo Testamento

Contexto histórico-literário

Os textos do Novo Testamento analisados abaixo costumam estar entre os mais citados para justificar a existência de Pequenos Grupos/Células desde o período apostólico.

“Saudai igualmente a igreja que se reúne na casa deles. Saudai meu querido Epêneto, primícias da Ásia para Cristo” (Rm 16:5).¹⁴

“As igrejas da Ásia vos saúdam. No Senhor, muito vos saúdam Áquila e Priscila e, bem assim, a igreja que está na casa deles” (1Co 16:19).¹⁵

“Saudai os irmãos de Laodicéia, e Ninfa, e à igreja que ela hospeda em sua casa” (Cl 4:15).¹⁶

“E à irmã Áfia, e a Arquipo, nosso companheiro de lutas, e à igreja que está em tua casa” (Fm 2).¹⁷

¹⁴ *καὶ τὴν κατ' οἶκον αὐτῶν ἐκκλησίαν* (a igreja que se reúne na casa deles). “οἶκον (substantivo, acusativo, singular, masculino), uma casa, uma habitação. A palavra οἶκον é modificada por αὐτῶν (pronome) em Rm 16:5; αὐτῶν (pronome pessoal, terceiro pessoa, genitivo, plural, masculino) (1) auto (enfático) (2) ele, ela, esse, essa (usado como pronome na terceira pessoa) (3) o mesmo; ἐκκλησίαν (substantivo, acusativo, singular, feminino), uma assembleia, uma congregação (religiosa)” (Albert L. Lukaszewski, “Romans”, *The Lexham Syntactic Greek New Testament: Expansions and Annotations (TLSGNT)* [Logos Research Systems, Inc., 2006], Rm 16:5), pesquisa realizada na Biblioteca Eletrônica Libronix. *Tradução do autor.*

¹⁵ οἶκον αὐτῶν ἐκκλησίαν (a igreja que está na casa deles). Repete a mesma construção gramatical do texto analisado acima (Romanos 16:5). Ver Lukaszewski, “1 Corinthians”, *TLSGNT*, 1 Co 16:19. Ver ainda C. E. B. Cranfield, *Conclusion to the Epistle (15:14–16:27)*, A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of the Roman, vol. 2 (London; New York: T&T Clark International, 2004), 786.

¹⁶ οἶκον αὐτῆν ἐκκλησίαν (igreja que ela hospeda em sua casa). Repete a mesma construção gramatical do texto analisado acima (Romanos 16:5), diferenciando-se no uso do pronome αὐτῆν em lugar de αὐτῶν. Ver Lukaszewski, “Romans”, *TLSGNT*, Rm 16:5.

¹⁷ οἶκον σου ἐκκλησίαν (igreja que está em tua casa). Repete a mesma construção gramatical do texto analisado acima (Romanos 16:5), diferenciando-se no uso do pronome σου em lugar de αὐτῶν. Ver Lukaszewski, “Romans”, *TLSGNT*, Rm 16:5.

Esse conjunto de textos bíblicos acima favorece uma análise, a ver se Paulo está realmente tratando de Pequenos Grupos/Células, como frequentemente são citados. Uma revisão no sentido da palavra οἶκος em seu contexto histórico-literário ajudará nesse esclarecimento. Cranfield também faz uma relação entre Filemom 2, Colossenses 4:15 e 1 Coríntios 16:19 ao comentar Romanos 16:5. Diz:

Gramaticalmente a expressão ἡ κατ' οἶκον αὐτῶν ἐκκλησία certamente poderia significar a igreja cristã que consiste simplesmente de membros do seu agregado familiar ('lar' denota não só a nossa família na acepção da palavra "família", mas também os seus escravos, empregados e outros dependentes), porém não é de duvidar que o que se entende é sim a comunidade de cristãos reunidos regularmente em sua casa, incluindo, para além dos cristãos membros da família ou famílias, outros cristãos para quem ela era conveniente para atender à adoração em sua casa. Não havia, naturalmente, edifícios especialmente apropriados para os propósitos da Igreja naquele momento.¹⁸

A declaração abaixo amplia a importância da compreensão de Romanos 16:5:

Uma visão sobre a vida da igreja primitiva pode certamente ser adquirida a partir deste texto. Aparentemente a igreja em Roma já tinha experimentado um crescimento e essa extensa montagem de toda a congregação estava se tornando difícil. Além disso, Roma era uma grande cidade com inúmeros subúrbios e favelas. Geograficamente, o encontro pode ter sido difícil para alguns. Evidentemente Priscila e Áquila, o casal missionário incansável, tinha estabelecido uma nova missão da Igreja na sua própria casa (cf. At 18:2). Não só havia um grande aumento no número de cristãos, mas também as próprias congregações começaram a aumentar em número.¹⁹

Comentando também sobre Romanos 16:5, Lawrence Richard apresenta argumentos bastante elucidativos ao esclarecer o papel das casas nos cultos dos primeiros séculos e, surpreende, ao declarar pequenos grupos como “um fenômeno” nesse período.

Durante quase três séculos o cristianismo era um fenômeno em ‘pequeno grupo’. Os primeiros cristãos não construíram grandes igrejas ou catedrais. Em vez disso, reuniram-se em casas de culto e de partilha. Com base no tamanho das casas das cidades do 1º século, as reuniões devem ter acomodado um número muito limitado de pessoas.²⁰

Sanday e Headlam concordam com Richard ao destacarem que

¹⁸ Cranfield, 2:786. *Tradução do autor.*

¹⁹ “The Epistle of Paul the Apostle to the Romans” [Romans 16:5], *The Believer's Study Bible (BSB)*, ed. W. A. Criswell (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1997), 16:5. *Tradução do autor.*

²⁰ Lawrence O. Richards, *The Bible Readers Companion* (Wheaton, IL: Victor Books, 1991), 752.

não há provas decisivas até o terceiro século da existência de edifícios utilizados para as igrejas. As referências parecem ser para todos os lugares, em casas particulares, por vezes, muito provavelmente casas de uma grande dimensão. No NT temos em primeiro (At 12:12) a casa de Maria, a mãe de João [Marcos], onde muitos se reuniam e oravam.... Não há razão para supor que esta igreja era o local de encontro de todos os cristãos romanos.²¹

O segundo texto que trata da mesma questão é 1 Coríntios 16:19. Segundo Fausset, Aquila e Priscilla (cf. At 18:2; Rm 16:3, 4),

originalmente expulsos da Itália por Claudius, tinham chegado a Corinto (daí a sua saudação aos Coríntios ser apropriada aqui) e, em seguida, mudaram-se com Paulo de Corinto para Éfeso (At 18:2, 18, 19, 26); aqui, como em Roma, posteriormente, eles levantaram uma igreja (ou assembléia de fiéis) na casa deles (Rm 16:3, 5).... Seu cristianismo de dedicado amor aparece onde quer que eles fossem (Rm 16:3, 4). Mesmo o superdotado Apolo, tão admirado em Corinto, devia muito a isto ao conhecê-los (At 18:24-26). Em 1Co 16:20, "Todos os irmãos" (isto é, toda a igreja) parecem ser distinguidos como "a igreja que está em sua casa", mas que era uma montagem parcial e privada fora da Igreja em geral de Corinto. Neander acha que Rm 16:23 refere-se a "toda a igreja" reunida na casa de Gaio (compare Cl 4:15). "Sinagoga" implica em uma assembléia geral, sem referência ao personagem ou motivações de seus membros. "Igreja", como o hebraico *Kahal*, implica uma assembléia legalmente convocada, como, por exemplo, os judeus reuniram-se como um corpo político para receber a lei (daí Estevão chamar-lhe "a igreja no deserto", At 7:38), e ter uma ligação jurídica legal. Os seguidores de Cristo, quando dispersos deixaram de ser uma congregação (sinagoga), mas ainda há uma igreja, tendo o elo comum de união com o mesmo chefe pela mesma fé e esperança.... A partir daí podemos explicar Paulo entrando "em cada casa e curando homens e mulheres": ele estaria em busca de cristãos para irem as suas várias "casas" de oração.²²

Henry apóia a posição de Fausset e demonstra que, entender a igreja como funcionando em casa era bastante comum, inclusive por não estar limitada a um número pequeno de pessoas. Sendo assim, a própria família pode ser entendida como uma igreja em casa.

É muito provável que a própria família seja chamada a *Igreja em sua casa*. Note que, cada família cristã, em alguns aspectos deve ser uma igreja cristã. Em alguns casos (como, por exemplo, se eles forem expulsos para uma terra estrangeira distante, onde não existem outros cristãos), que deveria ser uma igreja em si, se suficientemente grande, e viva no uso de todas as ordenanças, mas em casos comuns eles deveriam viver sob a direção de regras

²¹ W. Sanday e Arthur C. Headlam, *Aquila and Priscilla, A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of the Roman* (New York: C. Scribner's sons, 1979), 420. *Tradução do autor*. Ver também "In their house" [Rm 16:5], *The Seventh-day Adventist Bible Commentary* (SDABC), ed. Francis D. Nichol (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976), 6:652.

²² A. R. Fausset, *The First Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians, A Commentary, Critical and Explanatory, on the Old and New Testaments* (Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997), 1Co 16:19. *Tradução do autor*.

cristãs, e diariamente oferecer culto cristão. Sempre que dois ou três estiverem reunidos, e Cristo estiver entre eles, existe uma Igreja.²³

O terceiro texto analisado que trata da questão da igreja funcionando nos lares dos cristãos é Colossenses 4:15. Comentando sobre esse texto, Peter O'brien entende que

igrejas em casa... são frequentemente mencionadas nas cartas do NT. Há ocasião em que toda a congregação de uma cidade pode ser pequena o suficiente para se reunir na casa de um dos seus membros, e deve ser lembrado que não era assim até cerca de meados do terceiro século, quando os primeiros cristãos possuíam propriedades para propósitos de adoração.... Em outros lugares igrejas em casa parece ter sido o menor círculo de companheirismo dentro de um grande grupo. Além da casa de Ninfas em Laodicéia, conhecemos que em Colossos a casa de Filemom era usada como local de encontro (Fm 2). Em Filipos, a casa de Lídia parece ter sido usada dessa maneira (At 16:15, 40) enquanto em Coríntios Gaio é descrito como "hospedeiro e de toda a igreja" (Rm 16:23), a qualificação "todo" ὅλη, seria desnecessário se os coríntios somente se encontrassem como um simples grupo nas sucessivas cidades onde eles viveram, e.g., em Éfeso (1Co 16:19) e Roma (Rm 16:15). Concernente aos detalhes dessas igrejas em casa pouco sabemos.²⁴

Norman Geisler declara que "reunião das igrejas nos lares foi uma prática comum até antes que houvesse edifícios de igreja (Rm 16:5; 1Co 16:19; Fm 2)".²⁵ Lightfoot demonstra ter a mesma compreensão sobre a questão das casas que eram tratadas como igreja. Escreve:

A igreja em sua casa. A mesma expressão é usada de Priscila e Áquila tanto em Roma (Rm 16:5) como em Éfeso (1Co 16:19), e também de Filemom (Fm 2). Os cristãos foram pela primeira vez reconhecidos pelo governo romano como "collegia" ou clubes de sepultamento e, protegidos por este reconhecimento, sem dúvida realizaram suas reuniões de adoração religiosa. Não há nenhum exemplo claro de um conjunto de edifícios distinto para fins de culto cristão dentro dos limites do império romano antes do terceiro século, apesar de haver cômodos em casas particulares que poderiam ser especialmente dedicados a esta finalidade.²⁶

²³ Matthew Henry, *The First Epistle of St. Paul to the Corinthians*, Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible: Complete and Unabridged in One Volume (Peabody, FL: Hendrickson, 1996), 1Co 16:19. *Tradução do autor*. Ver também John A. Witmer, *Romans*, The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures, vol. 2 (Wheaton, IL: Victor Books, 1983-c1985), 548; "Church ... in their house" [1 Co 16:19], Nichol, 6:817.

²⁴ Peter T. O'brien, *Colossians 4:7-18*, Word Biblical Commentary, vol. 44 (Waco, TX: Word Books, 1982), 256-257. *Tradução do autor*.

²⁵ Norman L. Geisler, *Colossians*, The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures, vol.2 (Wheaton, IL: Victor Books, 1983-c1985), 685. *Tradução do autor*.

²⁶ Joseph Barber Lightfoot, *Saint Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon*, Classic Commentaries on the Greek New Testament (London and New York: Macmillan and co., 1886), 241. *Tradução do autor*. Ver ainda "Nymphas" [Cl 4:15], Nichol, 7:218.

A quarta passagem que trata da expressão a igreja em casa é Filemom 2. Os estudiosos em geral confirmam as posições dos estudos das passagens anteriores. Fausset, por exemplo, declara que “na ausência de uma igreja regular, nomeadamente as casas de santos eram utilizadas para essa finalidade”.²⁷ E Henry conclui: “A casa de Filemom era uma Igreja”.²⁸

O Novo Testamento registra a ocorrência de pelo menos 229 vezes a palavra casa (*οἶκος*).²⁹ Otto Michel, em sistemático estudo, apresenta o uso da palavra *οἶκος* em seu contexto histórico literário e seus respectivos empregos, em nove conteúdos.³⁰ No nono tópico, “The ‘House’ as a Group in the Structure of the Christian Community”, declara:

O primitivo cristianismo estrutura sua congregação em famílias, grupos e “casas”. A casa era tanto um local de comunhão como um local de encontro. Assim lemos da casa de Estéfanos em 1Co 1:16, da casa de Filemom em Fm 2, a casa de Cornélio em At 11:14, a casa de Lídia em At 16:15, a casa da prisão do governador em Filipos em At 16:31, 34.... A casa e

²⁷ A. R. Fausset, *The Epistle of Paul to Philemon, A Commentary, Critical and Explanatory, on the Old and New Testaments* (Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997), Fm 2. *Tradução do autor.*

²⁸ Matthew Henry, *The Epistle of St. Paul to Philemon, Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible: Complete and Unabridged in One Volume* (Peabody, FL: Hendrickson, 1996), Ph 2. *Tradução do autor.* Ver também “Thy house” [Fm 2], Nichol, 7:378.

²⁹ O termo “*οἶκος*” é atestado já no grego miceneano, e foi transmitido de Homero em diante. Significa tanto o lugar da ‘moradia’ como sua estrutura. *οἰκία*, de Heródoto em diante, significa a ‘moradia’, a ‘casa’. Originalmente havia distinção entre as duas palavras quanto ao seu significado, sendo que *oikia* denotava o lugar da moradia, e *oikos* a ‘casa’ inteira, com as dependências, os bens da família, e até os habitantes da casa.... Mais tarde, particularmente depois da LXX, as distinções não se mantinham, e as palavras eram empregadas como sinônimos. AT: *oikos* e *oikia* ocorrem muito frequentemente na LXX, mormente para traduzir o Heb. *bayit*. Ambas as palavras denotam o edifício (a ‘casa’, bem como ‘palácio’ ou ‘templo’). Sendo, porém, que o Heb., como o Gr., não tem palavra para a pequena unidade social que chamamos de ‘família’, *bayit* (e, portanto, LXX *oikos*) adquiriu, além do seu significado de ‘moradia’, aquele de ‘lar’ (aqueles que se vinculam por compartilharem da mesma moradia), num sentido mais lato de ‘família’ e ‘clã’, e mesmo da unidade tribal maior (e.g. a ‘casa de Judá’).... No NT *oikos* e *oikia*, que são virtualmente sinônimos, têm a mesma gama de sentido como no Gr. secular e na LXX. Apesar disto, ocorrem em várias frases características que são peculiares ao NT.... A formação das igrejas nas casas, que pode se explicar na base da formação missionária, era de máxima importância para a propagação do evangelho. Com elas, a igreja primitiva adotou a ordem natural da vida sem cair na idealização das igrejas nas casas” (J. Goetzmann, “*οἶκος*”, *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento (NDITNT)*, [São Paulo: Vida Nova, 1981], 1:365-368). Ver também W. E. Vine, M. F. Unger e W. White, *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words (VCEONTW)* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1996), 2:308-309; *Seventh-day Adventist Bible Dictionary (SDABD)*, 1979. Ver “Home”.

³⁰ Otto Michel, “*οἶκος*” *Theological Dictionary of the New Testament (TDNT)*, eds. Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985), 5:119-130.

família são os menores grupos naturais na estrutura da congregação. Há uma interessante observação em At 20:20: “jamais deixando de vos anunciar cousa alguma proveitosa e de vo-la ensinar publicamente e de casa em casa....” Como pregador público o apóstolo [Paulo] deu instruções nas casas nos encontros da comunidade.³¹

P. Weigandt também apresenta um estudo exegético da palavra οἶκος (e οἰκία) e reforça os conceitos de Michel. Demonstra que οἶκος é uma palavra de amplo uso no Novo Testamento e fora dele. O termo é bastante usado quando se trata de local de reunião da igreja apostólica. Ao escrever sobre “casa”, como um grupo na estrutura da comunidade cristã, assim declara:

A igreja do NT estruturou suas congregações em famílias e casas. A casa é tanto um local de comunhão como um local de reunião (cf. 1Co 1:16; Fm 2; At 11:14, 16:15, 31, 34; provavelmente At 18:8, 2Tm 1:16).... Paulo orienta reuniões nas casas de acordo com Atos 20:20.... Os seguintes significados primários foram correntes, todos eles, obtidos a partir do significado básico de casa: a) casa/prédio de qualquer tipo/habitação; b) agregado/família, aqueles que vivem na casa, e, portanto, c) possessões/pertences, o que é encontrado na casa, em parte, incluindo também a própria casa.... Na LXX, οἰκία e οἶκος traduzem principalmente *beit*. Como tal, οἶκος encontra-se cerca de 8 vezes mais frequentemente do que οἰκία. No NT, οἰκία encontra-se 94 vezes: 26 em Mateus, 18 em Marcos, 24 em Lucas, 5 em João, 12 em Atos, 2 em 1-2 Coríntios, 1 em Filipenses, 1 em 1 Timóteo, 2 em 2 Timóteo, e 1 em 2 João. Significa uma a) casa/morada, b) lar de família. Estas coincidem com o significado de οἶκος.... A partir destes dois significados básicos, todos os outros significados são derivados.³²

Apesar de Sanday e Headlam comentarem que “durante quase três séculos o cristianismo era um fenômeno em ‘pequeno grupo’”³³ e James D. G. Dunn mencionar que a Igreja “funcionava em base regular”, talvez semanalmente, ou mensalmente,³⁴ em nenhum dos textos selecionados e estudados (Rm 15:5; 1Co 16:19; Cl 4:5; Fm 2) e de acordo com estes mesmos autores e outros também consultados³⁵ a palavra οἶκος e suas derivadas referem-se a uma reunião de Pequenos Grupos/Células conforme entendidos e

³¹ Ibid. *Tradução do autor.*

³² P. Weigandt, “Oikos”, *Exegetical Dictionary of the New Testament (EDNT)*, ed. Horst Robert Balz and Gerhard Schneider (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990-c1993), 2:495. *Tradução do autor.* Para estudo completo ver idem, *EDNT*, 2:495, 500-503.

³³ Sanday, *CECER*, 420. *Tradução do autor.*

³⁴ James D. G. Dunn, *Romans 9-18*. Word Biblical Commentary (WBC) (Dallas, TX: Word Publishing, 1992), 893.

³⁵ Weigandt, *EDNT*, 2:495, 500-503; Sanday, *CECER*, 420; Dunn, *Romans 9-18*. WBC, 893; Peter O'brien, *Colossians 4:7-8*. Word Biblical Commentary (WBC) (Waco, TX: Word Books, 1982), 256-257; idem, *Philemon 1-3*. WBC, 273.

praticados pelas igrejas nas últimas décadas. Não há nenhuma ocorrência da palavra *οἶκος* ligada a um expresso lugar para uma reunião regular, que ocorra rigorosamente uma vez por semana, em dia não concorrente aos cultos congregacionais, com membros que pertençam a um grupo pequeno, com estrutura, características e estratégias semelhantes a dos Pequenos Grupos/Células que operam como sistemas em igrejas que se definem como “igrejas em Células”,³⁶ ou como “igrejas em Pequenos Grupos”.³⁷

Em consideração ao que foi tratado até o momento é possível concluir parcialmente que os textos analisados no Novo Testamento não demonstram que os Pequenos Grupos/Células são encontrados como um programa regular eclesiástico, outrossim, percebe-se que grupos pequenos encontrados no mesmo período funcionam como igrejas nas casas, em primitivo modelo eclesiástico, como pode ser observado a seguir.

Igrejas em Casa

Se Pequenos Grupos forem entendidos conforme a conceituação³⁸ apresentada por Johnson,³⁹ Cox,⁴⁰ Arnold,⁴¹ entre outros,⁴² que definem Pequenos Grupos mais como

³⁶ Para entender como funcionam as principais Igrejas em Células, ver Ministério Igreja em Células (<http://www.celulas.com.br>); Touch Ministry (<http://www.touchusa.org/>); Cell Church Network - Hong Kong (www.ccmnglobal.com/); Igreja do Evangelho Pleno (http://evangelho-pleno.com.br/bbs/board.php?bo_table=jf_yoido&wr_id=3); Igreja Evangélica Elim (<http://www.igrijaselim.org.br/>); <http://www.g12harvest.org> (G12 na Europa) (<http://www.visiong12.com/>) (A Visão do G12); MIR – Ministério Internacional da Restauração, Primeira Igreja Batista da Renovação em Manaus (<http://www.mir12.com.br/>); Igreja Videira (<http://www.videirario.com.br/>); etc.

³⁷ Para entender como funcionam algumas Igrejas em Pequenos Grupos, ver Igreja Adventista do Sétimo Dia (www.pequenosgrupos.com.br/); *Primeira Igreja Batista em Arraial do Cabo* (<http://www.pibac.org.br/site/index>); IGEVA - Igrejas Evangélicas (<http://www.igeva.com.br/pages/comunidades.php>); *Primeira Igreja Batista da Penha* (http://www.pibpenha.org.br/pequenos_grupos.php).

³⁸ É possível que as conceituações apresentadas por esses autores não representem definitivamente seus pensamentos sobre a definição de Pequenos Grupos, mas o que expressaram naquele momento, conforme a compreensão de suas experiências, sem, contudo, alcançarem o escopo de uma definição tecnicamente compatível como a que se pretende apresentar neste trabalho.

³⁹ Johnson, *Pequenos grupos*, 118.

uma reunião, como um encontro regular para fins religiosos, como uma ocorrência fatural, torna-se possível confundir os Pequenos Grupos contemporâneos com os grupos pequenos dos tempos bíblicos. Porém, se todos os critérios forem observados, e de acordo com a definição baseada no marco bíblico construída neste trabalho, fica entendido que os grupos pequenos dos tempos bíblicos são distintos dos praticados pelas igrejas que hoje operam em Pequenos Grupos como um sistema básico e fundamental para todas as suas atividades.

Os grupos pequenos dos tempos bíblicos podem ser mais bem caracterizados como “igrejas no lar”, ou “igrejas em casa”. Wolfgang Simson, em sua obra *Casas que transformam o mundo*, já anteriormente citada, atém-se especialmente a esclarecer as peculiaridades e funcionamento das igrejas nos lares no período neotestamentário. Simson deixa claro que a igreja desse período funcionava nas casas não como uma estratégia, não como um método escolhido, mas como única forma de existência. Declara que “os primeiros cristãos – ainda por muitos anos após a conclusão do cânon bíblico – reuniam-se em casas, geralmente no recinto maior de que um dos membros dispunha”.⁴³

Antes do período de governo de [Alexandre] Severo (222-235 A.D.) era expressamente proibido por decreto construir templos cristãos ou prédios eclesiásticos. Isso significava que as igrejas nos lares representavam a única forma de igreja viável e mais ou menos tolerável.⁴⁴

Icenogle reforça esse conceito de que os grupos pequenos do Novo Testamento tinham o epíteto de igreja, ao declarar que, “durante os tempos do Novo Testamento, o povo de Deus continuou a ter encontros em grupos pequenos chamados *ἐκκλησίαν*

⁴⁰ Cox, 22.

⁴¹ Arnold, *The Big Book*, 9.

⁴² Coleman (18), Snyder (*Vinho novo*, 170) e Basette (Comiskey, “Cell Basics”, 3) seguem a mesma conceituação.

⁴³ Simson, 63.

⁴⁴ *Ibid.*, 77.

(reuniões ou igrejas)".⁴⁵ Portanto, os grupos pequenos do período neotestamentário eram igrejas com poucas pessoas que se reuniam nas casas – igrejas em casa. Não eram Pequenos Grupos/Células conforme se entende no presente, embora contivessem em seu *modus operandi*⁴⁶ um princípio básico dos Pequenos Grupos/Células do presente – as reuniões nas casas.

Ernest Martin, que também classifica o crescimento das igrejas em casa de “fenômeno”,⁴⁷ apresenta alguns argumentos que reforçam sua importância. Alguns desses argumentos estão apresentados a seguir de forma resumida:

1. A Igreja adotou o sistema de igrejas em casa mesmo antes do momento em que sofreram perseguição.

2. Nem todos os crentes eram pobres. Alguns foram capazes de fornecer casas de tamanho adequado para as reuniões.

3. Em grandes cidades, tais como Corinto e Roma, havia mais de uma igreja em casa. Isto pode explicar em parte as divisões em Corinto. Grandes assembléias se reuniam compostas por grupos menores (Rm 16:23).

4. O padrão facilitou a natureza do grupo primário da Igreja em sua essência, provendo intimidade, a responsabilidade, a adoração e comunhão.

5. O padrão permitiu a flexibilidade que a mobilidade requer. Ajustando-se bem à ênfase na hospitalidade.

6. O fenômeno da igreja em casa explica a propagação da fé cristã e da vitalidade das igrejas no início nos primeiros séculos.⁴⁸

⁴⁵ Icenogle, *Biblical Foundations*, 14. Tradução do autor.

⁴⁶ “Modus operandi é uma expressão em latim que significa ‘modo de operação’”. Pesquisa realizada na internet, no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Modus_operandi, no dia 20 de maio de 2009. Assim empregada em Otmar Gonçalves, “Força Jovem no Pequeno Grupo”, *Revista do Ancião*, julho-setembro de 2009, 28.

⁴⁷ Ernest Martin, *Believers Church Bible Commentary: Colossians, Philemon* (Scottsdale, PA: Herald Press, 1993), 297.

Corroborando ainda com a posição de Simson, Martin apresenta:

Escavações arqueológicas de 1930-31, no local onde hoje é a Síria descobriram uma casa igreja do terceiro século. Este edifício em Dura-Europos mostra evidências de ter sido remodelado a partir de uma residência privada em um lugar para acomodar também encontros da igreja cristã. Quando igrejas começaram a erguer seus próprios edifícios (a partir do quarto século), igrejas em casa tornaram-se obsoletas, e a natureza da igreja mudou.⁴⁹

Fica assim conciliada a razão porque Lucas, ao escrever o livro de Atos, e Paulo, ao escrever suas cartas fazem referência às igrejas nas casas (οἶκος: At 2:46; 5:42; 16:40; 20:20; Rm 16:5; 1Co 16:19; Cl 4:15; Fm, 2). Não é porque ali se reúnem Pequenos Grupos estruturados e organizados, mas porque essa era a única maneira possível da igreja estar e sobreviver⁵⁰. William Barclay,⁵¹ John Mallison⁵² e F. F. Bruce confirmam que os grupos formados no período do Novo Testamento eram “igrejas em casa”,⁵³ não Pequenos Grupos ou Células.

Comentando sobre essa diferença entre “igrejas em casas” e “células” ou Pequenos Grupos, Neighbour declara:

Há uma significativa diferença entre os movimentos igreja em casa e o grupo em célula. As igrejas em casa tendem a reunir uma comunidade de 15-25 pessoas que se encontram em uma base semanal. Normalmente, cada igreja em casa permanece sozinha. Mesmo que ela esteja muito próxima de outras igrejas em casa, normalmente elas não reconhecem qualquer estrutura além delas mesmas.⁵⁴

⁴⁸ Ibid. *Tradução do autor.*

⁴⁹ Ibid. *Tradução do autor.*

⁵⁰ Daniel Rode, “Uma Teologia de Pequenos Grupos”, *Ministério*, julho-agosto de 2009, 19-20.

⁵¹ Ver William Barclay *The Letter to the Romans* (Philadelphia, PA: The Westminster Press, 1955), 228.

⁵² Ver John Mallison, *Growing Christians in Small Groups* (London: Scripture Union, 1989), 5.

⁵³ Ver Frederick F. Bruce, *The Epistles to the Ephesians and Colossians* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1957), 309-310.

⁵⁴ Neighbour, *Where do We Go*, 223.

Ao contrário do movimento das “igrejas em casas”, no qual cada grupo caseiro se mantém basicamente independente dos outros, as células se relacionam entre si de um modo especial.⁵⁵

No glossário de termos da obra *Manual do líder de células*, Neighbour deixa ainda mais evidente essa diferenciação:

Igreja em células: Uma forma não tradicional de ser igreja, na qual células compostas de cristãos, se reúnem de modo especial nos lares para adorar, edificar-se mutuamente, evangelizar incrédulos, criar vínculos entre cristãos, e cuidar e ministrar uns aos outros. Nessa igreja as células são “comunidades cristãs de base”, isto é, os componentes fundamentais da vida da igreja. Agrupamentos de células se intitulam “congregações”, e a reunião de todos é “celebração”.⁵⁶

Igrejas em casas: Em sua forma mais pura, um grupo autóctone de cristãos que se reúnem num lar, ou em lares, para exercer as suas atividades. Alguns usam o termo, *equivocadamente*, para se referir a uma célula. A diferença está em que a célula pertence a um contexto maior de cristãos que se reúnem em lares, mas que estão vinculados para criar um movimento dentro de determinada cidade ou região.⁵⁷

Comiskey também apresenta uma explícita diferenciação entre “Igreja nas casas versus Igreja em células”.

Igrejas nas casas: Uma comunidade de 20-40 pessoas que se reúne semanalmente. Cada igreja na casa é independente. Embora algumas dessas igrejas pertençam a redes, muitas não reconhecem nenhuma outra estrutura além delas mesmas.

Igrejas em células: Grupos pequenos estão intimamente ligados à vida da igreja local. Espera-se daqueles que participam das células que participem da celebração (normalmente no domingo). Dos que participam do culto espera-se que participem de uma célula.⁵⁸

Igreja em casa, portanto, é um conceito que se autodefine:⁵⁹ é um igreja que funciona em casa, não em prédios, edifícios ou catedrais; cujo limite de membros dependia de sua estrutura física. Algumas cabiam até “cerca de 120 pessoas” (At 1:15);

⁵⁵ Neighbour, *Manual do líder*, 17.

⁵⁶ Ibid., 254.

⁵⁷ Ibid., itálico acrescentado.

⁵⁸ Comiskey, *Reuniões atraentes*, 49.

⁵⁹ Para uma definição mais pormenorizada sobre conceitos e definições de igrejas em casa, ver Robert e Julia Banks, *The Church Comes Home* (Peabody, MS: Hendrickson Publishers, 1998), vii-viii, 6.

seus cultos eram marcados “por grande simplicidade”,⁶⁰ voltados para a comunhão, o partir do pão e as orações (At 2:46; 6:4; 1Co 11:20-27).

Tratando-se de uma realidade mais contemporânea, Comiskey reforça novamente a existência de uma significativa diferenciação entre “igrejas em casa” e “células”, ou Pequenos Grupos. Diz:

Há uma diferença nítida entre o modelo das igrejas em casa e os movimentos em células. Igrejas em casa tendem a reunir uma comunidade de 15 a 25 pessoas que se encontram semanalmente. Geralmente, cada igreja em uma casa é autônoma. Isolada das outras. Mesmo que elas tenham algum contato com outras igrejas nas casas próximas, elas normalmente não reconhecem nenhuma estrutura além delas mesmas.⁶¹

Fica assim demonstrado que igrejas em casa é um movimento separado e distinto de Pequenos Grupos/Células. A literatura patrística pré-nicena consultada, como evidência adicional, confirma a posição desta análise.⁶²

⁶⁰ Ladd, 320.

⁶¹ Comiskey, *Crescimento explosivo*, 17, 18.

⁶² Clement of Rome *The First Epistle of Clement to the Corinthians* (ANF, 1); Mathetes *The Epistle of Mathetes to the Diognetus* (ANF, 1); Polycarp *The Epistle of Polycarp to the Philippians* (ANF, 1); Ignatius *The Epistle of the Ephesians Shorter and Longer Version* (ANF, 1); Barnabas *The Epistle of Barnabas* (ANF, 1); Papias *Fragments of Papias* (ANF, 1); Justin Marthyr *The First Apology of Justin* (ANF, 1); Ireaneus *Against Heresies* (ANF, 1); Ireaneus *Fragments from the Lost Writings of Ireaneus* (ANF, 1); Hermas *The Pastor of Hermas* (ANF, 2); Tatian *Tatian's Adresse to the Greeks* (ANF, 2); Theophilus *Theophilus of Anthioch* (ANF, 2); Athenagoras *Writings of Athenagoras* (ANF, 2); Clement of Alexandria *Clement of Alexandria* (ANF, 2); Tertullian *Apologetic* (ANF, 3); Tertullian *Anti-Marcion* (ANF, 3); Tertullian *Ethical* (ANF, 3); Tertullian *Part Fourth* (ANF, 4); Minucius Felix *The Otavius of Minucius Felix* (ANF, 4); Commodianus *Instructions of Commodianus in Favor of Christianity Discipline Against the Gods of the Heathens* (ANF, 4); Origin *Works of Origin* (ANF, 4); Hippolytus *Hippolytus* (ANF, 5); Cyprian *Cyprian* (ANF, 5); Caius *Caius, Presbyter of Rome* (ANF, 5); Novatian *a Roman Presbyter* (ANF, 5); Gregory Thaumaturgus *Gregory Thaumaturgus* (ANF, 6); Dionysius *Dionysius, Bishop of Alexandria* (ANF, 6); Julius Africanus *Julius Africanus* (ANF, 6); Anatolius *Anatolius and Minor Writers* (ANF, 6); Archelaus *Archelaus* (ANF, 6); Alexander of Lycopolis *Alexander, Bishop of Lycopolis* (ANF, 6); Peter of Alexandria *Peter, Bishop of Alexandria* (ANF, 6); Alexander of Alexandria *Alexander, Bishop Alexandria* (ANF, 6); Methodius *Methodius* (ANF, 6); Arnobius *Arnobius* (ANF, 6); Lactantius *Lactantius* (ANF, 7); Venantius *Poem of Venantius Honorius Clementianus Fortunatus, on Easter* (ANF, 7); Asterius Urbanus *The Extant Writings of Asterius Urbanus* (ANF, 7); Victorinus *Victorinus* (ANF, 7); Dionysius *Dionysius, Bishop of Rome* (ANF, 7); *The Teaches of Twelve Apostles* (ANF, 7); *The Constitutions of the Holy Apostles* (ANF, 7); *The Second Epistle of Clemente* (ANF, 7); *Early Liturgies* (ANF, 7); *The Testaments of the Twelve Patriarchs* (ANF, 8); Theodotus *Excerpts of Theodotus; or, Selections from the Selects Scripture* (ANF, 8); *Two Epistles Concerning Virginity* (ANF, 8); *Pseud-Clementine Literature* (ANF, 8); *Apocrypha of the New Testament* (ANF, 8); *The Decretals* (ANF, 8); *Memoirs of Edessa and Others Ancient Syriac Documents* (ANF, 8); *Remains of the Second and Third Centuries* (ANF, 8); *The Gospel of Peter* (ANF, 9); Tatian *Diatessaron of Tatian* (ANF, 9); *The Apocalypse of Peter, Visio Pauli, Apocalypse of Maria Virgo, Apocalypse*

Percebe-se inclusive uma pugna entre os dois movimentos que, apesar de se respeitarem,⁶³ procuram deixar claro que são diferentes. Observe-se o que dizem esses respeitados líderes de cada movimento.

Neighbour, do movimento igreja em células, escreve que

há dezenas de centenas de igrejas em casa ao redor do mundo. Como não há uma maneira possível de estudá-las, também não há um padrão para descrevê-las. Na maioria das vezes elas crescem lentamente. Frequentemente elas crescem não mais do que seu número original por anos, não tendo uma agressiva atividade evangelística. Eles não se tornam um movimento de expansão de igreja. Talvez seja justo dizer que algo simples não possua a visão para agressivamente alcançar os não evangelizados, em sua própria comunidade ou fora dela.⁶⁴

Simson, do movimento igrejas em casa diz o seguinte:

Assim como freqüentemente uma coisa boa impede uma coisa melhor, assim os tradicionais grupos familiares, grupos de estudo da Bíblia, grupos de oração ou de jovens são em vários aspectos os mais absolutos mecanismos que inviabilizam o surgimento de igrejas nos lares. Ambas as estruturas parecem semelhante, contudo alicerçam-se sobre valores completamente diferentes e em última análise brotam de uma compreensão radicalmente diferente do que é a igreja. Enquanto o grupo familiar constitui uma pequena parcela, um apêndice da “verdadeira igreja grande”, a igreja no lar é uma “verdadeira igreja” no sentido pleno e integral da palavra.⁶⁵

Simson é bastante enfático ao declarar que, as igrejas em casa “seguem um modelo do Novo Testamento e não um modelo da história eclesiástica posterior”.⁶⁶ Também é bastante persuasivo ao apresentar os mesmos textos utilizados pelos autores do movimento celular como argumento a favor das igrejas em casa, como por exemplo: “Saudai igualmente a igreja que se reúne na casa deles. Saudai meu querido Epêneto, primícias da Ásia para Cristo” (Rm 16:5). “As igrejas da Ásia vos saúdam. No Senhor, muito vos saúdam Áquila e Priscila e, bem assim, a igreja que está na casa deles” (1Co

Sedrach (ANF, 9); *The Testament of Abraham, The Acts of Xanthippe and Polyxena, The Narrative of Zosimus* (ANF, 9); *Clement The Epistles of Clement* (ANF, 9); *Aristides The Apology of the Aristides the Philosopher* (ANF, 9); *The Passion of the Scillitan Martyrs* (ANF, 9); *Epistle to Gregory and Origin's Commentary of the Gospel of John* (ANF, 9); *Origin's Commentary of the Gospel of Mathew* (ANF, 9).

⁶³ Neighbour, *Where do We Go*, 223.

⁶⁴ *Ibid.* Tradução do autor.

⁶⁵ Simson, 108.

⁶⁶ *Ibid.*, 109.

16:19). “Saudai os irmãos de Laodicéia, e Ninfa, e à igreja que ela hospeda em sua casa” (Cl 4:15). “E à irmã Áfia, e a Arquipo, nosso companheiro de lutas, e à igreja que está em tua casa” (Fm 2).⁶⁷

Observe-se que os textos acima trazem a palavra “casa” como local onde a igreja se reunia, mas não traz a expressão “pequenos grupos/células”. Isso indica naturalmente que igrejas em casa estão mais bem contextualizadas que Pequenos Grupos ou Células. O modelo das igrejas em casa já está pronto e funcionando no texto bíblico, sem qualquer necessidade de arranjos ou analogias.⁶⁸

Simson não está sozinho nessa posição.⁶⁹ Steve Atkerson declara que “a igreja em casa é um projeto proposital de Deus. É o padrão de reunião do NT”.⁷⁰ O importante site não denominacional da House Church Central sustenta que “a Igreja em casa é a igreja bíblica”.⁷¹ Floyd Filson, em seu conceituado artigo “The Significance of the Early House Churches”, faz a seguinte declaração: “Foi a hospitalidade destes lares que tornou

⁶⁷ Robert Fitts, comentando sobre esses textos, declara o seguinte: “A partir das Escrituras, é evidente que a igreja primitiva reunia-se nas casas. Eles não tinham edifícios de igrejas. Tais edifícios não apareceram até o ano 232 A.D.. Naqueles primeiros dias não eram chamadas de “igrejas-casa”. Eles eram “a Igreja” que se reunia na casa de alguém. É notável que o mais explosivo período de crescimento da Igreja na história, até recentemente, teve lugar durante aqueles primeiros anos” (Robert Fitts, *The Church in the House – A Return to Simplicity* [Kaulua-Kona, HI, s.d.], 9, pesquisa realizada na internet, no site <http://robertfitts.com/63>, no dia 08 de dezembro de 2008). *Tradução do autor*. Além do site citado, Fitts mantém um ministério que alimenta o movimento igrejas em casa chamado “Outreach Fellowship International”. Ver também “In their house” [Rm 16:5], Nichol, 6:651; “Church ... in their house” [1Co 16:19], idem, 6:817; “Nymphas” [Cl 4:15], idem, 7:218; “Thy house” [Fm 2], idem, 7:378.

⁶⁸ Alguns autores do movimento celular e de grupos pequenos que apresentam a analogia das células: Neighbour, *Where do We Go*, 223; Lay, *Manual do auxiliar*, 27-31; Cox, 61; Silva, *Manual da visão*, 27; Comiskey, *Crescimento explosivo*, 19.

⁶⁹ Ver também Robert Banks, *Paul’s Idea of Community: The Early House Churches and Their Historical Setting* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1980); Robert e Julia Banks, *The Church Comes Home* (Peabody, MS: Hendrickson Publishers, 1998); Lois Barrett, *Building the House Church* (Scottsdale, PA.: Herald Press, 1986).

⁷⁰ Steve Atkerson, ed., *Towards a Theology of Housechurch, New Testament Restoration Foundation* (Atlanta, CA: s/d), “The Church That Meets In Your Home”, pesquisa realizada na internet, no site http://www.elseoad.com/topics/house_church/tahct/9.pdf, no dia 16 de dezembro de 2008. *Tradução do autor*.

⁷¹ “Why the House Church?”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.hccentral.com/index.html>, no dia 12 dezembro de 2008.

possível a adoração cristã, a refeição comum, e a coragem sustentada pelo companheirismo do grupo. O movimento cristão realmente enraizou-se nesses lares”.⁷²

Martin apóia e reforça essa posição:

Movimentos de renovação e revitalização do conceito igreja em casa têm geralmente acompanhado um ao outro. Um exemplo notável da história é o movimento anabatista do século 16. Eles tinham encontros de comunhão nas casas, não só porque era ilegal e perigoso encontros públicos, mas também porque eles reconheciam o valor deste padrão no NT. Pequenos grupos funcionando como igrejas em casa foram a força do movimento metodista. Hoje grupos intencionais face a face estão surgindo em muitos lugares do mundo como a mais viável forma de igreja.⁷³

Além de defender essa distinção, Martin mantém que os grupos pequenos anabatistas do século 16 e dos metodistas do século 18 eram igrejas em casa. Essa é uma declaração interessante, visto que os defensores de Pequenos Grupos/Células escrevem sua trajetória histórica a partir de Moisés, no Antigo Testamento (Êx 18), e da Igreja Apostólica, no Novo Testamento (At 2:46; 20:20; Rm 16:5; 1Co 16:19; Cl 4:15; Fm, 2; etc.),⁷⁴ e apresentam anabatistas, *Collegia Pietatis* (Philip Jacob Spener) e metodistas (John Wesley), entre outros, como exemplos bem sucedidos de Pequenos Grupos/Células.⁷⁵

Finalmente o próprio Beckham, um dos mais expressivos defensores do movimento igreja em célula, faz essa interessante declaração: “O modelo da igreja no Novo Testamento era ‘toda a igreja’ e a ‘igreja nas casas’. [...] O *modelo básico* da igreja

⁷² Floyd V. Filson, “The Significance of the Early House Churches”. *Journal of Biblical Literature* 58 (1939):109–112. Tradução do autor. Ver também Ernest Martin, *Believers Church Bible Commentary: Colossians, Philemon* (Scottsdale, PA: Herald Press, 1993), 297; Del Birkey, “The House Church: A Missiological Model”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.hccentral.com/birkey1/mismod1.html>, no dia 12 de dezembro 2008. Este artigo foi originalmente publicado em *Missiology: An International Review* 19, n° 1 (Janeiro de 1991), 69-80.

⁷³ Martin, *Believers Church*, 297. Tradução do autor.

⁷⁴ Cho, *Grupos familiares*, 20-28; Comiskey, *Crescimento explosivo*, 91; Johnson, *Pequenos grupos*, 16; Cerna, 20-24.

⁷⁵ Para se ter uma visão da superposição da história de Pequenos Grupos/Células sobre a história do movimento igrejas em casa, ver Fitts; Simson; Barrett; Filson; Banks, *The Church*; Banks, *Paul's Idea*; Frank Viola, *Rethinking the Wineskin – The Practice of the New Testament Church* (Brandon, FL: Present Testimony Ministry, 1997); http://www.elseroad.com/topics/house_church/; <http://www.hccentral.com/birkey1>; Neighbour, *Where do We Go*; Beckham, 137-144; Torres.

do Novo Testamento nunca muda”.⁷⁶ Mallison também se pronuncia dizendo: “É quase certo que toda menção de uma igreja ou encontro local, seja para adoração ou comunhão, é na realidade uma referência a um encontro de igreja numa casa”.⁷⁷ E Comiskey, um dos mais respeitados e citados especialistas do mesmo movimento, em sua dissertação doutoral “Cell-Based Ministry” concorda com Beckham ao apresentar as palavras de J. Goetzmann:

De fato, o que se pode entender pela idéia de família de Deus chegou a existir na primitiva comunidade cristã através das igrejas em casa. A família como uma comunidade... formava a comunidade menor e a base das congregações. As igrejas em casa mencionadas no NT (At. 11:14; 16:15, 31, 34; 18:8; 1Co 1:16; Fm 2; 1Tm 1:16; 4:19) sem dúvida chegaram a existir pelo uso dos lares como lugar de reunião. O Evangelho era pregado neles (At 5:42; 20:20), e neles se celebrava a Ceia do Senhor (At 2:46).⁷⁸

As citações acima são indícios consistentes a indicar que o movimento de Pequenos Grupos/Células segue a mesma trilha do movimento Igreja em Casa. Talvez certos textos bíblicos que costumam ser citados para demonstrar a origem divina dos Pequenos Grupos/Células devam-se à dificuldade de se estabelecer uma definição consistente e compatível para os mesmos. Possivelmente, a visão simplista e precária sobre o que são os Pequenos Grupos/Células precipita a utilização de textos bíblicos de maneira inadequada, comprometendo e dificultando desnecessariamente sua justificativa bíblica. O cenário apresentado sugere a necessidade de uma organização e, ao mesmo tempo, parece pronto a receber uma contribuição importante para os Pequenos Grupos/Células – sua fundamentação teológica.

⁷⁶ Beckham, 82.

⁷⁷ John Mallison, *Growing Christians in Small Groups* (London: Scripture Union, 1989), 5.

⁷⁸ J. Goetzmann, “House”, *The New International Dictionary of the New Testament*, ed. Colin Brown (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1975), 2:250. *Tradução do autor*. Ver também comentário em Comiskey, “Cell-Based Ministry”, 3; “A natureza íntima da igreja”, em Joel Comiskey, *O grupo pequeno cheio do Espírito* (Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 2008), 82-83.

Fundamentação Teológica

Nas duas últimas décadas, premidos pelo avanço do movimento, teólogos e estudiosos de grupos pequenos têm percebido a necessidade de respostas urgentes para sua fundamentação teológica e de argumentos consistentes que o norteiem. Uma análise de suas pressuposições, uma percepção de suas lacunas, uma sistematização de seus estudos, bem como uma fiel aplicação do texto bíblico são passos necessários para a criação deste fundamento.

Panorama Teológico

A constatação de que o texto bíblico não apresenta Pequenos Grupos/Células de forma específica, com método, estrutura ou estratégia, projeta não somente a dificuldade, mas também a necessidade de uma fundamentação teológica para o movimento. Icenogle concorda que “o Antigo Testamento não tem uma teologia específica a respeito da comunidade dos pequenos grupos”.⁷⁹ E Comiskey, quando trata no primeiro capítulo de sua tese doutoral, “Os Fundamentos Teológicos do Ministério Baseado em Células”, assim se expressa:

O ministério de grupos celulares está intimamente relacionado com a teologia da igreja. Para entender o ministério baseado em células, creio que é essencial compreender que é a igreja que o faz. Ao longo deste capítulo me focalizarei na doutrina da eclesiologia com referência específica a sua relação com o ministério baseado em células.⁸⁰

A tese de Comiskey, “Cell-Based Ministry”, é um dos mais importantes documentos sobre Pequenos Grupos/Células, mesmo assim, o autor declara preferir “focalizar a doutrina da eclesiologia” a focalizar a teologia dos Pequenos Grupos/Células. Icenogle fundamenta sua tese tratando paralelamente de “espiritualidade, psicologia, sociologia e antropologia”, numa abordagem integrativa de cinco áreas do conhecimento:

⁷⁹ Icenogle, *Biblical Foundations*, 21. Tradução do autor. Ver também Comiskey, “Cell-Based Ministry”, 22.

⁸⁰ Comiskey, “Cell-Based Ministry”, 6. Tradução do autor.

“teológica, filosófica, sociológica, psicológica e educacional”,⁸¹ cujo “foco [está na] comunidade cristã em forma de pequenos grupos”.⁸²

É bastante razoável considerar que o princípio fundamental para a existência dos Pequenos Grupos/Células está na Bíblia, porém, a possibilidade de encontrar-se uma clara e suficiente base teológica para fundamentar essa prática religiosa nas igrejas cristãs do presente ainda é um desafio.⁸³

Beckham declara acertadamente que “um movimento cristão não pode se sustentar a não ser que se defina teologicamente”.⁸⁴ Visto que os Pequenos Grupos/Células têm se firmado como um movimento cristão existente e crescente nas últimas “cinco décadas”,⁸⁵ sua base teológica, portanto, há ser encontrada. Porém, mais que se definir, o movimento precisa estar bíblica e teologicamente fundamentado.

Iconogle admite que,

sem dúvida, pouco material bíblico aborda especificamente o moderno conceito comportamental e a prática de pequenos grupos. Entretanto, a Bíblia está cheia de comentário, observação, reflexão e advertência sobre a necessidade de bons relacionamentos humanos onde Deus é uma presença integrante.⁸⁶

Beckham pergunta: “O grupo pequeno é um fenômeno cultural ou teológico?”⁸⁷ E ele mesmo responde:

Visionários como Ralf Neighbour e Carl George, além de outros, buscaram compreender os valores e a teologia de grupos pequenos e expressá-los em modelos e materiais de

⁸¹ Iconogle, *Biblical Theological*, 1-2. Tradução do autor.

⁸² *Ibid.*, 1. Tradução do autor.

⁸³ Conforme citado anteriormente, de trezentos artigos sobre “small groups” consultados, apenas um deles realmente tratava da questão teológica. Pesquisa realizada no site http://www.atla.com/products/FAQs/FAQs_atlas/FAQs_atlas_general.html, no dia 18 de junho de 2009. Dentre as 1000 teses sobre “small groups” consultadas, apenas cinco tratam de aspectos teológicos. Ainda foram consultadas 119 teses que tratavam de “Cell Groups Church” ou “Home Churches”; dessas, apenas uma (Dossman, “Home Cells”) trata vagamente da questão.

⁸⁴ Beckham, 16.

⁸⁵ *Ibid.*, 11. Ver também Jeffrey Arnold, *Starting Small Groups: Building Communities That Matter* (Nashville, TE: Abingdon Press, 1997).

⁸⁶ Iconogle, *Biblical Foundations*, 12. Tradução do autor.

⁸⁷ Beckham, 15.

implementação prática. Neighbour escreveu sobre a Igreja em Células e George explicou o movimento como metaigrejas.⁸⁸

Apesar da generosa indicação de Beckham, Carl George, em seu livro mais citado, através do qual lançou as bases da metaigreja,⁸⁹ não elucida a questão da fundamentação teológica em seu conceito de metaigreja. Trata-se mais precisamente de um modelo expansionista e evangelisticamente agressivo. Inegavelmente suas obras mais citadas⁹⁰ têm contribuído para o desenvolvimento do movimento de igreja em Células (Pequenos Grupos),⁹¹ porém, são de natureza técnica e pedagógica; não são obras teológicas, nem apresentam base bíblica importante para consolidação do movimento.

No percalço dessa justificativa teológica alguns autores têm se destacado. O primeiro teólogo a apresentar de forma elaborada um estudo teológico para Pequenos Grupos/Células foi Ralph Neighbour. Ele se apresenta como pioneiro do movimento de igrejas em célula, com início em 1969, “sem saber” que, aproximadamente, no mesmo período Paul Yonggi Cho iniciava o movimento de grupos familiares na Coréia.⁹² Neighbour apoia sua defesa teológica na comunidade, portanto, com ênfase possivelmente numa perspectiva mais social que bíblica ou religiosa. Para ele a

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ *Preparing Your Church for the Future*, de Carl George, é citado por Peter Wagner como “o mais significativo passo sobre teoria e prática de crescimento de igreja desde que Donald McGavran escreveu o livro base, *Understanding Church Growth*, em 1970” (Carl F. George, *Preparing Your Church for the Future* [Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 2001], 9). *Tradução do autor.*

⁹⁰ George, *Preparing Your Church*; idem, *The Coming Church Revolution* (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1994); Carl George, *Nine Keys to Effective Small Group Leadership* (Mansfield, PA: Publishing Lambs Creek Road, 1997).

⁹¹ A Willow Creek Community Church (WCCC), igreja mundialmente conhecida, do pastor Bill Hybels, segue a estratégia de “metaigreja” de Carl Georg, desde 1992. Ver Donahue e Robinson, 20, 21. Para saber mais a respeito da WCCC, acessar o seu site oficial <http://light.willowcreek.org/>.

⁹² Neighbour, *Where do We Go*, 103.

comunidade é a razão para as Células. “Porque comunidade pode ocorrer mais completamente só no pequeno grupo, um grupo de células”.⁹³

Em 1992, Jeffrey Arnold publicou a obra *The Big Book on Small Group*⁹⁴ completamente baseada na comunidade de grupos pequenos. Seu conceito de comunidade também tem ênfase sociológica. Em 1994, Gareth Weldon Icenogle publica, talvez, a obra mais teológica sobre Pequenos Grupos, *Biblical Foundations for Small Group Ministry*.⁹⁵ Um dos seus principais argumentos é que

A Escritura foi escrita de, para e por uma comunidade humana. A humanidade naturalmente gravita o agrupamento, e a Escritura naturalmente indica a necessidade de grupos humanos saudáveis, grandes e pequenos. O pequeno grupo é a versão simples e rudimentar da mais complexa comunidade chamada adiante por Deus.⁹⁶

Em 1996 foi a vez de William Beckham lançar sua obra *The Second Reformation*, publicada em português, no Brasil, no ano de 2007.⁹⁷ Beckham desenvolve importantes conceitos para uma teologia, mas não constrói uma base teológica dos grupos pequenos.

Em um de seus principais argumentos apresenta:

Durante as últimas décadas, a teologia dos grupos pequenos foi desenvolvida em torno da verdade fundamental da natureza de Deus. Deus, em sua própria natureza, é comunidade: Pai, Filho e Espírito Santo. Portanto, a Trindade é o principal conceito usado para explicar a teologia de comunidade e guiar a vida da igreja e de cada cristão.⁹⁸

E em 2001, Bill Donahue e Russ Robinson, pastores da igreja Willow Creek, lançaram o livro *Building a Church of Small Group*, publicado no Brasil, em língua portuguesa, em 2003.⁹⁹ Neste livro os autores declaram: “Os argumentos da teologia... provam sem sombra de dúvida que a natureza de Deus é comunitária. Nossa análise

⁹³ Ibid., 113.

⁹⁴ Arnold, *The Big Book*.

⁹⁵ Icenogle, *Biblical Foundations*.

⁹⁶ Ibid., 13. *Tradução do autor*.

⁹⁷ Beckham.

⁹⁸ Ibid., 16.

⁹⁹ Donahue e Robinson.

teológica mostrará porque a natureza comunitária de Deus requer que você responda estabelecendo a comunidade – para você e para sua igreja”.¹⁰⁰

Nas obras acima citadas, como visto, seus autores apontam para a “comunidade” como a base teológica para desenvolvimento dos grupos pequenos. “Devemos começar a reconhecer que a assinatura primária em uma igreja em célula é desenvolver ‘Comunidades Cristãs de Base’”.¹⁰¹

No contexto do estudo em Pequenos Grupos/Células alguns autores entendem comunidade com um sentido específico. M. Scott Peck, por exemplo, assim entende essa comunidade cristã:

Se estamos usando a palavra [comunidade] significativamente, devemos restringi-la a um grupo de indivíduos que tem aprendido como se comunicar honestamente um com o outro, cujo relacionamento se aprofundará além de suas máscaras de serenidade, e que tem desenvolvido algum compromisso significativo para se “alegrar junto”, “chorar junto”, e para “deleitar-se um com o outro, fazendo a condição do outro a sua própria”.¹⁰²

Julie Gorman, professora no Seminário Fuller, escrevendo sobre comunidade no contexto de grupos pequenos, trata um pouco mais de conceito religioso, mesmo assim, permanece no âmbito da sociologia. Assim escreve:

Comunidade verdadeira é mais do que estar juntos. Uma pessoa não adquire confiança em outras simplesmente porque está num grupo cujos membros estudam juntos, oram juntos, têm um mesmo líder. Confiança implica relacionamento. Relacionamento é mais do que a presença física, embora isso seja o início. Para ligar-se, ou relacionar-se, é preciso conhecer, para conhecer é preciso esforçar-se para estar disposto a confiar.¹⁰³

“Comunidade”, escreve Icenogle, “é a conexão interpessoal entre dois ou mais seres”.¹⁰⁴ “É a vida comum entre Deus e a humanidade, e os pequenos grupos são a mais

¹⁰⁰ Ibid., 32.

¹⁰¹ Neighbour, *Where do We Go*, 113. Tradução do autor.

¹⁰² M. Scott Peck, *The Different Drum* (New York: Simeon and Schuster, 1987), 59. Tradução do autor.

¹⁰³ Julie Gorman, *Community that is Christian* (Colorado Springs, CO: Chariot Victor, 1993), 98; ver também Donahue e Robinson, 84-89.

¹⁰⁴ Icenogle, *Biblical Foundations* 10. Tradução do autor.

visível e freqüente forma dessa comunidade”.¹⁰⁵ Com este argumento, Icenogle aproxima-se do centro de sua teologia ao admitir que os “pequenos grupos são o reflexo da própria natureza de Deus e da humanidade”.¹⁰⁶ Para ele “comunidade implica em que pessoas com diferenças juntem-se para viver uma vida comum”.¹⁰⁷ Compreende que “Deus também existe como diferentes pessoas com uma vida comum, íntima e interconectada”. E conclui: “Deus existe em comunidade”.¹⁰⁸

Finalmente, Beckham é quem tem a coragem de fazer a pergunta fatal. A pergunta cuja expectativa tem perturbado muitos pesquisadores e especialistas em Pequenos Grupos, bem como motivado os críticos do movimento – “Qual é a teologia dos Pequenos Grupos?”

“Qual é a teologia dos grupos pequenos?” Um movimento cristão não pode se sustentar a não ser que se defina teologicamente. Durante as últimas décadas, a teologia dos grupos pequenos foi desenvolvida em torno da verdade fundamental da natureza de Deus. Deus em sua própria natureza é comunidade: Pai, Filho e Espírito Santo. Portanto, a Trindade é o principal conceito usado para explicar a teologia de comunidade e guiar a vida da igreja e de cada cristão. A definição da teologia de comunidade levou o movimento a um novo nível. Agora, líderes não podem mais descartar grupos pequenos como um simples método passageiro. Se a comunidade do grupo pequeno é parte da teologia básica da natureza de Deus, então fazer parte da comunidade não é mais simplesmente uma opção prática. Líderes não podem mais continuar discutindo os méritos dos grupos pequenos, porque o valor dos grupos pequenos agora está estabelecido na própria natureza de Deus.¹⁰⁹

Donahue e Robinson afirmam que “somente quando entendemos a identidade e a natureza de Deus, podemos experimentar a unidade que ele deseja para os seus seguidores. Deus existiu desde sempre em comunidade e como comunidade”.¹¹⁰ Conceito este já declarado por Icenogle.¹¹¹

¹⁰⁵ Ibid., 11. *Tradução do autor.*

¹⁰⁶ Ibid., 10. *Tradução do autor.*

¹⁰⁷ Ibid. *Tradução do autor.*

¹⁰⁸ Ibid. *Tradução do autor.*

¹⁰⁹ Beckham, 16.

¹¹⁰ Donahue e Robinson, 47.

¹¹¹ Icenogle, *Biblical Foundations*, 10.

Donahue e Robinson anunciam: “Vamos iniciar revendo as evidências teológicas sobre comunidade”.¹¹² Em seguida apresentam seus argumentos teológicos em favor da comunidade apoiado em três idéias básicas:

Primeira, Deus existe em comunidade. Ele sempre existiu em comunidade e sempre existirá como três pessoas em uma. Segunda, Deus se encarnou em Jesus Cristo, cujos relacionamentos transformadores fornecem um modelo que você não pode ignorar. Terceira, Jesus sonha com a unidade para todos os cristãos”.¹¹³

Ampliando a primeira idéia básica destes argumentos teológicos, Donahue e Robinson explicam:

Lemos em Gênesis 1.26: “Então disse Deus: ‘Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança’”. Você percebeu as expressões marcantes de pluralidade? Essas treze palavras contêm três referências básicas da natureza única de Deus. Observe as palavras “façamos” e “nossa”, que proclamam a doutrina central da Trindade. Ao mesmo tempo, a singularidade de Deus é uma doutrina fundamental da igreja. Como lemos em Deuteronômio 6.4: “Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor”. Em outras palavras, Deus inicia as Escrituras e a história da criação com a idéia teológica de pluralidade dentro da unidade.¹¹⁴

Para complementar este argumento, Donahue e Robinson apóiam-se numa importante declaração de Icenogle na qual liga a natureza comunitária de Deus aos Pequenos Grupos:

O grupo pequeno é uma forma genérica de comunidade humana, que é transcultural, transgeracional e até transcendental. O chamado para os seres humanos se reunirem em grupos é um ministério criado por Deus (ontológico) e orientado por Deus (teológico), nascido da própria natureza e do propósito do Ser de Deus. Deus como Ser existente em comunidade. A demonstração natural e simples da imagem de comunidade que Deus tem para a humanidade é a reunião do grupo pequeno.¹¹⁵

Nos comentários da segunda e terceira “provas” dos seus argumentos teológicos, Donahue e Robinson aproximam-se fortemente de uma fundamentação teológica para os Pequenos Grupos/Células:

A segunda prova teológica a favor da comunidade flui da entrada real de Deus na história humana. Conhecemos o Deus encarnado em nossa própria vida, isto é, Deus tornando-se de carne e osso, o “Deus conosco”, o Emanuel, Jesus Cristo.

¹¹² Ibid., 31.

¹¹³ Ibid., 32.

¹¹⁴ Ibid.

¹¹⁵ Icenogle, *Biblical Foundations* 13; também citado em Donahue e Robinson, 33.

Todo o ministério público de Jesus serve de modelo para o que significa viver em comunidade. Seu padrão nos mostra por que a comunidade – mais particularmente, a comunidade vivida nos relacionamentos de grupos pequenos – é uma necessidade, não uma opção, para nós que representamos o nome de Jesus.¹¹⁶

Finalmente, chegam a terceira e mais ardente “prova do argumento teológico para a formação de grupos pequenos”,¹¹⁷ a “arma fumegante, a prova infalível de sua tese. Se alguma vez houve uma arma fumegante em favor de comunidade, ela se encontra em João 17”.¹¹⁸ “João 17... pode ser a prova definitiva do argumento teológico a favor de pequenos grupos”.¹¹⁹

Uma Teologia de Comunidade

Icenogle, Neighbour, Arnold, Beckham, Donahue,¹²⁰ entre outros, realmente constroem uma elaborada base bíblica em direção a uma teologia para os Pequenos Grupos, mas param na estação comunidade;¹²¹ portanto, não atingem o seu âmago, não penetram na vida, na *anima* (alma, em latim), no que acontece dentro dessa comunidade. Esquecem que a igreja já é “uma comunidade local e particular de crentes [...] convocada

¹¹⁶ Ibid., 38.

¹¹⁷ Ibid., 42.

¹¹⁸ Ibid., 43.

¹¹⁹ Ibid., 42.

¹²⁰ Icenogle, *Biblical Foundations* 9-36; Beckham, 11-38; Neighbour, *Where do We Go*, 113-131; Arnold, *The Big Book*, 71-160; Donahue e Robinson, 31-64.

¹²¹ Definição de comunidade: “É uma aglomeração de pessoas relacionadas entre si, que contam com recursos físicos, de pessoas, de conhecimento, de vontade”. Pesquisa realizada no site www.socialgest.pt/cgi-bin/registos/scripts/redirect.cgi, no dia 28 de abril de 2009; “Grupo social cujos membros ocupam uma área geopolítica determinada e compartilha interesses, valores e aspirações”. Pesquisa realizada no site ialexandria.sites.uol.com.br/textos/israel_textos/vocabulario_politico_moderno.htm, no dia 28 de abril de 2009; “Conjunto de pessoas que partilham, em determinado contexto geográfico, o mesmo hábitat e/ou religião, ou cultura”. Pesquisa realizada no site ead.cefetpa.br/mod/glossary/view.php, no dia 28 de abril de 2009; “Agrupamento que se caracteriza por forte coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos”. Pesquisa realizada no site sua7auladodia.wordpress.com/2009/02/09/definicao-e-conceitos-sociologia-0902/, no dia 28 de abril de 2009; “Qualidade do que é comum; congregação, comunhão; agremiação; sociedade; os cidadãos de um país; o Estado”. Pesquisa realizada no site pt.wiktionary.org/wiki/comunidade, no dia 28 de abril de 2009. Segundo essas definições comunidade e Pequenos Grupos têm definições e características distintas.

e congregada por Deus mesmo em Jesus Cristo”,¹²² “Deus [já] criou a sua comunidade, e Ele fez-nos uma parte dela”.¹²³ Claramente apresentam sua teologia baseados nos seguintes pontos: (1) coletivo – “comunidade pode ocorrer mais completamente só no pequeno grupo, um grupo de células”;¹²⁴ (2) relacional – a comunidade é formada através de “bons relacionamentos humanos onde Deus é uma presença integrante”;¹²⁵ (3) ênfase na pessoa humana – “a Escritura foi escrita de, para e por uma comunidade humana. A humanidade naturalmente gravita ao agrupamento, e a Escritura naturalmente indica a necessidade de grupos humanos saudáveis, grandes e pequenos”;¹²⁶ (4) trindade – “Trindade é o principal conceito usado para explicar a teologia de comunidade e guiar a vida da igreja e de cada cristão”¹²⁷ – “Deus existe em comunidade”.¹²⁸ Parece claro que a “idéia teológica de pluralidade dentro da unidade”¹²⁹ apresentada por esses autores não esgota o que acontece dentro dessa comunidade, ou seja, o que acontece dentro dos Pequenos Grupos/Células. A comunidade pode sugerir apenas a base sociológica dos Pequenos Grupos/Células, ao passo que sua base teológica é o que acontece dentro da comunidade.

Na tentativa que fazem de apresentar uma teologia dos Pequenos Grupos/Células esses estudiosos não constroem uma base teológica. Portanto, a tentativa de apresentar uma teologia fica esvaziada. Comiskey evade o tema e prefere apresentar um estudo

¹²² Roberto Pereyra, *Preparación del obrero voluntario* (Seminário Adventista Latinoamericano de Teologia, 1988), 8.

¹²³ Darin Kennedy, “A Theology of Small Groups”, *Restoration Quarterly* 38, n° 3 (1996), 178. *Tradução do autor.*

¹²⁴ Neighbour, *Where do We Go*, 113.

¹²⁵ Icenogle, *Biblical Foundations* 13. *Tradução do autor.*

¹²⁶ *Ibid.*, 13. *Tradução do autor.*

¹²⁷ Beckham, 16.

¹²⁸ Icenogle, *Biblical Foundations* 10. *Tradução do autor.*

¹²⁹ Donahue e Robinson, 32.

sobre eclesiologia.¹³⁰ Beckham precipita-se, ao invés de fazer a pergunta qual é a base teológica dos grupos pequenos? Pergunta “Qual é a teologia dos grupos pequenos?”¹³¹ Os demais preferem defender a teologia da comunidade como se essa fosse a teologia dos Pequenos Grupos/Células,¹³² tornando-a, portanto, fora de foco e bastante generalizada. Darin Kennedy critica duramente a teologia dos grupos pequenos baseada na comunidade. Para ele, “sempre que uma questão prática antecede a teológica, um perigo existe.”¹³³ E o perigo é praticar os pequenos grupos como imitação da história, sem base teológica. Segundo Kennedy, “o objetivo da teologia é interagir com a história e descobrir as perguntas certas, e uma discussão teológica de pequenos grupos tentará encontrar as perguntas certas para que os mesmos possam dar ou não uma resposta certa”.¹³⁴

Kennedy ainda acrescenta:

Atualmente, vários escritores estão começando a fazer perguntas teológicas sobre o conceito bíblico de comunidade, bem como o lugar de pequenos grupos dentro dela, que merecem ser reconhecidas e discutidas para o que eles realmente são – tratam-se apenas de questões iniciais de uma boa discussão teológica de pequenos grupos.¹³⁵

Assim, quando submetida a esta análise, pode-se perceber que a teologia dos Pequenos Grupos/Células declarada por estes autores, destina-se a identificar sua definição – o grupo pequeno como comunidade – não sua essência, não o que acontece dentro dessa comunidade, ou seja, a comunhão em Cristo.

Os Pequenos Grupos/Células não se definem apenas por sua natureza, mas também, ou principalmente, por compor um sistema orgânico linear e progressivo, cujo

¹³⁰ Comiskey, “Cell-Based Ministry”, 6.

¹³¹ Beckham, 16.

¹³² Icenogle, *Biblical Foundations* 9-36; Beckham, 11-38; Neighbour, *Where do We Go*, 113-131; Arnold, *The Big Book*, 71-160; Donahue e Robinson, 31-64.

¹³³ Kennedy, 175. *Tradução do autor.*

¹³⁴ *Ibid.*, 175-176. *Tradução do autor.*

¹³⁵ *Ibid.*, 176. *Tradução do autor.*

âmago e ápice é a comunhão com Deus, através de Sua Palavra e presença (Jo 17; 15; Mt 28:18; 18:20), ocorrendo, como resultado, transformação de vidas.

Algo Dentro da Comunidade

Gilbert Bilezikian, conceituado teólogo e um dos fundadores da Willow Creek, apresenta um interessante estudo na intenção de resgatar comunidade como conceito de igreja. Para ele, Deus é comunidade, “portanto, quando Ele cria à sua imagem, cria comunidade”.¹³⁶ Bilezikian defende a *community of oneness*¹³⁷ – característica da divindade compartilhada com as comunidades humanas. Segundo ele, há algo muito importante dentro dessa comunidade, que é também a sua maior característica – a comunhão. Diz: “É uma das leis da vida espiritual, tão inexorável como um axioma matemático, que a sobrevivência e bem-estar da autêntica comunidade dependem dos membros da comunidade estar em comunhão com Deus, desde que Ele é o criador da comunidade”.¹³⁸

Ao criar Deus a comunidade do Éden algo acontece dentro da mesma. Algo que não ocorreu, por exemplo, na criação dos animais. Os animais foram criados em bandos (Gn 1:20-21), a humanidade foi criada como indivíduos integrados a uma comunidade e à imagem e semelhança de Deus (Gn 1:26-27).¹³⁹ Ao criar a comunidade do Éden Deus também cria um relacionamento pessoal com Adão e Eva, abençoando-os e dando-lhes domínio sobre toda a terra (Gn 1:28). Além disso, Deus criou um espaço sagrado no

¹³⁶ Gilbert Bilezikian, *Community 101* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1997), 18. *Tradução do autor.*

¹³⁷ *community of oneness* – expressão cuja tradução (comunidade de unicidade) não reflete o real sentido do original.

¹³⁸ Bilezikian, 27. *Tradução do autor.*

¹³⁹ Para uma compreensão sobre “à imagem de Deus”, ver “Let us make man” [Gn 1:26], “So God created man” [Gn 1:27], Nichol, 1:215; Stephen R. Schrader, *Genesis*, KJV Bible Commentary (*KJVBC*), (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1997), 13; Eugene F. Roop, *Genesis*, Believers Church Bible Commentary (*BCBC*), (Scottsdale, PA: Herald Press, 1987), 29; Walvoord e Zuck, *TBKC*, 1:29.

tempo para íntima e exclusiva comunhão entre Ele e Seus amados filhos (Gn 2:2-3). Deus forma uma comunidade em grupo pequeno com o qual vive um relacionamento sem barreira, sem interrupção, sem pecado (Gn 2:25) – uma comunhão perfeita. O Criador convive diariamente com Suas criaturas terrenas em completa liberdade (Gn 2:18-24).

Ao apresentar a divindade na forma plural (Gn 1:26), o texto admite que outras Pessoas estavam no Éden participando do ato criativo de Deus. Conforme João, uma dessas Pessoas era Cristo (Jo 1:1-3).¹⁴⁰ Sendo Ele, já nessa ocasião, o Cordeiro de Deus que tiraria o pecado do mundo (Jo 1:29, 36), visto ser o Cordeiro morto desde a fundação do mundo (Ap 13:8). Ou seja, o plano da redenção já estava traçado sob a garantia do sangue do Cordeiro (Ap 17:8; 1Pe 1:19-20). As evidências indicam que a comunhão desde o Éden, mesmo antes da queda, era realizada em torno do Cordeiro.

Os Sacrifícios Aprofundam o Significado de Algo Dentro da Comunidade

No flagrante momento da queda (Gn 3:7) ocorre algo dramático, algo além de um mero ambiente comunitário. Adão e Eva estão descobertos, nus, perdidos. Então Deus faz casacos de pele para cobri-los, abrigá-los, protegê-los (Gn 3:21). Para essa medida algo estranho teve de ser feito – um animal inocente teve de morrer.

Deus fez casacos de peles – ensinou-lhes a fazer isto por eles mesmos. Isto implica a instituição de sacrifício de animais, que foi, sem dúvida, da divina nomeação, e instrução na única modalidade aceitável de culto para criaturas pecaminosas, por meio da fé em um Redentor (Hb 9:22).¹⁴¹

John Walvoord e Roy Zuck concordam com Jamieson e ampliam o sentido desse elemento condicionador dentro da comunhão chamado fé. A imagem de Deus foi “quase

¹⁴⁰ Ver Robert Jamieson, *A Commentary, Critical and Explanatory, on the Old and New Testaments (CCEONT)*, (Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997), Gn 3:15.

¹⁴¹ Jamieson, *CCEONT*, Gn 3:21. *Tradução do autor.*

obliterada”,¹⁴² a imediata restauração da comunhão dentro dessa comunidade (Gn 3:15, 21; 4:44) é o plano divino para restauração dessa imagem.¹⁴³ A comunhão não é somente um grupo de pessoas em relação íntima, mas numa relação de fé e graça provedora (Rm 4 e 5).

A fé demonstrada por Adão e a provisão de Deus são notadas nestes versos. Deus iria salvá-los e garantir que eles não viveriam para sempre neste estado. A fé que Adão tinha é vista ao dar à esposa o nome de Eva (lit., "vida"). Assim, Adão estava olhando para o futuro e não primariamente à morte. A fé nutrida por Eva é vista mais tarde (4:1), quando ela dá o nome de Caim a seu primogênito, porque ele era do Senhor. Todas as relações de Deus com os pecadores podem ser rastreadas até este ato de desobediência de Adão e Eva. Deus é, no entanto, um Deus salvador, e o fato de que Ele vestiu. . . Adão e Eva testificam isso. Um animal foi sacrificado para fornecer peças de pele e, mais tarde, todos os sacrifícios de animais em Israel seria parte da provisão de Deus em sua disposição para sanar a maldição, uma vida por uma vida. O pecador deve morrer! (Ez 18:20; Rm 6:23). Contudo poderá viver, se ele colocar sua fé no Senhor, que tem-lhe provido um substituto. A pele com que Deus vestiu Adão e Eva perpetuamente lembra-lhes a provisão de Deus. Da mesma forma, na plenitude dos tempos Deus aceitou o sacrifício de Cristo, e com base nessa expiação Ele vestiu os crentes em justiça.¹⁴⁴

Há uma razoável possibilidade de que o animal sacrificado no Éden (Gn 3:21) tenha sido um cordeiro, símbolo de Cristo (Jo 1:29). Se Jamieson estiver certo, e no Éden tenham se iniciado os serviços sacrificais,¹⁴⁵ então, torna-se evidente que o animal sacrificado era, de fato, um cordeiro. “Os hebreus em geral preferiram o cordeiro para o sacrifício e com uma registrada exceção (2Cr 35:7) parece nunca haver usado outra coisa para o ritual da páscoa”.¹⁴⁶

A partir daí o plano da redenção já está delineado e virtualmente operante, visto que Adão e Eva pecam, mas ainda permanecem vivos (Gn 3:16-17), e o sangue do Cordeiro morto desde a fundação do mundo (Ap 13:8; cf. Hb 9:26; Ap 17:8) penhora sua

¹⁴² Ellen White, *Testemunhos seletos*, 3 vols. (Tatuí, São Paulo: Casa publicadora Brasileira, 1970), 2:340.

¹⁴³ Ver Bilezikian, 16-19.

¹⁴⁴ John F. Walvoord e Roy B. Zuck, Dallas Theological Seminary: *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures (TBKC)*, 2 vols. (Wheaton, IL: Victor Books, 1983-c1985), 1:33. *Tradução do autor.*

¹⁴⁵ Jamieson, *CCEONT*, Gn 3:21.

¹⁴⁶ Nichol, “A Lamb” [Ex 12:3], 1:550. *Tradução do autor.*

virtude ao casal pecador para garantir-lhe a vida (Gn 3:15).¹⁴⁷ “A pele era uma constante lembrança da sua inocência perdida, da morte como o salário do pecado e do prometido Cordeiro de Deus, que por Sua morte vicária tomaria os pecados do mundo”.¹⁴⁸

A narrativa bíblica desde o período patriarcal e através de toda a história da nação de Israel e seu estabelecido serviço sacrificial como base de sua religião apoiam a declaração de Jamieson¹⁴⁹ e, ao mesmo tempo, apontam para o cordeiro como tendo sido o animal sacrificado no paraíso.¹⁵⁰ Veja-se: (1) após o dilúvio Noé reúne sua família e oferece sacrifício de animais (Gn 8:20), e Deus fica comovido com o gesto de fé de Seu protegido (Gn 8:21-22); (2) Abraão confirmou sua aliança com o Senhor oferecendo-lhe sacrifícios (Gn 12:7-8; 22:9-13); (3) Isaque e Jacó seguiram o exemplo de Abraão (Gn 26:25; 33:20; 35:1,3, 7; 31:54: 46:1). No estabelecimento da nação de Israel, (4) o próprio Deus orienta Moisés a construir um altar para holocausto (Êx 27:1-8) e (5) organiza a religião israelita com base em um sistema sacrificial (Êx 28 e 29; Lv 8:1-36).

O sistema sacrificial se amplia progressivamente e paralelamente através das profecias de reunião em torno do Messias. O Senhor firmou uma aliança com a casa de Davi garantindo que seu reino seria “estabelecido para sempre” (2Sm 7:16; 1Cr 17:1-15). Ora, como atestou Pedro, Davi “morreu e foi sepultado” (At 2:29), portanto, o seu trono não permaneceu. Logo, Davi torna-se uma figura simbólica e messiânica. Moisés

¹⁴⁷ Apocalipse 12 identifica a declaração simbólica de Deus em Gênesis 3:15: a serpente é o dragão (satanás), a mulher é a igreja e o seu descendente (semente ou Filho) é Jesus, o Cordeiro de Deus. Para uma melhor compreensão de Gênesis 3:15, ver também Jamieson, *CCEONT*, Gn 3:15; Henry, *CBMH*, 14; Walter Russel Bowie, “Exposition of the Book of Gênesis”, *Interpreter’s Bible (IB)*, (New York: Abingdon, 1952), 1:508-509.

¹⁴⁸ Nichol, “Coats of skins” [Gn 3:21], 1:235. *Tradução do autor*.

¹⁴⁹ Jamieson, *CCEONT*, Gn 3:21.

¹⁵⁰ “O serviço sacrificial, embora não especificamente mencionado aqui, foi instruído neste tempo (PP, 68; DA 28). A história do sacrifício de Caim e Abel apresentada no próximo capítulo [Gênesis 4] mostra que os primeiros filhos de Adão e Eva estavam bem familiarizados com o ritual. Se Deus não tivesse emitido definida regulamentação em relação aos sacrifícios, Sua aprovação a oferta de Abel e Sua desaprovação a Caim teria sido arbitrária.... A universalidade de sacrifícios de animais nos tempos antigos apontam para uma origem comum dessa prática” (Nichol, “Coats of skins” [Gn 3:21], 1:235-236). *Tradução do autor*.

declarou que Deus levantaria “outro profeta” (Dt 18:15) e Isaías aponta para o cumprimento dessa profecia quando diz que a “virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel” (Is 7:14). Esse “filho” é identificado como “Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi” (Is 9:6-7). Isaías relaciona Emanuel a Davi e segue garantindo que o trono de Davi será “para sempre” (Is 16:5; 22:22; 55:3).

Jeremias introduz a missão pastoral do Messias chamando-Lhe “Renovo” de Davi e “Senhor Justiça Nossa” (Jr 23:1-6). Mas é em Ezequiel que, com acentos dramáticos, o Pastor messiânico empurra os pastores mercenários e entra em cena para livrar e reunir o Seu rebanho. “Eis que estou contra os pastores e deles demandarei as minhas ovelhas... livrarei as minhas ovelhas. Porque assim diz o Senhor: eis que eu mesmo procurarei as minhas ovelhas e as buscarei” (Ez 34:10-11).

Ezequiel segue apresentando as palavras de ordem que expressam o ministério messiânico: “buscarei as minhas ovelhas”, “livrá-las-ei”, “e as congregarei... e as introduzirei na sua terra”. “Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas e as farei repousar”. “Suscitarei para elas um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor. Eu, o Senhor, lhes serei por Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas” (Ez 34:11-13, 15, 23-24).

Deus assume o papel de Salvador das ovelhas prometendo-lhes um novo coração: “Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo... Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. Habitareis na terra que eu dei a vossos pais; vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus” (Ez 36:26-28). Depois o Senhor celebra a vitória de Seu povo unindo-Se a ele. Compromete-Se a invadir as nações, resgatar Seus filhos e fazer deles uma só nação, e novamente promete: “O meu servo Davi reinará sobre eles; todos eles terão um só pastor”. “Farei com eles aliança de paz; será aliança perpétua”. “Estabelecê-los-ei, e os

multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles, para sempre. O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Ez 37:21-22, 24, 26-27).

Os Evangelhos Revelam Algo Dentro da Comunidade

Os Evangelhos abrem-se com a notícia de que Jesus é o Filho de Davi (Mt 1:1). Lucas introduz magistralmente o ministério de Cristo com todos os contornos davídicos e messiânicos interpretando as profecias messiânicas de Isaías e, conseqüentemente, de Jeremias e Ezequiel quando diz: “Então lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro achou o lugar onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4:17-19). Uma série de textos confirma Jesus como Filho de Davi e O comprova como o Messias em torno do qual o povo de Deus será reunido.¹⁵¹ E, finalmente, o próprio Jesus revela-Se como o Messias – “Eu o sou’ (Ἐγώ εἰμι). É o momento supremo de [Sua] auto-revelação Messiânica (Jo 4:25-26)”.¹⁵² Para que não houvesse dúvidas, quando os soldados vêm prender Jesus Ele novamente identifica-Se com a mesma expressão – Ἐγώ εἰμι (Jo 18:6).¹⁵³ Em seguida o Cordeiro é levado para o sacrifício (Jo 18:12-19:37).

Esse sistema sacrificial (Êx 28 e 29; Lv 8:1-36) – modelo utilizado pelos patriarcas e pela religião israelita – perdura como simbólico até o evento da crucifixão de Cristo (Mt

¹⁵¹ Mateus 1:20; 9:27; 12:23; 15:22; 20:30, 31; 21:9,15; 22:42-43, 45; Marcos 2:25; 10:47-48; 11:10; 12:35-37; Lucas 1:27, 32, 69; 2:4, 11, 21-32, 36-38; 18:38-39; 20:41-44; João 7:42).

¹⁵² William Hendriksen, *New Testament Commentary: Exposition of the Gospel According to John (NTC)*, vol. 1 (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2001), 168-169. *Tradução do autor.*

¹⁵³ “Eu, o que fala com você, sou ele, literalmente, ‘eu sou, o que está falando com você.’ Assim, ele responde a cada um que questiona Jesus proclamar sua próprio Messianidade. A declaração, ‘Eu sou’, Adonai ecoa da auto-revelação, ‘Eu sou quem eu sou’ (Êxodo 3:14). Jesus diz ‘eu sou’ nove vezes no Evangelho de João (4:26, 6:20, 8:24, 28, 58; 13:9; 18:5, 6, 8), o que implica uma reivindicação ainda maior do que ser o Messias” (David H. Stern, *Jewish New Testament Commentary: A Companion Volume to the Jewish New Testament [JNTV]*, [Clarksville, MD: Jewish New Testament Publications, 1992], Jo 4:26). *Tradução do autor.*

27:51; Mc 15:38; Lc 23:45; Hb 9:3; 10:20), quando o sacrifício de animais em geral, e o sacrifício de cordeiro em particular, é substituído pelo sacrifício de Cristo, o Cordeiro de Deus (Hb 9:11-15; Jo 1:29, 36). “Em Cristo, todo o ritual do Antigo Testamento encontra seu cumprimento e consumação”.¹⁵⁴ Portanto, o sistema sacrificial do período patriarcal, em torno do cordeiro, cuja origem está na promessa de Gênesis 3:15, constitui-se base e fundamento da comunidade dos crentes na comunhão espiritual com Deus e entre si através dos tempos, em Cristo.

Matthew Henry declara que foi feita uma

promessa bondosa sobre Cristo, como o libertador do homem caído do poder de Satanás. Esta era a aurora do dia do evangelho: tão logo foi feita a ferida também foi feita a revelação e a provisão do remédio. Esta bondosa revelação de um Salvador chegou sem que se pedisse ou se buscasse. Sem uma revelação de misericórdia, que dá esperanças de perdão, o pecador convicto afundaria em desespero e se endureceria. Pela fé nessa promessa foram justificados e salvos nossos primeiros pais, e os patriarcas anteriores ao dilúvio.¹⁵⁵

Outro comentarista, por sua vez, não somente concorda com Jamieson e Henry, como também identifica claramente o cordeiro com Cristo e Seu ministério expiatório.

A divina justiça requeria que o pecado encontrasse sua penalidade, mas a divina misericórdia já tinha encontrado um meio para redimir a raça humana caída – pelo sacrifício voluntário do Filho de Deus (1Pe 1:20; Ef 3:11; 2Tm 1:9; Ap 13:8). Deus instituiu o ritual do sacrifício pelo qual pudesse provê ao homem uma ajuda visual, a fim de que ele pudesse ser levado a entender algo do preço que deve ser pago para fazer expiação pelo seu pecado. O inocente cordeiro teve de dar seu sangue... e sua pele para cobrir a nudez do pecador, a fim de que o homem pudesse assim simbolicamente lembrar do Filho de Deus, que teria de doar Sua vida para expiar a transgressão do homem cuja justiça somente seria suficiente para cobri-lo.¹⁵⁶

O Sacrifício de Cristo Aponta Algo Dentro da Comunidade

Daí em diante, Cristo assume a condição de Sumo Sacerdote, oficiando não mais em altar de pedra ou madeira, mas no altar do santuário celestial (Hb 4:14-16; 9:23-28). Com este sacrifício, empenhado desde o Éden, e o sacerdócio de Cristo no santuário

¹⁵⁴ Daniel Oscar Plenc, *El culto que agrada a Dios* (Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana, 2007), 28. *Tradução do autor.*

¹⁵⁵ Henry, *CBMH*, 14. *Tradução do autor.* Ver também Matthew Henry, *Pentateuco: comentario exegético-devocional a toda a Bíblia (PCED)*, (Barcelona: CLIE, 1983), 32-34.

¹⁵⁶ Nichol, “It shall bruise thy head” [Gn 3:15], 1:233. *Tradução do autor.*

celestial a comunhão entre criatura e Criador é restabelecida (Hb 10:19-25) e o caminho da santificação é restaurado mediante a oferta do Cordeiro, o “corpo de Cristo” (Hb 10:10). É o Cordeiro de Deus quem restabelece a comunhão plena entre os que buscam ao Senhor (1Co 1:9; 10:16). É essa comunhão proporcionada pelo corpo de Cristo (Hb 10:10), que acontece ao longo da história em grupos pequenos de adoradores,¹⁵⁷ que demonstra o que de fato acontece dentro da comunidade (1Jo 1:3, 6).

Ao explorar o relato bíblico e encontrar altares no período patriarcal (Gn 8:20; 12:7-8; 22:9-13; 26:25; 33:20; 35:1,3, 7; 31:54; 46:1), um tabernáculo mosaico no deserto (Êx 27:1-8), o templo de Salomão na terra prometida (1Rs 8:62-66; 2Cr 7:4-10), o período do segundo templo em Jerusalém (Ag 2:1-9; Lc 2:22-24), o clímax da cruz e do santuário celestial (Mt 27:33-56; Hb 9:24; Ap 11:1-9), como um só evento, percebe-se nesses altares uma profecia compacta do evangelho com profundo significado “soteriológico-existencial”.

Alberto Ronald Timm, corretamente afirma:

Cada sacrifício oferecido ensinava tipologicamente a grande realidade *soteriológico-existencial* (1) de que “o salário do pecado é a morte” (Rm 6:23); (2) de que “sem derramamento de sangue, não há remissão” de pecados (Hb 9:22); (3) de que Deus proveria um substituto para morrer em lugar dos pecadores (Gn 22:11-14); (4) de que esse substituto seria o Messias, “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29); e (5) de que a salvação gratuitamente oferecida pelo Messias só se tornaria pessoalmente eficaz para os pecadores por meio da fé, sem quaisquer méritos humanos (Gn 15:6; Ef 2:8-10).¹⁵⁸

Este é o conteúdo e o motivo teológicos a serem encontrados dentro dos Pequenos Grupos. Através da encarnação e sacrifício Jesus tornou possível a íntima comunhão com a humanidade (Lc 1:31; 2:11). Foi através da oferta de sua carne (pão) e do Seu sangue (vinho) que Ele resgatou a humanidade comprometendo-se até as mais vis conseqüências. “O Verbo Se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1:14), tornou-Se “um”

¹⁵⁷ Ver Gênesis 8:20; 12:7-8; 22:9-13; Mateus 26:26-29; Marcos 14:22-26; Lucas 22:14-20; Atos 2:42, 46; 20:7, 11; I Coríntios 10:16-17; 11:23-26.

¹⁵⁸ Alberto R. Timm, *Doutrina do Santuário* (Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho, Curso de Teologia, 2007), 5.

entre os humanos (Jo 17:21). E enfim, no último e dramático esforço pela salvação da humanidade, Ele convida cada ser humano para um ato privado de comunhão, solicitando entrada no coração do homem caído para cear com o mesmo (Ap 2:20). E ainda, no epílogo da história, Ele encerra Sua missão convidando todos aqueles que fizeram parte da comunhão, para a grande celebração das “bodas do Cordeiro” (Ap 19:9), a “ceia do grande Deus” (Ap 19:17). A história humana tem no comer o primeiro ato de desobediência (Gn 3:6) e o primeiro ato da eternidade (Ap 19:9).

É, porém, na plenitude dos tempos, no meio da história, no centro do calvário que o Cordeiro de Deus é oferecido em favor de toda a humanidade. “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16). Levantado numa cruz Jesus atrai a Si toda a humanidade e Se oferece como o “pão” espiritual (Jo 6:35) e o “desejado de todas as nações” (Ag 2:7). O chamado é para todos. Mas para entrar em comunhão pessoal com Deus em torno da oferta do Cordeiro é necessário sair da multidão e entrar na comunidade da comunhão, que se faz em grupos pequenos.

Como esclarece Henri Nouwen,

Amizade, casamento, família, vida religiosa e qualquer outra forma de comunidade é isolamento saudando isolamento.... Comunhão tem pouco a ver com compatibilidade mútua. Semelhanças na formação educacional, constituição psicológica ou condição social podem nos juntar, mas nunca poderão ser base para a comunhão [...] O mistério da comunhão é precisamente que ela envolve *todas* as pessoas, sejam quais forem suas diferenças individuais, e permitem que vivam juntas como irmãos e irmãs de Cristo e filhas de seu Pai celestial.¹⁵⁹

Nouwen ainda declara que a comunhão “é a prática de ouvir em conjunto”.¹⁶⁰

Parece acertado quando se pensa que Maria esteve aos pés de Jesus assim como os discípulos (Lc 10:39) e o Mestre aprovou esse gesto como sendo o mais importante (Lc 10:41-42). A Bíblia, entretanto, não define comunhão. Profetas e apóstolos falam muito de

¹⁵⁹ Henry Nouwen, *Tudo se fez novo* (Brasília, DF: Editora Palavra, 2007), 80-81.

¹⁶⁰ *Ibid.*, 81.

comunhão, mas não a definem.¹⁶¹ Entretanto, quando tratam de comunhão entre pessoas apontam para um relacionamento em Cristo (Ef 5:23-6:9); quando tratam da comunhão com Deus indicam que ela ocorre através de cultos, reuniões, louvores e oração (Gn 49:10; At 1:13-14; 4:23-31; Hb 10:25). Quando se fala que Jesus tinha comunhão com Deus, entende-se que Ele tinha tempo, lugar e intimidade com o Pai através da oração e da Palavra (Mc 1:35; Lc 6:12; Mt 4:4; Jo 5:39). A comunhão é resultado de um chamado para se reunir em torno do Cordeiro. Essa compreensão evoca a expressão paulina “em Cristo”, importante referencial de sua teologia. De acordo com Paulo a igreja se reúne em torno de Cristo e “em Cristo” cumpre toda a sua missão.¹⁶²

O Chamado para a Comunhão

Do brado do Calvário Jesus convoca a Sua igreja – Sua *ecclesia* (Jo 19:30). É um novo êxodo.¹⁶³ A partir do Calvário, quando o Cordeiro de Deus é oferecido (Jo 3:14-15), um novo chamado para fora do mundo ecoa no corredor do tempo (comunhão centrífuga – o evangelho indo para todos os lugares do mundo – Mc 16:15). Ao mesmo tempo Jesus quer cear com Sua igreja (comunhão centrípeta — o mundo todo vindo a Jesus – Jo 12:32; Ap 3:20); quer comer com Sua igreja, sendo Ele mesmo o pão e o vinho – a Sua

¹⁶¹ Nos textos a seguir aparece a palavra comunhão em língua portuguesa: Atos 2:42; 1 Coríntios 1:9; 10:16; 2 Coríntios 6:13-14; 13:13; Gálatas 2:9; Filipenses 2:1; 3:10; Filemom 6; 1 João 1:3, 6-7. *Bíblia Sagrada, Almeida Revista e Atualizada - com números de Strong* (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005).

¹⁶² A expressão “em Cristo” aparece pelo menos 79 vezes no Novo Testamento, sendo que desse total, 75 vezes a expressão é utilizada por Paulo, dando-lhe quase que exclusividade. São elas: Romanos 3:24; 6:11; 8:1-2; 8:39; 12:15; 14:15; 16:3, 5, 7, 9, 10; 1 Coríntios 1:2; 3:1; 4:10, 15, 17; 15:18, 19, 22; 16:24; 2 Coríntios 1:21; 2:14; 5:17, 19; 11:3; 12:2, 19; Gálatas 1:22; 2:4, 16-17; 3:17, 26-28; 6:15; Efésios 1:1, 3, 10, 12, 20; 2:7, 10, 12-13; 3:6, 11; 4:32; Filipenses 1:1, 13, 26; 2:1, 5; 3:9, 14; 4:7, 13, 21; Colossenses 1:2, 4; 2:5; 1 Tessalonicenses 4:16; 5:18; 1 Timóteo 2:7; 3:13; 2 Timóteo 1:1, 9, 13; 2:1, 10; 3:12, 15; Filemom 1:8. A expressão “em Jesus” aparece cerca de 28 vezes; dessas, 19 estão nos escritos de Paulo, e dois textos em Atos referem-se a Paulo. A expressão “em Jesus Cristo” aparece 15 vezes exclusivamente nos escritos paulinos.

¹⁶³ “Êxodo (“saída, partida)” (Gleason Leonard Archer, *A Survey of Old Testament Introduction* [Chicago: Moody Press, 1998], 235); “Exodo, que significa literalmente ‘um caminho para fora’” (James A. Borland, *Exodus, KJVBC*, 13). *Tradução do autor.*

pessoa em comunhão. É uma repetição da “astúcia de enunciação”¹⁶⁴ utilizada *a priori* na ceia pascal do Egito. É o encontro do tipo com o antítipo.

Comer¹⁶⁵ é uma palavra composta de origem latina que quer dizer “assentados juntos para comer”. Sua etimologia remonta à composição romana *cum* (preposição latina + *ed* (raiz da palavra Éden)¹⁶⁶ + *ere* (2ª conjugação do verbo latino), resultando em *comedere*.¹⁶⁷ Sua etimologia está associada diretamente à expressão descrita no livro de Êxodo 12:4, onde corresponde à expressão latina *cum iunctos*,¹⁶⁸ que dá a ideia de

¹⁶⁴ “Um recurso retórico de persuasão, em que o sentido agencia-se através da astúcia da enunciação”. Sandra Maria Pereira do Sacramento, “O perfil feminino na obra de José Lins do Rego”: discernimento e opressão, pesquisa realizada no site http://www.geocities.com/ail_br/operiffemininonaobrajosejolsins.htm, no dia 30 de março de 2009; ver também José Luiz Fiorim, *As astúcias de enunciação* (São Paulo: Ática, 1996).

¹⁶⁵ “אָכַל – (‘akal) comer, consumir, devorar, queimar, alimentar. [...] O sentido básico dessa raiz é ‘consumir’. O objeto consumido depende do sujeito. Na maior parte das vezes o sujeito é um homem ou algum animal, e, por conseguinte, o objeto consumido é algum tipo de comida. Se o sujeito é o fogo ou outro consumidor não animal, então o objeto pode ser madeira ou outro tipo de material consumível. De modo figurado, secas, fomes e pestes aparecem como algo que consome, no sentido de que acabam com tudo. A partir disso, deriva-se o uso de opressores que consomem suas vítimas.

“O sentido básico de ‘consumir’ é usado pelo menos de seis maneiras diferentes. [...] ‘Oklâ. Comida, combustível, carne, comer, quase sempre descrevendo o ato de alimentar-se. Este termo é mais geral, referindo-se a qualquer coisa que o Senhor determinou para servir de alimento. [...]

“Um segundo contexto em que esta raiz é utilizada é o de adoração ou devoção. Certos alimentos ou são consumidos (2 Cr 30:18; Êx 23:15), ou recusados (Dn 1:12; 10:3) em devoção ao Senhor. Da mesma forma, os pecadores comem diante de deuses pagãos (Sl 106:28; Ez 18:11). O descrente é proibido de comer em adoração ao verdadeiro Deus (Êx 12:48)” (R. Laird Harris, Gleason L. Archer, Jr. E Bruce K. Waltke, לֶחֶם, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* [São Paulo: Vida Nova, 1998], 65-66). Ver também Matthew Henry, *Êxodo*, Comentário de la Biblia Matthew Henry en Un Tomo (Miami, FL: Editorial Unilit, 2003), 84; “If the household” [Êx 12:4], Nichol, 1:550.

¹⁶⁶ Ver Evaldo Hekler, Sebald Back e Egon Massing, “Éden”, *Dicionário morfológico da língua portuguesa (DMLP)*, (São Leopoldo, RS: Unisinos, 1985), 1542-1543.

¹⁶⁷ Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982), 198; ver também Mário Eduardo Viaro, “A Importância do Latim na Atualidade”, *Revista de ciências humanas e sociais* 1, n° 1 (São Paulo: Unisa, 1999), 7-12. As obras acima indicam que o ritual de se alimentar é social, a própria origem do verbo comer transparece isso: “*cumedere*”, no latim, *cum* (junto, em companhia) + *edere* (alimentar-se).

¹⁶⁸ A Vulgata Latina assim apresenta o texto de Êxodo 12:4: “Sin autem minor est numerus, ut sufficere possit ad vescendum agnum, assumet vicinum suum, *qui iunctus* est domui suae, iuxta numerum animarum, quae sufficere possunt ad esum agni”. Pesquisa realizada na internet, no site http://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_vt_exodus_lt.html#12,

“comer juntos”; que, por sua vez, está associada à prática judaica de alimentar-se em coletividade;¹⁶⁹ o que faz-se associar a outra palavra, de origem também latina, “companheiro”, (aquele que divide o pão) com (*cum*) + pão (*panis*), dando a ideia de “cortar o pão a fim de dividir com alguém”.¹⁷⁰ Essas duas palavras, ao que se propõe, têm como princípio básico e fundamental uma outra palavra latina de maior relevância neste contexto, *religare*, palavra composta de *re* (ligar de novo) + *ligare* (verbo latino da 2ª conjugação), que quer dizer “fazer retornar alguma coisa ou alguém”.¹⁷¹ Se comparar a etimologia da palavra “comer”, que é um ato de voltar ao Éden em comunhão e a palavra *religare*, que em latim significa religião e tem a idéia de retorno de alguém ou de alguma coisa à origem, tem-se a perfeita sincronia do ato de estar religado a Deus por Jesus Cristo à hora de comer o pão, isto é, o pão da comunhão (na ceia do Senhor), ou o pão espiritual (a Palavra de Deus) em grupos pequenos (Mt 26:26-28; Mc 14:22-24; Lc 22:19-20; Jo 13:1-30).

A *Ecclesia* Prática a Comunhão

Os seguidores de Cristo entenderam e praticaram essa comunhão tornando-se “um o coração e a alma” (At 4:33), todos “de comum acordo” (At 5:12), tendo “tudo em comum”, e “unânimes... partiam o pão de casa em casa e tomavam suas refeições com alegria e singeleza de coração” (At 2:44, 46), enchendo-se “do Espírito Santo” (At 4:31).

no dia 02 de março de 2009, itálicos acrescentados; Pedro Apolinário, *Melhore sua linguagem* (São Paulo: IAE, 1975), 99.

¹⁶⁹ Giuseppe Barbaglio, *As cartas de Paulo* (São Paulo: Loyola, 1991), 222. Ver também Alan W. Jenks, “*Eating and Drinking in the Old Testament*”, *The Anchor Bible Dictionary (TABD)*, ed. David Noel Freedman (New York: Doubleday, 1996), 2:250-252.

¹⁷⁰ “Companheiro (*cum-panis*) é quem partilha o próprio pão. O discípulo acredita e segue as pegadas do seu Mestre; o companheiro ama e caminha ao lado do Amigo servindo quem precisar”. J. Ramón F-Cigoña, “Discípulos e companheiros do Senhor”, pesquisa realizada no site http://www.puc-rio.br/centroloyola/pdf/boletim_setembro.pdf, no dia 02 de março de 2009.

¹⁷¹ Lila Coutinho, em *Encontros com Deus*, ed. Valéria Martins (Rio de Janeiro: Mauad, 1997), 50.

No que também foram seguidos pelo apóstolo Paulo que, por sua vez, ensinou a igreja (1Co 11:21-23).

À luz das evidências desta análise percebe-se que a essência dos Pequenos Grupos é a comunhão¹⁷² espiritual, cristã, dos que estão em torno do Cordeiro que, isto sim, somente acontece em comunidade. Na inversão dessa perspectiva compreende-se então que a comunhão espiritual e religiosa em comunidade é a essência do Pequeno Grupo. O Pequeno Grupo é uma “comunhão espiritual em comunidade” por ser este uma realidade “em torno do Cordeiro”. Em outras palavras, o Pequeno Grupo é uma “comunidade em Cristo”. É a evidência real, objetiva e histórica resultante do evangelho apresentado em figuras, revelado em tipos, prefigurado em símbolos. O Pequeno Grupo é uma “comunidade em comunhão” por ser “em Cristo”. Desconsiderar a pessoa de Cristo (o Cordeiro) nessa comunhão resultaria em uma simples comunidade, um fenômeno meramente social como outros entre os humanos. A análise ainda expõe sua maior e mais inquestionável evidência – a comunidade pode existir sem comunhão espiritual, mas não pode existir comunhão espiritual sem comunidade.

Outro ponto esclarecedor é que, a comunidade pode existir em grande número,¹⁷³ a comunhão espiritual, dificilmente. Pode existir comunidade por motivos culturais, étnicos, e até religioso, sem comunhão espiritual,¹⁷⁴ porém essa comunhão, em si mesma, sugere que deve acontecer em comunidades privadas. A verdade está implícita na natureza da própria palavra – *comunhão* – comunhão espiritual se realiza em grupos pequenos. Quanto menor o grupo, melhor a comunhão espiritual. Até que se reduza a um

¹⁷² Para uma compreensão do significado de comunhão relacionando-se Velho Testamento com o Novo Testamento ver G. B. Funderburk, “*Communion*”, *The Zondervan Encyclopedia of the Bible (TZEB)*, (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1975), 930.

¹⁷³ Embora organizado em grupos pequenos, como foi o caso da igreja de Moisés no deserto (Êxodo 18). Fica evidente que aquela comunidade do deserto não vivia em comunhão, mas em franca rebelião contra Moisés e contra Deus (Êxodo 15:23-25; 16:11-13; 17:3-5; 32:1-35).

¹⁷⁴ Ver “Small Groups and Spirituality: Exploring the Connections” e “Appendix: Small Groups – A National Profile” em Wuthnow, *I Come Away*, 1-6, 381-367.

grupo de três pessoas – eu, o outro (ou o próximo) e o Criador.¹⁷⁵ Daí surge a partilha da comunhão que se faz na comunhão espiritual com outros, e se faz melhor com poucas pessoas, isto é, com grupos pequenos. É até possível que a comunhão se realize individual ou coletivamente independentemente de números, porém, no exemplo de Cristo ficou claro que a comunhão espiritual é mais bem realizada, e atinge seu melhor momento quando a comunidade é composta de grupos pequenos. Jesus, quando quis praticar a comunhão, separou os “12” da multidão (Mt 10:1-4; Mc 3:13-19; Lc 6:12-16) e, algumas vezes, separou os “três” (Pedro, Tiago e João) dos 12 (Mt 17:1; Mc 9:2-8; Lc 9:28-36).

A Comunhão como Experiência Dinâmica

Certamente Jesus não Se expressou de forma aleatória ao dizer: “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estarei no meio deles” (Mt 18:20). É de se esperar, e acreditar, que essas palavras do Mestre foram intencionais e refletem explicitamente Sua missão de reunir comunidades espirituais em torno de Si e relacionar-Se intimamente com Seus seguidores através dos tempos. E o chamado de Cristo para formar comunidades espirituais em grupos pequenos é explícito e pungente: “chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele. Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar” (Mc 3:13-14). O grupo pequeno de Cristo tinha claramente dois propósitos: (1) estar com Ele em comunhão espiritual e (2) proclamar o Seu Evangelho com poder. Com essas palavras Jesus parece sugerir que comunhão e missão, em grupos pequenos, é a fórmula divina para a consecução do Evangelho.¹⁷⁶

Em Marcos 3:13 Jesus chama os discípulos para estarem com Ele – é a comunhão. Em Mateus 28:20 Jesus promete que estará com eles – é a missão em comunhão. E em Atos 1:4 Jesus envolve as duas marcas do discipulado – comunhão e

¹⁷⁵ Bilezikian, 34.

¹⁷⁶ Ver Alberto R. Timm, “Comunhão e Missão”, *Revista do Ancião*, julho-setembro de 2009, 10; Alberto R. Timm, “Comunhão e Missão”, *Ministério*, julho-agosto de 2009, 24-26.

missão – utilizando uma palavra rara no NT¹⁷⁷ – συναλιζόμενος¹⁷⁸ – que pode significar “estando com eles”, porém, de uma maneira profunda, companheira, amigável, comprometida e real;¹⁷⁹ demonstrando de que maneira estaria com os discípulos de todos os tempos. É nesse contexto, no crepúsculo de Seu ministério que Jesus desaba a maior de todas as promessas – o derramamento do Espírito Santo (At 1:8). Não um equipamento, não um ornamento, não um instrumento, mas Sua própria pessoa na divina pessoa do Espírito Santo. Foi do profundo da intimidade entre Jesus e Seus discípulos, provavelmente enquanto novamente partilhavam de uma refeição – a última – que Jesus adverte: aguardem o batismo do Espírito Santo (At 1:4). O que veio a ocorrer 40 dias depois, numa espetacular manifestação do poder salvador de Deus (At 2:1-4).

Apesar de não terem se apercebido do valor da comunhão espiritual para sua teologia de Pequenos Grupos, a “arma fumegante”¹⁸⁰ de Donahue e Robinson é, de fato, o centro da oração de Cristo que aponta para o clímax da comunhão espiritual entre

¹⁷⁷ “Esta expressão ocorre apenas uma vez no Novo Testamento” (Simon J. Kistemaker e William Hendriksen, *New Testament Commentary: Exposition of the Acts of the Apostles [NTCE]*, vol. 17 [Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1990], 49). *Tradução do autor.*

¹⁷⁸ “συναλιζω – na difícil passagem και συναλιζόμενος παρήγγειλεν αὐτοῖς... em Atos 1:4, esta palavra é entendida diferentemente: 1. συναλιζω comer (sal), com; 2. συναλιζω reunir, se reúnem; 3. como outra grafia para συναλιζω passar a noite com, ficar com” (William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and other early Christian Literature (GELNT)* [Chicago, IL: University of Chicago Press, 1979], 791). *Tradução do autor.*

¹⁷⁹ “συναλιζόμενος” tem sido traduzida por “e estando com eles” ou “e comendo com eles”, sendo essa segunda versão interpretada como derivação da palavra ἄλς, “sal”. Thomas Page acha que “esta derivação da palavra de ἄλς, ‘sal’, é, sem autoridade” (Thomas Ethelbert Page, *The Acts of the Apostles* [London: Macmillan, 1886], 74. *Tradução do autor.*; Bruce Metzger declara que “em grego helenístico o verbo συναλιζω soletrado com um α longo significa ‘eu reúno’, mas soletrado com um α curto significa ‘comer [sal] com outro’” (Bruce M. Metzger, *A Textual Commentary on the Greek New Testament (TCGNT)* [London and New York: United Bible Societies, 1975], 278-79). *Tradução do autor.*; Kistemaker e Hendriksen, por sua vez, acham que “o principal significado do termo grego é ‘comer [sal] com alguém.’ Embora tenham sido formuladas objeções, esta versão parece ser apoiada pelas palavras de Pedro: ‘... nós que comemos e bebemos com ele depois que ele ressurgiu dentre os mortos’ (Atos 10:40-41). Em outras palavras, Jesus comeu com os discípulos visível como prova de que ele não era um fantasma, mas um ser humano de carne e ossos (cf. Lucas 24:36-43). Ao comer com seus discípulos, Jesus mostra-lhes a realidade da sua ressurreição” (Kistemaker, *NTCE*, 48). *Tradução do autor.*

¹⁸⁰ Donahue e Robinson, 42.

Cristo e Seus discípulos, Cristo e Seu grupo pequeno; bem como aponta para o centro do motivo e da comunhão espiritual em Pequenos Grupos: “a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós” (Jo 17:21).¹⁸¹

A Comunhão como Base Teológica

Em João 17 estão registradas as últimas palavras de Cristo aos apóstolos, em comunidade. Depois disso viria o Getsêmani e o Calvário (ver Jo 18 e 19). Jesus sabia disso. “Diz-se que quando alguém está diante da morte, sua conversa revela suas mais profundas paixões, esperanças e sonhos”.¹⁸² Jesus demonstrou compreender Seu momento na apaixonada oração em favor dos discípulos. E o coração dessa oração parece estar em João 17:21 – “a fim de que todos sejam um”.

Além de um grande número de estudiosos,¹⁸³ Bilezikian também percebe a importância de João 17 como forte argumento na construção de uma *community of oneness*:

Ele [Jesus] sabia que se a igreja não conseguisse demonstrar vida em comunidade ao mundo, deixaria de cumprir sua missão, porque o mundo teria motivos para não acreditar no

¹⁸¹ Para uma ampla compreensão do sentido de comunhão em João 17:21 e da expressão “a fim de que todos sejam um”, ver Andrew Knowles, *The Bible Guide* (Minneapolis, MN: Augsburg, 2001), 524; David Brown, *The Gospel According to John, A Commentary, Critical and Explanatory, on the Old and New Testaments* (Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, 1997), S. Jo 17:21; Edwin A. Blum, *John, The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures, vol. 2* (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), 333; Matthew Henry, *Juan, Comentario de la Biblia* Matthew Henry en Un Tomo (Miami, FL: Editorial Unilit, 2003), 831; William Hendriksen, Simon J. Kistemaker, *The Gospel According to John, New Testament Commentary: Exposition of the Gospel According to John, vol. 2* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2001), 364-365; William MacDonald, *The Gospel According to John, Believer's Bible Commentary: Old and New Testaments* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 1997), S. Jo 17:21; John Calvin, *Calvin's Commentaries*, electronic ed. (Garland, TX: Galaxie Software, 2000), S. Jo 17:20; James Bartley, *Juan, Comentario Bíblico Mundo Hispano, vol.17* (El Paso, TX: Editorial Mundo Hispano, 2004), 354; J. H. Bernard, *The Prayer of Jesus for All Future Disciples, A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John, vol. 2* (New York: C. Scribner' Sons, 1929), 576-578. Para os comentários de Ellen White, ver *Comprehensive Index to the Writings of Ellen G. White*, 1962, S. Jo 17:17-21.

¹⁸² Donahue e Robinson, 32.

¹⁸³ Ver Knowles, 524; Brown, S. Jo 17:21; Blum, 333; Henry, *Juan*, 831; Hendriksen e Kistemaker, 364-365; MacDonald, S. Jo 17:21; Calvin, S. Jo 17:20; Bartley, 354; Bernard, 576-578; White, *Comprehensive Index*, S. Jo 17:17-21; Donahue e Robinson, 42.

evangelho (Jo 17:21, 23). De acordo com essa oração, a prova mais convincente da verdade do evangelho é a unidade visível de seus seguidores.¹⁸⁴

D. A. Carson, em seu estudo sobre João 17, por sua vez declara:

Um em propósito, em amor, em ações empreendidas um com e pelo outro, em submissão conjunta à revelação recebida. Ainda mais: Jesus ora ao seu Pai para que esses discípulos *também sejam um em nós*, provavelmente aludindo à “união”, linguagem da metáfora da videira (João 15). Eles estão “no” Pai e “no” seu Filho, assim identificados com Deus e dependentes dele para viver e frutificar, que eles mesmos tornem-se alvo da vida e do trabalho do Pai “neles” (cf. João 14:12; 15:7).¹⁸⁵

A declaração de Carson¹⁸⁶ é fundamental como elemento de conexão entre o estudo teológico de comunidade defendido por seus especialistas e a fundamentação teológica dos Pequenos Grupos elaborada nesse estudo. A idéia encontrada no texto de Carson sugere que há algo dentro dessa comunidade. Bilezikian indica que há algo dentro dessa comunidade, desde o Éden,¹⁸⁷ passando pelo período patriarcal e por toda a história de Israel. E os estudos apresentados em João 17¹⁸⁸ apontam para o clímax do que acontece dentro dessa comunidade. Numa refeição com os discípulos,¹⁸⁹ num momento de profunda piedade, em um grupo pequeno, separados em uma casa, unidos em torno do Messias, Jesus ora ao Pai e pede para “que todos sejam um” (Jo 17:21), estabelecendo o relacionamento mais profundo possível entre o Criador e a criatura, entre o Salvador e o ser humano carente de salvação – a comunhão espiritual. Afinal, essa comunhão não vem pelo mero ajuntamento de pessoas, mas o ajuntamento de pessoas surge por um motivo intrínseco que é a comunhão espiritual em Cristo. Portanto, como

¹⁸⁴ Bilezikian, 37; ver também Donahue e Robinson, 47.

¹⁸⁵ D. A. Carson, *The Gospel According to John Carson* (Leicester, England: InterVarsity, 1991), 568. *Tradução do autor.*

¹⁸⁶ Carson, 568.

¹⁸⁷ Bilezikian, 27, 15-25.

¹⁸⁸ Ver Knowles, 524; Brown, S. Jo 17:21; Blum, 333; Henry, *Juan*, 831; Hendriksen e Kistemaker, 364-365; MacDonald, S. Jo 17:21; Calvin, S. Jo 17:20; Bartley, 354; Bernard, 576-578; White, *Comprehensive Index*, S. Jo 17:17-21; Donahue e Robinson, 42.

¹⁸⁹ Bilezikian, 35-37.

então se percebe, a comunidade não é a prova final ou fundamental dos Pequenos Grupos, mas o que acontece dentro dessa comunidade, ou seja, a comunhão em Cristo.

A Comunhão com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo

Ser uma comunidade de grupos pequenos, mesmo como atividade religiosa, não é o suficiente. Como pondera Gorman, “comunidade verdadeira é mais que estar juntos”.¹⁹⁰ O apóstolo Paulo une-se ao apóstolo João na percepção de que somente através da comunhão espiritual pode-se ser “um” com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo (1Jo 1:3; 1Co 13:13).

John R. W. Stott enfatiza essa comunhão como estando além da importância da pregação. Para ele, “a proclamação não era um fim em si mesma; agora se define o seu propósito imediato e último. O imediato é comunhão (koinonia)”.¹⁹¹ Ele percebe que “a comunhão criada por Cristo nos dias da sua carne [é] aprofundada pela vinda do Espírito no Pentecostes”,¹⁹² estabelecendo assim, uma ligação das três pessoas da divindade na comunhão espiritual, não somente “com o Pai e com seu filho”, mas também com o Espírito Santo,¹⁹³ o Agente divino no Pentecostes.¹⁹⁴ G. B. Funderburk também inclui os três membros da divindade nessa comunhão ao declarar que “o coração da comunhão cristã é espiritual. Pelo Espírito o homem comunga com Deus [o Pai] e com Cristo [o Filho].... Finalmente,” diz, “o Espírito Santo é o mediador da comunhão na presente dispensação. Através dEle o homem comunga com Deus e sustém universal comunhão

¹⁹⁰ Gorman, 98.

¹⁹¹ Stott, *I, II e III João: Introdução e comentário* (São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1985), 55.

¹⁹² *Ibid.*

¹⁹³ Sobre o papel do Espírito Santo na comunhão ver Funderburk, “*Communion*”, TZPEB, 928-931.

¹⁹⁴ Stott, *I, II e III João*, 55.

com os santos”.¹⁹⁵ Finalizando, Stott entende que “comunhão” é a “participação comum na graça de Deus, a salvação de Cristo e o Espírito no ser interior”;¹⁹⁶ ou seja, a comunhão é com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo.

A Comunhão em Pequenos Grupos

Pelo exposto, percebe-se que essa comunhão não pode ser alcançada na massa, na multidão, na desordem,¹⁹⁷ mas na serena comunidade de grupos pequenos, preferencialmente, de três (Mt 17:1; Mc 9:2-8; Lc 9:28-36) a 12 pessoas (Mt 10:1-4; Mc 3:13-19; Lc 6:12-16), segundo o exemplo de Cristo.

“Para que todos sejam um, assim como somos um.” Quem tem alguma noção teológica do que Jesus está dizendo, certamente reconhece o poder avassalador dessa declaração. Jesus diz: “Eu quero que os seres humanos – por exemplo, esses homens em quem eu investi minha vida – vivam o tipo de unidade que vivemos na Trindade”.¹⁹⁸

O que fazer com essas palavras [“para que sejam um, assim como nós somos um”]? Observe como a última conversa de Jesus com o Pai se aplica ao ministério de grupos pequenos.... Jesus escolheu um modo específico de investir três anos de sua vida no ministério. Arregimentou outros em torno de si, investiu a vida neles, e agora confia neles para expandir sua estratégia e seu ministério de investir em pessoas. Em sua última noite, ele pede ao Pai celestial algo específico – garantir à sua comunidade o dom da unidade.¹⁹⁹

Ou seja,

A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim.... Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja (Jo 17:21-23, 26).

Donahue e Robinson aproximaram-se bastante de uma base teológica para Pequenos Grupos, mas no momento de usar a sua “arma fumegante”, confundiram-se ao comparar a comunhão espiritual com “uma versão mais barata de comunidade”, limitando

¹⁹⁵ Funderburk, “*Communion*”, TZPEB, 930.

¹⁹⁶ Stott, *I, II e III João*, 55. Ver também Bruce, *The Epistles of John* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970), 38-39.

¹⁹⁷ Simson, 11.

¹⁹⁸ Donahue e Robinson, 44.

¹⁹⁹ *Ibid.*

dramaticamente comunhão a “jantares” e encontros sociais, ao que chamaram de “comunidade light”.²⁰⁰

Icenogle, por sua vez, dá consistência aos seus próprios argumentos, estabelecendo uma ligação entre Pequenos Grupos e comunhão espiritual, ou *koinonia*:

Pequenos grupos têm um papel e propósito teológico e histórico. Todo o empreendimento humano trabalha para o cumprimento e conclusão pela experiência de pequenos grupos. As ciências sociológicas, psicológicas e de formação prosperam numa análise e capacitação de relacionamentos face a face onde duas, três ou mais pessoas unem-se por uma vida e propósito comuns. A reunião buscando um propósito comum e vida unida é confirmada no Novo Testamento. Essa reunião por vida em comum é chamada [comunhão] *koinonia*.²⁰¹

O exposto sugere que o âmago dos Pequenos Grupos não é a comunidade, e sim, a comunhão espiritual em comunidade.²⁰² Não é garantido que na comunidade o ser humano se encontre com Deus; na comunhão espiritual sim.²⁰³ A comunidade prepara para a comunhão; é o seu ambiente adequado. Deus criou a comunidade para a comunhão (Gn 2:1-3; Êx 20:8-11; Lv 23:3; Is 56:4-8; 58:6-14). A comunhão espiritual envolve escolha do ser humano livre – livre escolha, livre arbítrio.²⁰⁴

“Deus, em sua própria natureza, é comunidade”, como declara Beckham.²⁰⁵ Esta “comunidade”, porém, é antes uma imagem de Sua expressão divina, de Sua pluralidade (Gn 1:26, 27).²⁰⁶ A natureza de Deus é o que está, ou quem está dentro dessa

²⁰⁰ Donahue e Robinson, 41.

²⁰¹ Icenogle, *Biblical Foundations* 14. Tradução do autor.

²⁰² O significado de comunhão no Novo Testamento tem várias aplicações como, por exemplo, Comunhão com Cristo (ver Charles Hodge, *1 Corinthians*, The Crossway Classic Commentaries [Wheaton, IL: Crossway Books, 1995], 1Co 10:18), Comunhão na Ceia do Senhor (ver Hodge, 1Co 11:33; John MacArthur, *1 Corinthians* The MacArthur New Testament Commentary [Chicago: Moody Press, 1996], 266), Comunhão com a Igreja (ver Hodge, 1 Co 1:1; 1 Co 1:11). Para uma compreensão do pensamento adventista sobre Comunhão no livro de Atos e 1 Coríntios (18 ocorrências em 12 capítulos), ver White, *Atos dos apóstolos*.

²⁰³ Ladd concorda que o “sentimento de comunhão manifestava-se por si mesmo, na comunidade em Jerusalém, de uma forma distinta” (George Eldon Ladd, *Teologia do Novo Testamento* [São Paulo: Hagnos, 2002], 330).

²⁰⁴ Ver Ellen White, *Mente, caráter e personalidade*, 3 vols. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989), 1:92.

²⁰⁵ Beckham, 16. Ver também Donahue e Robinson, 32; Icenogle, *Biblical Foundations*, 13.

²⁰⁶ Bilezikian, 18.

comunidade – Sua essência, Sua Pessoa, Seu Espírito em comunhão (Jo 4:24; 10:30; 17:21). A natureza de Deus não é apenas Sua pluralidade, não é apenas um número trino, não é apenas, portanto, uma comunidade. Mas o que está dentro, o que acontece dentro dessa comunidade. Fica evidente que, a comunhão com Deus em comunidade, em privada intimidade é a proposta que justifica a formação dos Pequenos Grupos – atender as necessidades mais íntimas e mais profundas do ser humano, em comunhão com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo, e entre si, tendo em vista a sua salvação e a glória de Deus.

Considerando que comunidade não define Pequenos Grupos;²⁰⁷ considerando que Pequenos Grupos não se definem pelo número de pessoas;²⁰⁸ considerando que todo movimento cristão necessita de uma base teológica²⁰⁹ e que os Pequenos Grupos são um movimento cristão;²¹⁰ considerando que a comunidade do Éden (Gn 2:18, 21-23), a comunidade de Israel por ocasião da páscoa no Egito (Êx 12:1-3), a comunidade de Cristo por ocasião da páscoa em Jerusalém (Mt 26:26-28; Mc 14:22-24; Lc 22:19-20; Jo 13:1-30), a comunidade cristã primitiva reunida nos lares eram em grupos pequenos (At

²⁰⁷ Definição de comunidade: “É uma aglomeração de pessoas relacionadas entre si, que contam com recursos físicos, de pessoas, de conhecimento, de vontade”. Pesquisa realizada no site www.socialgest.pt/cgi-bin/registos/scripts/redirect.cgi, no dia 28 de abril de 2009; “Grupo social cujos membros ocupam uma área geopolítica determinada e compartilha interesses, valores e aspirações”. Pesquisa realizada no site ialexandria.sites.uol.com.br/textos/israel_textos/vocabulario_politico_moderno.htm, no dia 28 de abril de 2009; “Conjunto de pessoas que partilham, em determinado contexto geográfico, o mesmo hábitat e/ou religião, ou cultura”. Pesquisa realizada no site ead.cefetpa.br/mod/glossary/view.php, no dia 28 de abril de 2009; “Agrupamento que se caracteriza por forte coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos”. Pesquisa realizada no site sua7auladodia.wordpress.com/2009/02/09/definicao-e-conceitos-sociologia-0902/, no dia 28 de abril de 2009; “Qualidade do que é comum; congregação, comunhão; agremiação; sociedade; os cidadãos de um país; o Estado”. Pesquisa realizada no site pt.wiktionary.org/wiki/comunidade, no dia 28 de abril de 2009. Segundo essas definições comunidade e Pequenos Grupos têm definições e características distintas.

²⁰⁸ Comiskey, *Crescimento explosivo*, 18.

²⁰⁹ Beckham, 16.

²¹⁰ Arnold, *Pequenos grupos*, 25; Beckham, 11, 13, 16.

2:46), e que algo ocorria dentro dessas comunidades reunidas em torno do Cordeiro e, ao que tudo indica, esse algo dentro da comunidade era a comunhão espiritual (At 2:42) – o encontro, a partilha e a experiência de salvação em torno de Cristo – propõem-se que, essa comunhão em Cristo, melhor experimentada e compartilhada em grupos pequenos constitua-se a fundamentação bíblica e teológica para os Pequenos Grupos. Como ocorre através da história, os Pequenos Grupos atraem para si (força centrípeta) baseados na comunhão e saem para o mundo (força centrífuga) motivados pela missão. Comunhão e missão é o pressuposto bíblico e a proposta evangélica dos Pequenos Grupos.

Portanto, a intencional comunhão da divindade, trina e una (Gn 1:26; 3:22; Jo 17:21-23; Rm 8:26-27), com a pessoa humana em comunidade (Jo 17:21-23),²¹¹ por sua decisão e escolha, expressa o fundamento bíblico e teológico dos Pequenos Grupos. Consequentemente, poderia concluir-se que a fundamentação bíblico-teológica dos Pequenos Grupos centra-se na comunhão dos crentes em Jesus Cristo, para a missão centrípeta e centrífuga da igreja. Assim têm sido percebidos em seus princípios ao longo da história.

²¹¹ Donahue e Robinson, 44.

CAPÍTULO IV

FUNDAMENTAÇÃO HISTÓRICA DOS PEQUENOS GRUPOS

Os Pequenos Grupos são um “fenômeno” moderno,¹ um movimento religioso que vem se consolidando há algumas décadas.² Como princípio, entretanto, um encontro de poucas pessoas, familiares, vizinhos, em uma casa, com objetivo de salvação, em comunidade e comunhão espiritual, os Pequenos Grupos têm “precedentes há muitos séculos”.³ Remetem à história do antigo Israel no Egito⁴ e mesmo ao Éden.⁵

Precursores Bíblicos

No jardim do Éden acontecem os primeiros encontros entre o Criador e Suas diletas criaturas (Gn 1:27). Deus fala diretamente com eles na mais perfeita comunhão (Gn 1:28), partilhando com eles a bênção, a santidade e o descanso do sétimo dia (Gn 2:3). Adão e Eva, tanto em sua perfeita santidade (Gn 1:26), quanto em completa derrota após a queda (Gn 3:10), encontram-se com Deus, pessoalmente, em privado, em intimidade, em comunhão (Gn 1:28-31; 3:9). Eles não constituem, de fato, um Pequeno

¹ Comiskey, *Crescimento explosivo*, 15; Burrill, *Como reavivar*, 19; Arnold, *Pequenos grupos*, 25; Beckham, 15.

² Donahue e Robinson, 11; Beckham, 11; Wuthnow, *I Come Away*, 1; Neighbour, *Where do We Go*, 97-109.

³ Wuthnow, *I Come Away*, 349.

⁴ Ver “El éxodo” [12:1–51], *Comentario bíblico mundo hispano Éxodo (CBMH)*, Daniel Carro, José Tomás Poe e Rubén O. Zorzoli, eds. (El Paso, TX: Editorial Mundo Hispano, 1997), 2:114-126.

⁵ Ellen White, *Mensagens escolhidas*, 3 vols. (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1966), 1:280.

Grupo, porém, desfrutam de sua maior característica — a comunhão direta com Deus em comunidade, em grupo pequeno.⁶

No entanto, a primeira reunião realizada como um encontro de poucas pessoas, envolvendo familiares, vizinhos, em uma casa, com objetivo de salvação, em comunidade e comunhão espiritual, ocorreu — nem antes, nem depois, mas exatamente — na noite anterior ao êxodo (Êx 12:1-20). É o primeiro momento em que o pequeno grupo atravessa a rua e assume conotação missiológica. Nessa noite, o povo de Israel reuniu-se em seus lares e, pela primeira vez, em grupos pequenos de famílias e vizinhos, participaram de uma cerimônia religiosa, uma refeição dentro de suas casas, cujo significado projetava-se para além de sua época (Êx 12:14), utilizando como alimento (a carne) e meio de libertação (o sangue), uma simbologia cristã — o cordeiro (Êx 12:1-8) — lembrando sua origem no Éden e sua prática na história patriarcal, quando comungavam em torno do cordeiro. De forma intencional, o cordeiro é o alimento daquela ceia. “O cordeiro deveria ser comido.... Assim... nos alimentamos de Cristo”.⁷ Sendo o cordeiro o “pão”,⁸ este simbolismo se aplica às reuniões de Pequenos Grupos realizadas no presente. Nessas reuniões, as pessoas estudam a Bíblia, alimentam-se da Palavra de Deus, o “Pão da Vida”, que é Jesus Cristo — o Verbo encarnado (Jo 1:14). Portanto, a primeira páscoa realizada no Egito, na terra da escravidão, seguindo o princípio de comunhão espiritual em pequena comunidade desde o Éden, propõe o início precursor e o princípio bíblico seminal dos Pequenos Grupos.

No relato bíblico subsequente, a páscoa passou a ser um evento de celebração, uma “santa convocação” (Lv 23:8), não mais um encontro de grupos pequenos. Entretanto, pode ser observado que, por ocasião da festa anual da páscoa, e nas festas

⁶ Ibid.

⁷ White, *Patriarcas e profetas*, 164.

⁸ João Batista apresenta Jesus como o “Cordeiro de Deus” (Jo 1:29), e o próprio Jesus Se apresenta como o “pão da vida” (Jo 6:35).

religiosas em geral, as famílias novamente reuniam-se em grupos pequenos e partilhavam juntos dos alimentos sacrificais, demonstrando a consolidação desse princípio e a prática consciente dessa orientação divina (Dt 12:17, 18; 16:1-8; Êx 23:14-19; Lv 23:4-8; 1Sm 1:1-5).

O segundo momento precursor e seminal dos Pequenos Grupos – um grupo pequeno, em comunhão espiritual, tomando a refeição pascal – ocorre séculos depois. Jesus e os apóstolos, no cenáculo, reassumem a história e, entre o símbolo e a realidade, o princípio da comunhão da primeira páscoa é retomado. O tipo encontra o antítipo (Mt 26:26-30; Mc 14:22-26; Lc 22:14-20). No Éden, o cordeiro morre para cobrir o ser humano (Gn 3:21);⁹ na páscoa do Egito, o cordeiro morre para alimentar o ser humano (Êx 12:1-8); no cenáculo Jesus antecipa o símbolo da morte do Cordeiro, que salvará o ser humano (Mt 26:26-28). No Éden, outro animal poderia ter sido morto para cobrir o ser humano, mas o cordeiro era simbólico. Na páscoa, outro animal poderia ter sido morto para alimentar o ser humano, mas o cordeiro era simbólico. No cenáculo, nada mais poderia substituir o Cordeiro. O símbolo encontra-se com a realidade — o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo (Ap 13:8).¹⁰

Os elementos da páscoa no Egito – (1) o cordeiro, (2) o sangue (3), a casa, (4) e as pessoas dentro das casas – são encontrados (e aplicados) na páscoa de Jerusalém, celebrada por Jesus e os apóstolos (cf. Mt 26:26-30; Mc 14:22-26; Lc 22:14-20). O que consolidou a páscoa no Egito foi a refeição,¹¹ a comunhão pelo alimento que era o

⁹ Ver White, *Patriarcas e profetas*, 34; idem, *Cristo em Seu santuário* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 23.

¹⁰ Henry, *Êxodo*, 84.

¹¹ “No costume tribal um convite para jantar era um gesto de boa vontade, e o comer de uma refeição juntos era um ato de companheirismo. Às vezes, o objetivo era apenas relações sociais; outras vezes questões de grande importância eram discutidas. Quando Abraão, em costumeiro ato de hospitalidade, convidou três estrangeiros para jantar, ele ‘sem o saber’ acolheu anjos” (G. B. Funderburk, “*Communion*”, *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible* (TZPEB), Merrill C. Tenney, ed. [Grand Rapids, MI: Zondervan, 1975], 1:928). *Tradução do autor.*

“cordeiro”, e o sangue, a libertação, ambos simbólicos. Na páscoa em Jerusalém, o “pão” e o “vinho” fazem parte da comunhão e simbolizam o corpo e o sangue de Cristo — o “Cordeiro de Deus” (Jo 1:29).

O terceiro momento precursor e seminal dos Pequenos Grupos, em que um grupo reúne-se para comunhão espiritual, ocorre também numa casa ainda em Jerusalém (At 2:1-4). “Na manhã do primeiro dia da semana, o grupo que tinha se encontrado no cenáculo para a páscoa ‘estavam todos reunidos no mesmo lugar’ ([At] 2:1)”.¹² Neste encontro, destacam-se, distintamente, um elemento novo – a oração¹³ – (At 1:14) e, distintamente, uma Pessoa nova – o Espírito Santo¹⁴ – cumprindo-se a promessa de Cristo (João 14:16-18). É um momento de transição.¹⁵

¹² Chalmer Ernest Faw, *Acts, Believers Church Bible Commentary* (Scottsdale, PA: Herald Press, 1993), 41. *Tradução do autor.*

¹³ Ladd defende a posição de que os cristãos não romperam com “as práticas judaicas” e que essas “orações” “incluíam as orações judaicas regularmente estabelecidas” (Ladd, 328). Vale, porém, ressaltar que Jesus havia ensinado e estimulado os discípulos a orarem (Mt 6:9-15; 7:7-12; Lc 11:9-13; 18:1-8), prática essa que estava incorporada na experiência dos apóstolos e da igreja infante (At 1:14; 2:42; 4:23-31). Ver White, *Atos dos apóstolos*, 35-37.

¹⁴ *Ibid.*, 37-38.

¹⁵ Faw apresenta os elementos dessa transição da páscoa no VT, da Páscoa de Cristo e os Apóstolos para as reuniões “de casa em casa” (At 2:47) da Igreja primitiva: “Lucas enumera as quatro principais características da vida da nova congregação. Primeira o ensino dos apóstolos, para os quais os fiéis se dedicavam. Estas eram as instruções que os dirigentes providenciavam diariamente para toda a igreja – palavras de Jesus, passagens messiânicas do AT, e lições inspiradas de seus próprios ensinamentos. Tal ensino põe em curso uma importante tarefa que o Senhor está acrescentando diariamente ao seu número (2:47b). Em segundo lugar, há a comunhão dos apóstolos. Aqui, a palavra grega *koinonia* é utilizada, uma ‘união comum’ com o Senhor e uns com os outros, uma nova experiência para converter em tão grande número.

“Terceiro e quarto aspectos de sua vida pode ser considerado como parte dessa comunhão, o *partir do pão e as orações*. ‘Partir o pão’ é um termo usado para começar uma refeição judaica, através de Jesus, tornou-se muito significativo. O termo é usado quando Jesus alimenta uma multidão (Lucas 22:19) (sic), na Ceia do Senhor (Lucas 22:19), e em Emaús após sua ressurreição (Lucas 24:30, 35). Desde então relembra a todos os crentes a graciosa presença de Jesus. Este ato ocorrerá novamente em Atos 20:7 e 27:35, em um tempo de especial importância. Alguns estudiosos aplicam [At 2:42] à celebração da Ceia do Senhor pela igreja em Jerusalém. Outros vêem como uma refeição de comunhão com uma especial ênfase, como em [At] 2:46, partindo o pão de *casa em casa* e tomavam as suas *refeições com alegria e singeleza de coração*. A quarta atividade da nova igreja, as *orações*, é mais provável ser uma referência à designação do tempo de oração que unia os fiéis. Isto foi praticado no Cenáculo em [At]1:14. Pode haver também uma referência secundária para os fiéis a participação em períodos regulares de oração no templo (cf. [At] 3:1)” (Faw, 47). *Tradução do autor.*

Na época do Novo Testamento, o povo de Deus seguiu reunindo-se em pequenos grupos familiares chamados Ecclesia (reuniões ou igrejas). Estes pequenos grupos definem a natureza e propósito da igreja maior, que é multiplicar reuniões de pequenos grupos de pessoas ao redor da pessoa de Jesus Cristo, na presença do Espírito, em humilde sinceridade e vulnerabilidade para com Deus, o Pai amoroso. A vinda de indivíduos de diversas raças, culturas, sexos e históricos familiares é o chamado de Deus para ser a igreja, a Ecclesia.¹⁶

Os elementos precedentes da páscoa no Egito, repetidos na páscoa de Jerusalém, também são encontrados na igreja apostólica. O princípio se sustenta e se repete em

reuniões nos lares cristãos ([Atos] 2:46; 5:42), para o partir do pão e comunhão na refeição. A expressão sugere a mesma prática observada, mais tarde, nas igrejas paulinas: uma refeição comum, ou ágape, que é associada à Ceia do Senhor (1Co 11:20,34)... Lares particulares forneceram os locais de reuniões.... No Pentecostes, um grande número de judeus abraçou a fé cristã ([Atos] 2:41; ver também 4:4; 5:14), e não há evidência de que um grupo tão grande pudesse se congregar num único lugar. O padrão¹⁷ é antes o de muitas pequenas “igrejas-lares”.... Este também é o modelo das igrejas de Paulo, pois frequentemente lemos a respeito da igreja em casa de alguma pessoa.¹⁸

Esse encontro nos lares passa a ter uma designação teológica – “comunhão” (*κοινωνία*).¹⁹ Escrevendo sobre essa “comunhão cristã”, George Ladd assim se expressa:

¹⁶ Icenogle, *Biblical Foundations*, 14.

¹⁷ Essa declaração de Ladd (Ladd, 330) é muito importante para consolidar a posição dos defensores do movimento igrejas em casa (ver Fitts; Simson; Barrett; Filson; Banks, *The Church*; Banks, *Paul's Idea*; Viola; http://www.elseroad.com/topics/house_church/; <http://www.hccentral.com/birkey1>), em detrimento aos defensores do movimento igreja em células (ver Neighbour, *Where do We Go*; Beckham, 137-144; Torres). Com isso pode-se concluir que o padrão de igreja no Novo Testamento era igrejas nos lares, ou igrejas em casa, não em Pequenos Grupos. Porém, o princípio seguido, conforme apresentado nesse estudo, é o mesmo para ambos.

¹⁸ Ladd, 329; ver Romanos 16:5; 1 Coríntios 16:19; Colossenses 4:15; Filemom 2. Ver também Filson, 105–112.

¹⁹ “As duas palavras-chave que [têm] suas idéias associadas, são: *ecw* [*echō*] (“ter”), e *κοινωνία*, [*koinonía*] (“comunhão”, “confraternidade”).... 1. *echo* se emprega como expressão de possessão e relacionamento.... O ‘ter’ se emprega num sentido teologicamente significativo naquelas passagens que dizem respeito ao relacionamento com Deus. Os judeus alegavam que tinham a Deus como Pai (Jo 8:4).... 2. Como no AT, este ‘ter’ comunhão com Deus é caracterizado, não pelo esforço do homem, mas pelas promessas e dádivas de Deus.... João enfatiza do seu modo especial. ‘Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida’ (1Jo 5:12).... Aqui, *echō* é a expressão para a comunhão genuína com Deus e a verdadeira fé no seu sentido mais pleno e profundo. ‘Ter comunhão’ uns com os outros e com Cristo (1Jo 1:6-7) é ‘conhecê-Lo’ (1Jo 2:3) e ‘permanecer’ nEle (v. 6).... Para João, a comunhão não é possível senão através do Filho de Deus que Se tornou carne. Vem através do Espírito Santo, a Quem os cristãos ‘tem’ (1Jo 2:20, 27; 5:10).... 3. Paulo enfatizou fortemente esta verdade, de modo diferente. Participar da salvação é estar em Jesus Cristo através do Seu Espírito. É um ‘possuir’ espiritual: ‘E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele’ (Rm 8:9).... 4. Este ‘ter’ ou ‘possuir’ não se deve entender nem como possessão permanente nem como absolvição da obediência” (J. Eichler, “*Comunhão, Ter, Repartir, Participar*”, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento [DITNT]*, eds. Colin Brown e Lothar Coenen [São Paulo: Vida Nova, 2000], 1:373-375).

Um dos elementos mais admiráveis, na vida das igrejas primitivas, era o sentido de comunhão. “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão” ([Atos] 2:42). As várias declarações de que os primitivos cristãos eram “unidos” ([Atos] 2:44,47) demonstram a qualidade de sua comunhão, bem como o aspecto comum de suas assembléias. Os primeiros cristãos estavam conscientes de que estavam unidos em Cristo. Formavam um povo escatológico não só porque foram chamados para herdar o Reino escatológico, mas também porque já tinham provado das bênçãos da era messiânica. Em certo sentido, sua comunhão era uma antecipação da comunhão do Reino escatológico.... Era impossível que um converso o pudesse ser de forma isolada. Ser um crente, significava participar, com outros crentes, da vida da era vindoura, ser um crente em comunhão, estar na *ekklésia*.²⁰

O aspecto sociológico dessa comunhão parece evidente e inevitável. Todos os crentes “estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens” (At 2:44, 45), em favor da comunidade. “Aparentemente, a comunidade era caracterizada por muitas pessoas pobres, especialmente viúvas, que não tinham famílias, e por isso, sem meio de subsistência”.²¹ Ladd, ainda enfatiza que, este fato, não deve “ser considerado como um experimento social que falhou, mas como uma expressão do profundo vínculo da comunhão cristã na comunidade primitiva. Esse mesmo sentido de comunhão deve assumir outras formas de expressão, em situações históricas diferentes”.²²

“*Κοινωνία*, ας, ή: 1. íntima associação envolvendo mútuo interesse e compartilhamento, associação, comunhão, companheirismo, íntimo relacionamento: κ. τοῦ υἱοῦ αὐτοῦ *companheirismo com o Filho de Deus* 1 Cor 1:9 and κ. τοῦ ἁγίου πνεύματος *companheirismo com o Espírito Santo* 2 Cor 13:13... 2. atitude de boa vontade que manifesta interesse em um relacionamento íntimo, generosidade, companheirismo-sentimento, altruísmo: ἀπλότης τῆς κ. εἰς τινα 2 Cor 9:13. W. εὐποιΐα Hb 13:16... 3. sinal de companheirismo, prova de unidade fraternal, doação, contribuição: Ro 15:26, 1 Cor 10:16ab... 4. *participação, compartilhar*: Phil 3:10; 2 Cor 8:4; 1 Cor 1:9; 2 Cor 13:13” (William Arndt, Frederick W. Danker e Walter Bauer, “*Κοινωνία*”, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* [Chicago: University of Chicago Press, 2000], 552). Para uma compreensão mais ampla sobre comunhão (*koinonia*) ver Henry George Lindell e outros, “*Κοινωνία*”, *A Greek-English Lexicon (AGEL)*, (Oxford, New York: Clarendon Press, Oxford University Press, 1996), 970; Swanson, “*Κοινωνία*”, *DBLG*, 3126; Timothy Friberg, Barbara Friberg e Neva F. Miller, “*Κοινωνία*”, *Analytical Lexicon of the Greek New Testament (AGNT)*, (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), 233; J. Hanz, “*Κοινωνία*”, *Exegetical Dictionary of the New Testament (EDNT)*, eds. Horst Robert Balz e Gerhard Schneider (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990-c1993), 2:303; Barclay Moon Newman, “*Κοινωνία*”, *Concise Greek-English Dictionary of the New Testament (GEDNT)*, ed. Barclay M. Newman, Jr. (Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, United Bible Societies, 1993), 101.

²⁰ Ladd, 330.

²¹ *Ibid.*

²² *Ibid.*, 330, 331.

Isso foi o que, de fato, ocorreu. No período histórico do Antigo Testamento, comunhão (*habar*),²³ era uma palavra

usada como adjetivo e como substantivo para referir-se a laços íntimos que existem entre duas pessoas. Em aramaico o termo indica o relacionamento de intimidade entre Daniel e seus três amigos graças à sua fé comum e à sua lealdade a Deus (Dn 2.13-18)....

O termo *haber* também é usado para expressar o relacionamento bem íntimo entre pessoas de diferentes condições de vida.²⁴

Como se percebe, ainda no período do Antigo Testamento, comunhão assume seu forte papel teológico:

O tema teológico da comunhão rompida com Deus... o problema de preservar a comunidade na ordem que se conforma com a vontade de Deus (cf. Is 5:8), e o papel da comunidade no quadro último e universal da salvação (cf. Gn 1:23; Is 49:6), é de grande importância no AT”.²⁵

É, todavia, no período do Novo Testamento, mormente nos escritos de Lucas, Paulo e João,²⁶ que a palavra comunhão torna-se significativa e caracteriza o encontro de cristãos e o que acontece dentro desses encontros. “Esse sentimento de comunhão manifestava-se por si mesmo, na comunidade [de crentes] em Jerusalém”²⁷ e nas igrejas cristãs em geral.²⁸

A partir do Pentecostes as reuniões nos lares se espalham por Jerusalém (At 2:2, 46; 4:34; 5:42; 8:3; 12:12). A exemplo da reunião no cenáculo (At 2:2), na casa da mãe de

²³ “*Habar*: ‘ser ajuntado, ligado, reunido, ajuntado; ter comunhão com....’ A idéia principal de *habar* no AT é ‘ajuntar’ ou ‘unir’ duas ou mais coisas” (Gleason L. Archer, Jr., e Bruce K. Waltke, “*Habar*”, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento [DITAT]*, ed. Laird Harris [São Paulo: Vida Nova, 1998], 1:420, 421).

²⁴ Archer, Jr. e Waltke, “*Habar*”, *DITAT*, 421.

²⁵ J. Schattenmann, “*Comunhão, Ter, Repartir, Participar*”, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento (DITNT)*, eds. Colin Braun e Lothar Coenen (São Paulo: Vida Nova, 2000), 1:378.

²⁶ Para uma visão geral de comunhão nos escritos de Lucas, Paulo e João ver Thoralf Gilbrant e Tor Inge Gilbrant, “*Κοινωνία*”, *The New Testament Greek-English Dictionary (NTGED)*, (Springfield, MO: Zeta-Kappa, 1986), 367, 368; ver também James D. G. Dunn, *A teologia do apóstolo Paulo* (São Paulo: Paulus, 2003), 676-703; Schattenmann, “*Comunhão, Ter, Repartir, Participar*”, *DITNT*, 1:379, 380.

²⁷ Ladd, 330.

²⁸ Icenogle, *Biblical Foundations* 14.

João Marcos (At 12:12), na casa de Áquila e Priscila em Corinto (1Co 16:19), essas reuniões não tinham os mesmos elementos que caracterizam o que hoje se designa Pequenos Grupos ou Células, mas o princípio da comunhão – um encontro espiritual íntimo e profundo entre Deus e as pessoas (vertical) e entre pessoas e pessoas (horizontal)²⁹ – estabelecido desde o Éden e destacado na primeira páscoa no Egito, permanece sendo sua grande marca. Percebe-se assim que a igreja em casa, em grupos pequenos é, de fato, “um projeto proposital de Deus”.³⁰ É o padrão³¹ de reunião do povo de Deus no Novo Testamento.

Precursores Históricos

Recapitulando sua trajetória, os princípios bíblico-teológicos para os Pequenos Grupos não se reúnem em um único momento ou evento, mas recolhidos através da história, podem ser entendidos como segue. No Éden foi estabelecido o (1) princípio da comunidade (Gn 1:26). Na páscoa no Egito foi mais bem caracterizado o (2) princípio da comunhão – que é o coração dos Pequenos Grupos – através do alimento: o cordeiro (Êx 12:1-27); depois através dos símbolos (do Cordeiro) pão e vinho (Mt 26:26,27; Mc 14:22,23; Lucas 22:19, 20; At 2:42; 1Co 11:23-25); seguindo-se por meio do Pai, do Filho e do Espírito Santo (1Jo 1:1-3; 2Co 13:13) e também da Palavra (Mt 5:1-2; 7:28-29; Jo 5:39).³² No deserto foi estabelecido o (3) princípio orgânico (Êx 18).³³ Jesus estabeleceu

²⁹ Gilbrant, “Κοινωνία”, *NTGED*, 368; ver também Burrill, *Como reavivar*, 70.

³⁰ Atkerson, http://www.else road.com/topics/house_church/tahct9.pdf, 16/12/2008.

³¹ Ver Ladd, 330.

³² Ver Ellen White, *Ciência do bom viver* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 460; idem, *Conselho aos pais professores e estudantes* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), 266; idem, *Conselho sobre educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), 188; idem, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), 104; idem, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 138; idem, *Fundamentos da educação cristã* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), 89; idem, *Mensagens aos jovens* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 425; idem, *Mensagens escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 2:14; idem, *Mensagens escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 3:76; idem, *Orientação da criança* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 506; idem, *Testemunhos seletos*, 3:27.

com os apóstolos o (4) princípio relacional/pessoal (a comunhão através da pessoa de Cristo: “Vinde a Mim” (Mt 11:28-30; Jo 7:37); “permaneçam em Mim” (Jo 15:1-7); “estou convosco todos os dias” (Mt 28:20). A promessa é mantida: Jesus sobe ao Céu (At 1:9-11) e promete o Consolador “a fim de que esteja para sempre convosco” (Jo 14:16). A presença de Jesus e Sua comunhão seguem por meio do Espírito Santo (Jo 14:16-18). A promessa é confirmada: o Espírito Santo desce sobre uma casa onde um grupo de pessoas estava reunido (At 2:1-4). Paulo e os apóstolos estabeleceram o (5) princípio operacional, “de casa em casa” (At 2:46). O princípio da comunhão (*koinonia*) seguia com a igreja (At 2:42). Esses princípios não mudam. Onde estiver uma igreja operando em Pequenos Grupos, necessariamente, eles estarão acontecendo. Eles são o fermento do Pequeno Grupo. Se faltar um deles toda a “massa” ficará comprometida (Mt 13:33; Mt 16:5-12).

Esses princípios avançaram através dos séculos incorporados à experiência das igrejas em casa,³⁴ e de outros movimentos religiosos e reformadores³⁵ que, em função de sua teologia de adoração, ou por declarada perseguição, evitaram congregar com as igrejas oficiais.³⁶ Movimentos como o Monasticismo, os Lolardos (seguidores de Wycliffe),

³³ "**Orgânico** é um termo genérico... [que] pode estar associado a organismos, órgãos de um ser vivo, ou organizações complexas fora do campo da biologia, onde associações de pessoas, regras ou leis atuam e interagem entre si como os componentes de um organismo, e os processos ligados a esses casos também são ocasionalmente chamados **orgânicos**". Pesquisa realizada na internet, no site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Org%C3%A2nico>, no dia 04 de abril de 2009.

³⁴ Johnson, *Small Group*, 16; ver também Torres, 30.

³⁵ Para uma compreensão mais abrangente sobre a ocorrência de grupos pequenos através dos séculos, ver “History of the Cell Movement”, em Comiskey, “Cell-Based Ministry”, 27-59; Torres, 31.

³⁶ Para uma ampla compreensão dos movimentos religiosos e sua teologia da adoração desde o segundo e terceiro séculos até a “adoração adventista” ver o volume dois “A History of Christian Worship” da obra Lloyd G. Patterson e outros, *Twenty Centuries of Christian Worship*, 2 vols., Robert Webber, ed. (Nashville, TN: Star Song Pub. Group, 1994), 2:29-100; ver também Lloyd G. Patterson, “Sources, Early Liturgical,” em *The New Dictionary of Sacramental Worship (TNSDW)*, Peter E. Fink, ed. (Collegeville, MN: Liturgical Press, 1990), 1201–1213; Peter E. Fink, “Traditions, Liturgical, in the East”, *TNSDW*, 1255–1272; John Brooks Leonard, “Traditions, Liturgical, in the West: Pre-Reformation”, *TNSDW*, 1282–1293; James F. White, “Traditions, Liturgical, in the West: Post-Reformation” (*TNSDW*), 1274–1281.

os Hussitas (unitas fratrum, morávios, seguidores de John Huss), “e vários grupos de mulheres e Irmãos da Vida Comum.... Mesmo que em distintos graus... expressaram um anelo de voltar ao sacerdócio de todos os crentes, à autoridade das Escrituras e a uma vida santa”.³⁷ “Justo antes do século 15 algo começou a mudar nas igrejas. Resultado de uma progressão de despertamentos em que os grupos pequenos estavam na cabeça, tornando-se fortes catalisadores e seguiam como ambientes para edificação depois destes avivamentos”.³⁸

Os Plueddemann, portanto, confirmam que os grupos pequenos nesse período eram elementos “ambientes” e “catalisadores”, compelidos a sobreviverem em grupos pequenos. Não representaram, entretanto, um movimento linear de pequenos grupos em direção ao futuro.³⁹

No século 16, surgiu o poderoso movimento da reforma da igreja.⁴⁰ Esse movimento, ao que parece, não agregou valores ao movimento igrejas em casa.⁴¹ O próprio Lutero parece ter ficado indeciso e temeroso quanto a seguir esse tipo de estrutura de igreja, embora tenha reconhecido sua importância.⁴² “Lutero e Martin Butzer

³⁷ Comiskey, “Cell-Based Ministry”, 35. *Tradução do autor.*

³⁸ Jim e Carol Plueddemann, *Pilgrim in Progress* (Wheaton, IL: Harold Shaw Publishers, 1990), 6.

³⁹ Young, 106-110.

⁴⁰ Para uma compreensão histórico-profética sobre a Reforma Protestante, ver J. H. Merle D’Aubigné, *História da reforma do século XVI*, 6 vols. (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1962); Theodore G. Tappert, *Selected Writings of Martin Luther*, 4 vols. (Philadelphia, PA: 1967); Ellen White, *O grande conflito* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 61-264.

⁴¹ Simson, 10.

⁴² Ver Martin Luther, *Luther’s Work*, vol. 53, *Liturgy and Hymnis*, ed. Ulrich Leupold (Philadelphia, PA: Fortress Press, 1965), 63-64; Martin Luther, “Preface to the German Mass and Order Service”, vol. 53, *Luther’s Works* (1526), WA, 19,44, 73,23, 10,11, citado em Simson, 82-84; Martin Luther, *Preface to the German Mass and Order Service* (1526). In: Helmut T. Lehmann, ed., *Luther’s Works* (Philadelphia, PA: Fortress Press, 1965), vol. 53, 63, 64, citado em Torres, 30, 31; ver também Peter Bunton, *Cell Groups and House Churches: What History Teaches Us* (Ephrata, PA: House to House, 2001), 7.

sugeriram grupos pequenos, embora não haja evidência de que eles mesmos efetivamente começaram”.⁴³

A desconstrução da igreja catedral⁴⁴ em direção aos grupos pequenos da era moderna e aos Pequenos Grupos da atualidade teve seu primeiro grande impulso com Jakob Boehme, em Gorlitz e, principalmente, com Jean de Labadie, em Genebra, por volta de 1640.⁴⁵

Seu único objetivo era: a comunhão dos fiéis em pequenas “irmandades”.... A ênfase de Labadie incidia em transferir a vida cristã de prédios eclesiásticos para casas particulares.

Escreveu um primeiro livro sobre a fundação de “conventículos”, pequenas comunidades de crentes convertidos. Na obra, ele fornecia instruções práticas do que deveriam fazer nas casas: uma palavra de introdução, oração, hinos, leitura da Bíblia.⁴⁶

No entanto, o ponto de partida para a formação dos Pequenos Grupos, um fato que passou ao momento seguinte da história, oferecendo uma perspectiva do futuro, embora não intencionalmente e não rigorosamente linear; o momento mais remoto que criou ou apresentou características que foram utilizadas, ou adaptadas e que, de alguma maneira inspirou, contribuiu, ou se relacionou, ou influenciou os Pequenos Grupos modernos teve seu ponto de partida em 1675 com a obra *Pia Desideria*, com os *Collegia Pietatis*, com Philip Jacob Spener.

Philip Jacob Spener (1635-1705), pai do pietismo alemão, reconheceu que a igreja existente carecia de complementação e que era necessário introduzir pequenos grupos para encorajar e exortar cada indivíduo. No ano de 1670 ele iniciou esses encontros sob o nome de “reunião piedosa” (*collegia pietatis*). Os cristãos se reuniam duas vezes por semana numa casa, discutiam às vezes a pregação da igreja luterana a que pertenciam, mas depois evoluíram rapidamente para grupos de leitura bíblica.⁴⁷

A intenção de Spener, bem como dos movimentos anteriores, não seria fundar uma nova Igreja, mas reformar a própria – *ecclesiolae in ecclesia*. Segundo Young,

⁴³ Young, 107. *Tradução do autor.*

⁴⁴ Ver White, *O grande conflito*, 61-78.

⁴⁵ Young, 107; Simson, 85.

⁴⁶ Simson, 85-86.

⁴⁷ *Ibid.*, 86; ver também Justo L. González, *Historia del Cristianismo*, 2 vols. (Miami, FL: Editorial Unilit, 2003), 2:345.

o propósito dos grupos era renovar a grande Igreja, *ecclesia*. Se toda a Igreja devia ser renovada, um começo deveria ser com os cristãos sérios em cada congregação. Estes *ecclesiolae in ecclesia* (“pequenas igrejas dentro da Igreja”) não pretendiam, contudo, substituir a igreja institucional.⁴⁸

Kenneth Derksen aponta Johann Arndt como a mais proeminente voz a protestar por uma reforma na igreja reformada.⁴⁹ “Lutero era muito reverenciado, mas pouco conhecido. As igrejas, sobretudo as principais, tornaram-se frias, intelectuais, e desprovidas de vida espiritual”.⁵⁰

As obras de Arndt exerceram grande influência sobre Philip Jacob Spener (1635-1705). Um jovem brilhante, fortemente influenciado por sua mãe cristã, Spener recebeu seu título de mestre aos dezoito anos. Após receber o título de doutor em teologia pela Universidade de Estrasburgo, foi ordenado ao ministério luterano e ocupou um importante posto de pastor sênior em Frankfurt em 1666.... Sua visão foi claramente expressa em 1675, quando seu prefácio para a nova edição da obra de Arndt foi publicada separadamente como *Pia Desideria* (*Earnest Desires for the True Reform of the Evangelical Church*).⁵¹

Os *Collegia Pietatis* foram as primeiras reuniões em grupo como movimento⁵² religioso cristão, em busca de uma mudança, baseados na Bíblia, voltados para a reforma, com conseqüências espirituais que se projetaram para além de seu tempo,⁵³ influenciando outro importante movimento em grupos pequenos, ao imprimir “seu selo sobre João Wesley e, através dele, sobre o metodismo”.⁵⁴ Alguns desses grupos morávios abriram dissensões com a igreja luterana institucional estabelecida com o apoio do governo.⁵⁵ Para acomodar a situação os pequenos grupos pietistas

⁴⁸ Young, 108. *Tradução do autor.*

⁴⁹ Kenneth Derksen, “The Collegium Pietatis as a Model for Home Bible Study Groups”, *Cruz* XXII, n° 4, (1986): 17, citado em Young, 106.

⁵⁰ Young, 106. *Tradução do autor.*

⁵¹ *Ibid.*, 107. *Tradução do autor.*

⁵² Há de se considerar que os *dissenters*, representantes de uma versão inglesa dos huguenotes, “organizaram-se em igrejas nos lares e na ‘igreja no deserto’, como se chamavam.... Aos encontros nas casas agregaram-se grandes reuniões em clareiras em florestas e outros locais adequados” (Simson, 86).

⁵³ A. Kenneth Curtis, J. Stephen Lang e Randy Petersen, *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo* (São Paulo: Vida, 2001), 142.

⁵⁴ González, 2:347. *Tradução do autor.*

⁵⁵ Beckham, 140.

não deveriam considerar sua comunhão nos grupos a verdadeira igreja quando comparada com a igreja institucional. A essa altura, Spener pode ter feito uma concessão à igreja catedral. Sua teologia certamente considerava o grupo pequeno como igreja. No entanto, suas declarações públicas levaram em conta que sua abordagem iria intimidar a estrutura existente. Portanto, Spener usou declarações que o *status quo* achasse menos ameaçadoras. A palavra igreja foi reservada para aquilo que ocorria no domingo. Ao fazê-lo, Spener fez dos grupos pequenos um anexo à igreja existente e condenou o movimento.⁵⁶

Nem tudo, porém, estava perdido. “O impacto de Spener e do pietismo se fez sentir no jovem Nicolas Luis, conde de Zinzendorf, em cujo batismo Spener havia servido de padrinho”.⁵⁷ Zinzendorf, que era “luterano devoto, originário de uma família rica, ansioso para usar seus recursos para servir ao Senhor”, recebeu em sua propriedade, em 1722, um grupo de morávios, liderados por Christian David, que lhe pediu abrigo. O resultado foi a formação de uma comunidade chamada Herrnhut (o Senhor cuida).⁵⁸ Com o rápido crescimento dessa comunidade chegaram os problemas. Zinzendorf decidiu abandonar

sua mansão senhorial para morar com a comunidade. Estabeleceu regras para a vida comunitária com as quais concordaram. A comunidade escolheu presbíteros que atuariam como líderes. As obras de caridade começaram a fazer parte da atividade do grupo como um todo. Com a criação de pequenos grupos que foram formados visando ao crescimento espiritual.⁵⁹

Anabatistas,⁶⁰ entretentes, fazem um capítulo à parte na história dos grupos pequenos vindo a ocupar, inicialmente, “um papel vital no movimento”.⁶¹ Desde 1522 que “aqueles que tinham tendência anabatistas reuniam-se em casas. Eram reuniões pequenas e privadas. Essas reuniões se estenderam em uma onda de grupos de leitura

⁵⁶ Ibid.; ver também Young, 109.

⁵⁷ González, 2:345.

⁵⁸ Curtis, 148-149.

⁵⁹ Ibid., 149-150.

⁶⁰ O nome “anabatista” significa “rebatizado”, nome dado por seus críticos uma vez que eles rejeitavam o batismo de crianças, pois o consideravam contrário aos ensinamentos bíblicos. Ver Kenneth Scott Latourette, *A History of the Christianity*, 2 vols. (New York: Harper and Row, 1975), 2:779; Ver também González, 2:65-70.

⁶¹ Comiskey, “Cell-Based Ministry”, 36.

de leigos principalmente em Zurich e adjacências”.⁶² “Os clérigos do século 17 achavam que isso era utópico e que se tratava de uma idéia potencialmente ameaçadora”.⁶³

Parecia haver certa razão nesse temor. Provavelmente inspirados pelas doutrinas de Tomaz Müntzer, “primeiro mártir anabatista condenado à morte” por afogamento,⁶⁴ o movimento anabatista logo atraiu grande oposição, tanto por parte dos católicos como dos reformadores. Mesmo que essa oposição se expressasse comumente em termos teológicos, o fato é que os anabatistas foram perseguidos porque eram considerados subversivos.⁶⁵

Os Plueddemann concordam que “os anabatistas experimentaram a perseguição de luteranos, calvinistas, e católicos combinados, que pode ser parte da razão porque se reuniam nas casas.”⁶⁶ Steven Atkerson parece reviver o espírito da época ao refletir com profundo sentimento sobre os acontecimentos daquele difícil período, com as seguintes palavras de ponderação:

Durante o século XVI ocorreram, simultaneamente, dois movimentos de reforma da igreja. O mais famoso, a reforma protestante, foi encabeçado por Martinho Lutero e João Calvino. (Embora Lutero tenha começado como um Puritano, ele eventualmente se tornou um Separatista). Estes reformadores Protestantes ajudaram a restaurar a teologia (orthodoxy) da igreja para ensinamentos bíblicos tais como salvação pela graça através da fé. Somos-lhes profundamente devedores.

Contudo, os reformadores não reconstruíram completamente as práticas da igreja (orthopraxy). Como Constantino (um imperador “cristão” do quarto século) que tornou os templos pagãos em catedrais cristãs, os Protestantes em grande parte tornaram as catedrais católicas em igrejas Protestantes.

Menos famosa (e para alguns, mais infame) foi a reforma Radical. Estes reformadores também desejavam ver a igreja de Deus restaurada à sua forma original no Novo Testamento, não somente em sua teologia, mas também em sua prática.⁶⁷

⁶² Ibid.

⁶³ Simson, 141.

⁶⁴ Jane Holly Latham, "In Search of the True Church: An Examination of the Significance of Small Groups Within Early Anabaptism and Pietism" (M.A. tese, Acadia University, Wolfville, NS, 1992), 27.

⁶⁵ González, 2:66, 67. *Tradução do autor.*

⁶⁶ Plueddemann, 7. *Tradução do autor*; ver também Young, 105.

⁶⁷ Steve Atkerson, ed., *Ekklesia, to the Roots of the Biblical House Church Life* (Atlanta, GA: New Testament Restoration Foundation, 2003), 121. *Tradução do autor.*

Ellen White concorda com esse reconhecimento aos anabatistas, porém, é bastante clara em dizer que houve excessos e fanatismo no movimento, que colocaram em risco o propósito divino da reforma.⁶⁸

Os ensinadores fanáticos entregaram-se à direção das impressões, considerando todo pensamento e impulso como sendo a voz de Deus; conseqüentemente iam a grandes extremos. Alguns queimaram mesmo a Bíblia, exclamando: “A letra mata, mas o Espírito vivifica.” O ensino de Munzer apelava para o desejo humano do maravilhoso enquanto satisfazia seu orgulho colocando virtualmente as idéias e opiniões dos homens acima da Palavra de Deus. Suas doutrinas eram recebidas por milhares. Logo denunciou toda a ordem no culto público, e declarou que obedecer aos princípios era tentar servir simultaneamente a Deus e a Belial.⁶⁹

Brian McLaren sintetiza esse dramático momento da história cristã e propõe sua transição nas pessoas dos irmãos Wesley.

Lutero e Calvino criaram sistemas intelectuais protestantes (um tipo de hierarquia conceitual) que substituiu a hierarquia organizacional católica. Ninguém, no entanto, criou um sistema de formação espiritual e de cuidado para substituir o sistema católico altamente desenvolvido de espiritualidade que se ampliara durante a Idade Média. Ninguém fez isso no século XVI, ninguém fez isso no século XVII ou em grande parte do século XVIII... até os Wesley. As pessoas tinham a doutrina protestante, mas não tinham as trilhas, caminhos ou métodos de formação espiritual, a piedade dessas pessoas logo se dissipava tornando-se frustração espiritual e sonhos não realizados de fervor devocional. Complacência, nominalismo, intelectualismo e hipocrisia se espalharam pelo mundo protestante com apenas algumas exceções (como os irmãos morávios). Não até que os Wesley fizessem em prol da formação espiritual aquilo que Lutero e Calvino haviam feito pela doutrina: criar um sistema que substituísse aquilo que havia sido rejeitado do catolicismo.⁷⁰

João Wesley e os Pequenos Grupos

Finalmente, no século 18, uma nova estrutura de igreja⁷¹ começa a ser concebida, utilizando o mesmo princípio das igrejas em casa do Novo Testamento,⁷² dando início a

⁶⁸ White, *O grande conflito*, 186-196.

⁶⁹ Ibid., 191.

⁷⁰ Brian McLaren, “Por Que Sou Um Metodista?”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.metodistasonline.kit.net/porquesoumetodista.htm>, no dia 15 de julho de 2009.

⁷¹ Simson e Beckham, entre outros, defendem a posição de que Lutero implementou a “reforma da teologia”. A “reforma das estruturas”, chamada por Beckham de “segunda reforma” e por Simson de “terceira reforma” foi implementada pelos grupos pequenos. Ver Simson, 10; Beckham, 23.

⁷² Banks, *The Church Comes*, 22-48.

outro movimento de grupos pequenos em casa, muito semelhantes aos Pequenos Grupos da atualidade. Trata-se de John Wesley e o metodismo.

Por cerca de dois anos Wesley conviveu com os Morávios,⁷³ e foi através deles que seu coração foi “estranhamente aquecido”;⁷⁴ como resultado, Wesley adaptou uma nova estrutura para atender o crescimento de seus seguidores.⁷⁵ Young apresenta um interessante resumo destes antecedentes, demonstrando que Wesley desenvolveu um modelo que vinha evoluindo desde Spener e foi extraordinariamente aproveitado por seu estilo de liderança.

A idéia de grupos pequenos e disciplinados espalhou-se da Alemanha para a Inglaterra. Anthony Horneck, um bem conhecido pregador anglicano, deixou o continente para a Inglaterra em 1661 e em 1678 (oito anos após o primeiro grupo de Spener) começou a organizar grupos pequenos (ou sociedades) de anglicanos para instrução, encorajamento e disciplina. Essas sociedades religiosas anglicanas espalharam-se rapidamente; no início dos anos 1700 pelo menos cerca de 40 grupos estavam funcionando em Londres. Por sua vez, a liderança anglicana permitia e encorajava as sociedades.

Samuel Wesley, pároco anglicano em Epworth e pai de João e Carlos Wesley, fundou um grupo pequeno ou uma sociedade em sua paróquia em 1702.... Tempos depois, durante prolongada ausência do esposo Samuel em 1712, Susanna Wesley formou uma sociedade de grupo pequeno em sua casa e causou grande efeito. Não é de surpreender que seus filhos, João e Carlos, formassem uma sociedade similar durante seus dias em Oxford, a qual chamaram de o “Clube Santo” e cujos membros foram apelidados de “Metodistas” por causa de sua estrita disciplina espiritual.⁷⁶

Na evolução dessa história pode-se averiguar se as “Classes” (Class Meetings) de Wesley poderiam ser chamadas de Pequenos Grupos. Será que John Wesley teria praticado Pequenos Grupos/Células, em pleno século 18, conforme os modelos que se praticam atualmente?

George G. Hunter III escreve: “Para Wesley, o evangelismo... ocorria principalmente nos encontros das classes...” “Ele era impulsionado para a multiplicação de ‘classes’ porque essas serviam melhor como grupos de recrutamento, como portas de entrada para pessoas novas e para envolver as pessoas avivadas com o evangelho e com poder”.⁷⁷

⁷³ Young, 111.

⁷⁴ Banks, *The Church Comes*, 58.

⁷⁵ Ibid.

⁷⁶ Young, 110. *Tradução do autor.*

⁷⁷ Hunter, 58, 56, citado em Comiskey, *Crescimento explosivo*, 140, 24.

Entretanto, baseado em Dean, e no próprio Hunter, que parece não ter atentado em sua declaração anterior, Comiskey registra: “Aparentemente, as classes multiplicavam-se principalmente como resultado da implantação de novas classes”.⁷⁸ “O objetivo principal em sua pregação era dar início a novas classes”.⁷⁹ Agora é o próprio Comiskey que segue o paradigma⁸⁰ e parece se equivocar quando diz que a multiplicação das “classes” vem como resultado da “implantação de novas classes, de modo bastante parecido com a... implantação de células”.⁸¹

Bastante esclarecedora, porém, são as palavras de Dean em nota apresentada pelo mesmo Comiskey no final de sua obra acima citada: “William Walter Dean, escreve em sua dissertação sobre o sistema de classes de Wesley: ‘A divisão das células, era muito menos comum do que se podia esperar. A formação de novas classes era de longe o meio mais freqüente pelo qual acontecia o crescimento’”.⁸²

Young confirma a posição de Dean. Segundo ele, após Wesley separar-se dos Morávios, juntou-se a seu amigo George Whitefield na pregação em campo aberto aos pobres de Bristol.

A resposta foi surpreendente. Centenas [de pessoas] ficaram convictas de seus pecados e profundamente interessadas no evangelho.

A questão que Wesley enfrentava agora era o que fazer com essas centenas de conversos. A resposta era óbvia: ele rapidamente começou a organizá-los em sociedade e grupos.

⁷⁸ Dean, “Disciplined Fellowship”, 266; Comiskey, *Crescimento explosivo*, 24.

⁷⁹ Hunter, 57, citado em Comiskey, *Crescimento explosivo*, 24.

⁸⁰ O autor chama de “paradigma” a tendência em geral de se dar a toda reunião eclesiástica, principalmente às reuniões evangelísticas, realizadas em grupos pequenos de pessoas, o título de “pequenos grupos”. Essa tendência parece indicar-se oportunista quanto ao aproveitamento da marca “pequenos grupos” para validar, ou mesmo valorizar trabalhos e iniciativas similares.

⁸¹ Comiskey, *Crescimento explosivo*, 24.

⁸² Dean, 266; Comiskey, *Crescimento explosivo*, 140.

Quando as sociedades cresceram demais para seu cuidado pastoral, ele selecionou colaboradores que tinham o dom de pregar e pastorear para cuidar dos conversos, e ele começou a realizar conferências anuais para esses líderes.⁸³

A conclusão que esta análise oferece, portanto, é que, a multiplicação das Classes de Wesley não era tanto confiada à sua liderança, ou às próprias Classes, mas às suas pregações. Ou seja: Wesley pregava, as pessoas decidiam-se por Cristo, então eram encaminhadas às Classes para confirmação na fé. “De cidade em cidade, Wesley e seus associados pregavam e organizavam as pessoas [convertidas] em pequenos grupos para crescimento espiritual”.⁸⁴ Estratégia diferente do movimento celular atual e, até mesmo dos Pequenos Grupos atuais praticados em muitas igrejas, cujo objetivo claro é sua multiplicação, ou “divisão” pelo evangelismo interno, isto é, aumento do número de membros gerados nas próprias Células, ou nos Pequenos Grupos.

Essa idéia aparece no sincero e oportuno reconhecimento que Whitefield faz de Wesley: “Meu irmão Wesley agiu sabiamente — as almas que foram despertadas sob seu ministério ele juntou-as em classes e assim preservaram o fruto do seu labor. Isso eu negligenciei e o meu povo era como um cordão de areia”.⁸⁵

Na obra acima citada, Henderson⁸⁶ proporciona essa compreensão ao apresentar um panorama da sociedade inglesa à época, e do tipo de converso ganho por Wesley. A pobreza e miséria do povo inglês haviam atingido seu limite. Enquanto os aristocratas tinham a “sorte” de lucrar rapidamente com suas fábricas e moinhos,

os pobres, por outro lado, amontoavam-se desde as remotas áreas agrárias até as grandes cidades à procura de trabalho.... Os campos eram drenados de trabalhadores; as áreas urbanas cresciam rapidamente com as novas hordas de trabalhadores empobrecidos. Arrancados de suas raízes culturais e familiares que até então conheciam, tornavam-se

⁸³ Young, 111. *Tradução do autor*. Ver também, Howard Snyder, *The Radical Wesley: Pattern for Church Renewal* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987), 15-16.

⁸⁴ Henderson, 28. *Tradução do autor*.

⁸⁵ *Ibid.*, 30. *Tradução do autor*. Ver também Luke Tyerman, *The Life of the Reverend Georg Whitefield*, 2 vols. (London: Hodder and Stoughton, 1876), 2:391-392; John A. Newton, *Susanna Wesley and the Puritan Tradition in Methodism* (London: Epworth Press, 1968), 86.

⁸⁶ Henderson, 17-31.

presa fácil tanto da impiedade dos senhores da indústria, quanto dos vícios das favelas urbanas.⁸⁷

As massas das vilas de camponeses, que tinham sido a espinha dorsal da República Puritana, estavam agora vendendo o seu direito de nascer religioso por trabalhos nas fábricas das cidades industriais. Os valores remanescentes da piedade puritana que eles conheciam logo iriam se desfazer na confusão moral das favelas.⁸⁸

É provável que esse povo não tivesse o preparo para liderar um crescimento de igreja baseado em grupos pequenos, com organizado conceito de liderança, muito embora o trabalho exemplar de Wesley na preparação de seus líderes de Classe tenha superado qualquer modelo de sua época. “O toque genial de Wesley foi o movimento de pequenos grupos que estava acoplado à sua pregação do evangelho”.⁸⁹ Essas Classes também eram a porta de entrada para novos conversos, mas não a principal. Portanto, Wesley fazia seus conversos pela pregação e os unia e fortalecia nos grupos pequenos.⁹⁰

Pela mesma análise, porém, pode-se perceber que John Wesley praticou um modelo saudável de grupos pequenos. Seu modelo foi pioneiro, original e exclusivo em sua época. Apesar dessa importante diferença de estratégia quanto à conquista de novos conversos, os grupos pequenos de Wesley funcionaram como um sistema que crescia, progredia e se consolidava.

Wesley oferecia dois tipos de experiência com pequenos grupos: as classes e os grupos (“bands”). Os grupos eram opcionais; as classes eram requeridas de todos que desejavam continuar como membros. O resultado foi o estabelecimento de um sistema de cuidado pastoral próspero. “Cada grupo consistia de dez a doze pessoas da mesma vizinhança, que se reunia uma vez por semana aproximadamente por uma hora.” “Os líderes eram, leigos – alguns homens, mas a maioria mulheres – escolhidos por causa da sua alta moral e caráter espiritual, e por seu bom senso.”⁹¹

Desse modo, o metodismo primitivo desenvolveu todos os princípios básicos de pequenos grupos relacionais que se reuniam regularmente para apoio e encorajamento mútuo e para responsabilizarem uns aos outros por sua vida em Cristo. As reuniões de classes metodistas tinham todos os elementos dos pequenos grupos. Esta foi a primeira vez, desde a apostasia

⁸⁷ Ibid., 18. *Tradução do autor.*

⁸⁸ Ibid., 20. *Tradução do autor.*

⁸⁹ Burrill, *Como reavivar*, 107.

⁹⁰ Ibid., 113; ver também David Lowes Watson, *The Early Methodism Class Meeting* (Nashville, TN: Discipleship Resources, 1987), 149.

⁹¹ Burrill, *Como reavivar*, 107.

de Constantino e do estabelecimento da igreja institucional, que uma igreja edificada em pequenos grupos relacionais teve tanto apoio popular.⁹²

Apesar das práticas da religião em grupos pequenos pelos anabatistas no século 16,⁹³ das pequenas “irmandades” de Jean Labadie,⁹⁴ das “igrejas nos lares” dos Huguenotes e dos *collegia pietatis* do século 17,⁹⁵ não há registro de nenhuma outra igreja cristã que tenha emergido da Idade Média com um sistema de grupos pequenos assim organizados. “O metodismo estava interligado por uma rede de sociedades”.⁹⁶ A Igreja Metodista foi a única até então, e a pioneira desde então, a estabelecer os grupos pequenos como sistema e como método distintivo para suas atividades.

Portanto, Wesley estabeleceu o que pode ser chamado de o sexto princípio – o (6) princípio metodológico/estrutural – para os Pequenos Grupos. Ele criou um método para as igrejas dos tempos modernos, retirando-as dos claustros para as casas, da hierarquia para o povo, do governo para a comunidade.⁹⁷ “O metodismo, de forma suave e amável, mudou a sociedade britânica”.⁹⁸ Essa estrutura, no entanto, após sua morte, enfraqueceu-se e caiu em desuso.⁹⁹ Dean aponta para o declínio do “sistema class meeting”, já bem caracterizado antes do fim do século 19, quando aparece num documento meio secreto, o “Relatório do Comitê dos Membros da Igreja de 1887”.¹⁰⁰ O metodismo deixou de praticar

⁹² Ibid., 114.

⁹³ Simson, 84, 85.

⁹⁴ Ibid., 85, 86.

⁹⁵ Ibid., 86, 87.

⁹⁶ Ibid., 87.

⁹⁷ Curtis, 155-156.

⁹⁸ Ibid., 155.

⁹⁹ José Ildo Swartele de Mello, “Wesley, grupos pequenos como modelos da cultura do Reino”, pesquisa realizada na internet, no site <http://escatologiacrsta.blogspot.com>, no dia 03 de julho de 2008.

¹⁰⁰ Dean, 347. Na tentativa de defender os ataques ao sistema de classes, já enfraquecido, o ministro wesleyano John Bates publicou um livreto em 1849, que foi reimpresso em 1866, contendo uma “lista de queixas comuns” ao Class-Meeting. Ver John Bates, *Objections to the Methodist Class Meeting Answered: A Book for the Hearers and Members* (London: Hamilton, Adams & Co., 1866), citado em Dean, 323, 326. Em 1868, outro ministro, Thomas Hughes,

e, conseqüentemente, deixou cair no esquecimento esse sistema revolucionário chamado pequenos grupos, criado por John Wesley, na Inglaterra do século 18.

Ellen White e os Pequenos Grupos

Na primeira metade do século 19, enquanto a Europa recolhia os canhões do imperialismo, pressionada pelas revoltas populares internas que definiam um novo mapa no velho continente, principalmente na década de 1840, que ficou conhecida como a “primavera dos povos”,¹⁰¹ as Américas acendiam suas fogueiras revolucionárias, iluminando sua “transição histórica”.¹⁰²

Na América do Norte, a expansão econômica e territorial, a chegada de imigrantes em massa, a corrida para o oeste, as lutas ideológicas, a tolerância religiosa faziam do novo mundo um caldeirão de raças e tendências.¹⁰³ O protestantismo também contribuiu com essa expansão e conquista em direção ao oeste americano.

Inicialmente não havia pastores e os pioneiros seguiam sua religião apenas com a leitura da *Bíblia*. Sua vida religiosa era espontânea, simples e animada por uma grande chama interior, o que contribuiu para o surgimento de uma série de seitas [sic] protestantes, como os mórmons, batistas, metodistas.¹⁰⁴

No transcorrer do século 19, vários movimentos religiosos se destacaram, a ponto de se considerar que houve nesse período um grande despertar, ainda, possivelmente, sob influência de Jonathan Edward, John Wesley e George Whitefield.¹⁰⁵

publicou um livro atacando duramente o sistema de classes metodista. Ver Thomas Hughes, *The Condition of Membership of Christian Church, Viewed in Connexion with the Class-Meeting System in the Methodist Body* (London: Hodder and Stroughton, 1873), citado em Dean, 330.

¹⁰¹ Leone Itaussu A. Mello e Luís César Amad Costa, *História moderna e contemporânea* (São Paulo: Scipione, 1993), 171.

¹⁰² Carlos Guilherme Mota, *História moderna e contemporânea* (São Pulo: Editora Moderna, 1988), 181.

¹⁰³ Ver Florival Cáceres, *História da América* (São Paulo: Editora Moderna, 1992), 106-117.

¹⁰⁴ Ibid., 108. Ver também, Herbert E. Douglass, *Mensageira do Senhor* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), 45-47.

¹⁰⁵ Orlando Boyer, *Heróis da fé* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2001), 51-83.

Na primeira metade do século 19, mais precisamente no fim da década de 30 e primeira metade da década de 40, surge o movimento milerita.¹⁰⁶

A religião que é de massa, com grandes evangelismos e campais, também é, ao mesmo tempo, uma religião solitária, que se faz nas casas e nas famílias dos pioneiros.¹⁰⁷ Assim é construída a Igreja Adventista do Sétimo Dia – movimento remanescente da grande decepção milerita de 1844. “Como era de se esperar”, declara Herbert Douglass, “muitos adventistas eram ex-metodistas”.¹⁰⁸ Dentre estes a família de Robert Harmon e Eunice Gould Harmon, de quem Ellen Gould Harmon era filha. Mais tarde, em 1846, Ellen casa-se com Tiago White, passando a chamar-se Ellen White, nome pelo qual é conhecida.¹⁰⁹

Metodista,¹¹⁰ convertida ao milerismo,¹¹¹ “Ellen White teve que lutar contra o sentimento prevalecente entre os líderes mileritas de todos os fenômenos carismáticos, tais como visões e transe deviam ser rejeitados”.¹¹² Apesar do ambiente de muita desconfiança,¹¹³ Ellen – uma adolescente de apenas 17 anos, vinda de uma infância sofrida, vitimada por acidente aos nove anos de idade que lhe impedira de seguir adiante em seus estudos¹¹⁴ – começa a receber orientações de Deus e a escrevê-las.¹¹⁵ Torno-se

¹⁰⁶ Alberto R. Timm, *O santuário e as três mensagens angélicas* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2007), 15-20.

¹⁰⁷ Cáceres, 108. Douglas, 47.

¹⁰⁸ Douglass, 47.

¹⁰⁹ Ibid., 48.

¹¹⁰ Ellen White, *Vida e ensinios* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, s/d), 20.

¹¹¹ Douglass, 48.

¹¹² George Knight, *Millennial Fever* (Nampa, ID: Pacific Press, 1993), 273, citado em Douglass, 39.

¹¹³ “Conference of Adventist at New York, Commencing May 6th, 1845”, *Advent Herald*, 21 de maio de 1845, 118, citado em Timm, *O santuário*, 107.

¹¹⁴ Douglass, 48-49.

¹¹⁵ Ellen White, *Primeiros escritos* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976), 13-24. Ver também, Douglass, 50; Richard W. Schwarz, *Light Bearers to the Remnant* (Mountain

assim uma das mais profícuas escritoras da América e do mundo religioso. “Perto do encerramento do seu ministério septuagenário, sua produção literária totalizava aproximadamente 100.000 páginas, ou o equivalente a 25 milhões de palavras”.¹¹⁶ Por sua importância para a IASD, um estudo de seus escritos sobre “pequenos grupos” está sendo considerado à parte.

Analisadas as ocorrências das palavras “pequeno grupo”, “pequenos grupos” e “grupos pequenos”, em 62 obras de Ellen White, em língua portuguesa, todas editadas pela Casa Publicadora Brasileira,¹¹⁷ verificou-se ocorrer a expressão “grupos pequenos” quatro vezes, “pequenos grupos” 26 vezes e “pequeno grupo” 40 vezes, perfazendo um total de 70 vezes.

Essas expressões em português foram traduzidas das obras correspondentes em sua língua original (inglês), das expressões correspondentes, como segue: *few*,¹¹⁸ uma vez;¹¹⁹ *few men*,¹²⁰ duas vezes;¹²¹ *little band*,¹²² duas vezes;¹²³ *little companies*,¹²⁴ seis

View, CA: Pacific Press, 1979), 55-56; C. Mervyn Maxwell, *Tell It to the World* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1976), 58.

¹¹⁶ Douglass, 108.

¹¹⁷ A Casa Publicadora Brasileira é a editora oficial no Brasil da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

¹¹⁸ Ellen White, *Gospel Workers* (Washington, DC: Review and Herald, 1915), 335-336.

¹¹⁹ Ellen White, *Obreiros evangélicos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 335-336.

¹²⁰ Ellen White, *The Great Controversy Between Christ and Satan* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1911), 610-611; Ellen White, *Maranatha: The Lord Is Coming* (Washington, DC: Review and Herald, 1976), cap. 23.

¹²¹ White, *O grande conflito*, 610; Ellen White, *Maranata, o Senhor vem* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977), 29.

¹²² Ellen White, *Steps to Christ* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1892), 75; Ellen White, *The Desire of Ages* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1898), 296.

¹²³ Ellen White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 75; Ellen White, *O desejado de todas as nações* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 296.

¹²⁴ White, *The Great Controversy*, 224; Ellen White, *Counsels to Parents, Teachers, and Students* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1913), 469; Ellen White, *The Acts of the Apostles* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1911), 262; Ellen White, *Welfare Ministry* (Washington, DC: Review and Herald, 1952), 349 pp. [WM], 94; *ibid.*, 349; Ellen White, *Testimonies for the Church*, 9 vols. (Mountain View, CA: Pacific Press, 1948), 9:172.

vezes;¹²⁵ *little company*,¹²⁶ 22 vezes;¹²⁷ *little groups*,¹²⁸ uma vez;¹²⁹ *little knots*,¹³⁰ duas vezes;¹³¹ *small companies*,¹³² 20 vezes;¹³³ *small company*,¹³⁴ duas vezes;¹³⁵ *small*

¹²⁵ White, *O grande conflito*, 224; Ellen White, *Conselhos aos pais, professores e estudantes* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), 469; idem, *Atos dos apóstolos*, 262; idem, *Beneficência social*, 94.

¹²⁶ Ellen White, *Evangelism* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1970), 203, 278, 357-358; Ellen White, *Christian Service* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1947), 158; idem, *Maranatha*, 32; *ibid.*, 213; Ellen White, *The Faith I Live By* (Washington, DC: Review and Herald, 1973), 289; Ellen White, *Last Day Events* (Boise, ID: Pacific Press, 1992), 330; Ellen White, *Prophets and Kings* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1943), 605; idem, *Last Day Events*, 258; idem, *The Faith I Live By*, 311; Ellen White, *The Desire of Ages* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1940), 830; idem, *The Great Controversy*, 74; *ibid.*, 454; *ibid.*, 618; idem, *Maranatha*, 272; idem, *Gospel Workers*, 138; Ellen White, *Early Writings of Ellen G. White* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1945), 263; *ibid.*; idem, *Testimonies*, 5:450; idem, *Maranatha*, 198; Ellen White, *Selected Messages*, 3 vols. (Washington, D.C.: Review and Herald, 1980), 3:262-263.

¹²⁷ White, *Evangelismo*, 203, 278, 358; Ellen White, *Serviço cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 157; idem, *Maranata*, 30, 211; Ellen White, *A fé pela qual eu vivo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1959), 289; Ellen White, *Eventos finais* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), 256; Ellen White, *Profetas e reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 605; idem, *Eventos finais*, 258; idem, *A fé pela qual eu vivo*, 311; idem, *O desejado*, 830; idem, *O grande conflito*, 74; idem, *O grande conflito*, 454, 618; idem, *Maranata*, 270; idem, *Obreiros evangélicos*, 138; idem, *Primeiros escritos*, 263; *ibid.*; Ellen White, *Testemunhos seletos*, 2:150; idem, *Maranata*, 196; idem, *Mensagens escolhidas*, 3:262, idem, *Testemunhos seletos*, 3:371; idem, *Beneficência social*, 133.

¹²⁸ White, *Gospel Workers*, 407-408.

¹²⁹ White, *Obreiros evangélicos*, 407-408.

¹³⁰ White, *The Desire of Ages*, 618-619; Ellen White, *Lift Him Up* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1988), 323.

¹³¹ White, *O desejado*, 818; Ellen White, *Exaltai-O!* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992), 323.

¹³² White, *Testimonies*, 7:21-22 (2x); idem, *Welfare Ministry*, 107 (2x); idem, *Christian Service*, 72 (2x); idem, *Evangelism*, 115 (2x); idem, *Maranatha*, 38; idem, *Evangelism*, 389; idem, *Counsels to Parents*, 158; Ellen White, *Child Guidance* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1954), 308; idem, *Counsels to Parents*, 311; Ellen White, *Counsels on Health* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1957), 501; Ellen White, *The Acts of the Apostles* (Mountain View, CA: Pacific Press, 1911), 155; idem, *Testimonies*, 6:182-183; Ellen White, *Ye Shall Receive Power* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1995), 151; idem, *Testimonies*, 7:21-22 (2x); Ellen White, *In Heavenly Places* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1967), 92.

¹³³ White, *Testemunhos seletos*, 3:84 (2x); idem, *Beneficência social*, 107 (2x); idem, *Serviço cristão*, 72; idem, *Evangelismo*, 115 (2x); idem, *Maranata*, 36; idem, *Evangelismo*, 389; idem, *Conselhos aos pais*, 158; Ellen White, *Orientação da criança* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 308; idem, *Conselhos aos pais*, 311; Ellen White, *Conselhos sobre saúde* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 501; idem, *Atos dos apóstolos*, 155; Ellen White, *Conselhos sobre educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), 168-169; Ellen White, *E recebereis poder* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), 151; Ellen White, *Testemunhos para a igreja*, 9 vols. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), 7:21-22; idem, *Testemunhos para a igreja*, 7:195.

group,¹³⁶ 11 vezes;¹³⁷ *small groups*,¹³⁸ uma vez.¹³⁹ São 11 expressões em inglês traduzidas para três em português.

Das 70 vezes em que a expressão *pequeno grupo* (ou *pequenos grupos*, ou *grupos pequenos*) aparece em português, apenas 11 vezes é traduzida diretamente da expressão correspondente *small group* (uma vez de *small groups*).¹⁴⁰ Em outras 59 vezes a expressão *pequenos grupos* é traduzida das nove outras expressões em inglês citadas acima.¹⁴¹

¹³⁴ White, *Evangelism*, 376; Ellen White, *This Day With God* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1979), 157.

¹³⁵ White, *Evangelismo*, 376; Ellen White, *Este dia com Deus* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1980), 155.

¹³⁶ White, *Testimonies*, 9:260-261 (3x); idem, *Gospel Workers*, 490 (3x); idem, *Testimonies*, 9:260-261 (3x); idem, *Last Day Events*, 55-56 (2x).

¹³⁷ White, *Testemunhos seletos*, 3:408-409 (3x); idem, *Obreiros evangélicos*, 490 (3x); idem, *A igreja remanescente*, 67-68 (3x); idem, *Eventos finais*, 55-56 (2x).

¹³⁸ White, *Evangelism*, 111-112.

¹³⁹ White, *Evangelismo*, 111-112.

¹⁴⁰ Tradução em português: White, *Testemunhos seletos*, 3:408-409 (3x); idem, *Obreiros evangélicos*, 490 (3x); idem, *A igreja remanescente*, 67-68 (3x); idem, *Eventos finais*, 55-56 (2x). Fontes originais respectivas: White, *Testimonies*, 9:260-261 (3x); idem, *Testimonies*, 9:260-261 (3x); idem, *Testimonies*, 9:260-261 (3x); idem, *Testimonies*, 9:260-261 (2x).

¹⁴¹ Ver, (1) *few*: White, *Gospel Workers*, 335-336; (2) *few men*: idem, *The Great Controversy*, 610-611; idem, *Maranatha*, Chap. 23; (3) *little band*: idem, *Steps to Christ*, 75; idem, *The Desire of Ages*, 296; (4) *little companies*: idem, *The Great Controversy*, 224; idem, *Counsels to Parents*, 469; idem, *The Acts of the Apostles*, 262; idem, *Welfare Ministry*, 94, 349; idem, *Testimonies*, 9:172; (5) *little company*: idem, *Evangelism*, 203, 278, 357-358; idem, *Christian Service*, 158; idem, *Maranatha*, 32, 213; idem, *The Faith I Live By*, 289; idem, *Last Day Events*, 330; idem, *Prophets and Kings*, 605; idem, *Last Day Events*, 258; idem, *The Faith I Live By*, 311; idem, *The Desire of Ages*, 830; idem, *The Great Controversy*, 74, 454, 618; idem, *Maranatha*, 272; idem, *Gospel Workers*, 138; idem, *Early Writings*, 263 (2x); idem, *Testimonies*, 5:450; idem, *Maranatha*, 198; idem, *Selected Messages*, 3:262-263; (6) *little groups*: idem, *Gospel Workers*, 407-408; (7) *little knots*: idem, *The Desire of Ages*, 618-619; idem, *Lift Him Up*, 323; (8) *small companies*: idem, *Testimonies*, 7:21-22 (2x); idem, *Welfare Ministry*, 107 (2x); idem, *Christian Service*, 72 (2x); idem, *Evangelism*, 115 (2x); idem, *Maranatha*, 38; idem, *Evangelism*, 389; idem, *Counsels to Parents*, 158; idem, *Child Guidance*, 308; idem, *Counsels to Parents*, 311; idem, *Counsels on Health*, 501; idem, *The Acts of the Apostles*, 155; idem, *Testimonies*, 6:182-183; idem, *Ye Shall Receive Power*, 151; idem, *Testimonies*, 7:21-22 (2x); idem, *In Heavenly Places*, 92; (9) *small company*: idem, *Evangelism*, 376; idem, *This Day With God*, 157. A outra expressão que completa as 70 citadas é *small groups*: idem, *Evangelism*, 111-112.

Dentre as onze vezes em que a expressão *small group* (pequenos grupos) é traduzida, três vezes em *Testemunhos seletos*, vol. 3,¹⁴² três vezes em *Obreiros evangélicos*,¹⁴³ três vezes em *A igreja remanescente*¹⁴⁴ e duas vezes em *Eventos finais*,¹⁴⁵ em nenhuma delas trata de uma reunião de pequenos grupos de pessoas para fins de culto. Além disso, os textos de *Obreiros evangélicos*, *A igreja remanescente* e *Eventos finais* são apenas repetições dos textos de *Testemunhos seletos*, vol. 3, cujo texto original, que trata meramente de questões administrativas, encontra-se em *Testimonies*, vol. 9,¹⁴⁶ ou seja, as 11 citações “pequeno grupo” traduzidas de *small group* têm apenas uma única fonte original.¹⁴⁷

Os textos originais de Ellen White traduzidos para Pequenos Grupos mais citados por autores que os utilizam para justificar o apoio dela aos Pequenos Grupos, e que entendem que nesses textos ela está tratando de Pequenos Grupos são os seguintes:

Primeiro texto:

The formation of *small companies* as a basis of Christian effort¹⁴⁸ has been presented to me by One who cannot err. If there is a large number in the church, let the members be formed

¹⁴² White, *Testemunhos seletos*, 3:408-409.

¹⁴³ White, *Obreiros evangélicos*, 490.

¹⁴⁴ Ellen White, *A igreja remanescente* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 67-68.

¹⁴⁵ White, *Eventos finais*, 55-56.

¹⁴⁶ White, *Testimonies*, 9:260-261.

¹⁴⁷ A demonstração da análise acima apresentada encontra-se nos Anexos 1 e 2.

¹⁴⁸ Foi enviada ao professor Neumar de Lima a seguinte consulta: A expressão original de White diz: “The formation of *small companies* as a basis of Christian effort...” A tradução que aparece é: “A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão...”. A idéia dos defensores de Pequenos Grupos não pareceria tendenciosa quando dão o sentido de que os Pequenos Grupos não são **uma base**, mas A BASE? Qual seria a melhor tradução do texto?

Lima enviou a seguinte resposta:

“1. A tradução me parece bastante exata. O tradutor usou um bom estilo da língua portuguesa. A razão por que o tradutor preferiu não usar o artigo indefinido ‘uma’ antes de base se deve ao fato de que, em bom português, deve-se evitar o uso ‘abusivo’ do pronome indefinido ‘um, uma’. Napoleão Mendes de Almeida, um dos, se não ‘o’, gramático mais purista da língua portuguesa, chama esse fenômeno de ‘suinização’ da língua, fazendo uma analogia onomatopáica com o grunhido do porco (hum, hum, hum...). Em outras palavras, sempre que possível, evite o uso do artigo indefinido (ex: “temos conhecimento para repartir”, em vez de “temos um conhecimento

into small companies, to work not only for the church members, but for unbelievers. If in one place there are only two or three who know the truth, let them form themselves into a band of workers. Let them keep their bond of union unbroken, pressing together in love and unity, encouraging one another to advance, each gaining courage and strength from the assistance of the others.¹⁴⁹

A formação de *pequenos grupos* como base de esforço cristão, foi-me apresentada por Aquele que não pode errar. Se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em *pequenos grupos* a fim de trabalhar, não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos. Se num lugar houver apenas dois ou três que

para repartir”, etc.). Portanto, olhando do ponto de vista da tradução, um leitor razoavelmente letrado em língua portuguesa não deveria interpretar a frase ‘A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão...’, como querendo dizer ‘A’ base. Em português, o termo ‘base’ deve ser entendido como termo geral, pois não está qualificado por nenhum determinante (artigo, quer seja definido ou indefinido), o que significa que pode haver outras bases, que a autora, pelo menos nesse texto, não menciona.

2. A opção de traduzir mais literalmente (A formação de pequenos grupos como uma base de esforço cristão...) é possível, mas ‘forçada, e não respeita o estilo do bom português, como explicado acima. Em inglês, existe um uso e abuso do pronome indefinido ‘a’, ‘an’, que, se for sempre traduzido ‘suinizaria’ a língua portuguesa. Exemplo: ‘What a friend we have in Jesus’ (Que um amigo nós temos em Cristo); What a beautiful Day (que um dia bonito); I am a doctor (eu sou um doutor); I am a teacher (eu sou um professor). Em bom português, basta dizer: ‘Eu sou professor’; mas no inglês você é obrigado a usar o pronome indefinido ‘a’. Isso faz parte do estilo da língua inglesa. No caso do texto em questão, a autora, olhando do ponto de vista linguístico/estrutural, não me parece estar fazendo uma descrição das diferentes bases de esforço cristão. Ela quis simplesmente dizer que a formação de pequenos grupos é ‘uma base de esforço cristão’, evidentemente não a única, no meu modo de entender.

3. A língua inglesa valoriza muito o uso do artigo ‘definido’ (THE). No inglês, ele não é ‘banalizado’, por assim dizer, como ocorre em português. Tanto é verdade que você só deve usar o pronome definido THE se realmente quer ou precisa definir algo. Exemplo: em português dizemos: esse é o meu livro. No inglês, não se usa THE antes de adjetivos possessivos (my, your, etc), nem antes de nomes próprios, pelo fato de que o determinante ‘my’ já define o livro, sendo desnecessário, e mesmo pleonástico, colocar o ‘The’. Se EGW quisesse nesse texto sugerir que a formação de pequenos grupos é A base, ela teria que usar, no mínimo, o artigo definido ‘THE’ (... as THE basis of ...).

4. Outro fator estrutural a ser considerado é que EGW **não** usa a frase ‘as a basis of Christian effort’ numa estrutura **predicativa**. Em outras palavras, ela não disse: The formation of *small companies* [IS] ‘The’ basis of Christian effort. Para ela tornar ‘The formation of *small companies*’ como A base, ela teria que no mínimo usar o artigo definido THE, e, preferencialmente, usar a frase numa estrutura predicativa. A frase ‘as a basis of Christian effort’, como está no texto, está sendo usada em sentido ‘qualificativo’, ou seja, a frase simplesmente qualifica a formação de pequenos grupos como uma base de esforço cristão. Até nesse sentido a tradução original foi cuidadosa em usar a preposição ‘de’ sem o artigo definido, que de fato não existe no original. Num português mais casual, até poderíamos dizer ‘como base do esforço cristão’, sem querer dizer com isso que estamos falando de ‘O’ esforço cristão. Como na língua portuguesa, como disse, existe uma ‘banalização do artigo definido, se falar ‘do’ esforço cristão, não quero dizer com isso que esse é o único tipo de esforço cristão. No inglês, EGW não usou o artigo definido ‘THE’, pois se assim o fizesse, levando em conta o que expliquei no item 3, ela estaria definindo a formação de pequenos grupos como ‘O’ único tipo de esforço cristão” (Entrevista via internet com Neumar de Lima, Professor de Língua Inglesa na Faculdade Adventista de Letras, Engenheiro Coelho, no dia 27 de setembro de 2009).

¹⁴⁹ White, *Testimonies*, 7:21-22 (itálicos acrescentados).

conheçam a verdade, organizem-se num grupo de obreiros. Mantenham indissolúvel seu laço de união, apegando-se uns aos outros com amor e unidade, animando-se mutuamente para avançar, adquirindo cada qual ânimo e força do auxílio dos outros.¹⁵⁰

Segundo texto:

Let *small companies* assemble in the evening, at noon, or in the early morning to study the Bible. Let them have a season of prayer, that they may be strengthened, enlightened, and sanctified by the Holy Spirit. This work Christ wants to have done in the heart of every worker. If you yourselves will open the door to receive it, a great blessing will come to you. Angels of God will be in your assembly. You will feed upon the leaves of the tree of life. What testimonies you may bear of the loving acquaintance made with your fellow workers in these precious seasons when seeking the blessing of God. Let each tell his experience in simple words. This will bring more comfort and joy to the soul than all the pleasant instruments of music that could be brought into the churches. Christ will come into your hearts. It is by this means only that you can maintain your integrity.¹⁵¹

Que *pequenos grupos* se reúnam à noite, ao meio-dia, ou cedo de manhã para estudar a Bíblia. Que tenham um período de oração, para que possam ser fortalecidos, iluminados e santificados pelo Espírito Santo. Essa obra Cristo quer que seja realizada no coração de cada obreiro. Se vocês mesmos abrirem a porta para recebê-la, uma grande bênção virá para vocês. Anjos de Deus estarão em seu meio. Vocês se alimentarão das folhas da árvore da vida. Que testemunhos vocês poderão dar dessa amizade feita com seus colegas obreiros nesses preciosos momentos de busca das bênçãos de Deus! Que cada um conte sua experiência com palavras simples. Isso trará mais conforto e alegria a alma do que todos os agradáveis instrumentos musicais que pudessem ser trazidos para dentro das igrejas. Cristo entrará em seus corações. É somente por esse meio que podem manter sua integridade.¹⁵²

Esses textos (*Testimonies*, 7:21-22, 195), quase *ipsis litteris*, apareceram primeiramente em duas cartas de Ellen White a W. C. Sisley (12 de fevereiro de 1899 e 03 de janeiro de 1900), tratando-se originalmente de um contexto de obra de colportagem, conforme expresso na citação abaixo.

Let small companies assemble together in the evening or early morning to study the Bible for themselves. Let them have a season of prayer that they may be strengthened and enlightened and sanctified by the Holy Spirit. This is the work Christ wants to have done in the heart of everyone who is engaged in any department of the publishing work. If you will do this, a great blessing will come to you from the One who gave His whole life to service, the One who redeemed you by His own life. You must have the power of the Holy Spirit, else you

¹⁵⁰ White, *Testemunhos seletos*, 3:84 (itálicos acrescentados); idem, *Evangelismo*, 115; idem, *Beneficência social*, 107; Ver também, Ellen White, "The Work of Soul Saving", *Advent Review and Sabbath Herald*, 12 de agosto de 1902, 8; Ellen White, Australasian Union Conference, Sidney, "Union Conference Record", 15 de agosto de 1902, citado em Johnson, *Pequenos grupos*, 97-98; Burrill, *Como reavivar*, 148; Lehoux, 13; Rode, 61; Glêydson C. Barbosa, "Pensadores Adventistas Contemporâneos e a Estrutura de Pequenos Grupos", em Torres, 77.

¹⁵¹ White, *Testimonies*, 7:195 (itálicos acrescentados).

¹⁵² White, *Testemunhos para a igreja*, 7:195, (itálicos acrescentados), citado em Burrill, *Como reavivar*, 153 (citado em Johnson, *Pequenos grupos*, 96).

cannot be an overcomer. What testimonies you should bear of the loving acquaintance you have made with your fellow-workers in these precious seasons when seeking the blessing of God. Let each tell his experience in simple words. This will bring more comfort and joy to the soul than all the pleasant instruments of song that can be produced in the Tabernacle. Let Christ come into your hearts.

Let little companies meet together to study the Scriptures. You will lose nothing by this, but will gain much. Angels of God will be in your gathering, and as you feed upon the bread of life, you will receive spiritual sinew and muscle. You will be feeding, as it were, upon the leaves of the tree of life. By this means only can you maintain your integrity. Fidelity to Jesus Christ will ensure a most precious reward. Let each soul strive for eternal life, acknowledging Christ in word and spirit. He has pledged His word that He will acknowledge you and me, gladly, heartily, joyously, before His heavenly Father. Is not this worth striving for? See what you can do personally to be true to principle, to maintain uncorruptness in every phase of your life; and you will behold His glory. I have a great interest in you. I desire that you may be acknowledged in the heavenly courts as true, faithful witnesses for Christ, faithful witnesses of the truth of the third angel's message.--Letter 2, 1900, pp. 1-4. (To W. C. Sisley and wife, Jan. 3, 1900, written from "Sunnyside," Cooranbong).¹⁵³

Que *pequenos grupos* se reúnam ao anoitecer ou de manhã cedo para estudar a Bíblia por si mesmos. Tenham um período de oração a fim de que sejam fortalecidos, iluminados e santificados pelo Espírito Santo. Este é o trabalho que Cristo quer que seja efetuado no coração de todo aquele que está engajado em qualquer departamento da obra de publicações. Se fizerdes isso, vos admirará grande bênção dAquele que dedicou toda Sua vida ao serviço, dAquele que vos remiu com Sua própria vida.¹⁵⁴

Em ambos os textos a expressão “pequenos grupos” foi traduzida da expressão inglesa *small companies*,¹⁵⁵ não da expressão *small groups*. Como se percebe, a opção

¹⁵³ Ellen White, *Manuscript Release*, vol. 12, 46-47, pesquisa realizada na internet, no site <http://egwdatabase.whiteestate.org/>, no dia 24 de setembro de 2009.

¹⁵⁴ Ellen White, *E recebereis poder* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), 149 (itálicos acrescentados), citado em Johnson, *Pequenos grupos*, 96 (citado em Burrill, *Como reavivar*, 153).

¹⁵⁵ “1. O termo *Company* pode ser muito apropriadamente traduzido por ‘grupo’, que é o seu sentido original, desde o século 13, tendo sido aplicado, nos períodos medievais e séculos subsequentes a grupos comerciais (guildas) ou divisões militares com quantidade cada vez mais reduzidas. ‘Company’, em seu sentido básico, parece referir-se a divisões pequenas em função de uma melhor administração, sendo esse o sentido ao aplicar-se no contexto militar. O termo em português parece ter perdido esse significado, pois, quando se pensa em ‘companhia’, entende-se outras acepções do termo, também presentes na língua inglesa, tais como, ‘ter a presença (companhia) de alguém’, ou entende-se uma empresa corporativa; não se pensa, pelo menos não imediatamente, em ‘grupos’, ‘divisões’, ‘regimentos’, sentido ainda vivo na língua inglesa. O termo é usado, em sentido técnico, pela Organização Adventista do Sétimo Dia para referir aos ‘grupos’, ou igrejas não organizadas.

2. Ellen G. White, pelo que parece, não estava usando o termo, em absoluto, ao sentido técnico-denominacional utilizado hoje, mas em seu sentido da língua inglesa da época, e ainda de hoje, como ‘ajuntamento de pessoas’, ‘grupos de pessoas’, unidas com um propósito definido. A origem do termo desde as épocas medievais, como já se disse, tem que ver com ‘agrupamentos’, ‘agregações’, quer sejam comerciais ou militares, ligados por interesses comuns. A pesquisa faz pensar em Jetro, que sugeriu Moisés dividir o povo em grupos de 1000, 100, 50, etc.

de traduzir 11 expressões da língua inglesa (*few, few men, little band, little companies, little company, little group, little knots, small companies, small company, small group e small groups*) para, praticamente, uma mesma expressão em língua portuguesa – pequenos grupos – pode ter oferecido a hipótese, para as igrejas de fala portuguesa, de que Ellen White considera Pequenos Grupos em mais elevada importância e modelo mais normativo do que realmente a autora quis fazer entender.

Entretanto, a declaração de Ellen White mais repetida em seus livros¹⁵⁶ e mais citada por outros autores,¹⁵⁷ tem seu contexto dentro da história de grupos pequenos. Wesley Duewel escreve que “na Austrália, entre os anos 1890 a 1901, cerca de 40 ministros e leigos encontravam-se cada sábado à tarde a fim de orar pelo reavivamento. Depois disso vieram os ‘círculos de oração’, e por volta de 1901 havia mais de dois mil destes círculos”.¹⁵⁸ Ruben Archer Torrey,¹⁵⁹ evangelista de muito sucesso na época, foi

3. A palavra em si já dá a idéia de ‘número reduzido’, conforme conclusões tiradas das leituras das definições nos dicionários consultados.

4. A origem da palavra, como já se sabe, e confirmada pelo dicionário Webster, vem do latim ‘comer pão junto’. Em português, esse sentido parece ter se fixado mais, pois sempre pensamos em ‘companhia’ como ter a presença de alguém perto de nós, sentido também presente em inglês.

5. EGW usa no mesmo texto o termo ‘band’ juntamente com ‘company’. Conforme as definições dos dicionários, as palavras são sinônimas. Ambas representam “grupos de pessoas”. A etimologia de ‘band’, no entanto, é outra. ‘band’, vem do francês arcaico, ‘Banner’, por sua vez de origem germânica. Essa palavra era usada para referir-se à ‘bandeira’ usada pelas tropas para sua identificação, ou seja, aos seus ‘estandartes’” (Entrevista via internet com Neumar de Lima, Professor de Língua Inglesa na Faculdade Adventista de Letras, Engenheiro Coelho, no dia 27 de setembro de 2009; ver *The American Heritage, Dictionary of the English Language, 1970*, ver “Company”; *Enciclopédia Britannica, Ed. 1974*, ver “Company”; *Collins Essential English Dictionary* [Glasgow: Harper Collins, 2006], ver “band”; *Unabridged Based on the Random House Dictionary*, “Company”, pesquisa realizada na internet, no site www.randomhouse.com/catalog/display.pperl?, no dia 20 de setembro de 2009; Merriam-webster dictionary, “Company”, pesquisa realizada na internet, no site http://www3.merriam-webster.com/opedictionary/newword_search.php, no dia 27 de setembro de 2009).

¹⁵⁶ White, *Testemunhos seletos*, 3:84 (itálicos acrescentados); idem, *Evangelismo*, 115; idem, *Beneficência social*, 107.

¹⁵⁷ Johnson, *Pequenos grupos*, 97-98; Burrill, *Como reavivar*, 148; Lehoux, 13; Rode, 61; Barbosa, “Pensadores Adventistas”, em Torres, 77.

¹⁵⁸ Wesley L. Duewel, *Revival Fire* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995), 180-181. Tradução do autor.

convidado para dirigir uma campanha evangelística na Austrália. Torrey “chegou a Melbourne (abril 1902), após bem sucedida turnê evangelística no Japão e na China. A audiência da campanha totalizava um quarto de milhão cada semana, quando a população de toda a cidade de Vitória era de apenas um milhão”.¹⁶⁰ Johnson¹⁶¹ e Abdala¹⁶² lembram que neste período Ellen White encontrava-se na Austrália e, certamente, percebeu aquele movimento nacional que se precipitou em grupos pequenos chamados “círculos de oração”.

Durante a década de 1890, na Austrália, o tempo em que Ellen White exerceu seu ministério ali, alguns eventos ocorreram que se relacionavam com o que é conhecido hoje como o Reavivamento Welsh.¹⁶³ Os pastores da região de Melbourne se reuniam para orar pela saúde espiritual de seus membros e compatriotas. Os pastores ganhavam tanta força provinda de tal tempo de reunião que acreditaram que a melhor coisa que podiam fazer pelo bem estar de seus membros era organizá-los em grupos similares para o estudo da Bíblia, oração e confraternização. Conseqüentemente na cidade de Melbourne, 2.000 reuniões nos lares estavam ocorrendo semanalmente, durante o auge do reavivamento.¹⁶⁴

No ano de 1900, Ellen White mudou-se de Sunnyside, Austrália, para Elmshaven, Santa Helena, Califórnia, EUA.¹⁶⁵ E em 12¹⁶⁶ e 15¹⁶⁷ de agosto, respectivamente, de 1902

¹⁵⁹ Ver “Reuben Archer Torrey”, pesquisa realizada na internet, no site http://en.wikipedia.org/wiki/Reuben_Archer_Torrey, no dia 20 de setembro de 2009; “R. A. Torrey - 1856-1928”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.swordofthelord.com/biographies/TorreyRA.htm>, no dia 20 de setembro de 2009.

¹⁶⁰ Stuart Piggin, “Reavivamento na Austrália”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.renewaljournal.com/>, no dia 20 de setembro de 2009.

¹⁶¹ Johnson, *Pequenos grupos*, 97.

¹⁶² Emílio Abdala, “Evangelismo: princípio permanente, metodologia em mudança” (Instituto de Crescimento de Igreja, SALT-IAENE), 7, pesquisa realizada na internet, no site www.salt.edu.br/ici, no dia 20 de setembro de 2009.

¹⁶³ Para uma compreensão sobre o reavivamento Welsh, ver Thomas Philips, *The Welsh Revival: Its Origin and Development* (London: James Nosbet and CO, 1958); http://www.avozdedeus.org.br/igreja/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=388; <http://www.levandoapalavra.com.br/avivamento/aconcessaodepoder.htm>; <http://www.scribd.com/doc/4871822/The-Welsh-Revival-O-Avivamento-de-Gales>; http://www.avozdedeus.org.br/igreja/index.php?option=com_content&task=view&id=388&Itemid=82

¹⁶⁴ Johnson, *Pequenos grupos*, 97.

¹⁶⁵ Richard W. Schwarz e Floyd Greenleaf, *Portadores de luz* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009), 348-350.

¹⁶⁶ White, “The Work of Soul Saving”, 8.

¹⁶⁷ Australasian Union Conference, Sidney, “Union Conference Record”, 15 de agosto de 1902.

aparece publicada sua mais destacada declaração sobre grupos pequenos.¹⁶⁸ Observe-se apenas que, o texto em questão, foi escrito dois anos após sua mudança da Austrália para os EUA. Dois anos antes da eclosão do grande reavivamento australiano.

Como defende Lehoux,¹⁶⁹ ao que parece com muita coerência, “não deve haver regras fixas” para Pequenos Grupos. Em 62 obras pesquisadas, em nenhuma delas Ellen White determina, prescreve, ou mesmo sugere, que Pequenos Grupos devam ser o único caminho para a igreja seguir em direção à sua missão. Também não trata de métodos ou *modus operandi* dos grupos pequenos, não promove sua normatização, nem recomenda uma metodologia. Ellen White apenas defende o princípio bíblico como origem divina. Porém, parece estar bastante evidente em suas numerosas obras que, grupos pequenos foram por ela compreendidos como uma ordenação divina a ser seguida e vivida pela igreja.¹⁷⁰ A freqüência com que ela recomenda às igrejas a se organizarem em “grupos para o serviço”,¹⁷¹ não deveria ser ignorada ou dissimulada.

Ellen White cumpre, mais uma vez, o papel profético de confirmar a verdade bíblica, declarando que os grupos pequenos, ou Pequenos Grupos, são sim uma idéia “dAquele que não pode errar”.¹⁷² A parte humana – modelos, conceitos e estratégias – podem ser discutidos, passíveis de erros; portanto, de adaptações, de mudanças, de desenvolvimento, mas seus princípios bíblicos não. Eles se originaram com o próprio Deus, e estão expressos em Sua revelação. Quanto à conveniência de se estabelecer Pequenos Grupos como programa único para as igrejas de uma mesma região, país ou

¹⁶⁸ White, *Testimonies*, 7:21-22; idem, *Testemunhos seletos*, 3:84 (itálicos acrescentados); *Evangelismo*, 115; idem, *Beneficência social*, 107; ver também White, “The Work of Soul Saving”, 8; idem, Australasian Union Conference, Sidney, “Union Conference Record”, 15 de agosto de 1902.

¹⁶⁹ Lehoux, 32.

¹⁷⁰ White, *Testemunhos*, 7:21-22.

¹⁷¹ White, *Testemunhos seletos*, 3:84; idem, *Testemunhos*, 7:21.

¹⁷² White, *Testemunhos*, 7:21.

mundo é uma questão pastoral-administrativa que pode ser decidida através de suas representações a partir da igreja local.¹⁷³ Não é uma questão teológica. Porém, por tratar-se de uma questão missiológica e espiritual, essa tarefa deve ser realizada com sabedoria e a indispensável orientação do Espírito Santo.

Os princípios bíblicos de Pequenos Grupos/Células, praticados através da história, projetam-se para além de seu tempo, expandem-se para além de sua geografia, e alcançam o mundo. Os modelos desenvolvidos em outros lugares chegam à América do Sul e ao Brasil, e à Igreja Adventista do Sétimo Dia, que desenvolve seu próprio modelo.

¹⁷³ A Divisão Sul-Americana, órgão máximo da Igreja Adventista do Sétimo Dia para o continente Sul-Americano, manifestou sua posição quanto a uma política administrativo-eclesiástica para os Pequenos Grupos em três documentos elaborados em diferentes fóruns. São eles: Primeiro Documento Sobre Pequenos Grupos da Divisão Sul-Americana, Foz do Iguaçu, 30 de outubro a 09 de novembro de 2005; I Fórum de Pequenos Grupos da Divisão Sul-Americana, Engenheiro Coelho, São Paulo, maio de 2007; “Aprofundando a Caminhada”, II Fórum de Pequenos Grupos da Divisão Sul-Americana, Brasília, DF, 02 a 05 de novembro de 2008.

CAPÍTULO V

PEQUENOS GRUPOS NO BRASIL

Apesar das evidências de prática sistêmica e orgânica de grupos pequenos no século 18, aparentemente as igrejas contemporâneas não apresentam uma relação dependente e direta entre seus Pequenos Grupos/Células e os grupos pequenos desenvolvidos naquele período. Esses Pequenos Grupos chegam igualmente ao Brasil, não através de igrejas históricas, mas principalmente através de igrejas e seguimentos religiosos independentes e de origem recente.¹

Precursos Interdenominacionais

As principais igrejas em Células de diversos seguimentos religiosos do Brasil apontam, geralmente, sua origem desde Paul Yonggi Cho, Ralph Neighbour e César Castellanos. Destacam-se a seguir, seus principais modelos de origem com algumas das

¹ Ver www.celulas.com.br/; <http://www.internext.com.br/mir> – Ministério Internacional da Restauração em Manaus; <http://www.videira.org.br> – Igreja Videira com sede em Goiânia, aqui você encontra a Videira - A Revista da Igreja em Células; www.palavradafe.com.br/ – Site da pastora Valnice Milhomens com os materiais disponíveis para o M-12; <http://www.insejecmci.cjb.net> – Site do MCI em São Paulo, pastora Valnice Milhomens; <http://www.lagoinha.org.br> – Igreja Batista da Lagoinha em Belo Horizonte; <http://www.aol.com.br/celulas> - Ministério de Igreja em Células com sede em Curitiba, presidido pelo pastor Roberto Lay, representa o Touch Ministries no Brasil; <http://www.cristianet.com.br> – Site do pastor José Miguel Mendonza (Jotaeme), da PIB de Campo Grande (MS); <http://www.geocities.com/ccgpuava/> – Comunidade Cristã de Guarapuava; <http://www.femanet.com.br/~micassis> – Ministério de Igreja em Células em Assis (SP); <http://www.iacrigo.cjb.net/> – Igreja de Cristo, Ministério Iacrigo em Goiânia; <http://www.ipilondrina.org> – Quinta Igreja Presbiteriana Independente de Londrina; <http://www.ibcgama.hpg.com.br> – Igreja Batista Central do Gama, Gama, DF; <http://www.manaus.br/pibmanaus> – Primeira Igreja Batista de Manaus, Ministério de pregação do evangelho no centro da Amazônia, filiada à Convenção Batista Brasileira, missão bíblica, visão missionária, rede ministerial, grupos familiares ou células; igpaz@tap.com.br – Igreja da Paz em Santarém (PA), presidida pelo pastor Abe (Abrahão) Huber, tem alcançado cidades e vilas ribeirinhas em toda bacia amazônica através de células, está entre os maiores Ministérios de Igrejas em Células no Brasil; mcibr@netpar.com.br – Missão Carismática Internacional no Brasil, tem sede em Curitiba (PR).

respectivas e principais igrejas que funcionam em sistema de Células, além da trilha histórica dos Pequenos Grupos na IASD no Brasil.

Grupos Familiares²

Paul Yonggi Cho tem sido, durante décadas, o grande expoente das Igrejas em Células. Sua influência correu o mundo, juntamente com seus livros. Fez escola e seguidores. E quando se trata do assunto grupos familiares, Células, ou Pequenos Grupos, torna-se obrigatório falar em seu nome e ministério.

Cho nasceu em um lar budista e foi assim até os 19 anos, quando, após ficar doente de tuberculose se converteu à fé cristã. Após a sua conversão, ele se uniu a uma igreja pentecostal e experimentou o batismo no Espírito Santo, tendo até visões de Jesus. Inicialmente foi intérprete de missionários norte-americanos, mas em 1958, começou a pregar num bairro pobre de Seul. Pregava para poucas pessoas, mas depois a membresia foi aumentando.

Após o serviço militar, abriu um novo templo em Seodamun, em 1961, com 1.500 membros. Após um tempo, se casou com Kim Sung Hye, filha de sua associada Jasil Choi Kim, com quem tiveram [sic] 3 filhos.

Após a igreja crescer, chegando a até mais de 10 mil membros... finalmente conseguiu comprar uma grande propriedade na ilha de Yoido, no rio Han. Foi construído um auditório com capacidade de 10 mil pessoas, sendo a maior igreja evangélica do mundo.³

O crescimento da Igreja do Evangelho Pleno foi um fato espantoso que chamou a atenção do mundo e dos especialistas em crescimento de igreja. Em 1973, quando transferiu sua igreja para a ilha de Yoido,⁴ contava com 10.000 membros. Após a implantação do sistema de célula, em 1989 já contava com 763.000 membros.⁵

A Igreja Central do Evangelho Pleno alcançou o status de maior congregação cristã local do mundo, graças ao trabalho incessante dos Grupos Familiares – células constituídas de 15 famílias no máximo – na evangelização do povo coreano. De uma pequena tenda missionária no bairro pobre da cidade, cresceu e se tornou a maior igreja do mundo. Causa-nos admiração o crescimento espantoso dessa igreja evangélica, sobretudo quando

² [http://pt.wikipedia.org/wiki/David_\(Paul\)_Yonggi_Cho](http://pt.wikipedia.org/wiki/David_(Paul)_Yonggi_Cho). Existem mais de 50.000 sites que tratam do ministério Paul Yonggi Cho. Recentemente, porém, ele deixou de ser uma unanimidade; muitos destes sites são drasticamente críticos à sua pessoa e obra.

³ “David (Paul) Yonggi Cho”, pesquisa realizada na internet, no site [http://pt.wikipedia.org/wiki/David_\(Paul\)_Yonggi_Cho](http://pt.wikipedia.org/wiki/David_(Paul)_Yonggi_Cho), no dia 17 de outubro de 2007.

⁴ Cho, Grupos familiares, 107.

⁵ Walter Pacheco da Silveira, “A História dos Grupos Familiares”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.igrejabatistadotirol.com.br>, no dia 17 de outubro de 2007.

sabemos que o pastor Paul Yonggi Cho colocou de lado os métodos tradicionais de evangelismo e utilizou-se tão somente dos Grupos Familiares. Quando Paul Yonggi Cho criou o modelo dos Grupos Familiares o propósito maior era fortalecer cada crente espiritualmente e levar outras famílias a Cristo. Outro fator de inovação no modelo original de Cho foi de que os Grupos Familiares atuavam no suprimento das necessidades imediatas dos seus membros. Cada componente era responsável pelo bem-estar material do outro e também do crescimento espiritual. Os Grupos Familiares davam a oportunidade de cada crente participar diretamente do ministério de sua igreja.⁶

Os grupos familiares de Cho tinham o amparo de um sistema habilmente montado, porém ultradependente de sua pessoa. Uma das marcas importantes de seu modelo era o encontro regular com seus líderes. E quando não estava presente, enviava sua palestra em vídeo. Mas o contato pessoal com seus líderes era indispensável. Isso criava mais do que confiança, criava admiração extrema por sua pessoa. “O povo seguia a mim”,⁷ declara Cho. Outra marca importante para o desenvolvimento de sua liderança era que seus líderes deveriam ser batizados com o Espírito Santo “com a evidência de falar em línguas”.⁸ A metodologia de Cho, embora óbvia para reuniões religiosas, serviu de base para os que o seguiram. Seu mérito foi sistematizar um método bíblico e dar uma “organização formal aos grupos familiares”.⁹

Em meados dos anos 80 os livros de Young Cho se espalharam pelo mundo, e junto com eles a informação de que estava havendo um reavivamento religioso na Coréia, através de um modelo de culto evangelístico que passou a ser chamado “grupos familiares”. Rigorosamente falando tratava-se de grupos pequenos evangelísticos, nos quais os membros da igreja, liderados principalmente por mulheres, reuniam-se em suas casas com vizinhos convidados e estudavam a Bíblia a partir de materiais preparados pelo pastor Cho.¹⁰

⁶ Silveira, <http://www.igrejabatistadotirol.com.br>, 18/10/2007.

⁷ Cho, *Grupos familiares*, 55.

⁸ *Ibid.*, 122.

⁹ *Ibid.*, 47.

¹⁰ *Ibid.*, 42.

Os líderes dessas células eram devidamente treinados e orientados para conduzir seus interessados aos grandes programas de concentração na igreja de Yoido, em Seul, onde Cho ministrava e orientava seus membros e convidados, e que se tornou em menos de duas décadas a maior igreja do mundo.

De onde vem a inspiração de Cho? Segundo Rode, Cho baseou-se “em Êxodo 18 e nos escritos de Ellen White”.¹¹ Citando como fonte Jim Zackrison, declara que Cho “tirou a idéia dos pequenos grupos de livros adventistas como *Serviço cristão*, *Obreiros evangélicos*, *Evangelismo*, e outros”.¹² De fato, Zackrison confirma que fez uma visita a Yonggi Cho, e que ele exibiu os livros de Ellen White como suas referências.¹³ O próprio Cho, porém, apresenta uma origem mais mística para seus grupos familiares.

Cho havia ficado muito doente, então, orou a Deus, e Ele lhe respondeu com a promessa de cura em “dez anos” (de 1964 a 1974).¹⁴ Depois disso, Cho declara que Deus lhe falou que ele estava usando “métodos errados”.¹⁵ Cho passa a se entender diretamente com Deus, que faz lembrar o relacionamento entre Deus e Moisés (ou Faraó) no AT. Deus lhe diz:

– “Yonggi Cho deixa meu povo ir e crescer”. “Ajunta-os a firmar-se em seus próprios pés”.¹⁶

Depois de estudar passagens como Êxodo 18; Efésios 4:11; Atos 2:46-47; 6; 8; 16:40; Romanos 16:3-5; Filemom 2, sua esposa lhe diz: “Creio que Deus nos revelou

¹¹ Rode, 67.

¹² Ibid.

¹³ Entrevista com Jim Zackrison, Diretor do Departamento de Escola Sabatina da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, Cachoeira, Bahia, julho de 2003.

¹⁴ Cho, *Grupos familiares*, 19.

¹⁵ Ibid., 21.

¹⁶ Ibid., 24.

esse caminho por ser o seu caminho. Creio que devemos convocar uma reunião das diaconisas e apresentar-lhes o plano”.¹⁷

Cho faz isso. Apresenta-se perante as mulheres e declara: “Este não é o meu plano para a igreja, é o plano de Deus”. E distribuiu “a todos papéis que diziam onde e quando seriam suas reuniões de grupos”.¹⁸ Duas orientações apenas foram dadas: “vigiem os crentes para que não se desviem, e saiam e ganhem os vizinhos para Jesus Cristo”.¹⁹ Em seguida organizou uma “ordem de culto para as reuniões de grupo: oração de abertura e cântico, seguida de oração representativa (ou coletiva), pregação da Palavra de Deus para encorajamento (usando meus esboços de sermões), e depois a oferta. A reunião terminava com testemunhos, oração para a cura, batismo no Espírito Santo [entenda-se falar em línguas]²⁰ e uma oração final”.

Depois disso, declara Cho, “decidi... dar uma organização formal aos grupos familiares. Designei um secretário e um tesoureiro para cada um dos grupos”.²¹ Também criou um relatório no qual constavam membros e convidados presentes e ausentes e valor da oferta arrecadada.²² Seguiram-se momentos de franca expansão. Ministros auxiliares foram contratados para ajudar na administração dos grupos e no desenvolvimento da igreja. Em 1961 a Igreja do Evangelho Pleno contava com 600 membros; em 1969 já contava com 100.000 membros. Há alguns anos fala-se que sua igreja conta com cerca de 700.000 a 800.000 membros.²³ Deixando, portanto, de ser uma referência em

¹⁷ Ibid., 24-32.

¹⁸ Ibid., 39.

¹⁹ Ibid., 40

²⁰ Ibid., 143-144.

²¹ Ibid., 47.

²² Ibid.

²³ “David (Paul) Yonggi Cho”, pesquisa realizada na internet, no site [http://pt.wikipedia.org/wiki/David_\(Paul\)_Yonggi_Cho](http://pt.wikipedia.org/wiki/David_(Paul)_Yonggi_Cho), no dia 22 de abril de 2009; Samuel Averbug, “A maior igreja evangélica do mundo faz 50 anos”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.cristianismohoje.com.br/retrancas/A+maior+igreja>, no dia 22 de abril de 2009.

crescimento, mas continua sendo, por sua história, uma referência pioneira em grupos pequenos na atualidade.

Yonggi Cho teve êxito em seu crescimento, e teve o mérito de organizar um verdadeiro sistema de grupos pequenos. Por volta de 1985 ele contava com cerca de 18.000 líderes de grupos²⁴ e tem a clara percepção de ter criado um “sistema” de grupos familiares.²⁵

Cho deixa claro que seus grupos familiares não são “uma reunião social”, “uma reunião doméstica”, “um centro de caridade”, “uma reunião de oração”, “outro culto da igreja”. Um grupo familiar, reforça Cho

é a peça fundamental de nossa igreja. Não se trata de outro programa da igreja – é o programa da igreja. Tem um tamanho limitado: geralmente não mais do que quinze famílias. Tem um alvo.... Tem um plano definido, dado a cada um por escrito. Tem uma liderança definida.²⁶

Além disso, os grupos são homogêneos e são desenvolvidos em um sistema, em torno do qual todas as atividades da igreja são orientadas.²⁷

Apesar da importância de Cho no cenário dos grupos pequenos, há poucas igrejas hoje que se declarem seguidoras de seu sistema ou modelo. Muito do que ele ensina e escreve é aproveitado, mas fora do seu sistema, daqueles que trabalham em sua rede de igrejas, não há confissões de seguidores. A própria expressão grupos familiares, por ele criada, e que fez tanto sucesso nos anos 80, é hoje de pouco uso.

Modelo de Células

Ralph Neighbour Jr. é o fundador do Touch Outreach Ministries (Ministério de Igrejas em Células), com sede em Houston, Texas, EUA.²⁸ Neighbour é pastor batista,

²⁴ Paul Yonggi Cho, *Muito mais do que números* (Venda Nova, MG: Vida, 1986), 33-45.

²⁵ *Ibid.*, 47.

²⁶ *Ibid.*, 46-47.

²⁷ Ver Cho, *Grupos familiares*, 117-129; *idem*, *Muito mais do que números*, 46-50.

considerado pioneiro e original, e um dos mais reconhecidos líderes no Movimento de Células. Quando começou a trabalhar em grupos pequenos, desiludido com as estruturas rígidas da igreja, segundo ele,

não sabia que os mesmos métodos e estruturas estavam sendo elaborados e usados em outras Igrejas ao redor do mundo, ainda não sabia que a maior Igreja da história cristã estava se iniciando nos arredores de Seul, Coréia do Sul. Embora tenha passado alguns anos tentando reformar as velhas estruturas, baseadas mais no estilo do Velho Testamento do que do Novo, chegou à conclusão de ser isso impossível. Jesus já dissera que "não se põe vinho novo em odres velhos". A Igreja estagnada precisa primeiro trocar os odres velhos por novos. As estruturas baseadas em homens e programas precisavam ser trocadas pela estrutura dos odres novos deixada por Jesus.²⁹

A diferença entre Yonggi Cho e Ralph Neighbour, além da teológica (Cho é pentecostista da Assembléia de Deus,³⁰ enquanto Neighbour é de origem batista) é que o primeiro trabalhou em sua própria igreja e criou um sistema (sistema de grupos familiares),³¹ enquanto Neighbour trabalhou para outros ministérios e criou um modelo (5X5).³²

No Brasil, um dos grandes entusiastas desse trabalho é o Pastor Robert M. Lay, da Igreja Irmãos Menonitas de Curitiba (PR). Além de ser um estudioso do assunto, tem visitado várias Igrejas no mundo, aprendendo e passando para nós em seminários e palestras o que tem aprendido. A Igreja pastoreada por ele está tendo um crescimento muito grande após a implantação de Igreja em Células.³³

O pastor Roberto, como também é conhecido no Brasil,

atualmente é pastor titular da Igreja Evangélica Irmãos Menonitas de Curitiba, fundada por ele, com cerca de 600 membros, na qual está há vinte e quatro anos realizando o trabalho baseado em células e evangelismo por amizade. Há mais de 12 anos tem atuado como

²⁸ "O *Touch Ministries* [www.touchusa.org], é o pioneiro na visão de células. Tem amplo material disponível para todas as fases de implementação dos grupos. Eles são representados no Brasil pelo Ministério Igreja em Células, que fornece grande parte do material, das apostilas, dos livros e do treinamento, em português que são ferramentas preciosas para quem deseja aplicar, reciclar ou aprofundar a visão de células. Seu endereço de e-mail é: celulas.im@aol.com.br". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.fundacaobetel.com.br>, no dia 17 de julho de 2007.

²⁹ Ivo Prado Gomes, *Vivendo a comunhão do primeiro amor* (Assis, SP: 2009), pesquisa realizada na internet, no site, <http://www.scribd.com/doc/80561/Apostila-Igreja-em-Celulas-Ivo-Gomes-do-Prado>, no dia 03 de junho de 2009.

³⁰ Cho, *Grupos familiares*, 101.

³¹ Ver Cho, *Grupos familiares*; idem, *Muito mais do que números*.

³² Neighbour, *Where do We Go*, 29-109.

³³ *Ibid.*, 8.

missionário e coordenador geral do Ministério Igreja em Células no Brasil, ministrando em congressos e seminários de todo o país a respeito da Visão e Estrutura da Igreja em Células. Cerca de 12.000 pastores e líderes de diversas denominações de todo o Brasil já foram treinados durante esse período na implantação dessa visão. Seu trabalho tem influenciado profundamente vidas e igrejas, levando-as a uma postura mais próxima dos planos que Deus tem para o seu Reino.³⁴

Roberto Lay também reivindica certo pioneirismo na área de grupos pequenos. Declara que conheceu Ralph Neighbour Jr. em 1980, “por meio de um curso em VHS a respeito de Evangelismo por Amizade”.³⁵ Sua experiência com igreja em Célula realmente começa em agosto de 1994, quando, diz ele,

estava fazendo um curso em Cingapura. Visitei a igreja Faith Community Baptist Church do Pr. Lawrence Khong. Dr. Ralph também era pastor nesta igreja. Vi pela primeira vez o funcionamento de uma igreja em células.³⁶

Podemos responder que houve uma longa caminhada desde o primeiro encontro com o Dr. Ralph Neighbour³⁷ em 1978 nos Estados Unidos num treinamento de treze semanas. O impacto foi muito grande.... Continuo nesta empreitada.... Como resultado, temos hoje centenas de igrejas fazendo a transição para uma igreja em células, de praticamente todas as denominações e comunidades.³⁸

O avanço do movimento Igreja em Célula tem sido um destaque em todo o mundo. “Hoje, as duas maiores Igrejas Presbiterianas do mundo, juntamente com a maior Congregação Metodista do mundo, são Igrejas em Células, em Seul, além de outra da Assembléia de Deus, todas com mais de 80.000 membros”.³⁹

Segundo Lay o início do movimento Igreja em Células no País começa em “1997 com a vinda de Ralph Neighbour Jr. ao Brasil, para ministrar o seminário Visão e Estrutura de uma Igreja em Células”.⁴⁰ Outra referência importante situa-se em 1998/99

³⁴ Entrevista com Roberto Michael Lay, Líder do Ministério Igreja em Células, Curitiba, PR, no dia 24 de junho de 2009.

³⁵ Ibid.

³⁶ Ibid.

³⁷ Para conhecer melhor o programa de Ralph Neighbour, consultar Neighbour, *Manual do líder*, e o site www.touchusa.org.

³⁸ Robert Lay, “Ministério da Igreja em Células”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.celulas.com.br/boletim/index.htm>, no dia 17 de julho de 2007.

³⁹ Lay, <http://www.celulas.com.br/boletim/index.htm>, 16/10/2007.

⁴⁰ Entrevista com Roberto Michael Lay, 24 de junho de 2009.

“com a vinda do Pastor William A. Beckham, que ministrou os quatro módulos [de transição para Igreja em Célula] no Brasil”.⁴¹

Modelo Governo dos 12 ou G12⁴²

César Castellanos Dominguez é fundador e presidente da igreja conhecida como Missão Carismática Internacional (MCI), com sede inicialmente em Bogotá, Colômbia.⁴³

A igreja de Castellanos foi, em suas próprias palavras, iniciada em Março de 1983, na sala de sua própria casa, com apenas 8 pessoas. Juntamente com sua esposa Claudia são os ‘criadores’ do que está sendo chamado da igreja em células segundo o ‘modelo dos 12’. Em 1999, conforme uma de suas publicações, sua igreja contava com mais de 100 mil membros espalhados pela capital da Colômbia, Santa Fé de Bogotá e outras cidades. De acordo com Castellanos ele se inspirou na própria pessoa de Deus para desenvolver sua metodologia. De acordo com ele ‘Deus sonhou, depois planejou, desenhou e executou’. Munido deste esquema Castellanos partiu para conquistar primeiro a Colômbia e depois o mundo.⁴⁴

Paulo Romeiro, escritor conhecido no meio evangélico, declara, entretanto, que, a origem dos grupos de Castellanos vem de outra fonte.

Em fevereiro de 1983, enquanto passava férias numa praia colombiana, [César Castellanos] diz ter tido uma experiência com Deus, que o chamava para pastorear. No mês seguinte, iniciou na sala de sua casa, a Missão Carismática Internacional, com apenas oito pessoas. Traçou depois um alvo para atingir o número de 200 membros. O líder colombiano confessa que foi grandemente influenciado por David (Paul) Yonggi Cho, da Coreia, que já vinha adotando por várias décadas o sistema de crescimento de igreja em células (também chamado de grupos familiares).⁴⁵

Castellanos parece estar bastante convicto da direção de Deus no seu modelo celular ao declarar:

⁴¹ Ibid.

⁴² “César Castellanos Dominguez é colombiano e presidente da igreja conhecida como Missão Carismática Internacional.... Passadas as bravatas iniciais de que a Colômbia seria completamente transformada pelo poder da revelação do ‘modelo dos 12’, Castellanos, ameaçado de morte que foi em sua terra natal, mudou-se para Miami nos Estados Unidos... César trata de mudar a matriz da sua igreja para Brasília e reconhece, agora, que o Brasil é que será completamente transformado pelo poder da revelação do ‘modelo dos 12’”. Alex Meimaridis, “Enganados de Propósito”, pesquisa realizada na internet, no site <http://jesussite.com>, no dia 16 de outubro de 2007. Meimaridis, bacharel em teologia pelo Seminário Batista Regular em São Paulo e Mestre pelo Cornerstone Seminary nos Estados Unidos. É pastor evangélico de uma comunidade presbiteriana no interior de São Paulo. Seu email é petrakis_adm@yahoo.com.br).

⁴³ Para conhecer melhor a MCI ver o site <http://mci12.com>.

⁴⁴ Alex Meimaridis, “Enganados de Propósito”, 16/10/2007.

⁴⁵ Paulo Romeiro, “Movimento G12”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.agirbrasil.com>, no dia 13 de julho de 2007.

Pedi a direção do Senhor, e Ele prometeu dar-me a capacidade de preparar a liderança em menos tempo. Pouco depois abriu um véu em minha mente, dando-me entendimento em algumas áreas das Escrituras, e perguntou-me: 'Quantas pessoas Jesus treinou?' Começou desta maneira a mostrar-me o revolucionário modelo da multiplicação através dos doze. Jesus não escolheu onze, nem treze, mas sim doze.⁴⁶

Segundo Carl George, "Castellanos atribui o crescimento da igreja à sua ênfase em células nas casas – um enfoque, ele crê, que Deus lhe deu após ter visitado a Igreja Yoido do Evangelho Pleno de Yonggi Cho na Coréia do Sul em 1986".⁴⁷ Portanto, ele recebeu a "visão" em 1983, mas o modelo foi encontrado em 1986, na Coréia. Castellanos valoriza sua "visão" divina para implantação dos grupos pequenos em sua igreja, mas, pelo que tudo indica, seu modelo foi aspirado mesmo de Paul (David) Yonggi Cho.

A Primeira Igreja Batista da Restauração de Renê Terra Nova, com sede em Manaus, e a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo, da auto-intitulada apóstola Valnice Millhomens,⁴⁸ ambos oriundos da Igreja Batista,⁴⁹ da Convenção Batista Brasileira, têm sua origem e orientação no modelo de Castellanos, da MCI. A Igreja Batista Betânia dos Estados Unidos também tem caminhado na visão dos 12, da Colômbia, e o divulga em seu site⁵⁰ nos EUA, apoiando "uma rede de igrejas e fornecendo material impresso de ensino e reciclagem na visão de células, em inglês".⁵¹

Renê Terra Nova se desligou do G12 no final de março de 2005, quando rompeu com Castellanos e adotou para si e sua igreja uma nova nomenclatura chamada Visão Celular (Movimento Celular, M12), que, de acordo com Marcio Argachf, autor de um estudo sobre os

⁴⁶ César Castellanos, *Sonha e ganharás o mundo* (São Paulo: Palavra da Fé Produções, 1999), 78.

⁴⁷ George, *Prepare Your Church*, 44; Comiskey, *Crescimento explosivo*, 105.

⁴⁸ Romeiro, *agimoticias@hotmail.com*, 19/07/2007.

⁴⁹ Marcelo Carneiro, "Em Nome do Marketing", Veja on-line, 29 de setembro de 2004; Felipe Oliveira, "Fim do Silêncio - Renê Terra Nova volta a falar", pesquisa realizada na internet, no site <http://iban12.blogspot.com/2008/07/fim-do-silencio-ren-terra-nova-volta.html>, no dia 27 de novembro de 2008.

⁵⁰ O site da Igreja Betânia americana é www.bccn.com. É importante notar que essa é uma igreja americana trabalhando com um modelo celular da América do Sul.

⁵¹ "Links Evangélicos", pesquisa realizada na internet, no site <http://www.fundacaobetel.com.br>, no dia 24 de julho de 2007.

enganos do movimento, apresenta a mesma metodologia do G12, observando que “na prática é apenas outra pirâmide, com ele no topo ao invés de Castellanos”.⁵²

A razão do desligamento de Terra Nova e de muitas outras denominações da MCI, segundo Nilza Valéria, foi porque, no final de março de 2005, “o pastor colombiano revelou aos seus seguidores que, a partir daquele momento, ia querer receber um determinado valor das igrejas que usassem a marca G12”.⁵³ Isto é, a MCI de Castellanos agora trabalharia com sistema de franquias.

As Células do Modelo G12 são realmente um sistema muito bem estruturado:

É um sistema que afirma que o modelo de Jesus (12 discípulos) deve ser seguido por cada [sic] pessoa da igreja, onde cada um deve ser um líder, ter seus 12 e cada um dos 12 lidera uma célula, com vista a ter seus 12 discípulos.

O líder dos 12 é ao mesmo tempo líder de 12 pessoas e supervisor de 12 células. A ênfase é que toda pessoa é um líder. O sistema está baseado em 4 pontos: Ganhar, Consolidar, Treinar e Enviar.⁵⁴

Comunidades Eclesiais de Base

Os grupos familiares no Brasil, que tiveram seu auge nos anos 70 e 80, distinguem-se de Pequenos Grupos e de igrejas em casa. São grupos pequenos voluntários, com reuniões regulares, realizadas nas casas, com ou sem rodízios, geralmente voltados ao evangelismo, às vezes voltados para a conservação e outros valores da comunidade. Buscavam o crescimento pela adesão, não por multiplicação. Utilizavam material doméstico voltado para o membro da igreja com ênfase no doutrinamento, com pouca atenção à condição do visitante. Este tinha de se adaptar às condições do grupo.⁵⁵

⁵² Nilza Valéria, “O G12 de Hoje”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.revistaenfoque.com.br>, no dia 15 de julho de 2007.

⁵³ Valéria, <http://www.revistaenfoque.com.br>, 16/7/2007.

⁵⁴ José João de Mesquita, “Igreja em Células – Evangelização”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.ipmanaus.org>, no dia 13 de julho de 2007.

⁵⁵ Marcelo Azevedo, *Comunidades eclesiais de base e inculturação da fé* (São Paulo: Edições Loyola, 1986).

Um exemplo desse modelo foram as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)⁵⁶ desenvolvidas pela Igreja Católica. Em fins de 1982 Álvaro Barreto declarou:

Não existe ainda, que nós saibamos, um rigoroso estudo histórico sobre a origem das CEBs no Brasil. O estudo mais recente que conhecemos sobre o assunto é a dissertação de 318 páginas mimeografadas, de F. L. Couto Teixeira, *Comunidade Eclesial de Base: Elementos explicativos de sua gênese*.⁵⁷

Marcelo Azevedo, em sua tese doutoral,⁵⁸ um excelente estudo sobre as CEBs do Brasil, apresenta como ponto de partida, “o lançamento oficial das comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil: o Primeiro plano de pastoral de conjunto (PPC)”, no ano de 1965, no contexto do Concílio Vaticano II e do instável momento sócio-político brasileiro, que eclodiu com a Revolução de 1964, quando os militares assumiram o poder pela mobilização das Forças Armadas.

Azevedo, citando Almir Guimarães,⁵⁹ José Marins⁶⁰ e “um grande número de outros autores”,⁶¹ declara que, ambos

estão de acordo em apontar nas origens das CEBs ‘três esforços convergentes: a preocupação com a evangelização comunitária, expressa através dos catequistas populares de Barra do Piraí, RJ; o Movimento de Educação de Base (MEB), e o Movimento de Natal,

⁵⁶ “Comunidades de Base’ é a designação corrente na Europa até nossos dias. Na América Latina, pelo contrário, amadurecem entre Medellín (1968) e Puebla (1979)... a fórmula ‘Comunidades Eclesiais de Base’” (Azevedo, 42, rodapé).

⁵⁷ Álvaro Barreto, “Raízes da Consciência Eclesial das CEBS”, *Convergência* 17/158 (1982): 602-609.

⁵⁸ O livro *Comunidades eclesiais de base* foi matéria “submetida como tese de doutoramento à faculdade de Missiologia da Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Defendida aos 2 de fevereiro de 1985” (Azevedo, 4, Nota do editor).

⁵⁹ Ver Almir R. Guimarães, *Comunidades de base no Brasil: uma nova maneira de ser da Igreja* (Petrópolis, RJ: Vozes, 1978), 17-22.

⁶⁰ Ver José Marins, “Comunidades Eclesiais de Base na América Latina”, *Concilium* 104/4 (1975): 406-409.

⁶¹ Ver, por exemplo, João B. Libânio, “Experiences with Base Communities in Brazil”, em *Missiology, An International Review* 8/3 (1980), 320-338; Leonardo Boff, “Comunidades eclesiais de base e teologia da libertação”, *Convergência* 14/145 (1981): 430-441; Faustino Luís Couto Teixeira, “Comunidade eclesial de base: elementos explicativos de sua gênese” (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Departamento de Teologia, Rio de Janeiro, fevereiro de 1982), 54-106.

RN; as experiências de apostolado leigo e os esforços de renovação paroquial, dentro de um movimento amplo de renovação que se codificou nos planos nacionais de pastoral.⁶²

A natureza das CEBs parece captada no texto de Azevedo. Diz:

Surge no PPC [“Plano de pastoral de conjunto”] (PPC) “comunidades de base”, aquelas que hoje chamamos *Comunidades Eclesiais de Base: a iniciativa e aprovação dos bispos* em fazer uma forma de concretizar a Igreja], além da atuação do leigo e da concepção da evangelização integral que identificamos como sementes de traços estruturais das CEBs, um terceiro, de capital importância: *a natureza das relações sociais no interior da comunidade*.⁶³

Azevedo admite que, estes três elementos – atuação dos leigos, evangelização integral e novas relações sociais – tomadas isoladamente ou justapostas e homologadas pelo Episcopado nos “planos de pastoral de conjunto”, não explicariam por si sós a origem histórica das CEBs no Brasil.⁶⁴

Depois de avaliar a situação histórica do Brasil em torno da Revolução de 1964, desde o governo de Juscelino Kubitschek até os primeiros anos do governo militar e o impacto do Concílio Vaticano II sobre a vida eclesial, quando a “Igreja abriu-se a uma outra perspectiva de presença e de ação evangelizadora”, Azevedo conclui:

É somente sobre este pano de fundo que podemos compreender e apreciar o surgir e o configurar-se das comunidades eclesiais de base.

No Brasil, pois, as CEBs vão tomar corpo e adquirir sua identidade no entroncamento de uma realidade social com uma realidade eclesial, ao terem passado ambas por uma convulsão institucional de fundas raízes ideológicas: a chamada Revolução de 64 e o concílio vaticano II.⁶⁵

Para entender a bem elaborada, e talvez camuflada, justificativa das CEBs por Azevedo, basta ler a preocupação de Barbé e Retumba quando apresentam, abertamente, um dos motivos preponderantes de evangelização das CEBs:

Não nos assemelhamos um pouco aos bizantinos que, enquanto sua cidade era atacada pelos turcos, discutiam apaixonadamente teologia especulativa em suas suntuosas igrejas,

⁶² Azevedo, 43. Para uma compreensão a respeito destes movimentos e das pastorais, ver Guimarães, 18; Marins, 406-407; Couto Teixeira, 146-158; Gervásio F. Queiroga, *CNBB-comunhão e co-responsabilidade* (São Paulo: Edições Paulinas, 1977); T. Bruneau, *Catolicismo brasileiro em época de transição* (São Paulo: Edições Loyola, 1974), 196-233.

⁶³ Azevedo, 48.

⁶⁴ *Ibid.*, 47.

⁶⁵ *Ibid.*, 54.

como se quisessem esquecer, numa espécie de embriaguez espiritual, esses bárbaros que sitiavam a cidade? Nossa velha e querida Igreja não é um pouco Bizâncio? E não é por culpa do papa, dos bispos ou de qualquer outro. A culpa é de todos nós. Enquanto nos opomos mutuamente e nos ferimos, a massa do povo é abandonada. Ruas e bairros inteiros passam às mãos toda espécie de seitas.⁶⁶

Segundo estes autores, as CEBs deveriam atuar como forma de luta social, na busca pela inclusão do povo nos direitos políticos e de cidadania. Sem procurar fazer injustiça ao sentido dos textos acima, também parece claro que, uma das funções das CEBs era defender a Igreja católica dos “bárbaros” evangélicos.⁶⁷

Ao tratar das tipologias mais abrangentes das CEBs, Azevedo apresenta a seguinte classificação:

1) CEBs da zona rural, a braços sobretudo com os problemas da terra e da violência decorrente... 2) CEBs da zona rural ou de pequenos e médios povoados. Com problemas de subsistência e/ou climáticos, carência e/ou abandono institucional... 3) CEBs cujas regiões são afetadas pelos chamados grandes projetos... ou pelo envolvimento de uma *política* sórdida de coronelismo... 4) CEBs das periferias metropolitanas, com problema de cunho industrial (trabalho e salário, de moradia (invasões)... 5) CEBs das chamadas *idades dormitórios*, próximas as ares metropolitanas, às voltas com problemas de violência policial e civil. Corrupção administrativa, parasitismo, delinquência e criminalidade de alto grau.⁶⁸

Nesta, pode-se perceber que não há nenhuma referência, ou mera alusão à proposta de se reunir para estudar a Bíblia, alimentar-se da Palavra, praticar a comunhão através do louvor e da oração e da pregação do evangelho, que são marcos referenciais dos pequenos grupos. Nas tipologias das CEBs exemplificadas, nem sequer aparecem as palavras Deus, Bíblia e oração.

Pelo exposto, apesar das comunidades eclesiais de base nascerem no mesmo panorama histórico-contemporâneo (décadas de 60 e 70),⁶⁹ de tratar-se do mesmo fenômeno de explosão dos grupos pequenos⁷⁰ e, apesar das reuniões destes “pequenos

⁶⁶ Domingos Barbé e Emmanuel Retumba, *Retrato de uma comunidade de base – prática e teologia da comunidade de base* (Petrópolis, RJ: Vozes, 1970), 21-22.

⁶⁷ *Ibid.*, 22.

⁶⁸ Azevedo, 17-18.

⁶⁹ *Ibid.*, 47.

⁷⁰ *Ibid.*, 25, 58, 61, 63.

grupos em quarteirões, bairros e edifícios”,⁷¹ em algum momento, serem chamadas de “projeto orgânico”,⁷² percebe-se que, tanto a origem, quanto as orientações e forma de luta, ou de evangelização das CEBs pouco, ou nada, tem a ver com os Pequenos Grupos/Células desenvolvidos pelas igrejas evangélicas ou pelas igrejas adventistas do sétimo dia do país.

Precursos Denominacionais da IASD

A percepção adventista da importância dos grupos pequenos como instrumento de missão tem antecedentes bem anteriores aos movimentos de grupos pequenos contemporâneos. Os livros *Conselhos sobre escola sabatina*⁷³ e *Manual para a escola sabatina*,⁷⁴ entre uma variedade de outras obras que tratam do estudo da Bíblia em grupos pequenos,⁷⁵ demonstram que a história da Igreja Adventista não pode existir separadamente deste modelo. Expressões como “classes da escola sabatina”, “unidades

⁷¹ R. B. Caramuru, *Comunidade eclesial de base: uma opção pastoral decisiva* (Petrópolis, RJ: Vozes, 1967), 5; Azevedo, 40.

⁷² *Ibid.*, 49 (rodapé).

⁷³ Ellen White, *Conselhos sobre a escola sabatina* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984).

⁷⁴ *Manual da escola sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995).

⁷⁵ Departamento da Escola Sabatina, *Auxiliar do programa para o jardim da infância* (Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1966); Laveta Maxine Payne, *Called to Teach a Sabbath School Class* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1969); *Church School Manual: for Parents and Teachers* (California, CA: Pacific Press, 1906); Donna Habenicht e Anne Bell, *Como ensinar as crianças na escola sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992); Charles H. Betz, *Técnicas de ensino na escola sabatina de adultos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995); Departamento da Escola Sabatina da Associação Geral, *Educando professores: lições para os professores da escola sabatina* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1952); Stanley S. Will, *Ensinar: guia para o ensino eficiente na escola sabatina* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982); Dorothy Eaton Watts, *Getting Excited about Global Mission* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1989); Harry W. Lowe, *Manual para professor da escola sabatina* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982); Jorge Mário de Oliveira, *O diretor e a funcionalidade na escola sabatina da igreja local* (Engenheiro Coelho, SP: Unasp - Centro Universitário Adventista de São Paulo, 1991); L. Flora Plummer, *O professor ideal da escola sabatina* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, s/d); William J. Harris, *Our Priceless Primaries* (Nampa, ID: Pacific Press, 1970); Dorothy Eaton Watts, *Sabbath School Program Planner* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1993); Sabbath-School Department of the General Conference of Seventh-day Adventists, *Testimonies on Sabbath-School* (College Place, WA: College Press, s/d).

evangelizadoras”, “koinonias”, “grupos familiares”, “filiais da escola sabatina” e “unidades de ação”, todas elas identificando atividades em grupos pequenos que se reúnem regularmente em torno do estudo da Bíblia, são familiares aos membros da IASD. Desde o seu nascimento até a morte o membro da Igreja Adventista vive dentro de uma Escola Sabatina; ou seja, vive dentro de um grupo pequeno. Não é possível ser um adventista do sétimo dia sem participar de grupos pequenos.⁷⁶

Assim como a igreja apostólica, a IASD teve seu início nas casas, visto não ter edifícios para se reunir e sua organização ocorrer somente quase 20 anos depois de 1844, ano basilar do adventismo.⁷⁷ Tratando deste início da Igreja e da Escola Sabatina, Preston C. Smith assim se expressa:

Os sinais vitais de uma Escola Sabatina saudável são vários desde os primórdios da Igreja Adventista. Este primórdio data de 1852, quando James White escreveu as primeiras séries de lições da Escola Sabatina. Estas 19 lições publicadas no *Youth Instructor* (que veio antes das atuais Lições da Escola Sabatina) formou [sic] o esqueleto que sustentaria o crescimento de um corpo de crentes.

A primeira Escola Sabatina Adventista organizada foi em Rochester, New York, em 1853.... O incipiente crescimento impulsionou a Escola Sabatina a se estabelecer em novos lugares.⁷⁸

⁷⁶ A Escola Sabatina está organizada em nove divisões para atender as diferentes faixas etárias de seus membros. São elas Rol do Berço A (de 0 a 18 meses) e Rol do Berço B (18 meses a 3 anos), Jardim da Infância (de 3 a 5 anos), Primários (de 6 a 9 anos), Juvenis (de 10 a 14 anos), Adolescentes (de 15 a 18 anos), Jovens, Divisão dos Adultos, Divisão de Extensão e Divisão de Filiais. Ver Wagne Mesquita, “Organizando a Escola Sabatina na Igreja Local”, *Enriquecendo a Escola Sabatina*, 2008, 9-10).

⁷⁷ Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, *Manual da igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), xix; R. W. Schwarz, *Light Bearers to Remnant* (Boise, ID: Pacific Press, 1979), 37-52; Timm, *O santuário*, 53-60.

⁷⁸ Preston C. Smith, “Anatomia de uma Escola Sabatina: 150 anos de atividade”, pesquisa realizada na internet, no site http://admteste.paulistasul.org.br/administrador/downloads/arquivos/8/m_Anatomia.doc, no dia 20 de agosto de 2009; ver também “Breve Resumo Histórico” em *Manual da escola sabatina*, 11-15. “A primeira Escola Sabatina da qual há algum registro histórico foi organizada pelos Batistas Germânicos do Sétimo Dia sob a liderança de Ludwig Häcker em Efrata, Pensilvânia, em 1739. Isso ocorreu quarenta anos antes de Robert Raikes estabelecer a primeira Escola Dominical em Gloucester, Inglaterra” (The Sabbath School Department of the General Conference of Seventh-day Adventists, *The Sabbath School: Its History, Organization, and Objectives* [Takoma Park, Washington, D.C.: Review and Herald, 1938], 14).

Rubem Bezerra, em sua dissertação de mestrado, declara que desde 1870 existe um programa definido de Escola Sabatina, com estudos para as várias modalidades, com diretores, secretários e líderes de grupos que funcionam de forma definida.⁷⁹ Este modelo tem suas “raízes aprofundadas na antiguidade veterotestamentária, embasada nas prescrições dadas por Deus aos patriarcas e ao povo de Israel”.⁸⁰ Bezerra defende que, apesar das diferenças, “o princípio bíblico fundamental” do estudo da Palavra em grupos pequenos é uma realidade. Entende que “a Escola Sabatina de hoje é a fase presente de instrução bíblica milenar, que sempre caracterizou o povo de Deus”.⁸¹ E conclui declarando que “durante mais de 130 anos a Escola Sabatina tem reunido a igreja em torno da Bíblia para o estudo sistemático”.⁸²

Diferentemente da Escola Dominical criada por Robert Raikes, um editor de jornais,⁸³ a Escola Sabatina nasce com a Igreja Adventista e toma-se o modo de ser desta Igreja.⁸⁴ Tanto que o módulo semanal mais importante da IASD, e o ponto alto de sua liturgia é o estudo da lição da Escola Sabatina, em grupos pequenos.⁸⁵ O livro *Conselhos*

⁷⁹ Rubem Rufino Bezerra, “Um Estudo Resumido de Plano das Unidades Evangelizadoras e sua Funcionalidade na Escola Sabatina Atual” (Dissertação de Mestrado em Teologia, Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, São Paulo, fevereiro de 1984), 11-12.

⁸⁰ *Ibid.*, 6.

⁸¹ *Ibid.*

⁸² *Ibid.*, 12.

⁸³ Em 1780, a pedido de Robert Raikes, a sra. Meredith “recebeu um grupo de crianças de rua na cozinha de sua casa em Soot Alley [Inglaterra]”. O conteúdo tratado era “ler e escrever, aritmética e moral bíblica”. O experimento cresceu, virou movimento. “Cristãos notáveis apoiaram a idéia. John Wesley a amava, e os grupos wesleyanos começaram a usá-la.... Em 1785, [William] Fox fundou, nos diferentes condados da Inglaterra, a Sociedade para o Apoio e Encorajamento das Escolas dominicais.... Contudo, conforme a educação pública se desenvolvia, as escolas dominicais se concentraram mais no ensino da Bíblia” (Curtis, *Os 100 acontecimentos*, 156-157); ver também Ken Hemphill, *Redescobrimo a alegria das manhãs de domingo* (São Paulo: Igreja, 2000), 11-12.

⁸⁴ “Não deveríamos imitar a escola dominical” (Sabbath-School Department, *Testimonies on Sabbath-School*, 89).

⁸⁵ O Cartão de Registro da Escola Sabatina que declara “cada membro da Igreja um membro da Escola Sabatina”, reserva 55 minutos para o professor da Classe, dos quais 35 minutos são para o estudo da Bíblia (Cartão de Registro da Escola Sabatina da União Central

sobre a escola sabatina, referencial normativo da IASD, apresenta recomendações que são compatíveis com os princípios recomendados aos Pequenos Grupos. Por exemplo:

- Conquista de almas – “O objetivo da Escola Sabatina deve ser conquista de almas”.⁸⁶ “A Escola Sabatina deve ser um dos maiores instrumentos, e o mais eficaz, em levar almas a Cristo”.⁸⁷

- Preparo do líder – “A Escola Sabatina deve ser o lugar em que os que tenham progredido no conhecimento divino, sejam capazes de inculcar novas idéias com relação à Fe do povo de Deus”.⁸⁸

- Estudo da Bíblia – “Os alunos da Escola Sabatina devem ser diligentes, cavar fundo e buscar com máximo cuidado as preciosas gemas da verdade contidas nas lições semanais. Os privilégios e oportunidades que ora têm de se tornarem entendidos no que respeita às Escrituras, não devem ser negligenciados”.⁸⁹

- Relacionamento – “Na Escola Sabatina seremos chamados a tratar com os que cometem faltas e caem em pecado e erro.... Ao contemplar o amor de Cristo, abrandar-se-vos-á o coração para tratar a juventude como a membros mais novos da família do Senhor”.⁹⁰

- Unção do Espírito – Os líderes da Escola Sabatina “precisam ser batizados com o Espírito Santo de Deus para que sua mente seja impressionada a usar os melhores métodos e seguir os melhores planos, a fim de terem perfeito êxito em seu trabalho”.⁹¹

Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia). Ver também “Programação Semanal” *Enriquecendo a Escola Sabatina*, 2007, 9.

⁸⁶ White, *Conselhos sobre a escola sabatina*, 61.

⁸⁷ *Ibid.*, 10.

⁸⁸ *Ibid.*, 63.

⁸⁹ *Ibid.*, 22.

⁹⁰ *Ibid.*, 170-171.

⁹¹ *Ibid.*, 11.

Parece acertado considerar-se que esses grupos pequenos, em suas diferentes modalidades, ao longo do tempo, criaram uma cultura favorável e uma base estrutural que favorecem o funcionamento da IASD em Pequenos Grupos.⁹²

Ao longo do tempo, experiências têm sido realizadas no sentido de estabelecer os pequenos grupos no território da Divisão Sul-Americana. Imediatamente depois que o plano da Escola Sabatina foi lançado em 1934 pela Associação Geral, também foi implementado na América do Sul.⁹³

Na década de 1970, “se popularizaram as unidades evangelísticas (sic) da escola sabatina impulsionadas por Daniel Belvedere e Genaro Daniel Daniele na Argentina, Paraguai e Uruguai; e por Sergio Moctesuma na América do Sul e outros lugares do mundo”.⁹⁴

Koinonias

Essas “unidades evangelísticas [evangelizadoras] da escola sabatina”, são grupos pequenos de estudos da Bíblia. Entretanto, como atividade precursora mesmo dos Pequenos Grupos no Brasil, ainda que não de forma linear, “começou no início da década de 1970... as células que logo foram chamadas *koinonias*. As *koinonias* se iniciaram no

⁹² A Escola Sabatina opera com organização, estrutura e sistema distintos de Pequenos Grupos, porém com características semelhantes, tais como agrupamento geográfico, grupo pequeno de pessoas, encontro semanal, e estudo bíblico, testemunho e oração, que são características litúrgicas. A marca principal que caracteriza e, ao mesmo tempo distingue a ambos é o local do encontro – Pequenos Grupos reúnem-se nas casas e Escola Sabatina na igreja. Portanto, para que Escola Sabatina e Pequenos Grupos se complementem e funcionem dentro da mesma organização, estrutura e sistema depende apenas de uma decisão pastoral-administrativa quanto à integração dos modelos. Além disso, o objetivo principal, tanto da Escola Sabatina quanto dos Pequenos Grupos é o mesmo: conquista de almas. Ver Comiskey, *Cell-Basics*, 3; White, *Conselhos sobre escola sabatina*, 61. Entretanto, a recomendação oficial da IASD segue sendo optar por um modelo separado. No livro *Pequenos grupos teoria e prática*, por exemplo, o capítulo que trata da “Implantação de PGs”, sugere uma “estrutura” paralela, e nada fala a respeito da Escola Sabatina. Ver Roger e Aragão, “Implantação de PGs: Conheça as Melhores Práticas”, em Santana, 106-114.

⁹³ Alberto Ronald Timm, “Uma Igreja em Crescimento”, *Ministério*, janeiro-fevereiro, 2009, 25.

⁹⁴ Rode, 62. A melhor tradução seria “unidades evangelizadoras”.

Colégio Adventista del Plata, com Mário Veloso. Logo se estenderam por toda Argentina, Uruguai e Paraguai; dali se espalharam por toda América do Sul”.⁹⁵

Em 1977 o programa de Koinonias chega ao Brasil. Após ser nomeado “líder MV da Divisão Sul-Americana” (Diretor dos Jovens Adventistas – JA), no dia 10 de março de 1977,⁹⁶ Mário Veloso, recém chegado ao Brasil, lança o programa “Koinonias” para todo o país, juntamente com os Líderes de Jovens de todas as Uniões brasileiras.⁹⁷

De acordo com Oder Mello,

foram preparados 17 Manuais, um para cada Diretor JA de todos os Campos do Brasil. O lançamento ocorreu em um acampamento em Brasília, com a participação de 70 jovens da Igreja Adventista Central do Plano Piloto da mesma cidade. Seguindo este plano, Oder Melo implantou as Koinonias em 23 distritos da ABC, que funcionou entre os anos de 1977 a 1982.⁹⁸

Segundo o próprio Veloso, porém, o programa foi primeiramente “lançado com um grupo de 110 jovens, num retiro espiritual, perto de Sumaré [SP], na chácara ‘paraíso’”.⁹⁹ “Até agora”, declara Veloso, que tinha a intenção de expandir o programa para toda a Divisão Sul-Americana, “só trabalhamos com um grupo da União Austral, com amplos resultados. Vale dizer que esse plano surgiu em 1971, no colégio daquela União, para resolver um problema da vida espiritual local. Começou de maneira secreta, porque o momento assim o exigia”.¹⁰⁰

⁹⁵ Ibid.

⁹⁶ “Líder MV Sul-Americano Fala Sobre ‘Koinonias’”, *Revista Adventista*, agosto de 1977, 22.

⁹⁷ Participaram deste encontro os seguintes Líderes MV (JA): União Sul Brasileira: Rodolpo Gorski, Mário Valente, Darci Reis, José Maria Barbosa, Oder Mello, Orlando Rosa e Artur Marski; União Este Brasileira: Amin Rodor, José Miranda, Davi Rocha, Afrânio Feitosa; União Norte Brasileira: Homero Rreis, Emmanuel Saraiva, Levi Silveira e Arovel Moura (Mário Veloso, Retiro espiritual *Coinonia* [Acampamento da Missão Brasil Central, 1977], 2).

⁹⁸ Entrevista com Oder Mello, Pastor Jubilado, Ex-Diretor dos Jovens Adventistas (JA), Ex-Departamental de Educação, e Ex-Líder de Pequenos Grupos na APaC, Engenheiro Coelho, São Paulo, 05 de julho de 2007

⁹⁹ “Líder MV Sul-Americano Fala Sobre ‘Koinonias’”, 22.

¹⁰⁰ Ibid.

“As Coinonias são grupos de jovens que se ajudam mutuamente em sua vida espiritual e que participam juntos na atividade missionária e no testemunho cristão”, declara Velosio.¹⁰¹ O programa de koinonia tratava de “desenvolver duas coisas nos jovens: sua vida espiritual e sua participação no trabalho missionário”. Entende que koinonia é uma reunião de “4 a 12 pessoas” segundo o exemplo de Jesus.¹⁰²

Desta maneira, admitimos que devemos formar um grupo de no mínimo 4 pessoas e no máximo 12. Quando o grupo começa a aumentar demais, dividimo-lo em dois, de modo que o grupo sempre será pequeno.

O grupo não deve ser constituído de líderes. É um grupo de soldados, sempre dispostos a adotar o programa da igreja local, a não ser que se faça necessária sua atuação para planejar um programa, ou para alguma emergência, etc. Isto, em linhas gerais, é a **koinonia**.¹⁰³

Essas são as características dos grupos koinonias lançados naquele período: (1) grupo piloto, ou ‘koinonia’ de coordenação, composto pelo líder MV e seus associados, o diretor da Escola Sabatina e seus associados e o diretor do Trabalho Missionário; (2) evangelístico, busca conservar a “unidade entre a ‘koinonia’ e as unidades evangelizadoras”; (3) unidades geográficas “formadas por jovens que moram geograficamente próximos uns dos outros”; (4) reuniões nas casas “dos membros da ‘koinonia’”; (5) reuniões semanais, ficando dia e hora a critério dos membros; (6) estudos bíblicos, “os temas usados para estudar nessas reuniões são os mesmos usados quando preparamos pessoas para o batismo”; (7) para membros batizados, embora os interessados possam ser convidados; (8) administrado pelos departamentais da área.¹⁰⁴

¹⁰¹ Mário Veloso, *Coinonia e ação missionária* (Acampamento da Missão Brasil Central, 1977), 4.

¹⁰² *Ibid.*, 22.

¹⁰³ *Ibid.*, 23.

¹⁰⁴ *Ibid.*, 27.

Nessa matéria,¹⁰⁵ Veloso cita a palavra “relacionamento” como parte da koinonia, e também usa, embora de forma adjetiva, a expressão “pequenos grupos”. Este foi, até então, um programa original de grupos pequenos na Igreja Adventista do Sétimo Dia na América do Sul, e em particular, no Brasil.

Grupos Familiares

No ano de 1983, entre os principais projetos da Associação Paulista Oeste (APO) da IASD, com sede em Campinas, destacava-se o “lançamento do programa de koinonias”¹⁰⁶ – um projeto de grupos pequenos chamado “Koinonias Familiares”.¹⁰⁷ Tércio Sarli, então presidente deste Campo, teve suas primeiras noções a respeito de grupos pequenos em palestras ouvidas nas reuniões anuais da SEPAL nos anos 1980,¹⁰⁸ despertando seu desejo de aplicá-los nas igrejas de sua administração. Realmente, “nos anos 80, no Brasil, houve uma febre de igrejas tentando implementar Grupos Familiares”.¹⁰⁹

Sarli declara que sua inspiração inicial começou em 1975, quando assistia grandes especialistas em crescimento de igreja, como John Stott, Peter Wagner, entre outros, nas palestras da SEPAL,¹¹⁰ um órgão evangélico interdenominacional. Sua maior fonte de motivação, entretanto, veio da leitura do livro *Grupos familiares e o crescimento da igreja*,

¹⁰⁵ Entrevista apresentada na seção de Noticiário da *Revista Adventista*, “Líder MV Sul-Americano Fala Sobre ‘Koinonias’”, 22-23, 27.

¹⁰⁶ Guilherme Silva, “Resumo Histórico da Associação Paulista Central: Desenvolvimento”, pesquisa realizada na internet, no site, <http://www.apac.org.br/index.asp>, no dia 18 de maio de 2009.

¹⁰⁷ “O Desafio das Koinonias”, *Revista Adventista*, abril de 1984, 27.

¹⁰⁸ Entrevista com Tércio Sarli, 05 de julho de 2007.

¹⁰⁹ “A Igreja em Células”, pesquisa realizada na internet, no site www.videirasampa.org.br/portal_historico.asp, no dia 17 de julho de 2007.

¹¹⁰ Entrevista com Tércio Sarli, 05 de julho de 2007.

de Paul Yonggi Cho,¹¹¹ a quem assistiu em palestra proferida em 1987, em Buenos Aires.¹¹²

Em fevereiro de 1984, em um periódico da APO, *O Cajado*, aparece o primeiro artigo sobre grupos pequenos, chamado “Koinonias Familiares”.¹¹³ Neste artigo é esclarecido que os grupos familiares “deverão se organizar como células vivas... da igreja. Além de ser [o termo koinonia] de origem bíblica, de certo modo faz parte do vocabulário de nossa igreja”,¹¹⁴ declara Sarli, ao que parece, numa referência ao programa “Koinonias Jovens”.¹¹⁵

Nesta matéria aparece alguma orientação sobre como devem ser as reuniões de koinonias familiares, e também oferece um esboço do programa com momentos de louvor, oração, estudo da Bíblia, testemunhos, oração pelos pedidos feitos, hino final.¹¹⁶ Era um culto realizado na casa dos irmãos, em grupos pequenos e de forma regular e voluntária, semelhante ao modelo igreja em casa.¹¹⁷ A novidade desse culto não é o programa em si, cujo formato tem sido bastante praticado, mas sua realização de forma orientada, regular e intencional.

No ano seguinte, 1985, aparece na *Revista Adventista* outro artigo¹¹⁸ sobre grupos familiares, no qual se destaca o testemunho de dois pastores, Sérgio Otaviano, de Jundiá e Paulo Nogueira, de Fernandópolis, dos quais é dito que “estão em pleno funcionamento

¹¹¹ Cho, *Grupos familiares*.

¹¹² Entrevista com Tércio Sarli, 05 de julho de 2007.

¹¹³ Sarli, “Koinonias Familiares”, *O Cajado*, fevereiro de 1984, 1-4.

¹¹⁴ Sarli, “Koinonias Familiares”, *Revista Adventista*, março de 1984, 18.

¹¹⁵ Entrevista com Oder Mello, Pastor Jubilado, ex-Diretor JA, Educação, e líder de Pequenos Grupos na APC, Engenheiro Coelho, São Paulo, 05 de julho de 2007.

¹¹⁶ Entrevista com Tércio Sarli, 05 de julho de 2007.

¹¹⁷ Ver Robert e Julia Banks, *The Church Comes*; Simson.

¹¹⁸ Sarli, “Vem Aí os Grupos Familiares”, 8-9.

algumas centenas de grupos familiares, ou Koinonias Familiares, dando ótimos resultados”.¹¹⁹

Paulo Nogueira, que havia iniciado seu ministério no distrito de Fernandópolis, com oito congregações, implantou na igreja sede, na mesma cidade, cerca de 40 grupos familiares com a ajuda dos pastores Manoel Xavier de Lima, Ministerial, e Natanael Batista, líder de Ministério Pessoal e Escola Sabatina do Campo. Nogueira repete a mesma experiência nos distritos de Pirassununga (1988-1990), com a ajuda de Daniel Santos, e de Limeira (1990-1993).¹²⁰ Sérgio Otaviano, “incentivado pela administração do Campo” (APO), também “implantou cerca de dez a doze grupos familiares na igreja de Jundiaí”, nos anos entre 1983 a 1985.¹²¹

Nos anos subseqüentes a 1985, a APO segue praticando e incentivando o programa de grupos familiares. Na tentativa de fortalecê-los, em 1990, Sarli, agora presidente da Associação Paulista Central da IASD (APaC), com sede em Campinas, convida Garrie Williams, secretário ministerial da Associação do Oregon, EUA,¹²² para falar do seu programa de grupos pequenos (*small groups*) baseado em uma apostila chamada *Círculo do poder da trindade* por ele utilizada em sua Associação.¹²³

Williams, na oportunidade, foi o “principal palestrante do Concílio Pastoral... ministrado em Piracicaba, SP, de 20 a 25 de agosto”¹²⁴ de 1990. “O Pastor Williams veio ao Brasil a convite e às expensas da APaC, com o objetivo de dar um curso especial para

¹¹⁹ Ibid.

¹²⁰ Entrevista com Paulo Nogueira, Pastor Distrital, Jundiaí, São Paulo, em 28 de maio de 2009.

¹²¹ Entrevista com Sergio Otaviano, Pastor Jubilado, São Paulo, SP, em 1º de junho de 2009.

¹²² “Pequenos grupos – caminho para o êxito”, 41.

¹²³ Garrie Williams, *Círculo do poder da trindade* (Campinas, SP: Gráfica da APC, 1990).

¹²⁴ “Pequenos grupos – caminho para o êxito”, 41.

pastores e administradores, aperfeiçoando-os na organização e desenvolvimento de pequenos grupos”,¹²⁵ ou koinonias familiares.

O programa de grupos familiares, ao que tudo indica, não chegara a ser institucionalmente estrutural. Mesmo em 1990, sete anos após o lançamento do programa “Koinonias Familiares” na APO,¹²⁶ ainda se espera que, com a vinda de Garrie Williams, “a maioria dos pastores se entusiasme a pôr em prática esse sistema”.¹²⁷ O “sistema” aqui expresso é uma referência ao que poderiam vir a se tornar os grupos familiares. Segundo o próprio Sarli, a “maioria dos pastores” ainda não estava entusiasmado com os grupos familiares.¹²⁸

Em 1993, quando Tércio Sarli vai presidir a União Central Brasileira (UCB) e Wilson Sarli assume a presidência da APaC, “o foco sobre grupos familiares não é o mesmo” no Campo.¹²⁹ Tanto que, no relatório da segunda Assembléia Trienal de 1994, Daniel Santos, que havia sido chamado pela APaC para ajudar na implantação de grupos familiares na região,¹³⁰ apresenta matéria dos departamentos de ADRA, JA e Desbravadores, mas nada declara sobre grupos familiares,¹³¹ o que sugere o declínio dos grupos familiares naquele Campo.

A noção de grupos pequenos que aparecem nos artigos de 1984¹³² e 1985,¹³³ no entanto, é agradável e avançada para os modelos eclesiásticos vigentes. Sarli conseguiu

¹²⁵ Ibid.

¹²⁶ “O Desafio das Koinonias”, *Revista Adventista*, abril de 1984, 27.

¹²⁷ “Pequenos grupos – caminho para o êxito”, 41 (itálicos acrescentados).

¹²⁸ Ibid.

¹²⁹ Entrevista com Paulo Nogueira, 28 de julho de 2009.

¹³⁰ Entrevista com Tércio Sarli, 05 de julho de 2007; Federação Paulista Central, “Ata da Sessão Ordinária da Comissão Executiva”, 25 de setembro de 1989.

¹³¹ Federação Paulista Central, “Relatório dos Jovens Adventista e Desbravadores e ADRA”, *II Assembléia Denominacional Ordinária*, 07 a 09 de novembro de 1994.

¹³² Sarli, “Koinonias Familiares”, *Revista Adventista*, março de 1984.

¹³³ Sarli, “Vêm Aí os Grupos Familiares”.

captar de Werner Vyhmeister¹³⁴ um pouco de teologia dos Pequenos Grupos, amparada nos pilares da pregação (kerigma), serviço (diakonia) e comunhão (koinonia). Essa percepção, porém, não apareceu muito claramente nos grupos familiares, ainda praticados mais de forma voluntária. O próprio Vyhmeister não oferece a noção de estrutura e organização dos Pequenos Grupos. Sua abordagem é consistente, mas igualmente filosófica e objetivamente motivadora.¹³⁵

Sarli esclarece que os nomes usados na época não eram Pequenos Grupos, e sim “Koinonias Familiares, e depois, Grupos Familiares”.¹³⁶ Defende que o “primeiro artigo sobre pequenos grupos na *Revista Adventista*” foi publicado em “março de 1984”, porém, confirma que no título do artigo também não consta a expressão “Pequenos Grupos” e sim “Koinonias Familiares”, cujo conteúdo era “Explicação sobre o plano e programa sugestivo para o funcionamento do grupo”.¹³⁷ O referido artigo baseia-se na experiência da “igreja primitiva” e liga sua justificativa às “Comunidades Eclesiais de Base”, ao movimento coreano de Paul Yonggi Cho da “Coréia do Sul” e aos textos de Ellen White.¹³⁸

Mário Veloso acredita, todavia, que o surgimento das Koinonias Familiares de 1983 tem ligação com as Koinonias Jovens de 1977, “pois as Koinonias Familiares já estavam solicitadas, visto que as famílias argumentavam que os jovens tinham seus encontros, mas as famílias também desejavam participar dos mesmos”.¹³⁹

¹³⁴ Werner Vyhmeister, *Mision de la iglesia adventista* (Brasília, DF: Seminário Adventista Latinoamericano, 1981).

¹³⁵ Ibid. Ver também Sarli, *Revista Adventista*, março de 1984; idem, *Revista Adventista*, junho de 1985; Sarli, “A Igreja, Alvos e Batismos”; Mário Veloso, “A Missão da Igreja de Acordo com a Bíblia”, Sermão no auditório da União Central Brasileira, 26 de julho de 1989.

¹³⁶ Sarli, “Breve Relato dos Pequenos Grupos”, 1. Ver também, idem, “Koinonias Familiares”, *Revista Adventista*, março de 1984, 17-19.

¹³⁷ Sarli, “Breve Relato dos Pequenos Grupos”, 1-2.

¹³⁸ Sarli, “Koinonias Familiares”, *Revista Adventista*, março de 1984, 17-19.

¹³⁹ Entrevista com Mário Veloso, Consultor de Educação da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia para a América do Sul, Engenheiro Coelho, São Paulo, 08 de julho de 2009. As Koinonias do Lar, como então foram chamadas, começaram a ocorrer por iniciativa de Oder Mello, constando em um panfleto deste programa realizado em 1981. Ver “Koinonia do Lar”,

Outra nascente precursora dos grupos pequenos surge na cidade de São Paulo quando, no final dos anos 80, Daniel Pereira dos Santos inicia um trabalho muito bem sucedido de grupos familiares no distrito de Jardim São Bento, no Capão Redondo.¹⁴⁰ Essas reuniões de grupos pequenos também foram chamadas, a princípio, “koinonias familiares” e, depois, “grupos familiares”.

Em 25 de setembro de 1989, Daniel Santos é chamado para pastor distrital na APaC e assume o distrito de Jardim dos Oliveiros, em Campinas, SP,¹⁴¹ embora seguisse sendo convidado para incentivar a formação de grupos familiares em outras igrejas nos Campos da UCB. Em 1991, Santos é nomeado líder dos Departamentos de ADRA, Expansão Patrimonial e Grupos Familiares da APaC.¹⁴² Nessa mesma Assembléia, Santos, como coordenador de grupos familiares, apresenta um relatório, no qual declara que “grupos familiares é uma área nova que está sendo desenvolvida dentro da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil e no mundo”.¹⁴³ Apresenta uma gama de materiais e cursos ministrados, mas não trata de número de grupos em funcionamento.

Origem dos Pequenos Grupos na IASD no Brasil

Um elo precursor interessante para o estabelecimento dos Pequenos Grupos no Brasil foram os grupos pequenos desenvolvidos no Instituto Adventista de Ensino (IAE-SP), chamados Projeto Chuva Serôdia.

Semana da Família, dias 09 a 16 de maio de 1981. Ainda em 1984, um ano depois do lançamento das Koinonias Familiares da Associação Paulista Oeste, Oder Mello segue realizando seminários de Koinonias do Lar. Ver “Retiro de Koinonia do Distrito de Pinheiros”, Acampamento Monte das Oliveiras, dias 14 a 16 de dezembro de 1984.

¹⁴⁰ Entrevista com Jorge Lucien Burlandy, Pastor Jubilado, Ex-Presidente da APS, sede Brooklin, entre os anos 1987 a 1989, Engenheiro Coelho, São Paulo, 02 de julho de 2007.

¹⁴¹ Federação Paulista Central, “Ata da Sessão Ordinária da Comissão Executiva”, 25 de setembro de 1989.

¹⁴² Federação Paulista Central, “Relatório da Comissão de Nomeações”, *II Assembléia Geral Ordinária*, 04-05 de dezembro de 1991.

¹⁴³ Federação Paulista Central, “Relatório de Grupos Familiares”, *I Assembléia Geral Ordinária*, 04-05 de dezembro de 1991.

Projeto Chuva Serôdia

Em 1988, iniciam-se reuniões de grupos pequenos nas dependências do IAE, São Paulo, lideradas por Umberto Moura. Seu modelo chamava-se Projeto Chuva Serôdia. Tinha orientação multiplicadora e intenção reavivamentista. Depois de várias tentativas Moura, finalmente, consegue realizar em sua residência, próxima à Escola, o primeiro grupo consistente e definitivo. Esse grupo, composto por estudantes de teologia e ensino médio, a maioria bolsistas, prospera e multiplica-se. Os estudantes começam a fazer outros grupos com membros de igrejas vizinhas, outros se espalham pelo país e até fora do país.¹⁴⁴ O Projeto Chuva Serôdia, como era inicialmente chamado, consolida-se; no final de 1989 são centenas de grupos pequenos, e no início dos anos 90 torna-se um verdadeiro reavivamento.¹⁴⁵

Em 17 de dezembro de 1989, esses grupos iniciam no IAE, de forma contínua, o Culto da Mata – agora aos domingos e aberto ao público externo.¹⁴⁶ E começa a receber centenas de pessoas que comparecem para testemunhar, orar e clamar a Deus de madrugada. O Culto da Mata torna-se um fenômeno.¹⁴⁷ Um fato interessante ocorre: não chove durante o culto por cinco anos. Chove antes, chove depois, e até durante o culto dentro da Escola, mas no local do culto a chuva não cai.¹⁴⁸

¹⁴⁴ Mábio Coelho informa que, quando morava nos EUA, o Projeto Chuva Serôdia funcionou em igrejas adventistas das cidades de Las Vegas em Nevada, Dalas no Texas, Long Island em New York, e Newarc em New Jersey, e que o pastor dessa igreja levou o mesmo projeto para a África do Sul. A estudante Marcília levou o Projeto Chuva Serôdia para a cidade de Bruxelas, na Bélgica. Entrevista com Mábio Coelho, empresário e estudante de teologia, Engenheiro Coelho, São Paulo, 15 de julho de 2009.

¹⁴⁵ Entrevista com Wilson Rossi, Ancião da Igreja do UNASP-SP, 20 de setembro de 2009.

¹⁴⁶ Segundo Moisés Nigri, desde 1935 ocorria o Culto da Mata, realizado aos sábados de madrugada por alunos internos, em um local de mata fechada próximo ao que viria a ser a Fábrica de Alimentos Superbom (Entrevista com Moisés Nigri, Ex-Vice-Presidente da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP, 10 de outubro de 2009).

¹⁴⁷ Entrevista com Wilson Rossi, 20 de setembro de 2009.

¹⁴⁸ Entrevista com Álvaro Galindo, Diácono Chefe da Igreja Adventista do UNASP-EC, 22 de junho de 2009.

Isso motiva as pessoas à oração e à participação nos grupos. E os grupos pequenos do Projeto Chuva Serôdia seguem se multiplicando por todo o país.¹⁴⁹ O trabalho assume contornos de movimento; recebe apoio de Wilson Rossi, ancião da igreja do IAE e de Josino Campos, pastor jubilado, que passa a ser conselheiro dos incipientes líderes. O Culto da Mata aumenta o público rapidamente, passando de 12 pessoas inicialmente para quase 300 pessoas em pouco mais de três meses, e continua crescendo.¹⁵⁰

Em março de 1991, sob a influência de Rossi, um importante grupo pequeno Chuva Serôdia é formado e reúne-se, a princípio, na sala pastoral da igreja do IAE. Inicialmente participam César Wichert (então pastor da igreja do IAE), Osmar Reis (presidente do Campo – APS, sede Brooklin), Wilson Rossi e esposa (ele, ancião e líder conhecido na região), Josino Campos (ex-professor de teologia, pastor jubilado), João Linhares (ex-presidente de Campo, pastor jubilado), Paulo Sérgio Vaz (empresário), professor Guy e esposa (ele, empresário dono de escola) sob a liderança de Moura.¹⁵¹

Pequenos Grupos

Percebendo as possibilidades dos grupos pequenos, Osmar Reis traz à região sul de São Paulo, entre os dias 03 e 04 de julho de 1991,¹⁵² Garrie Williams (o mesmo que já havia estado no “Brasil a convite... da APC”,¹⁵³ acompanhado de Daniel Santos, que ainda

¹⁴⁹ Uma coleção de cartas de vários estados do Brasil, arquivadas por Umberto Moura, ampara esta declaração.

¹⁵⁰ Entrevista com José Maria Barbosa, Ex-Diretor Interno do Instituto Adventista de Ensino, Diretor de Desenvolvimento Espiritual do UNASP, 22 de junho de 2009.

¹⁵¹ Entrevista com César Wichert, Pastor Jubilado, Engenheiro Coelho, 22 de junho de 2009.

¹⁵² Essa data consta no material apresentado por Garrie Williams, *Círculo do poder da trindade*, 03 e 04 de julho de 1991.

¹⁵³ “Pequenos grupos – caminho para o êxito”, 41.

segue promovendo “grupos familiares”.¹⁵⁴ Reis convida pastores de várias regiões do Brasil, e causa boa repercussão e interesse. Entretanto, Garrie Williams apresenta um programa de intenções reavivamentista, fundamentalmente doutrinário e denominacional, explorando o tema do momento na IASD, o Espírito Santo. Embora não manifestado no momento, o programa demonstra não atender os interesses evangelísticos de seus patrocinadores, e não se desenvolve.

Mesmo assim, no final de julho de 1991, Reis faz uma tentativa para implementar os grupos pequenos. Organiza um grupo de estudo com todos os pastores distritais da APS, incluindo os pastores do escritório, nas dependências da igreja do IAE, utilizando o material de Williams, o *Círculo do poder da trindade*.¹⁵⁵ Mas seus esforços não foram o bastante para manter o grupo em funcionamento. Ao deixar de participar do grupo de estudo dois meses depois, Reis parece dar mostras de que ainda não havia encontrado o que procurava.

Em março de 1992 a igreja central de Itapecerica da Serra passa a ser cuidada voluntariamente por Moura, a pedido de Reis. Ao final deste ano Moura recebe um chamado da APS e assume o pastorado do distrito de Itapecerica da Serra com 3 igrejas: central de Itapecerica, com aproximadamente 100 membros, igreja de Embu das Artes, com cerca de 80 membros e igreja do Jardim Montesano, com cerca de 60 membros. Em 1993 os grupos pequenos são implantados nas três igrejas do distrito. Meses depois uma pequena igreja em Jardim São Pedro, com cerca de 15 membros, é anexada ao distrito. Neste ano foram batizadas 60 pessoas no distrito de Itapecerica da Serra.

No início do ano seguinte, as igrejas estavam organizadas em grupos pequenos. Vigílias, semanas de oração, encontros das igrejas e seus grupos domingo pela manhã, dão uma motivação especial e as igrejas experimentam de fato um reavivamento.

¹⁵⁴ Ver Daniel Pereira dos Santos, *A dinâmica do discipulado* [São Paulo: 1989].

¹⁵⁵ Williams, *Círculo do poder da trindade*.

Membros afastados voltam em grande número e o evangelismo através dos Pequenos Grupos cresce. Em abril de 1994, a convite de Moura, Osmar Reis e Edson Rosa comparecem ao distrito de Itapecerica para algumas visitas. Chegam a uma casa onde um grupo pequeno funciona. Havia cerca de 20 pessoas, sendo seis delas convidados não adventistas. Em seguida visitaram outra casa, com outro grupo pequeno. E uma terceira casa mais próxima da igreja também foi visitada. Nesta havia mais de 30 pessoas, sendo a maioria não adventista.

No último domingo de julho de 1994, Reis comparece a uma programação na igreja central de Itapecerica. Era uma celebração, um culto de ação de graças para comemorar as 60 almas batizadas até então. A meta do distrito era alcançar 120 batismos. De fato, no ano de 1984 o distrito batizou 132 almas, ficando atrás apenas dos super-distritos de Capão Redondo, Alvorada e IAE, no Campo da APS; todos com grandes escolas e numeroso batismo na primavera (setembro). A Escola Adventista de Itapecerica da Serra havia começado naquele ano e não houve batismo. No primeiro concílio de 1995, realizado em fins de fevereiro, houve surpresa geral quando o relatório de Itapecerica foi apresentado apontando 132 almas batizadas, todas alcançadas somente com o trabalho dos grupos pequenos.¹⁵⁶

Um caminho paralelo estivera sendo traçado. Reis, que havia participado do grupo pequeno “Chuva Serôdia” de Moura, em março de 1991, após a passagem de Garrie Williams começa um grupo com todos os pastores da APS. Moura passa a freqüentar esse grupo desde a sua segunda reunião, e permanece, mesmo quando Reis deixa de frequentá-lo, e a grande maioria dos pastores também. Fica um remanescente de pastores, dentre eles Adolfo Tito, Berengar Dammann, Eufrazio Pereira, Hélio Porto e Humberto Banhara. Esse grupo passa a usar o material – o livro *Preparo para a chuva*

¹⁵⁶ Entrevista com Eufrazio Pereira, Pastor Distrital de Jardim São Judas Tadeu, São Paulo, SP, 20 de setembro de 2009.

serôdia – e o método que vinha sendo usado nas igrejas de Itapecerica da Serra e Embú; o mesmo usado no IAE desde 1989.

Percebendo as dificuldades de funcionamento e implementação de programas em seus distritos, inclusive de grupos pequenos, os pastores que seguiam se encontrando às terças-feiras nas dependências do IAE, trabalham a idéia de se fazer um encontro entre eles para discutirem os problemas comuns dos distritos e estudarem algum plano. A idéia foi apresentada à Associação. Reis, que há muito desejava ver os grupos pequenos em seu Campo, apoiou a idéia, mas pediu que todos os pastores participassem. Assim que, no dia 22 de agosto de 1993, um ônibus levou os pastores da APS para o acampamento adventista de Itaipava, onde permaneceram por dois dias. Dentre esses pastores estava Erton Köhler, atual líder da IASD para a América do Sul.¹⁵⁷

A discussão sobre grupos pequenos, entretanto, não progrediu após o encontro. E o que foi decidido não foi seguido coletivamente. Um fato muito importante, porém, projetou-se para o futuro e merece destaque. Entre as muitas discussões, houve uma reunião entre os pastores Reis, Rosa e Moura, cuja questão era – que nome se daria aos grupos: grupos de ação, grupos pequenos, pequenos grupos, grupos de oração, corrente de oração, koinonia ou grupos familiares. Visto que o termo pequenos grupos era bastante utilizado nos livros de Ellen White, por sugestão de Reis, optou-se pelo uso da expressão Pequenos Grupos.¹⁵⁸

A partir de então Moura passa a usar o termo Pequenos Grupos como nome próprio, como substantivo. Assim, são preparados os primeiros materiais da IASD no Brasil com a marca Pequenos Grupos, tais como: *Manual para implantação e*

¹⁵⁷ Entrevista com Adolfo Tito Rojas, Pastor Distrital de Cidade Dutra, São Paulo, SP, 08 de setembro de 2009.

¹⁵⁸ Entrevista por telefone com Édson Rosa, Diretor de Comunicação da Divisão Sul-Americana, Engenheiro Coelho, 22 de junho de 2009; entrevista por telefone com Osmar Reis, Engenheiro Coelho, 22 de junho de 2009.

desenvolvimento de pequenos grupos,¹⁵⁹ *Preparo para testemunhar em pequenos grupos*,¹⁶⁰ e *Guia de funcionamento dos Pequenos Grupos – a pedagogia da programação*,¹⁶¹ além do livro que vinha usado *Preparo para a chuva serôdia*, obra base para dar início aos Pequenos Grupos e criar um despertar espiritual nas igrejas. Neste encontro em Itaipava, é apresentado um projeto, de forma elaborada, para grupos pequenos, chamado “Programa Básico Unificado”.¹⁶² Neste documento, propõe-se que

os Pequenos Grupos são uma idéia divina, que não pode ser esquecida, substituída ou dissimulada sem termos de pagar pesado tributo ao tempo que nos separa da volta de Cristo. Foi o método estabelecido por Deus para consolidar Sua igreja e fazê-la prosperar. É um meio fácil, prático e barato de se pregar o Evangelho a todo o mundo numa só geração. E para que isso ocorra precisamos organizar uma frente unida, solidária e abnegada. Essa frente unida deve estar composta pelos membros, pastores e administração da igreja, falando uma mesma linguagem e marchando numa só direção. Isto é *unidade* e fator indispensável para que o Espírito Santo seja derramado sem medida e recebamos a plenitude da chuva serôdia, conforme a promessa de Deus para esse tempo.¹⁶³

Demonstrando aguda percepção do futuro para os Pequenos Grupos, o documento ainda declara:

Devemos cuidar para que os inúmeros modelos e maneiras de atuação dos pequenos grupos [assim mesmo, com iniciais minúsculas] não enfraqueçam, mesmo que sutilmente, suas possibilidades.... Os Pequenos Grupos devem ser organizados a partir de uma base de interesses comuns, e de uma consciência espiritual e missionária, respeitando-se os objetivos específicos do grupo e suas possibilidades de contribuição. Não deve haver precipitação quanto a resultados imediatos ou diretos. Deve haver, todavia, acompanhamento em relação a seus objetivos.¹⁶⁴

No retorno deste encontro, o distrito de Itapeçirica da Serra seguiu no plano de grupos pequenos. Assim que, “no início dos anos 90, os Pequenos Grupos começaram de forma sistemática nas igrejas do distrito de Itapeçirica da Serra, zona sul de São

¹⁵⁹ Moura, *Manual para implantação*.

¹⁶⁰ Moura, *Preparo para testemunhar*.

¹⁶¹ Umberto Moura, *Guia de funcionamento dos pequenos grupos – a pedagogia da programação*, publicado no site www.pequenosgrupos.com.br.

¹⁶² José Umberto Moura, “Programa Básico Unificado” [Itaipava, SP: 1993].

¹⁶³ Moura, *Programa Básico Unificado*, 2. Este programa, preparado por Moura, foi apresentado no encontro de pastores da APS, em Itaipava, SP, no dia 22 de agosto de 1993, tornando-se assim o primeiro planejamento de Pequenos Grupos para a IASD no Brasil.

¹⁶⁴ *Ibid.*

Paulo”.¹⁶⁵ O distrito desenvolveu-se rapidamente e três Pequenos Grupos transformaram-se em congregação.¹⁶⁶ “Não somente aquele distrito viu aumentar o número de batismos em 116% de um ano para outro, como também o índice de apostasia foi drasticamente reduzido. Muitos membros afastados retornaram e a qualidade de vida espiritual da igreja foi acentuadamente renovada”.¹⁶⁷

No início de 1995, após esses dois anos de pastorado, o distrito de Itapecerica da Serra havia passado de três igrejas, praticamente, para sete igrejas;¹⁶⁸ saindo de 240 membros para 432 membros, e todas as igrejas com 100% dos membros participando de Pequenos Grupos. Esse foi o primeiro distrito da IASD no Brasil a ser organizado em Pequenos Grupos, tornando-se, assim, pioneiro do movimento.

No mês de fevereiro de 1995, Miguel Cerna vem ao Brasil, a convite da APS, para falar sobre pequenos grupos. As reuniões acontecem novamente nas dependências do IAE, São Paulo. Cerna apresentou um bem elaborado sistema de pequenos grupos, com ênfase na liderança, mas com peculiaridades irreconciliáveis. Cerna ainda voltaria algumas vezes ao Brasil. Numa delas, em reunião liderada por Oder Mello, para falar no seminário de teologia, em Artur Nogueira. Suas posições definidas levantaram os ânimos dos presentes e em algum momento a reunião foi bastante tensa.¹⁶⁹

Os Pequenos Grupos viviam momentos confusos e controvertidos nos Campos que abrangiam a cidade de São Paulo; e até então, não havia nenhuma influência

¹⁶⁵ Moura, “O Sucesso dos Pequenos Grupos”, 22; José Humberto Moura, “El Éxito de los Grupos Pequeños”, *Ministerio Adventista*, Marzo-Abril, 2004, 28.

¹⁶⁶ Os Pequenos Grupos de Jardim Paraíso e Pinheirinho, em Itapecerica, e outro em Jardim Vista Alegre, no Embu, tornaram-se congregações. Jardim Paraíso hoje é uma igreja de porte médio.

¹⁶⁷ Moura, “O Sucesso dos Pequenos Grupos”, 22; idem, “El Éxito”, 28.

¹⁶⁸ As igrejas que Moura recebeu foram central de Itapecerica da Serra e Jardim Montesano, em Itapecerica, e Embu, na cidade de Embu das Artes. Em seguida, Osmar Reis pede que Moura cuide também da pequena congregação de São Pedro, em Itapecerica, com cerca de 15 membros.

¹⁶⁹ Entrevista com José Miranda Rocha, Professor de Teologia do Seminário Latino-Adventista de Teologia, UNASP, Engenheiro Coelho, São Paulo, 28 de maio de 2009.

importante mensurável dos grupos familiares desenvolvidos além da APaC. Sérgio Otaviano, citado por Sarli como expoente em grupos familiares na APO, quando assume o distrito de Capão Redondo no ano de 1986, não demonstra ser este o seu programa para a igreja, visto que a “Associação Paulista Sul [órgão subordinado a UCB] não falava sobre grupos familiares”.¹⁷⁰

Quando Sarli assume a presidência da UCB, em 1993, não consegue transferir seu interesse e motivação quanto aos grupos familiares à sua liderança; ou esta não consegue fazer o mesmo em relação aos seus pastores e igrejas. Tanto que no relatório das atividades quinquenais (1993-1998) do órgão que Sarli dirige, não aparece mais a expressão “grupos familiares”; e Pequenos Grupos não aparece entre as “principais atividades”.¹⁷¹ O termo Pequenos Grupos é citado unicamente entre os cursos ministrados pelo “Departamento do Ministério Pessoal” (“Como Organizar Pequenos Grupos, Organizando Pequenos Grupos na Igreja e A Importância dos Pequenos Grupos na Igreja”).¹⁷² Ou seja, pelos relatórios apresentados, nem grupos familiares, nem Pequenos Grupos tiveram destaque, ou mesmo funcionaram regularmente na UCB no quinquênio 1993-1998.¹⁷³

Expansão dos Pequenos Grupos

No mês de março de 1995, a experiência de pequenos grupos em Itapecerica da Serra é interrompida quando Moura recebe um chamado da Missão Sergipe-Alagoas (MSA) para trabalhar em Aracajú, como pastor distrital. No sábado, 25 de março deste mesmo ano, inicia seu ministério no nordeste, o qual vai perdurar por quase dez anos.

¹⁷⁰ Entrevista com Sergio Otaviano, 01 de junho de 2009.

¹⁷¹ União Central Brasileira, Instituto Adventista de Ensino, Campus 2, “Um Só Coração”, *III Assembléia Quinquenal*, 13 a 16 de dezembro de 1998.

¹⁷² *Ibid.*

¹⁷³ *Ibid.*

Em julho desse mesmo ano, Reis é nomeado Diretor de Ministério Pessoal da Divisão Sul-Americana,¹⁷⁴ e passa a viajar por toda a América do Sul, abrindo caminho para a implantação dos Pequenos Grupos como programa da DSA. Apesar de Alberto Timm declarar que o programa de Pequenos Grupos inicia-se no Peru, e que “o sucesso peruano inspirou a liderança da igreja [adventista] a adotar a mesma estratégia básica... na Divisão Sul-Americana”,¹⁷⁵ as evidências apontam em outra direção. No ano de 1998, quando os Pequenos Grupos já haviam sido implantados no distrito de Itapeperica da Serra, região sul de São Paulo, e estavam em pleno funcionamento no distrito da igreja central de Aracajú, em Sergipe,¹⁷⁶ Osmar Reis chega ao Peru para apresentar o projeto dos Pequenos Grupos. Raúl Gómez, então presidente da União Peruana, inicialmente tem sérias dificuldades quanto à aceitação dos mesmos. No entanto, Melchor Ferreyra, secretário da mesma União, mostra-se favorável. Num encontro entre Reis, Gómez e Ferreyra os Pequenos Grupos são finalmente aceitos na União Peruana.¹⁷⁷

¹⁷⁴ Na 56ª Assembléia da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 1995, em Utrecht, Holanda, Osmar Reis foi eleito diretor de Ministério Pessoal e Escola Sabatina para a Divisão Sul Americana.

¹⁷⁵ Timm, “Uma Igreja em Crescimento”, 26.

¹⁷⁶ Em 1992 os Pequenos Grupos foram implantados no distrito de Itapeperica da Serra, São Paulo, quando Osmar Reis era presidente da APS, e em 1995, no distrito da igreja central da cidade de Aracaju, Sergipe, quando Osmar Reis era diretor de Ministério Pessoal da DSA.

¹⁷⁷ Entrevista por telefone com Osmar Reis, 22 de junho de 2009. Solicitado a confirmar este fato, Melchor Ferreyra prestou as seguintes informações: “Breve História dos Pequenos Grupos no Peru: No ano de 1994, a Associação Peruana de Lima Central (CPA) convidou uma pessoa que levou os Grupos Pequenos dos EUA para Lima, Miguel Angel Cerna. Ele teve muito sucesso com os Pequenos Grupos em sua igreja e escreveu um livro chamado “The Power of Small Groups. Esta pessoa foi convidada pela CPA em Lima, mas não houve resultado significativo, apenas serviu como motivação, sem efeito multiplicador. Mais tarde, Miguel Angel Cerna, pastor adventista, renunciou, e aqueles que o ouviram ficaram muito desanimados. Levou dois anos, até que voltamos à ideia. Nossa preocupação era que havia uma grande apostasia, de quase 80% nas campanhas de evangelismo público. Necessitávamos reverter este fenômeno, e decidimos organizar um plano diferente. Surge a ideia de Pequenos Grupos como uma ferramenta para crescimento e manutenção. Passamos dois anos fazendo treinamento com a igreja, pastores e administradores, para incentivá-los a organizar Pequenos Grupos. Durante anos não enfatizamos número de batismo, porque o nosso objetivo era organizar a igreja e tirá-la do atoleiro da apostasia. Então voltamos tudo o que se sabia de Pequenos Grupos, aproveitamos experiências isoladas de alguns pastores que tiveram sucesso e decidimos avançar. O presidente da União Peruana era Raúl Gómez, eu era o secretário, ambos passamos a trabalhar para este sonho. Dois anos mais tarde, em 1998, Osmar Reis chegou a Lima com o mesmo plano. Ele me deu mais força

Aracajú e nordeste

O distrito da igreja central de Aracajú, em 1995, era então composto de oito congregações, algumas delas muito pequenas. Depois de alguns meses estudando a realidade local, Moura dá início ao plano com a implantação de Pequenos Grupos em uma igreja de bairro e duas congregações satélites chamadas, respectivamente, Augusto Franco, Terra Dura (Santa Maria) e Orlando Dantas. A igreja de Augusto Franco foi escolhida por estar passando uma fase pouco promissora e as congregações por fazerem uma unidade homogênea com Augusto Franco.

Com calma, o processo foi introduzido, todas as igrejas foram envolvidas com suas lideranças; houve um despertar, e no final de 1995 a igreja de Augusto Franco estava reavivada, ativa e feliz. No início do ano seguinte, porém, a administração do Campo necessitou fazer uma mudança, colocando um pastor para cuidar de três igrejas no distrito da central, e uma delas foi Augusto Franco. O trabalho iniciado ficou então seriamente comprometido. Embora mais tarde retornasse ao distrito central, Augusto Franco não se recuperou totalmente.

Numa assembléia de Pequenos Grupos realizada no dia 02 de dezembro de 1995, num momento fantástico para aquela igreja, com a presença de todos os membros das três congregações, a liderança da igreja central foi convidada e esteve presente. Ao final da assembléia, visivelmente emocionados, esses líderes pediram para que “esses Pequenos Grupos” fossem implantados na igreja central de Aracajú.¹⁷⁸

para incentivar o meu presidente e outros administradores na tarefa de organizar os Pequenos Grupos. No ano 2000 consolidamos os Pequenos Grupos com um grande impacto no estádio de Lima, com 27.200 pessoas batizadas. A campanha chamou-se, se Impacto 2000. O pregador foi o Pr. Bullon, mas o êxito verdadeiro foi dos Grupos Pequenos. Como resultados três experiências destacaram-se: (1) os grupos Dínamos, com o General Ramiro Rojas, (2) Os Pequenos Grupos de Diolinisio Guevara na cidade de Iquitos, e (3) os Pequenos Grupos de Ruben Montero, no norte de Lima” (Entrevista via internet com Melchor Ferreyra, Secretário de Campo da Divisão Inter-Americana, Engenheiro Coelho, São Paulo, 16 de outubro de 2009). Tradução do autor.

¹⁷⁸ Moura, “Sucesso Garantido”, 25.

No acampamento de carnaval de 1996, o plano é apresentado à igreja. Aceito pela liderança, aprovado em comissão, começam os Pequenos Grupos na igreja central de Aracaju.¹⁷⁹ Ocorrem então reuniões de organização, formação de grupos e uma “inesquecível semana de oração”. Na sexta-feira subsequente, todos os membros são distribuídos nos pequenos grupos. Começa um movimento em massa pela cidade. “No ano seguinte [1997], todas as igrejas do distrito tinham pequenos grupos”.¹⁸⁰ Em março de 1998, a revista *Ministério* publica:

Este é o plano que tem mobilizado o distrito da igreja central de Aracaju, SE, nos últimos três anos, e os resultados têm se mostrado verdadeiramente milagrosos. No início do projeto, em 1995, o distrito tinha 75 pequenos grupos. Atualmente existem 120.

Em abril de 1995, o distrito contava aproximadamente 700 membros. Em dois anos, houve um crescimento aproximado de 125%, sendo que em 1997 esse crescimento atingiu a marca de 50%. A apostasia, que passava de 50% em alguns casos, baixou para cerca de 5%. Mas há outros fatos que merecem destaque: a igreja de Barra dos Coqueiros, por exemplo, em setembro de 97 possuía 92 membros e estava ministrando 101 estudos bíblicos, com a participação de mais de 90% de seus fiéis. Um grupo de apenas 14 pessoas, no início do ano, levou ao batismo, durante 1997, 28 novos conversos, somente através dos pequenos grupos. A igreja de Mosqueiro cresceu 100% no ano passado. Três igrejas, incluindo a central, realizam dois cultos aos sábados, em virtude da superlotação verificada. No caso da central, está sendo iniciada a construção de um novo templo, com 800 lugares.¹⁸¹

O distrito também realizou evangelismo público nesse período, ou através dos Pequenos Grupos, ou concomitantemente aos Pequenos Grupos. Assim que, em 1995 foram batizadas 156 pessoas; em 1996, com praticamente todas as igrejas operando em Pequenos Grupos, foram batizadas 232 pessoas (sendo este o maior número de batismos entre os distritos da MSA no ano). No dia 26 de janeiro de 1997, numa reunião de treinamento com toda a liderança do distrito, os resultados obtidos são apresentados e é lançado o desafio de se alcançar um alvo de 500 almas (mais de 100% acima do

¹⁷⁹ Para uma compreensão do modelo criado e utilizado por Moura, ver Umberto Moura, “Implantação”, no site <http://www.pequenosgrupos.com.br/Materiais/Implementando>.

¹⁸⁰ Moura, “Sucesso Garantido”, 25.

¹⁸¹ Ibid. O templo da igreja central de Aracaju foi concluído, e inaugurado em janeiro de 2009. Uma semana de oração realizada por Umberto Moura fez parte do evento.

alcançado no ano anterior).¹⁸² Os líderes inflamam-se e cada igreja projeta sua meta. Antes do fim do ano o alvo estava alcançado, apenas utilizando os recursos do distrito, que também contou com a participação de 7 estudantes do SALT-IAENE (Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste). Esses teologandos, liderados por Emílio Abdala, a pedido de Moura, foram os evangelistas (pregadores) em três pontos de pregação (duas igrejas e uma tenda). Pela primeira vez um distrito dos estados que compunham a União Nordeste¹⁸³ chegava a um número tão expressivo em batismo. Ao final do período de quatro anos o distrito passou de oito para 16 igrejas, dividindo-se então em dois distritos.

Numa tarde de setembro de 1996, Helder Roger Cavalcanti Silva, então presidente da UNeB, convoca Moura para um encontro na sala da presidência da Missão; e, na presença de Jonatan Bezerra, presidente do Campo, faz uma longa entrevista sobre Pequenos Grupos, como os mesmos estão sendo implantados e desenvolvidos no distrito. Declara então que a União tem interesse no projeto.¹⁸⁴

Em seguida, Miguel Pinheiro, Diretor de Ministério Pessoal da UNeB, solicita a Moura um período para estudarem juntos o assunto. Assim acontece. Pinheiro permanece dois dias na casa de Moura, em Aracaju, e recebe as informações solicitadas e materiais que estavam sendo utilizados no distrito da igreja central. Após isso, nos anos 1997 e, principalmente em 1998, Pinheiro convida Moura para encontros regionais de pastores. Nesses encontros, cujo objetivo era doutrinar os pastores em Pequenos Grupos, Pinheiro faz perguntas e Moura responde perante o grupo, apresentando as primeiras bases do projeto. Neste mesmo ano, Pinheiro pede a Moura autorização para publicar seu material

¹⁸² Moura, "Sucesso Garantido", 25.

¹⁸³ A União Nordeste Brasileira (UNeB) era então composta pelos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

¹⁸⁴ Entrevista com Helder Roger Cavalcanti, Presidente da União Nordeste Brasileira, Aracaju, setembro de 1996.

a fim de ser utilizado na União.¹⁸⁵ Moura concorda e, finalmente, os Pequenos Grupos são implantados em toda a União Nordeste Brasileira.¹⁸⁶

Ainda em 1997, a pedido do editor da revista *Ministério*, Zinaldo Santos, Moura escreve o primeiro artigo publicado sobre Pequenos Grupos em nossos periódicos,¹⁸⁷ consolidando assim a experiência – os Pequenos Grupos são uma realidade na IASD do Brasil.

Em 1999, Moura assume os departamentos de Evangelismo, Escola Sabatina e Ministério Pessoal, e Miguel Pinheiro, a presidência da MSA, e o Campo rapidamente avança em direção a implantação de Pequenos Grupos em todos os distritos. Na Assembléia da Conferência Geral da IASD do ano 2000, o primeiro ancião da igreja central de Aracajú, então deputado estadual, Nicodemos Falcão, representando a Divisão Sul-Americana, juntamente com Iraci Correia, líder da igreja de Mosqueiro, apresentam um testemunho sobre os Pequenos Grupos e seu desenvolvimento naquele distrito.¹⁸⁸

Um fato importante que viria coroar essa experiência ainda estaria por ocorrer. No ano de 2002 foram iniciados os preparativos para um evangelismo especial na cidade de Maceió. Nesse projeto, patrocinado pela UNeB e pelo Campo local, os alunos do SALT-IAENE participaram sob a liderança de Natanael Moraes. Quando os alunos chegaram

¹⁸⁵ No ano de 1997 foi feita uma edição especial de 50.000 exemplares do livro *Preparo para a chuva serôdia* (Miguel Pinheiro Costa, José Umberto Moura e Osmar Reis, eds., *Preparo para a chuva serôdia* [São Paulo: Ministério Pessoal UNeB, 1997]). Nessa edição Moura não aparece como autor, mas ele é, de fato, o autor do livro (Moura, *Preparo para a Chuva serôdia*, 1997). Também são publicados 25.000 exemplares do livro *Preparo para testemunhar* (Miguel Pinheiro Costa, José Umberto Moura e Osmar Reis, eds., *Preparo para testemunhar* [São Paulo: Ministério Pessoal UNeB, 1997]), como adaptação e material do livro *Preparo para testemunhar* de Moura (José Umberto Moura, *Preparo para testemunhar*, [São Paulo: Sobretudo, 1995]).

¹⁸⁶ O relatório de Ministério Pessoal da Assembléia da UNeB do ano 2000 ignora esses fatos ao declarar que “não havia referências [na UNeB] que pudessem nos indicar onde começar. Na época, o então Departamental da UNeB foi para uma igreja (Cajueiro Seco na Grande Recife) para tentar na prática a eficácia do projeto” (União Nordeste Brasileira, Recife, “Desenvolvendo Pessoas Para um Novo Milênio”, 18-20 de dezembro de 2000).

¹⁸⁷ Moura, “Milagre Evangelístico”.

¹⁸⁸ Entrevista com Delman Falcão, Ancião da Igreja Central de Aracaju, Aracaju, Sergipe, 05 de janeiro 2009.

todas as igrejas da cidade de Maceió estavam organizadas em Pequenos Grupos e em pleno funcionamento.¹⁸⁹

Eles se juntaram aos pastores e igreja da Missão Sergipe-Alagoas, sob a coordenação do evangelista do Campo, e desenvolveram a experiência de fazer evangelismo público integrado aos pequenos grupos, nas 72 igrejas de Maceió, AL. Essas igrejas foram organizadas em pequenos grupos, cujos membros foram treinados pelos respectivos pastores. Antes da campanha, o número de membros na região era aproximadamente cinco mil. A esses foram acrescentados outros 3.003 novos membros.¹⁹⁰

Os membros dos Pequenos Grupos levavam os interessados para a igreja local, onde o evangelismo era realizado, tendo os teologandos como pregadores. A campanha superou todas as expectativas. Como resultado foi criado um método de trabalho que ficou conhecido como “Evangelismo Integrado: Pequenos Grupos – Evangelismo – Escola Sabatina”.¹⁹¹ “Indubitavelmente, esse modelo de evangelismo integrado sugere mais que uma alternativa missionária. Ele representa um caminho definitivo, e com êxito assegurado, para as campanhas de evangelismo público nas igrejas organizadas em pequenos grupos”.¹⁹²

O mesmo projeto, embora de maneira mais simples, foi aplicado com os mesmos protagonistas, Umberto Moura, agora diretor de desenvolvimento espiritual no UNASP-EC e Natanael Moraes, professor de teologia no mesmo campus, em um distrito na cidade de Limeira, no ano de 2006.¹⁹³

¹⁸⁹ Entrevista com Natanael Moraes, Professor de Teologia do Seminário Latino-Adventista de Teologia, UNASP, Engenheiro Coelho, São Paulo, 28 de maio de 2009.

¹⁹⁰ José Umberto Moura, “Evangelismo Integrado”, *Ministério*, julho-agosto de 2008, 14-15.

¹⁹¹ José Umberto Moura, *Evangelismo Integrado: Pequenos Grupos - Evangelismo - Escola Sabatina* (Aracaju, SE: Missão Sergipe Alagoas, 2003); José Umberto Moura, “Evangelismo Público e os Pequenos Grupos”, *Revista do Evangelista*, 2004, 36-38.

¹⁹² Moura, “Evangelismo Integrado”, 15.

¹⁹³ *Ibid.*

Região sul e Santa Catarina

No relatório apresentado por Oliveira Pires por ocasião da Assembléia quinquenal da União Sul Brasileira (USB), em 1995, a implantação de Pequenos Grupos aparece como uma das metas para o próximo período.¹⁹⁴ De fato, no final de 1977, é relatada a existência de 2.901 Pequenos Grupos; esse número passa para 3.312 em 1998, 3.604 em 1999 e 5.338 em setembro do ano 2000.¹⁹⁵ No relatório apresentado por Jolivê Rodrigues Chaves na Assembléia da USB em 2005, esse número cai drasticamente para 3.260 em 2001. Nos anos deste quinquênio apresentou-se a seguinte evolução de implantação de Pequenos Grupos: 2001 – 3.260; 2002 – 4.274; 2003 – 4.567; 2004 – 6.602; 2005 – 6.439.¹⁹⁶

Em 1999, a União Peruana da IASD realiza um grande evangelismo na cidade de Lima, Peru. Um grande número de pastores e administradores do Brasil participam do final dessa campanha, e muitos voltam entusiasmados e dispostos a implantar Pequenos Grupos nas suas igrejas e Campos. Élbio Menezes, presidente da Associação Catarinense, que participara da campanha peruana, ao retornar, decide implantar Pequenos Grupos em seu Campo. Para isso, convida um pastor peruano com experiência na área, Dionisio Guevara, que mais tarde atuaria como pastor distrital na Associação Maranhense.¹⁹⁷ A Associação Catarinense faz uma experiência diferente: os Pequenos Grupos, quando implantados, passam a funcionar às quartas-feiras e aos domingos,

¹⁹⁴ União Sul Brasileira, Itajaí, “Escola Sabatina e Ministério Pessoal”, *II Assembléia Quinquenal*, 12 a 14 de fevereiro de 1996.

¹⁹⁵ União Sul Brasileira, Curitiba, “Quase no Lar”: *III Assembléia Quinquenal da União Sul Brasileira*, 04 a 06 de dezembro de 2000.

¹⁹⁶ União Sul Brasileira, Curitiba, “Ministério Pessoal”, *IV Assembléia Quinquenal da União Sul Brasileira*, 28 a 30 de novembro de 2005.

¹⁹⁷ Entrevista por telefone com Élbio Menezes, Secretário da Associação Bahia Sul, Engenheiro Coelho, São Paulo, 04 de agosto de 2009.

ocupando o lugar dos cultos na igreja realizados nesses dias.¹⁹⁸ Essa experiência, contudo, não se demonstrou adequada para a região e não se sustentou.

Região este e Rio de Janeiro

Os grupos pequenos começaram a funcionar na União Este Brasileira (UEB) em 1990, na região sul de Minas Gerais (Missão Mineira do Sul), ainda com o nome de Grupos Familiares.

Utilizávamos lições sobre a chuva serôdia [Preparo para a Chuva Serôdia]¹⁹⁹ e outros temas escatológicos que atraíam os irmãos.... Produzimos um folheto específico para grupos familiares em 1994 em grande quantidade para que cada membro da igreja entrasse em contato com a filosofia de reunião nos lares como grande projeto missionário.²⁰⁰

Os relatórios da UEB favorecem uma análise. Os relatórios dos Campos e Uniões do Brasil apresentados desde o seu início até 2005, principalmente nos anos 90, ressentiam-se de uma noção mínima de conhecimento para qualificá-los. Muitos desses chamados “Pequenos Grupos”, na verdade, tratava-se de grupos pequenos formados em função das circunstâncias do momento e outras variáveis. No relatório, por exemplo, da UEB, apresentado na Assembléia de 2002, é dito que “a Associação Rio de Janeiro conseguiu um estupendo resultado ao organizar, a partir do Evangelismo da Semana Santa [1998], 1.560 Pequenos Grupos”.²⁰¹ Já na Assembléia de 2002, os Pequenos Grupos não constam nos relatórios, embora tenham sido distribuídas 32.000 Lições de

¹⁹⁸ Entrevista com Jolivê Chaves, Departamental de Ministério Pessoal da Divisão Sul-Americana, Engenheiro Coelho, São Paulo, 04 de agosto de 2009.

¹⁹⁹ Moura, *Preparo para a Chuva Serôdia*.

²⁰⁰ Entrevista via internet com Emmanuel Guimarães, Secretário Geral da Associação Paulista Central, Engenheiro Coelho, São Paulo, 03 de setembro de 2009.

²⁰¹ União Este Brasileira, Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE) “*Melhor, só no Poder do Espírito*”, XIV Assembléia Geral Ordinária, 02 a 05 de dezembro de 1992.

Pequenos Grupos e realizadas nada menos que “5.000” Reuniões de líderes de Pequenos Grupos.²⁰²

Região norte

Provavelmente por experimentar um forte programa de evangelismo, a região norte tenha se demorado na implantação de grupos pequenos. Nos relatórios de suas assembléias não consta indicação de Pequenos Grupos implantados. As referências encontradas tratam apenas de materiais utilizados, tais como “Lições Bíblicas para Pequenos Grupos, Sua Igreja Já Tem Pequenos Grupos e Apostila Evangelizando Pelos Pequenos Grupos”.²⁰³

Seguindo o padrão já analisado, o relatório de Ministério Pessoal da XII Assembléia da região norte descreve: “Houve um acréscimo de Pequenos Grupos nesses últimos cinco anos. Em 1999 havia 1.272 Pequenos Grupos ativos. Em 2003 registramos 6.766 Pequenos Grupos no território da União Norte Brasileira”.²⁰⁴

Região centro-oeste

Após significativa experiência em Pequenos Grupos à frente da União Nordeste Brasileira, Helder Roger Cavalcanti Silva é nomeado presidente da União Centro-Oeste Brasileira (UCoB)²⁰⁵ e logo trata do desenvolvimento dos Pequenos Grupos na região. Cícero Gama, coordenador de Pequenos Grupos na UCoB declara:

Quando a UCoB começou em 2005 tínhamos um suposto número de Pequenos Grupos, falava-se em cerca de 5.000. Iniciamos um levantamento sistemático, através de cadastramento destes Pequenos Grupos e ficamos surpresos com a discrepância, entre o

²⁰² União Este Brasileira, Faculdades Integradas Adventista de Minas Gerais (FADMINAS), “Quase no Lar”, XVI Assembléia Geral Ordinária, 10 a 12 de novembro de 2002.

²⁰³ União Norte Brasileira, Hospital Adventista de Belém, “Vivendo a Esperança”, XI Assembléia Quinquenal União Norte Brasileira, 23 a 26 de 1999.

²⁰⁴ União Norte Brasileira, Belém, “Já é Hora!”, XII Assembléia Quinquenal União Norte Brasileira, 07 a 09 de novembro de 2004.

²⁰⁵ Divisão Sul-Americana, Brasília, DF, “Ata da Comissão Diretiva Plenária da Divisão Sul-Americana”, 03 a 06 de maio de 2004.

que se relatava e o número que foi levantado, cerca de 700. Adotamos, então, quatro decisões: a) nossa ênfase seria dada ao processo de implementação dos Pequenos Grupos e não na quantidade deles; b) adotariamos o princípio do discipulado, treinando alguns poucos pastores em cada Campo e a partir destes ir ampliando paulatinamente o processo; c) apoiariamos os Pequenos Grupos existentes e fariamos uma transição deles para o novo estilo de Pequenos Grupos, preconizado pela Divisão; d) intensificaríamos o processo de multiplicação dos Pequenos Grupos, consolidados, sem atropelar os estágios de desenvolvimento, maturidade e reprodução. Hoje temos cadastrados e atuantes mais de 3.500 Pequenos Grupos. Estamos numa excelente fase, pois temos em cada Campo um sistema de Escola de formação de líderes que compreende: líderes atuantes, líderes aprendizes, supervisores e coordenadores. Temos, assim, estabelecida uma boa base; o que nos faz antever um crescimento promissor dos números de Pequenos Grupos em nosso território.²⁰⁶

Divisão Sul-Americana

Os Pequenos Grupos da IASD no Brasil, conforme exposto neste capítulo, surgiram como um movimento a partir da igreja local, e desenvolveram-se através de suas lideranças regionais e nacionais em direção à administração geral na América do Sul. Após amplas discussões em todas as camadas representativas da Igreja, a Divisão Sul-Americana, órgão máximo da Igreja Adventista do Sétimo Dia para o continente Sul-Americano,²⁰⁷ manifestou sua posição quanto a uma política administrativo-eclesiástica para os Pequenos Grupos, em três documentos elaborados em três diferentes fóruns.²⁰⁸ Os documentos apresentados como resultados desses encontros assumem os Pequenos Grupos como modelo eclesiástico para a IASD na América do Sul. No discurso de encerramento do II Fórum de Pequenos Grupos em Brasília, em 05 de novembro de 2008, o presidente da DSA, Erton Köhler, declarou a opção da Igreja pelos Pequenos Grupos. Köhler fez questão de destacar que os Pequenos Grupos na IASD têm “formato e conteúdo próprios”, com um “papel profético” a desempenhar. E concluiu otimista: “hoje

²⁰⁶ Entrevista via email com Cícero Gama, 18 de agosto de 2009.

²⁰⁷ Ver <http://www.portaladventista.org/portal/>.

²⁰⁸ Divisão Sul-Americana, Foz de Iguaçu, “Recomendações do Departamento dos Ministérios Pessoais para o Concílio Quinquenal da Divisão Sul-Americana (DSA)”, 30 de outubro a 09 de novembro de 2005; Idem, Centro de Vida Saudável (CEVISA), Engenheiro Coelho, “Documento de Pequenos Grupos da DSA”, maio de 2007, ver Santana, 166-172, 8-27; Idem, Brasília, “Aprofundando a Caminhada”, 02-05 de novembro de 2008.

começamos a escrever um novo capítulo em nossa história na Divisão Sul Americana”.²⁰⁹

Ainda mais recentemente Köhler escreveu: “É tempo de consolidar a formação de pequenos grupos de qualidade, para termos uma igreja segundo a Bíblia”.²¹⁰

Pequenos Grupos e Escola Sabatina

Os elementos da análise deste capítulo permitem sugerir que a Igreja Adventista do Sétimo Dia começou com “pequenos grupos informais que se reuniam nos lares”,²¹¹ vem praticando diversas atividades em grupos pequenos, inclusive, em seu mais importante pilar eclesiástico a chamada Escola Sabatina, desde seus primórdios,²¹² e que, de certa forma, essa prática veio se desenvolvendo em direção aos Pequenos Grupos atuais.²¹³ Como se percebe, portanto, até meados dos anos 1980, o conhecimento das obras e ministério de Paul Yonggi Cho passaram a despertar o interesse de alguma liderança e pastores da IASD.²¹⁴ Essa relação de conhecimento poderia, eventualmente, sugerir uma influência e possível desvio dos históricos grupos pequenos adventistas²¹⁵

²⁰⁹ Erton Köhler, “Completem a Obra” Sermão no II Fórum de Pequenos Grupos, Brasília – DF, 05 de novembro de 2008, 2.

²¹⁰ Erton Köhler, “Este É o Momento”, *Ministério*, julho-agosto de 2009, 2.

²¹¹ Almir A. Fonseca, Rubem M. Scheffel e Abigail Liedk, eds. *Estudos bíblicos – doutrinas fundamentais das Escrituras Sagradas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 67.

²¹² Ver “A Brief History” em The Sabbath School Department, 11-28; Arilton de Oliveira, “Início da Escola Sabatina”, pesquisa realizada na internet, no site http://www.escolasabatina.com.br/index_e.php?option=com_content&task=view&id=1, no dia 23 de julho de 2009.

²¹³ Ver Timm, “Uma Igreja em Crescimento”, 25-26; ver também “Origem dos Pequenos Grupos na IASD do Brasil”, neste capítulo, onde se demonstra que Umberto Moura inicia seus grupos pequenos, Projeto Chuva Serôdia, no final dos anos 1980, baseado exclusivamente nos textos da Bíblia e do Espírito de Profecia (Moura, *Chuva serôdia*).

²¹⁴ Conforme entrevista com Tércio Sarli, 05 de julho de 2007, citada na página 23; entrevista com Osmar Reis, 04 de julho de 2007, citada na página, 31; entrevista com Helder Roger Cavalcanti, Presidente da União Centro-Oeste Brasileira, Engenheiro Coelho, 27 de junho de 2009, citada na página 31.

²¹⁵ Ver Smith, “Anatomia de uma Escola Sabatina”, 20/05/2009; *Seven-day Adventist Bible Encyclopedia* (SDABC), ed. 1996, ver “Sabbath School”; The Sabbath School Department of the General Conference of Seventh-day Adventists, *The Sabbath School*; Oliveira, “Início da Escola Sabatina”, 23/07/2009. Ver também “La Pequeña Iglesia del Hogar” e “Proyecto ‘Pioneros’” em

para o modelo espiritualista de Cho,²¹⁶ “o qual se origina em um sistema de governo congregacional, que cresce e se expande em um contexto carismático”.²¹⁷ Este sistema de governo através das Células não desenvolve o senso de unidade corporativa, identidade organizacional, doutrinal e testemunhal no contexto de uma igreja global, mundial, como parece claro na IASD, através da Escola Sabatina.²¹⁸

Por outro lado, o elemento carismático deste modelo, com uma forte ênfase mística,²¹⁹ talvez dissimulando a necessidade da revelação do plano de um Deus transcendente que comunica Sua vontade através das Escrituras, não é compatível com a visão teológica, cristológica, soteriológica, eclesiológica e escatológica do

Mario Veloso, *Teologia de la administración eclesiástica* (Brasília: Seminário Adventista Latinoamericano de Teologia, 1982), 75-98.

²¹⁶ “Ele ensina que o pensamento positivo, a declaração positiva e a visualização positiva são as chaves para o sucesso e que todo mundo pode literalmente ‘incubar’ e dar à luz a realidade física, se criar em sua mente uma vívida imagem e focalizar a mesma” (Paul [David] Yonggi Cho, *General Teachings/Activities*, retirado do livro Peter Masters, *The Healing Epidemic*, 35, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.rapidnet.com/~jbeard/bdm/exposes/cho/general.htm>; “Paul (David) Yonggi Cho - Ensinos e Atividades Gerais”, <http://solascriptura-tt.org/PessoasNosSeculos/PaulDavidYounggiCho-BDM-JBeard.htm>).

²¹⁷ O pensamento carismático e espiritualista de Cho pode ser encontrado em seus livros, por exemplo, Paul Yonggi Cho, *A quarta dimensão* (Deerfield, FL: Vida); Paul Yonggi Cho e R. Whitney Manzano, *Oração a chave do avivamento* (Venda Nova, MG: Betânia, 1986); Paul Yonggi Cho, *Orando com Jesus* (Deerfield, FL: Vida, 1993); Paul Yonggi Cho, *O Espírito Santo, meu companheiro: conheça melhor o Espírito Santo e seus dons* (Brasil: Vida, 1999). Compartilham, entre outros, da mesma linha teológica de Cho, Joel Comiskey (ver “O poder do Espírito Santo” em Comiskey, *O grupo pequeno*, 20-23); Peter Wagner (“A conexão de Cho com a América é feita através do Seminário Fuller e de Peter Wagner, cooperador de Cho, dos companheiros pentecostais e dos gurus do *Movimento do Crescimento da Igreja na América*”). [“Paul (David) Yonggi Cho - Ensinos e Atividades Gerais”, <http://solascriptura-tt.org/PessoasNosSeculos/PaulDavidYounggiCho-BDM-JBeard.htm>]; Peter Wagner, *Por que crescem os pentecostais?* (Miami, FL: Vida, 1987); Cesar Castellanos (“Um dos [de Cho] seus discípulos, o grande ‘sonhador’ na América do Sul [Colômbia] foi o vidente Castellanos, criador do movimento herético G-12”). [Mary Schultze, “Paul (David) Yonggi Cho - Ensinos e Atividades Gerais”, pesquisa realizada na internet, no site <http://solascriptura-tt.org/PessoasNosSeculos/PaulDavidYounggiCho-BDM-JBeard.htm>]; Robert Schuller (pastor da Crystal Cathedral Ministry e da Garden Grove Community Church em Orange Country, California, EUA, ver Cho, *A quarta dimensão*, 9-10).

²¹⁸ Ver Ema E. Howell, *O grande movimento adventista* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1940); Harry W. Lowe, *Evangelism in the Sabbath School* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1948); White, *Obreiros evangélicos*, 487, 454, 456.

²¹⁹ Para uma compreensão do carismatismo do ponto de vista dos evangélicos, ver Bill Burkett, *Pentecostais ou carismático? Um chamado ao verdadeiro pentecostes* (Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1999).

remanescente.²²⁰ O trânsito dos históricos grupos pequenos adventistas para o modelo de Cho, eventualmente, poderia comprometer a identidade do adventismo, o qual não tem o mesmo sistema de governo, visão e missão do modelo mencionado.²²¹ O início dos grupos pequenos no Brasil, pela IASD, antecede, e/ou recusa, a influência de Cho que não aparece como referência nas obras de Mário Veloso,²²² o mesmo acontece com o modelo de Moura.²²³ Além disso, as unidades evangelizadoras operam juntas à ação

²²⁰ Uma visão teológica, cristológica, soteriológica, eclesiológica e escatológica da IASD pode ser encontrada em Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, *Nisto cremos: as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008); Marcos De Benedicto e Abigail R. Liedk, eds. *Questões sobre doutrina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009); Fonseca, Scheffel e Liedk; *Handbook of Seventh-Day Adventist Theology*, ed. Raoul Dederen (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000); Departamento de Educação da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, *Princípios de vida da Palavra de Deus* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1968); Francis D. Nichol, *Respostas e objeções – uma defesa bíblica da doutrina adventista* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008); Víctor Casali, *História de las doctrinas adventistas* (São Paulo: Seminário Adventista Latinoamericano de Teologia, 1991).

²²¹ A Igreja do Evangelho Pleno é filiada às Assembléias de Deus, seu “sistema de administração é um misto entre o sistema episcopal e o sistema congregacional”. “Assembléia de Deus”, pesquisa realizada na internet, no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Assembleia_de_Deus, no dia 22 de setembro de 2009. “Congregacionalismo é a forma de governo de Igreja em que a autoridade repousa sobre a independência e a autonomia de cada Igreja local” (*The Concise Oxford Dictionary of the Christian Church 2000*, ed. 2000, ver, “Congregacionalismo”, pesquisa realizada na internet, no site <http://historiacongregacional.blogspot.com/2009/06/igrejas-congregacionais-1.html>, no dia 21 de setembro de 2009). “Na Assembléia da Associação Geral [órgão representativo mundial oficial da IASD] de 1877, foi tomada a seguinte resolução: ‘Resolvido que, abaixo de Deus, a mais alta autoridade entre os Adventistas do Sétimo Dia encontra-se na vontade de organização desse povo, expressa nas decisões da Associação Geral quando atua nos domínios de sua própria jurisdição; e que a tais decisões todos devem submeter-se, sem exceção, a menos que elas estejam em conflito com a Palavra de Deus e os direitos da consciência individual’” (A. B. Oyen, “Sixteenth Session of the General Conference of S. D. Adventist”, *Review and Herald*, vol. 50, nº 14, 04 de outubro de 1877, 106; Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, *Manual da Igreja*, 1).

²²² Veloso, *Coinonia e ação missionária*, publicado em 1977; idem, *Teologia de la administración eclesiástica*, publicado em 1982; Ver também Melo, “Noticiário”, 28, publicado em 1977; “Líder MV Sul-Americano Fala Sobre ‘Koinonias’”, 22, publicado em 1977.

²²³ Moura, *Preparo para a chuva serôdia*, primeira edição publicada em 1989; idem, *Manual para implantação e desenvolvimento dos pequenos grupos*; idem, *Preparo para testemunhar*, ambos publicados em 1995. Ver também idem, “Programa Básico Unificado”; idem, “Milagre Evangelístico”; idem, “O Sucesso dos Pequenos Grupos”; Moura, “El Éxito”; idem, “Sucesso Garantido”; entrevista com José Umberto Moura, citada em Celso de Carvalho, “Fermento para as igrejas”, *Igreja*, maio-junho de 2009; Moura, <http://www.pequenosgrupos.com.br>.

missionária da igreja.²²⁴ Porém, a partir de 2005 vai ocorrer uma separação entre Escola Sabatina e Ministério Pessoal na liderança da Divisão Sul-Americana,²²⁵ e a partir de 2006, essa separação estende-se ao Ministério Pessoal em todo o território da União Centro-Oeste Brasileira.²²⁶

Este modelo de governo no remanescente,²²⁷ por exemplo, originaria conflitos com a estrutura, função e missão da Escola Sabatina, o que tradicionalmente foi apresentado e considerado como o “coração da igreja”,²²⁸ por ser sua estrutura discipuladora e globalmente missiológica.²²⁹ Ao procurar satisfazer as necessidades de formação espiritual de seus membros, a Escola Sabatina apresenta ênfases no relacionamento, companheirismo, estudo bíblico e missão;²³⁰ fornece um rico ambiente familiar e espiritual prático para a vida dos membros da classe, o que parece próprio também dos modelos

²²⁴ Ver “Relatório da Escola Sabatina e Ação Missionária” em União Este Brasileira, Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE) “*Melhor, só no Poder do Espírito*”, XIV *Assembléia Geral Ordinária*, 02 a 05 de dezembro de 1992.

²²⁵ Nos relatórios a partir de 1993 surge Ministério Pessoal em substituição a sigla Ação Missionária. Ver União Este Brasileira, Faculdades Integradas Adventista de Minas Gerais (FADMINAS), “*Ouvindo Seus Passos...*”, XVI *Assembléia Geral Ordinária*, 04 a 07 de janeiro de 1998; União Central Brasileira, Instituto Adventista de Ensino, Campus 2, “Um Só Coração”, III *Assembléia Quinquenal*, 13 a 16 de dezembro de 1998. Na 58^a *Assembléia da Associação Geral* em St. Louis, Missouri, EUA, foram separados os Departamentos de Escola Sabatina e Ministério Pessoal, hoje representados na Divisão Sul-Americana por Ivan Samojluk e Jolivê Chaves, respectivamente. Entrevista com Ranieri Sales, Ex-Secretário Ministerial Associado da Divisão Sul-Americana, Engenheiro Coelho, SP, 22 de setembro de 2009.

²²⁶ Entrevista por telefone com Cícero Gama, 22 de setembro de 2009.

²²⁷ Remanescente é um epíteto dos adventistas para si próprios. Ver Schwarz, *Light Bearers to the Remnant; White, A igreja remanescente*.

²²⁸ “Propósitos da Escola Sabatina”, pesquisa realizada na internet, no site http://www.usb.org.br/canais/index.php?option=com_content&task=view&id=168&Itemid=213; Arilton Oliveira, “Escola Sabatina”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.escolasabatina.com.br/>, no dia 17 de setembro de 2009.

²²⁹ Ver “The Sabbath-School and the Church Service” em Sabbath-School Department, *Testimonies on Sabbath-School*, 7-10.

²³⁰ Fonseca, Scheffel e Liedk, 101.

precursores.²³¹ No entanto, estes carecem da Escola Sabatina tal qual a pratica a IASD, como fator de identidade e estabilidade doutrinal e profética.

Linha Histórica

O panorama histórico apresentado favorece a conclusão de que os grupos pequenos podem ser percebidos como uma urdidura providencialmente tecida ao longo do tempo. Como numa sequência ordenada, os grupos pequenos, vindos desde o Éden (Gn 1:26-27), projetam-se através da história dos patriarcas (Gn 9:1; 12:1-2; 35:1-3), do povo de Israel (Êx 12:1-4) e da igreja primitiva (At 2:46); mergulham no subterrâneo da Idade Média para ressurgirem vigorosos no período moderno,²³² consolidando-se no movimento Metodista,²³³ cuja influência se fez sentir nos primórdios do adventismo e na prática religiosa de seus pioneiros.²³⁴

Quando Ellen White sugere que os membros da igreja devem se reunir em grupos pequenos e trabalhar por sua vizinhança,²³⁵ já tendo instruído que a igreja deveria funcionar em classes de Escola Sabatina, em grupos pequenos,²³⁶ pode-se, então, perceber um elo coerente entre Escola Sabatina e Pequenos Grupos.

Embora as modalidades da Escola Sabatina praticadas ao longo da história da IASD não possam ser chamadas, rigorosamente, Pequenos Grupos como definição, podem ser compreendidas como um movimento progressivo que pavimentou a chegada dos Pequenos Grupos atuais na IASD. A Escola Sabatina, em suas variadas

²³¹ Ver "Passos para o Ensino Bem Sucedido", em Will, *Ensinar*, 37-73.

²³² Ver Johnson, *Small Group*, 16; Torres, 30-31; Comiskey, "Cell-Based Ministry", 27-59.

²³³ McLaren, <http://www.metodistasonline.kit.net/porquesoumetodista.htm>, 15 de julho de 2009.

²³⁴ Douglas, 47-48; White, *Vida e ensinos*, 20.

²³⁵ White, *Testemunhos Seletos*, 3:84-85.

²³⁶ White, *Conselhos sobre a escola sabatina*, 91, 112, 125, 181, 183.

modalidades, também contém certos princípios encontrados nos Pequenos Grupos, e estes contribuem para determinar sua caracterização.²³⁷

A orientação inicial praticada desde o distrito de Itapecerica da Serra e, depois, na cidade de Aracajú, era de que os grupos pequenos não deveriam ser concorrentes das classes da Escola Sabatina, mas inclusivos, cooperativos e complementares.²³⁸ Assim, considera-se que a implantação dos Pequenos Grupos na IASD estará consolidada quando estes estiverem integrados às classes da Escola Sabatina. Se não houver integralidade entre a Escola Sabatina e os Pequenos Grupos e, de acordo com sua natureza concomitante, as evidências poderiam já estar apontando para uma concorrência de modelos, estruturas e sistemas que sugere o enfraquecimento da Escola Sabatina, como o coração da igreja.

²³⁷ Ver “As Divisões da Escola Sabatina”, “O Líder da Unidade” e “Evangelificação por Meio da Escola Sabatina” em *Manual da escola sabatina*, 39-97.

²³⁸ Moura, “Evangélico Integrado”, 14-15.

CAPÍTULO VI

RESUMO GERAL, CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A perturbadora influência provocada por alvos, resultados e prestígios que daí resulta, estimula o artificialismo e camufla a verdadeira história que, algumas vezes, necessita de anos para se recuperar como verdade ou como fato epistemológico; e com os Pequenos Grupos não é diferente.

Há indícios de que os números surgidos no reavivamento coreano, nas décadas de 1970 e 1980, chamaram mais a atenção do mundo do que a boa notícia da penetração do Evangelho, levando salvação a uma região considerada tradicionalmente difícil de penetração. Líderes religiosos e pastores em geral correram à Coréia para descobrir o que era aquilo e, principalmente, como fazer o mesmo em suas igrejas e alcançarem o mesmo sucesso. Aquilo na Coréia chamava-se grupos familiares – um modelo de grupos pequenos criado por Paul (David) Yonggi Cho.

Entrementes, nos Estados Unidos, Ralph Neighbour sofria as dores primíparas do nascimento de outro modelo de grupos pequenos – igreja em células. O que se seguiu desde então foram informações multiplicadas e experiências novas que buscavam aperfeiçoar, de acordo com as características e circunstâncias regionais e locais, um novo jeito de praticar um velho estilo de igreja, baseada “na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2:42), em torno da pessoa de Jesus Cristo – “o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1:29) – em grupos pequenos.

Como os modelos não eram totalmente inéditos, e carregavam muita semelhança com outros aleatoriamente praticados ao longo do tempo, por diversas pessoas e em muitos lugares, pensou-se então que não havia nenhuma novidade, nem seria necessário

conhecimento ou experiência, nem algum aporte acadêmico-filosófico, enquanto outros entenderam que já estavam praticando os grupos pequenos de alguma maneira. Juntando-se assim, os que entenderam já estar praticando com os que decidiram fazer do “seu jeito”, proliferaram “modelos” e “estratégias” de última hora numa corrida contra o tempo e a favor de resultados rápidos e extraordinários. Em alguns lugares deu certo, mas já em outros não.

Resumo

Esse estudo surgiu justamente da necessidade de se caracterizar e, então, se definir um modelo saudável de grupos pequenos que norteasse o movimento e o auxiliasse em sua prática de forma segura e sustentada por uma fundamentação bíblico-teológica, criando a possibilidade de uma revisão histórica em geral e uma escrita da história dos Pequenos Grupos na Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil, em particular.

Embora, desde o início da década de 1990, tenham aparecido esforços para se estabelecer uma teologia para os Pequenos Grupos/Células, e muitas narrativas históricas tenham surgido, porém, sem uma base bíblico-teológica específica e sem uma definição satisfatória, o movimento tem recebido críticas e experimentado, em alguns lugares, grave falta de orientação.

A esses grupos pequenos deram os mais variados nomes que, com o passar do tempo, foram aglutinando-se em torno das marcas “Grupos Familiares”, “Células” ou “Pequenos Grupos”. Inúmeras tentativas de definição foram feitas ao longo do processo e, talvez, inúmeras outras ainda surjam, em função de que os Pequenos Grupos, ou Células, não são apenas organização, mas organismo. Organismos vivos e sensíveis que se transmutam ou se adaptam a mais rigorosa realidade e ao mais inusitado contexto sócio-cultural; mas, que todavia, respeitadas as orientações bíblicas, serão capazes de manter sua missão espiritual e sua vocação missionária.

Para o atual contexto, portanto, Pequenos Grupos, neste trabalho, podem ser definidos como um sistema desenvolvido dentro de um processo organizado intencionalmente para o crescimento espiritual, com multiplicação e conservação de seus membros, atuantes e felizes na igreja. Tem como objetivo a missão espiritual-social, profético-escatológica. Seus ministérios são desenvolvidos a partir de reuniões interativas, em grupos pequenos, compostos por membros da comunidade e seus convidados. Acontecem em dia, local e horário regulares, em comunhão, através do louvor, oração, testemunho e estudo da Palavra.

Os Pequenos Grupos não são meramente uma reunião, um encontro semanal. Os Pequenos Grupos fazem encontros semanais. Os Pequenos Grupos transbordam além de suas reuniões semanais para derramarem-se no cotidiano da vida. Os Pequenos Grupos não estão limitados a um encontro semanal, nem suas atividades restritas a uma sala ou igreja. Para o cumprimento de sua missão centrípeta e centrífuga, suas atividades em comunidade, demonstram-se através da (1) adoração (προσκυνέω), (2) comunhão (κοινωνία), (3) ensino (διδασχί), (4) proclamação (κήρυγμα), (5) testemunho (μαρτυρέω), (6) serviço (διακονία) e (7) *serendipity* (alegria de aprender juntos). Essas atividades realizam-se através de ministérios que transbordam para além de um local de encontro, em direção a todos os que aspiram ao reino de Deus e suspiram em busca de alívio e salvação. Os Pequenos Grupos devem ser os braços da igreja, como as igrejas devem ser os braços de Deus.

Surgidos nos portais da história bíblica, deslizando sutilmente através dos tempos, os grupos pequenos mantiveram-se como princípios de uma realidade vivida pelo povo de Deus, principalmente no período apostólico e nos séculos que se sucederam. Embora os grupos pequenos não tenham uma prescrição, existe uma descrição. Eles estão presentes no tecido da história da Igreja como os fios do próprio tecido histórico. A igreja

do Novo Testamento não pode ser descrita de outra maneira, a não ser por meio de grupos pequenos. E sua fundamentação bíblico-teológica se expressa, pelo menos, através de seis princípios fundamentais:

Primeiro, o princípio da comunidade – estabelecido no sexto dia da criação quando, na oportunidade, Deus forma a primeira comunidade de seres humanos e dela partilha com Sua presença pessoal (Gn 1-2).

Segundo, o princípio da comunhão – estabelecido por ocasião da páscoa no Egito, na noite que antecedeu o êxodo, entre a nona e a décima praga, entre a “escuridão” e a “morte”, Deus ordenou a Moisés que reunisse o povo em grupos pequenos de famílias e vizinhos, e comessem juntos o cordeiro pascal. Embora existindo desde o Éden, e presente no decorrer da história patriarcal através do sistema sacrificial, o princípio teológico da comunhão em grupos pequenos surge nessa ocasião. Pela primeira vez o povo se reúne para uma refeição pascal em grupos pequenos, em torno do cordeiro (Êx 12:1-28).

Terceiro, o princípio orgânico – também conhecido como o princípio de Jetro – nasce quando o sogro de Moisés visita Israel no deserto a caminho para Canaã e percebe que falta organização; então aconselha Moisés a ordenar o povo em grupos de dez, cinquenta, cem e mil pessoas. Um princípio de liderança amplamente reconhecido e praticado em todo o mundo (Êx 18:13-27; Dt 1:9-18).

Quarto, o princípio relacional – na páscoa em Jerusalém, Jesus repete a cerimônia pascal do Egito: o tipo encontra-se com antítipo. Nessa páscoa Jesus é o Cordeiro, e Ele mesmo Se oferece como o “pão da vida”. Ele está com os discípulos pessoalmente, intimamente, relacionalmente. Fica estabelecido, portanto, nessa ocasião o princípio relacional, pessoal e intransferível (Mt 26:26-28; Mc 14:22-24; Lc 22:19-20; Jo 13:1-30).

Quinto, o princípio operacional – os apóstolos estabeleceram na igreja cristã primitiva o princípio operacional, ou seja, como a igreja iria funcionar. Visto não ser

possível ao povo reunir-se no templo, visto a igreja não ter edifícios para suas práticas, o seu *modus operandi* passou a ser as reuniões nos lares do povo – uma marca inquestionável e definitiva da igreja apostólica (At 2:46; 5:42; 8:3; 12:12; 20:20; Rm 16:5; 1 Co 16:19; Cl 4:15; Fl 2).

Sexto, o princípio metodológico-estrutural – este é o único princípio estabelecido fora das páginas da Bíblia e além do período apostólico. Seu criador foi John Wesley. O metodismo foi o resultado de uma estrutura construída através das *Class Meetings (bands, societies)* – um modelo metodicamente construído por Wesley. Seu incansável labor produziu um extraordinário modelo de igreja em grupos pequenos cujos resultados podem ser verificados ainda hoje.

Os primeiros cinco princípios partem desde o Éden, ajuntando-se através dos séculos, percorrem as páginas da Bíblia e chegam a Jerusalém à época de Cristo; a fim de, em seguida, projetarem-se na vida da igreja cristã primitiva em direção ao futuro. Esse fio dourado da história mergulha no subterrâneo da Idade Média para ressurgir no século 17, com os *collegia pietatis*, com Zinzendorf, até João Wesley, com quem encontra o sexto princípio, e daí segue sua trajetória profética através do metodismo e das igrejas contemporâneas em direção ao crepúsculo da história.

Conclusão

Na despedida de Cristo, Ele deu uma orientação específica para os discípulos: eles deveriam “permanecer” em Jerusalém (Lc 24:49); “determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem” (At 1:4). O que havia de tão importante nessa ordem? Eles voltaram para Jerusalém, entraram em uma casa, subiram ao cenáculo e em grupo, “perseveraram unânimes em oração” (At 1:12-14). Em Jerusalém, numa casa, em grupo, em comunhão, eles receberam poder, conforme a promessa do Pai anunciada por Jesus (At 2:1-4; 1:8).

Como fato bíblico-histórico, pode-se perceber que, permanecer em Jerusalém foi uma condição para receber o batismo do Espírito Santo. Quem não estava em Jerusalém e, no primeiro momento, no grupo, na casa, no cenáculo, em comunhão não recebeu poder. Isso está registrado no texto sagrado. Permanecer em Jerusalém, em obediência a ordem de Cristo resultou no Pentecostes – o batismo histórico do Espírito Santo. “Permanecer em Jerusalém” hoje, pode significar uma condição para receber o batismo escatológico do Espírito Santo – a chuva serôdia (Jl 2:28-32; Zc 10:1).

Os discípulos reunidos em grupo, numa casa, não aguardaram o cumprimento da promessa de Deus em ociosa expectativa, mas com oração, arrependimento, confissão e testemunho, em comunhão (At 1:14; 2:38, 42-43). Semelhantemente, a igreja contemporânea não deve aguardar o cumprimento da promessa ociosamente (Jl 2:28-32). A comunidade, em Pequenos Grupos, deve oportunizar a igreja realizar o “ide” de Cristo, enquanto recebe o batismo diário do Espírito Santo e aguarda, e prepara-se, e ora pela precipitação da chuva serôdia.

O profeta Oséias orienta: “Arai o campo de pousio; porque é tempo de buscar ao Senhor, até que ele venha e chova a justiça sobre vós” (Os 10:12).

O profeta Zacarias desafia: “Pedi ao Senhor chuva no tempo das chuvas serôdias, ao Senhor, que faz as nuvens de chuva, dá aos homens aguaceiro e a cada um erva no campo” (Zc 10:1).

O profeta Obadias adverte: “Eis que vêm dias, diz o Senhor Deus, em que enviarei fome sobre a terra, não de pão, nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor. Andarão de mar a mar e do Norte até ao Oriente; correrão por toda parte, procurando a palavra do Senhor, e não a acharão” (Ob 8:11-12).

O profeta Zacarias confirma: “Naquele dia, sucederá que pegarão dez homens, de todas as línguas das nações, pegarão, sim, na orla da veste de um judeu e lhe dirão: Iremos convosco, porque temos ouvido que Deus está convosco” (Zc 8:23).

Algum dia – num futuro próximo – quando o mundo estiver mergulhado no caos apocalíptico, as igrejas em casa, ou em grupos pequenos, espalhados por cidades, campos e florestas e pela solidão das estepes, serão o último e único refúgio para os famintos e sedentos, e a última porta de esperança para encontrar Jesus Cristo, o Pão e a Água da vida, e o Cordeiro de Deus.

Nesse dia, não importarão os métodos, os modelos, nem a filosofia, nem a teologia, mas a presença de Deus. “Ouvimos dizer que Deus está com seu povo” (Zc 8:23 – NIV). É isso o que importa. E se o Senhor está conosco, estará com os que estão conosco. Seremos, enfim, em torno do Cordeiro uma só igreja, um só povo e uma só nação.

“Amém. Vem, Senhor Jesus!”

Recomendações

Os Pequenos Grupos, como um processo dinâmico, estão abertos a novas pesquisas e caracterização de novas vertentes em seu desenvolvimento. Tais linhas de pesquisas posteriores poderiam se voltar para (1) a descoberta de novos princípios; (2) desenvolver uma nova estrutura integrando Pequenos Grupos e departamentos das igrejas locais; e (3) criar um sistema de funcionamento para Pequenos Grupos cuja estrutura seja leve e flexível, favorecendo o pastor da igreja local como líder do processo.

Tais estudos ampliariam as possibilidades dos Pequenos Grupos, trariam credibilidade ao processo e despertariam a confiança necessária para sua aceitação, desenvolvimento pleno e consolidação.

ANEXOS

ANEXO 1

Textos de Ellen G. White sobre Pequenos Grupos

Português – Inglês

FEW (1x)

1

Do not be exclusive. Do not seek out a few with whom you delight to associate, and leave others to take care of themselves. Suppose you do see weakness in one and folly in another; do not stand aloof from them, and associate with those only who you think are about perfect.

Gospel Workers (Washington, DC: Review and Herald, 1915), 335-336.

Não sejais exclusivistas. Não busqueis apenas um pequeno grupo em cuja companhia vos comprazeis, deixando que os outros vivam para seu lado. Supondes ver fraqueza num, e falta de senso em outro; não vos afasteis deles, associando-vos unicamente com aqueles que julgais quase perfeitos.

Obreiros evangélicos (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 335-336.

FEW MEN (2X)

1

While many of our rulers are active agents of Satan, God also has His agents among the leading men of the nation. The enemy moves upon his servants to propose measures that would greatly impede the work of God; but statesmen who fear the Lord are influenced by holy angels to oppose such propositions with unanswerable arguments. Thus a few men will hold in check a powerful current of evil.

The Great Controversy between Christ and Satan (Mountain View, CA: Pacific Press, 1911), 610-611.

Conquanto muitos de nossos legisladores sejam ativos agentes de Satanás, Deus também tem os Seus instrumentos entre os principais homens da nação. O inimigo incita seus servos a que proponham medidas que estorvariam grandemente a obra de Deus; mas estadistas que temem o Senhor são influenciados por santos anjos para que se oponham a essas propostas, com argumentos irretorquíveis. Assim, um pequeno grupo de homens sustará poderosa corrente de males.

O grande conflito (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 610-611.

2

While many of our rulers are active agents of Satan, God also has His agents among the leading men of the nation. The enemy moves upon his servants to propose measures that would greatly impede the work of God; but statesmen who fear the Lord are influenced by holy angels to oppose such propositions with unanswerable arguments. Thus a few men will hold in check a powerful current of evil.

Maranatha: The Lord Is Coming (Washington, DC: Review and Herald, 1976), cap. 23.

Conquanto muitos de nossos legisladores sejam ativos agentes de Satanás, Deus também tem os Seus instrumentos entre os principais homens da nação. O inimigo incita seus servos a que proponham medidas que estorvariam grandemente a obra de Deus; mas estadistas que temem o Senhor são influenciados por santos anjos para que se oponham a essas propostas, com argumentos irretorquíveis. Assim, um pequeno grupo de homens sustará poderosa corrente de males.

Maranata, o Senhor vem (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977), 29.

LITTLE BAND (2X)

1

All that Christ was to the disciples, He desires to be to His children today; for in that last prayer, with the little band of disciples gathered about Him, He said, "Neither pray I for these alone, but for them also which shall believe on Me through their word." John 17:20.

Steps to Chris (Mountain View, CA: Pacific Press, 1892.), 75.

Tudo o que Cristo foi para os primeiros discípulos, deseja ser para Seus filhos hoje; pois naquela última oração, rodeado do pequeno grupo de discípulos, disse: "Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, hão de crer em Mim." João 17:20.

Caminho a Cristo (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 75.

2

When Jesus had ended His instruction to the disciples, He gathered the little band close about Him, and kneeling in the midst of them, and laying His hands upon their heads, He offered a prayer dedicating them to His sacred work. Thus the Lord's disciples were ordained to the gospel ministry.

The Desire of Age (Mountain View, CA: Pacific Press, 1898), 296.

Quando Cristo concluiu as instruções aos discípulos, reuniu em torno de Si o pequeno grupo, bem achegados a Ele e, ajoelhando no meio deles e pondo-lhes as mãos sobre a cabeça, fez uma oração consagrando-os à Sua sagrada obra. Assim foram os discípulos do Senhor ordenados para o ministério evangélico.

O desejado de todas as nações (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 296.

LITTLE COMPANIES (6X)

1

Little companies, leaving the city by different routes, found their way hither. In this retired spot the Bible was read aloud and explained. Here the Lord's Supper was celebrated for the first time by the Protestants of France. From this little church several faithful evangelists were sent out.

The Great Controversy Between Christ and Satan (Mountain View, CA: Pacific Press, 1911), 224.

Pequenos grupos, que deixavam a cidade por estradas diferentes, dirigiam-se para ali. Neste ponto isolado, a Escritura era lida e explicada. Ali, pela primeira vez, foi pelos protestantes da França celebrada a Ceia do Senhor. Dessa pequena igreja foram enviados vários fiéis evangelistas.

O grande conflito (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 224.

2

I have been instructed that little companies who have received a suitable training in evangelical and medical missionary lines should go forth to do the work to which Christ appointed His disciples. Let them labor as evangelists, scattering our publications, talking of the truth to those they meet, praying for the sick, and, if need be, treating them, not with drugs, but with nature's remedies, ever realizing their dependence on God. As they unite in the work of teaching and healing they will reap a rich harvest of souls.

Counsels to Parents, Teachers, and Students (Mountain View, CA: Pacific Press, 1913), 469.

Fui instruída de que pequenos grupos possuidores de conveniente preparo nos ramos evangélico e médico-missionários deviam ir a realizar a obra designada por Cristo a Seus discípulos. Trabalhem eles como evangelistas, espalhando nossas publicações, falando da verdade aos que encontrarem, orando pelos doentes; e, caso necessário, tratando-os, não com drogas, mas com remédios naturais, compreendendo sempre sua dependência de Deus. Ao unirem-se na obra de ensinar e curar, colherão muitas almas.

Conselhos aos pais, professores e estudantes (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), 469.

3

The apostle felt that he was to a large extent responsible for the spiritual welfare of those converted under his labors. His desire for them was that they might increase in a knowledge of the only true God, and Jesus Christ, whom He had sent. Often in his ministry he would meet with little companies of men and women who loved Jesus, and bow with them in prayer, asking God to teach them how to maintain a living connection with Him. Often he took counsel with them as to the best methods of giving to others the light of gospel truth. And often, when separated from those for whom he had thus labored, he pleaded with God to keep them from evil and help them to be earnest, active missionaries.

The Acts of the Apostles (Mountain View, CA: Pacific Press, 1911), 262.

O apóstolo [Paulo] sentia-se responsável em grande medida pelo bem-estar espiritual dos que se convertiam por seus labores. Seu desejo era que crescessem no conhecimento do único verdadeiro Deus, e de Jesus Cristo, a quem Ele enviou. Não raro, em seu ministério, reunia-se ele com pequenos grupos de homens e mulheres que amavam a Jesus, inclinando-se com eles em oração, pedindo a Deus para lhes ensinar como se manterem em íntima comunhão com Ele. Muitas vezes tomava conselho com eles sobre os melhores métodos de dar a outros a luz da verdade evangélica. Muitas vezes, quando separados daqueles por quem assim havia trabalhado, suplicava a Deus para que os guardasse do mal, e os ajudasse a se manterem como missionários ativos e fervorosos.

Atos dos apóstolos (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), 262.

4

Effectiveness of the Question Technique -- My ministering brethren, do not think that the only work you can do, the only way you can labor for souls, is to give discourses. The best work you can do is to teach, to educate. Whenever you can find an opportunity to do so, sit down with some family, and let them ask questions. Then answer them patiently, humbly. Continue this work in connection with your more public efforts. Preach less, and educate more, by holding Bible readings and by praying with families and little companies. -- *Gospel Workers*, p. 193.

Welfare Ministry (Washington, DC: Review and Herald, 1952), 94.

Eficácia da Técnica de Perguntas

Meus irmãos do ministério, não penseis que o único trabalho que podeis fazer, a única maneira por que podeis operar em benefício de almas, seja fazer discursos. A melhor obra que podeis fazer, é ensinar, educar. Onde quer que se vos depare uma oportunidade de assim fazer, sentai-vos com alguma família, e deixai que vos façam perguntas. Respondei-lhes então pacientemente, humildemente. Continuai esta obra juntamente com vossos esforços em público. Pregai menos, e educai mais, mediante estudos bíblicos, e orações feitas nas famílias e pequenos grupos. *Obreiros Evangélicos*, pág. 193.

Beneficência social (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987), 94.

5

Do Not Wait – Workers--gospel medical missionaries --are needed now. You cannot afford to spend years in preparation. Soon doors now open to the truth will be forever closed. Carry the message now. Do not wait, allowing the enemy to take possession of the fields now open before you. Let little companies go forth to do the work to which Christ appointed His disciples. Let them labor as evangelists, scattering our publications, and talking of the truth to those they meet. Let them pray for the sick, ministering to their necessities, not with drugs, but with nature's remedies, and teaching them how to regain health and avoid disease.-- *Testimonies*, vol. 9. p. 172.

Welfare Ministry (Washington, DC: Review and Herald, 1952), 349.

Não Esperar

Precisa-se agora de obreiros evangelistas médico-missionários. Não podeis dedicar anos ao vosso preparo. Logo portas que agora estão abertas haverão de fechar-se para sempre. Proclamai a mensagem agora. Não espereis, dando com isso oportunidade a que o inimigo se aposses do campo que está agora ao vosso alcance. Grupos pequenos devem ir fazer o trabalho de que Cristo incumbiu os Seus discípulos. Trabalhem como evangelistas, disseminando a nossa literatura, e falando da verdade às pessoas que encontrem. Orem pelos doentes, provendo-lhes as necessidades, não com drogas, mas com remédios naturais, ensinando-lhes a recuperar a saúde e evitar a doença. *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 371.

Beneficiencia social (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987), 133.

6

Workers--gospel medical missionaries--are needed now. You cannot afford to spend years in preparation. Soon doors now open to the truth will be forever closed. Carry the message now. Do not wait, allowing the enemy to take possession of the fields now open before you. Let little companies go forth to do the work to which Christ appointed His disciples. Let them labor as evangelists, scattering our publications and talking of the truth to those they meet. Let them pray for the sick, ministering to their necessities, not with drugs, but with nature's remedies, and teaching them how to regain health and avoid disease.

Testimonies for the Church, 9 vols. (Mountain View, CA: Pacific Press, 1948), 9:172.

Precisa-se agora de obreiros evangelistas médico-missionários. Não podeis dedicar anos ao vosso preparo. Logo portas que agora estão abertas haverão de fechar-se para sempre. Proclamai a mensagem agora. Não espereis, dando com isso oportunidade a que o inimigo se aposses do campo que está agora ao vosso alcance. Grupos pequenos devem ir fazer o trabalho de que Cristo incumbiu os Seus discípulos. Trabalhem como evangelistas, disseminando a nossa literatura, e falando da verdade às pessoas que encontrem. Orem pelos doentes, provendo-lhes as necessidades, não com drogas, mas com remédios naturais, ensinando-lhes a recuperar a saúde e evitar a doença.

Testemunhos Seletos, 3 vols (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984), 3:371.

LITTLE COMPANY (22x)

1

Christ's Parables and Symbols - We should seek to follow more closely the example of Christ, the great Shepherd, as He worked with His little company of disciples, studying with them and with the people the Old Testament Scriptures. His active ministry consisted not merely in sermonizing but in educating the people. As He passed through villages, He came in personal contact with the people in their homes, teaching, and ministering to their necessities. As the crowds that followed Him increased, when He came to a favorable place, He would speak to them, simplifying His discourses by the use of parables and symbols. -- Letter 192, 1906.

Evangelism (Washington, DC: Review and Herald, 1970), 203.

As Parábolas e os Símbolos de Cristo

Devemos procurar seguir mais estritamente o exemplo de Cristo, o grande Pastor, ao trabalhar com Seu pequeno grupo de discípulos, estudando com eles e com o povo em geral as Escrituras do Antigo Testamento. Seu ministério ativo consistia não somente em pregar sermões, mas em instruir o povo. Ao passar pelas aldeias, mantinha contato pessoal com as pessoas em suas casas, ensinando-as e atendendo-lhes as necessidades. Ao aumentarem as multidões que O seguiam, quando chegava a um local apropriado falava-lhes, simplificando Seus discursos com o emprego de parábolas e símbolos. Carta 192, 1906.

Evangelismo (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 203.

2

A Blessed Meeting - This day has been a most precious season of refreshment to my soul. The little company here are organized into a church, and I met with them to celebrate the ordinances. I spoke from John 13, and precious ideas were impressed upon my mind in regard to the ordinance of humility. . . . There is much in this simple rite that is not seen and appreciated. I was blessed in partaking of the symbols of the broken body and spilled blood of our precious Saviour, who became sin for us, that we might become the righteousness of God in Him. He was our sin bearer.

Evangelism (Washington, DC: Review and Herald, 1970), 278.

Uma Reunião Abençoada

O dia de hoje foi-me um período preciosíssimo de refrigério para a alma. O pequeno grupo daqui está organizado em igreja e vim ter com eles para celebrar as ordenanças. Preguei com base em João 13, e preciosas idéias me ocorreram à mente no tocante à cerimônia da humildade. ... Muito há nesse rito simples que não é visto nem apreciado. Fui abençoada com participar dos símbolos do corpo partido e do sangue derramado de nosso precioso Salvador, que Se fez pecado por nós, para que por Ele fôssemos feitos justiça de Deus. Ele tomou sobre Si os nossos pecados.

Evangelismo (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 278.

3

Satan Annoys and Distracts New Believers – Wherever there is a little company raised up, Satan is constantly trying to annoy and distract them. When one of the people turns away from his sins, do you suppose that he will let him alone? No, indeed. We want you to look well to the foundation of your hope. We want you to let your life and your actions testify of you that you are the children of God.--Manuscript 5, 1885.

Evangelism (Washington, DC: Review and Herald, 1970), 357-358.

Satanás Aborrece e Perturba os Novos Crentes

Onde quer que haja um pequeno grupo de crentes, Satanás está constantemente procurando aborrecê-los e desviá-los. Quando alguém do povo se desvia de seus pecados, supondes acaso que ele o deixará em paz? De modo nenhum! Queremos que

consideréis bem o fundamento de vossa esperança. Queremos que façais com que vossa vida e vossas ações testifiquem de que sois filhos de Deus. Manuscrito 5, 1885.

Evangelismo (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 357-358.

4

The Protestant world today see in the little company keeping the Sabbath a Mordecai in the gate. His character and conduct, expressing reverence for the law of God, are a constant rebuke to those who have cast off the fear of the Lord, and are trampling upon His Sabbath; the unwelcome intruder must by some means be put out of the way. -- Testimonies, vol. 5, p. 450.

Christian Service (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1947), 158.

O mundo protestante moderno vê no pequeno grupo de observadores do sábado um Mardoqueu à porta. Seu caráter e conduta, exprimindo a verdadeira reverência pela lei de Deus, são uma acusação constante para os que renunciaram o temor do Senhor, calcando a pés Seu santo sábado. Os intrusos e inoportunos precisam de alguma maneira ser eliminados. Testemunhos Seletos, vol. 2, pág. 150.

Evangelismo (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 158.

5

Those who keep the commandments of God and the faith of Jesus will feel the ire of the dragon and his hosts. Satan numbers the world as his subjects, he has gained control of the apostate churches; but here is a little company that are resisting his supremacy. If he could blot them from the earth, his triumph would be complete. As he influenced the heathen nations to destroy Israel, so in the near future he will stir up the wicked powers of earth to destroy the people of God. . . . Their only hope is in the mercy of God; their only defense will be prayer.

Maranatha: The Lord Is Coming (Washington, DC: Review and Herald, 1976), 32.

Aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, sentirão a ira do dragão e de seus exércitos. Satanás considera por súditos seus os habitantes do mundo; adquiriu domínio sobre as igrejas apóstatas; mas eis um pequeno grupo que resiste à sua supremacia. Se ele os pudesse desarraigá-los da Terra, completo seria seu triunfo. Como influenciava nas nações pagãs para destruírem Israel, assim, num próximo futuro, ele incitará as malélicas potências terrestres para destruir o povo de Deus. Serviço Cristão, pág. 157.

Maranata, o Senhor vem (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 30.

6

The remnant church will be brought into great trial and distress. Those who keep the commandments of God and the faith of Jesus, will feel the ire of the dragon and his hosts. Satan numbers the world as his subjects; he has gained control of the apostate churches. But here is a little company that are resisting his supremacy. If he could blot them from the

earth, his triumph would be complete. As he influenced the heathen nations to destroy Israel, so in the near future he will stir up the wicked powers of earth to destroy the people of God. All will be required to render obedience to human edicts in violation of the divine law. Those who will be true to God and to duty will be menaced, denounced, and proscribed. They will be betrayed "both by parents, and brethren, and kinsfolks, and friends".

Maranatha: The Lord Is Coming (Washington, DC: Review and Herald, 1976), 211.

A igreja remanescente será levada a grande prova e aflição. Os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, sentirão a ira do dragão e seu exército. Satanás conta o mundo como súdito seu; ele adquiriu domínio sobre as igrejas apóstatas. Aqui está, porém, um pequeno grupo que lhe resiste à supremacia. Caso os pudesse desarraigar da Terra, completo seria o seu triunfo. Como ele influenciou as nações pagãs para destruir Israel, assim, em próximo futuro há de incitar os ímpios poderes da Terra para destruir o povo de Deus. De todos será exigido que prestem obediência a leis humanas em violação da lei divina. Os que forem fiéis a Deus e ao dever, serão ameaçados, denunciados e proscritos. Serão traídos "até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos".

Maranata, o Senhor vem (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 211.

7

Those who keep the commandments of God and the faith of Jesus will feel the ire of the dragon and his hosts. Satan numbers the world as his subjects, he has gained control of the apostate churches; but here is a little company that are resisting his supremacy. If he could blot them from the earth, his triumph would be complete. As he influenced the heathen nations to destroy Israel, so in the near future he will stir up the wicked powers of earth to destroy the people of God. . . . Their only hope is in the mercy of God; their only defense will be prayer.

The Faith I Live By (Washington, DC: Review and Herald, 1973), 289.

Aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, sentirão a ira do dragão e de seus exércitos. Satanás considera por súditos seus os habitantes do mundo; adquiriu domínio sobre as igrejas apóstatas; mas eis um pequeno grupo que resiste à sua supremacia. Se ele os pudesse desarraigar da Terra, completo seria seu triunfo. Como influenciava nas nações pagãs para destruírem Israel, assim, num próximo futuro, ele incitará as malélicas potências terrestres para destruir o povo de Deus. ... Serviço Cristão, pág. 157.

A fé pela qual eu vivo (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1959), 289.

8

The remnant church will be brought into great trial and distress. Those who keep the commandments of God and the faith of Jesus will feel the ire of the dragon and his hosts. Satan numbers the world as his subjects. He has gained control of the apostate churches; but here is a little company that are resisting his supremacy. If he could blot them from the earth, his triumph would be complete. As he influenced the heathen nations to destroy

Israel, so in the near future he will stir up the wicked powers of earth to destroy the people of God.--9T 231.

Last Day Events (Boise, ID: Pacific Press, 1992), 256.

A igreja remanescente terá de passar por grande prova e aflição. Aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, sentirão a ira do dragão e de seus exércitos. Satanás considera como súditos seus os habitantes do mundo; adquiriu domínio sobre as igrejas apóstatas; mas eis um pequeno grupo que resiste à sua supremacia. Se ele os pudesse desarraigar da Terra, completo seria seu triunfo. Como influenciava nas nações pagãs para destruírem Israel, assim, num próximo futuro, ele incitará as maléficas potências terrestres para destruir o povo de Deus. *Serviço Cristão*, pág. 157.

Eventos finais (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), 256.

9

The decree that will finally go forth against the remnant people of God will be very similar to that issued by Ahasuerus against the Jews. Today the enemies of the true church see in the little company keeping the Sabbath commandment, a Mordecai at the gate. The reverence of God's people for His law is a constant rebuke to those who have cast off the fear of the Lord and are trampling on His Sabbath.

Prophets and Kings (Mountain View, CA: Pacific Press, 1943), 605.

O decreto que finalmente sairá contra o remanescente povo de Deus será muito semelhante ao que Assuero promulgou contra os judeus. Hoje os inimigos da verdadeira igreja vêem no pequeno grupo de guardadores do sábado, um Mardoqueu à porta. A reverência do povo de Deus por Sua lei, é uma constante repreensão aos que têm deixado o temor do Senhor, e estão pisando o Seu sábado.

Patriarcas e profetas (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 605.

10

The decree that will finally go forth against the remnant people of God will be very similar to that issued by Ahasuerus against the Jews. Today the enemies of the true church see in the little company keeping the Sabbath commandment, a Mordecai at the gate. The reverence of God's people for His law is a constant rebuke to those who have cast off the fear of the Lord and are trampling on His Sabbath. – PK 605

Last Day Events (Boise, ID: Pacific Press, 1992), 258.

O decreto que finalmente sairá contra o remanescente povo de Deus será muito semelhante ao que Assuero promulgou contra os judeus. Hoje os inimigos da verdadeira igreja vêem no pequeno grupo de guardadores do sábado, um Mardoqueu à porta. A reverência do povo de Deus por Sua lei, é uma constante repreensão aos que têm deixado o temor do Senhor, e estão pisando o Seu sábado.

Eventos finais (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), 258.

11

The decree that will finally go forth against the remnant people of God will be very similar to that issued by Ahasuerus against the Jews. Today the enemies of the true church see in the little company keeping the Sabbath commandment, a Mordecai at the gate.

The Faith I Live By (Washington, DC: Review and Herald, 1973), 311.

O decreto que finalmente sairá contra o remanescente povo de Deus será muito semelhante ao que Assuero promulgou contra os judeus. Hoje os inimigos da verdadeira igreja vêem no pequeno grupo de guardadores do sábado, um Mardoqueu à porta.

A fé pela qual eu vivo (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1959), 311.

12

Now with the eleven disciples Jesus made His way toward the mountain. As they passed through the gate of Jerusalem, many wondering eyes looked upon the little company, led by One whom a few weeks before the rulers had condemned and crucified. The disciples knew not that this was to be their last interview with their Master. Jesus spent the time in conversation with them, repeating His former instruction. As they approached Gethsemane, He paused, that they might call to mind the lessons He had given them on the night of His great agony. Again He looked upon the vine by which He had then represented the union of His church with Himself and His Father; again He repeated the truths He had then unfolded. All around Him were reminders of His unrequited love. Even the disciples who were so dear to His heart, had, in the hour of His humiliation, reproached and forsaken Him.

The Desire of Ages (Mountain View, CA: Pacific Press, 1940), 830.

Com os onze discípulos, dirige-Se Jesus agora para o monte. Ao passarem pela porta de Jerusalém, muitos olhares curiosos seguem o pequeno grupo, chefiado por Aquele que, poucas semanas antes, fora condenado pelos principais, e crucificado. Não sabiam os discípulos que essa seria sua última entrevista com o Mestre. Jesus passou o tempo em conversa com eles, repetindo as anteriores instruções. Ao aproximarem-se de Getsêmani, Ele guardou silêncio, a fim de que se lembrassem das lições que lhes dera na noite de Sua grande agonia. Olhou outra vez para a videira pela qual representara a união de Sua igreja consigo e com o Pai; repetiu as verdades que então desdobrara. Tudo quanto O rodeava eram recordações de Seu não retribuído amor. Os próprios discípulos, que tão caros Lhe eram ao coração, na hora de Sua humilhação O vituperaram e abandonaram.

O desejado de todas as nações (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 830.

13

In secret places the word of God was thus brought forth and read, sometimes to a single soul, sometimes to a little company who were longing for light and truth. Often the entire night was spent in this manner.

The Great Controversy Between Christ and Satan (Mountain View, CA: Pacific Press, 1950), 74.

Em lugares ocultos era a Palavra de Deus apresentada e lida, algumas vezes a uma única alma, outras, a um pequeno grupo que anelava a luz e a verdade. Amiúde a noite toda era passada desta maneira.

O grande conflito (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 74.

14

As the claims of the Sabbath were presented, many reasoned from the worldling's standpoint. Said they: "We have always kept Sunday, our fathers kept it, and many good and pious men have died happy while keeping it. If they were right, so are we. The keeping of this new Sabbath would throw us out of harmony with the world, and we would have no influence over them. What can a little company keeping the seventh day hope to accomplish against all the world who are keeping Sunday?" It was by similar arguments that the Jews endeavored to justify their rejection of Christ. Their fathers had been accepted of God in presenting the sacrificial offerings, and why could not the children find salvation in pursuing the same course? So, in the time of Luther, papists reasoned that true Christians had died in the Catholic faith, and therefore that religion was sufficient for salvation. Such reasoning would prove an effectual barrier to all advancement in religious faith or practice.

The Great Controversy Between Christ and Satan (Mountain View, CA: Pacific Press, 1950), 454.

Ao serem apresentadas as exigências do sábado, muitos raciocinavam do ponto de vista mundano. Diziam: "Sempre guardamos o domingo, nossos pais o observaram, e muitos homens bons e piedosos morreram felizes enquanto o guardavam. Se tinham razão, também nós a temos. A guarda do sábado do sétimo dia nos poria em desacordo com o mundo, e não teríamos influência alguma sobre ele. Que pode um pequeno grupo, a guardar o sétimo dia, esperar fazer contra todo o mundo que guarda o domingo?" Foi com argumentos semelhantes que os judeus se esforçaram para justificar sua rejeição de Cristo. Seus pais tinham sido aceitos por Deus, ao apresentarem ofertas de sacrifícios; e por que não poderiam os filhos encontrar salvação continuando com o mesmo modo de agir? Semelhantemente, no tempo de Lutero, raciocinavam os romanistas que cristãos verdadeiros tinham morrido na fé católica; e portanto, essa religião era suficiente para a salvação. Tal raciocínio se mostrava uma barreira eficaz contra todo o progresso na fé ou prática religiosa.

O grande conflito (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 454.

15

As Satan influenced Esau to march against Jacob, so he will stir up the wicked to destroy God's people in the time of trouble. And as he accused Jacob, he will urge his accusations against the people of God. He numbers the world as his subjects; but the little company who keep the commandments of God are resisting his supremacy. If he could blot them

from the earth, his triumph would be complete. He sees that holy angels are guarding them, and he infers that their sins have been pardoned; but he does not know that their cases have been decided in the sanctuary above. He has an accurate knowledge of the sins which he has tempted them to commit, and he presents these before God in the most exaggerated light, representing this people to be just as deserving as himself of exclusion from the favor of God. He declares that the Lord cannot in justice forgive their sins and yet destroy him and his angels. He claims them as his prey and demands that they be given into his hands to destroy.

The Great Controversy Between Christ and Satan (Mountain View, CA: Pacific Press, 1950), 618.

Assim como Satanás influenciou Esaú a marchar contra Jacó, instigará os ímpios a destruírem o povo de Deus no tempo de angústia. E assim como acusou a Jacó, acusará o povo de Deus. Conta com as multidões do mundo como seus súditos; mas o pequeno grupo que guarda os mandamentos de Deus, está resistindo a sua supremacia. Se ele os pudesse eliminar da Terra, seu triunfo seria completo. Ele vê que santos anjos os estão guardando, e deduz que seus pecados foram perdoados; mas não sabe que seus casos foram decididos no santuário celestial. Tem um conhecimento preciso dos pecados que os tentou a cometer, e apresenta esses pecados diante de Deus sob a mais exagerada luz, representando a este povo como sendo precisamente tão merecedor como ele mesmo da exclusão do favor de Deus. Declara que com justiça o Senhor não pode perdoar-lhes os pecados, e, no entanto, destruir a ele e seus anjos. Reclama-os como sua presa, e pede que sejam entregues em suas mãos para os destruir.

O grande conflito (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988), 618.

16

As Satan influenced Esau to march against Jacob, so he will stir up the wicked to destroy God's people in the time of trouble. And as he accused Jacob, he will urge his accusations against the people of God. He numbers the world as his subjects; but the little company who keep the commandments of God are resisting his supremacy. If he could blot them from the earth, his triumph would be complete. He sees that holy angels are guarding them, and he infers that their sins have been pardoned; but he does not know that their cases have been decided in the sanctuary above. He has an accurate knowledge of the sins which he has tempted them to commit, and he presents these before God in the most exaggerated light, representing this people to be just as deserving as himself of exclusion from the favor of God. He declares that the Lord cannot in justice forgive their sins and yet destroy him and his angels. He claims them as his prey and demands that they be given into his hands to destroy.

Maranatha: The Lord Is Coming (Washington, DC: Review and Herald, 1976), 272.

Assim como Satanás influenciou Esaú a marchar contra Jacó, instigará os ímpios a destruírem o povo de Deus no tempo de angústia. E assim como acusou a Jacó, acusará o povo de Deus. Conta com as multidões do mundo como seus súditos; mas o pequeno grupo que guarda os mandamentos de Deus, está resistindo a sua supremacia. Se ele os pudesse eliminar da Terra, seu triunfo seria completo. Ele vê que santos anjos os estão

guardando, e deduz que seus pecados foram perdoados; mas não sabe que seus casos foram decididos no santuário celestial. Tem um conhecimento preciso dos pecados que os tentou a cometer, e apresenta esses pecados diante de Deus sob a mais exagerada luz, representando a este povo como sendo precisamente tão merecedor como ele mesmo da exclusão do favor de Deus. Declara que com justiça o Senhor não pode perdoar-lhes os pecados, e, no entanto, destruir a ele e seus anjos. Reclama-os como sua presa, e pede que sejam entregues em suas mãos para os destruir.

Maranata, o Senhor vem (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977), 270.

17

In one place a little company had collected, and were busily talking about something in which they seemed much interested. I drew near, and found that a little child in a woman's arms had attracted their attention. I said, "You have but a little time, and might better work while you can".

Gospel Workers (Washington, DC: Review and Herald, 1948), 138.

Num lugar reuniram-se um pequeno grupo, e ocupavam-se em falar acerca de alguma coisa na qual pareciam muito interessados. Aproximei-me, e vi que uma criança que se achava nos braços de uma mulher, havia-lhes atraído a atenção. Eu disse: "Vocês não têm senão pouco tempo, e fariam melhor em trabalhar enquanto podem".

Obreiros evangélicos (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 138.

18

I asked the angel if there were none left. He bade me look in the opposite direction, and I saw a little company traveling a narrow pathway. All seemed to be firmly united by the truth. This little company looked careworn, as if they had passed through severe trials and conflicts. And it appeared as if the sun had just arisen from behind a cloud and shone upon their countenances, causing them to look triumphant as if their victories were nearly won.

Early Writings of Ellen G. White (Washington, DC: Review and Herald, 1945), 263.

Perguntei ao anjo se ninguém havia escapado. Ele me mandou olhar em direção oposta, e vi um pequeno grupo viajando por um caminho estreito. Todos pareciam estar firmemente unidos pela verdade. Este pequeno grupo parecia atribulado, como se tivesse passado por duras provas e conflitos. E parecia assim como se o sol tivesse surgido por trás de uma nuvem, iluminando-lhes o rosto e dando-lhes um aspecto triunfante, como se sua vitória estivesse quase alcançada.

Primeiros escritos (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976), 263.

19

Angels that excel in strength were commissioned to protect the people of God, and the plots of their adversaries returned upon their own heads. The Protestant world today see

in the little company keeping the Sabbath a Mordecai in the gate. His character and conduct, expressing reverence for the law of God, are a constant rebuke to those who have cast off the fear of the Lord and are trampling upon His Sabbath; the unwelcome intruder must by some means be put out of the way.

Testimonies for the Church, 9 vols. (Mountain View, CA: Pacific Press, 1948), 5:450.

Anjos magníficos em poder tiveram a incumbência de proteger o povo de Deus, e as armadilhas de seus adversários recaíram sobre eles próprios nas suas conseqüências. O mundo protestante moderno vê no pequeno grupo de observadores do sábado um Mardoqueu à porta. Seu caráter e conduta, exprimindo a verdadeira reverência pela lei de Deus, são uma acusação constante para os que renunciaram o temor do Senhor, calcando a pés Seu santo sábado. Os intrusos e inoportunos precisam de alguma maneira ser eliminados.

Testemunhos Seletos, 3 vols. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984), 2:150.

20

The Protestant world today see in the little company keeping the Sabbath a Mordecai in the gate. His character and conduct, expressing reverence for the law of God, are a constant rebuke to those who have cast off the fear of the Lord and are trampling upon His Sabbath; the unwelcome intruder must by some means be put out of the way.

Maranatha: The Lord Is Coming (Washington, DC: Review and Herald, 1976), 198.

O mundo protestante moderno vê no pequeno grupo de observadores do sábado um Mardoqueu à porta. Seu caráter e conduta, exprimindo a verdadeira reverência pela lei de Deus, são uma acusação constante para os que renunciaram o temor do Senhor, calcando a pés Seu santo sábado. Os intrusos e inoportunos precisam de alguma maneira ser eliminados.

Maranata, o Senhor vem (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977), 196.

21

[Convis, Michigan] Sabbath, April 9, 1859. Watched and Ministered at Convis – Rose early and rode about twelve miles to Convis to meet with the saints there. The ride was refreshing. Called at Brother Brackett's. They accompanied us to the place of meeting, about two miles distant from his house. A little company of Sabbathkeepers were collected in a large, commodious schoolhouse. James had great freedom speaking to the people. I said a few words. Meeting held until about two o'clock. Nearly all bore testimony to the truth. After supper as the hours of holy time were closing, we had a refreshing season of prayer. James talked with the children before bowing to pray.--Manuscript 6, 1859.

Selected Messages, 3 vols. (Washington, DC: Review and Herald, 1958, 1980), 3:262-263.

[Convis, Michigan] 9 de Abril de 1859
Esteve Presente e Ministrou em Convis

Levantei-me cedo e cavalguei uns vinte quilômetros até Convis, para encontrar-me com os santos ali. A viagem foi agradável. Passei pela casa do irmão Brackett. Eles nos acompanharam ao local da reunião, a uns três quilômetros de sua casa. Um pequeno grupo de observadores do sábado se reuniu num amplo e confortável edifício escolar. Tiago teve grande liberdade para falar ao povo. Eu disse algumas palavras. A reunião durou mais ou menos até às duas horas. Quase todos deram testemunho da verdade. Após a ceia, quando as horas do tempo sagrado estavam findando, tivemos um agradável período de oração. Tiago conversou com as crianças antes de inclinar-se para orar. Manuscrito 6, 1859.

Mensagens escolhidas, 3 vols. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1966), 3:262-263.

LITTLE GROUPS (1X)

1

It has been shown me that our camp-meetings are to increase in interest and success. As we approach the end, I have seen that in these meetings there will be less preaching, and more Bible study. There will be little groups all over the grounds, with their Bibles in their hands, and different ones leading out in a free, conversational study of the Scriptures.

Gospel Workers, (Washington, DC: Review and Herald, 1948), 407-408.

Foi-me mostrado que nossas reuniões campais não de crescer em interesse e êxito. Ao aproximarmos-nos do fim, tenho visto que deve haver, nessas reuniões menos pregação, e mais estudos bíblicos. Haverá por todo o acampamento pequenos grupos, de Bíblia na mão, e várias pessoas dirigindo um estudo bíblico de maneira franca, em forma de conversação.

Obreiros evangélicos (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 407-408.

LITTLE KNOTS (2X)

1

At the time appointed, about five hundred believers were collected in little knots on the mountainside, eager to learn all that could be learned from those who had seen Christ since His resurrection. From group to group the disciples passed, telling all they had seen and heard of Jesus, and reasoning from the Scriptures as He had done with them. Thomas recounted the story of his unbelief, and told how his doubts had been swept away. Suddenly Jesus stood among them. No one could tell whence or how He came. Many who were present had never before seen Him; but in His hands and feet they beheld the marks of the crucifixion; His countenance was as the face of God, and when they saw Him, they worshiped Him.

The Desire of Ages (Mountain View, CA: Pacific Press, 1940), 618-619.

Ao tempo designado, cerca de quinhentos crentes estavam reunidos em pequenos grupos na encosta da montanha, ansiosos por saber tudo quanto fosse possível colher dos que tinham visto Jesus depois da ressurreição. Os discípulos passavam de grupo em grupo, dizendo tudo quanto haviam visto e ouvido do Salvador, e raciocinando sobre as

Escrituras, como Ele fizera com eles. Tomé contava de novo a história de sua incredulidade, e dizia como se lhe haviam dissipado as dúvidas. De súbito, achou-Se Jesus no meio deles. Ninguém podia dizer de onde nem como viera. Muitos dos presentes nunca O tinham visto; em Suas mãos e pés, porém, divisaram os sinais da crucifixão; Seu semblante era como a face de Deus, e quando O viram, adoraram-nO.

O desejado de todas as nações (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), 618-619.

2

At the time appointed, about five hundred believers were collected in little knots on the mountainside, eager to learn all that could be learned from those who had seen Christ since His resurrection. From group to group the disciples passed, telling all they had seen and heard of Jesus, and reasoning from the Scriptures as He had done with them. Thomas recounted the story of his unbelief, and told how his doubts had been swept away. Suddenly Jesus stood among them. No one could tell whence or how He came. Many who were present had never before seen Him; but in His hands and feet they beheld the marks of the crucifixion; His countenance was as the face of God, and when they saw Him, they worshiped Him.

Lift Him Up (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1988), 323.

Ao tempo designado, cerca de quinhentos crentes estavam reunidos em pequenos grupos na encosta da montanha, ansiosos por saber tudo quanto fosse possível colher dos que tinham visto Jesus depois da ressurreição. Os discípulos passavam de grupo em grupo, dizendo tudo quanto haviam visto e ouvido do Salvador, e raciocinando sobre as Escrituras, como Ele fizera com eles. Tomé contava de novo a história de sua incredulidade, e dizia como se lhe haviam dissipado as dúvidas. De súbito, achou-Se Jesus no meio deles. Ninguém podia dizer de onde nem como viera. Muitos dos presentes nunca O tinham visto; em Suas mãos e pés, porém, divisaram os sinais da crucifixão; Seu semblante era como a face de Deus, e quando O viram, adoraram-nO.

Exaltai-O (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992), 323.

SMALL COMPANIES (20x)

1

The formation of small companies as a basis of Christian effort has been presented to me by One who cannot err. If there is a large number in the church, let the members be formed into small companies, to work not only for the church members, but for unbelievers. If in one place there are only two or three who know the truth, let them form themselves into a band of workers. Let them keep their bond of union unbroken, pressing together in love and unity, encouraging one another to advance, each gaining courage and strength from the assistance of the others. Let them reveal Christlike forbearance and patience, speaking no hasty words, using the talent of speech to build one another up in the most holy faith. Let them labor in Christlike love for those outside the fold, forgetting self in their endeavor to help others. As they work and pray in Christ's name, their numbers will increase; for the Saviour says: "If two of you shall agree on earth as touching anything that they shall ask, it shall be done for them of My Father which is in heaven." Matthew 18:19.

Testimonies for the Church, 9 vols. (Mountain View, CA: Pacific Press, 1948), 7:21-22.

A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão, foi-me apresentada por Aquele que não pode errar. Se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em pequenos grupos a fim de trabalhar, não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos. Se num lugar houver apenas dois ou três que conheçam a verdade, organizem-se num grupo de obreiros. Mantenham indissolúvel seu laço de união, apegando-se uns aos outros com amor e unidade, animando-se mutuamente para avançar, adquirindo cada qual ânimo e força do auxílio dos outros. Manifestem eles paciência e longanimidade cristãs, não proferindo palavras precipitadas, mas empregando o talento da palavra para edificar-se uns aos outros na mais santa fé. Trabalhe com amor cristão pelos que se acham fora do redil, esquecendo-se a si mesmos no empenho de ajudar outros. Ao trabalharem e orarem em nome de Cristo, seu número aumentará, pois diz o Salvador: "Se dois de vós concordarem na Terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por Meu Pai, que está nos Céus." Mat. 18:19.

Testemunhos seletos, 3 vols. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992), 3:84-85.

2

Form Bands of Workers.--The formation of small companies as a basis of Christian effort has been presented to me by One who cannot err. If there is a large number in the church, let the members be formed into small companies, to work not only for the church members but for unbelievers. If in one place there are only two or three who know the truth, let them form themselves into a band of workers. Let them keep their bond of union unbroken, pressing together in love and unity, encouraging one another to advance, each gaining courage and strength from the assistance of the others.--Ibid., vol. 7, pp. 21, 22.

Welfare Ministry (Washington, DC: Review and Herald, 1952), 107.

Formar Grupos de Obreiros

A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão, foi-me apresentada por Aquele que não pode errar. Se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em pequenos grupos a fim de trabalhar, não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos. Se num lugar houver apenas dois ou três que conheçam a verdade, organizem-se num grupo de obreiros. Mantenham indissolúvel seu laço de união, apegando-se uns aos outros com amor e unidade, animando-se mutuamente para avançar, adquirindo cada qual ânimo e força do auxílio dos outros. *Testemunhos Seletos*, vol. 3, pág. 84.

Beneficência social (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987), 107.

3

The formation of small companies as a basis of Christian effort has been presented to me by One who cannot err. *Testimonies*, vol. 7, pp. 21, 22.

If there is a large number in the church, let the members be formed into small companies, to work not only for the church members, but for unbelievers. If in one place there are only two or three who know the truth, let them form themselves into a band of workers. *Testimonies*, vol. 7, p. 22.

Christian Service (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1947), 72.

A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão, foi-me apresentada por Aquele que não pode errar. Testemunhos Seletos, vol. 3, pág. 84.

Se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em pequenos grupos a fim de trabalhar, não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos. Se num lugar houver apenas dois ou três que conheçam a verdade, organizem-se num grupo de obreiros. Testemunhos Seletos, vol. 3, pág. 84.

Serviço cristão (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004), 72.

4

The formation of small companies as a basis of Christian effort is a plan that has been presented before me by One who cannot err. If there is a large number in the church, let the members be formed into small companies, to work not only for the church members but for unbelievers also.--Australasian Union Conference Record, Aug. 15, 1902.

Evangelism (Washington, DC: Review and Herald, 1970), 115.

A formação de pequenos grupos, como uma base de esforço cristão, é um plano que tem sido apresentado diante de mim por Aquele que não pode errar. Se houver grande número na igreja, os membros devem ser divididos em pequenos grupos, a fim de trabalharem não somente pelos outros membros, mas também pelos descrentes. Australasian Union Conference Record, 15 de agosto de 1902.

Evangelismo (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 115.

5

If there is a large number in the church, let the members be formed into small companies, to work not only for the church members, but for unbelievers. If in one place there are only two or three who know the truth, let them form themselves into a band of workers. Let them keep their bond of union unbroken, pressing together in love and unity, encouraging one another to advance, each gaining courage and strength from the assistance of the others. Let them reveal Christlike forbearance and patience, speaking no hasty words, using the talent of speech to build one another up in the most holy faith. Let them labor in Christlike love for those outside the fold. . . . As they work and pray in Christ's name, their numbers will increase.

Maranatha: The Lord Is Coming (Washington, DC: Review and Herald, 1976), 38.

Se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em pequenos grupos a fim de trabalhar, não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos. Se num lugar houver apenas dois ou três que conheçam a verdade, organizem-se num grupo de obreiros. Mantenham indissolúvel seu laço de união, apegando-se uns aos outros com amor e unidade, animando-se mutuamente para avançar, adquirindo cada qual ânimo e força do auxílio dos outros. Manifestem eles paciência e longanimidade cristãs, não proferindo palavras precipitadas, mas empregando o talento da palavra para edificar-se uns aos outros na mais santa fé. Trabalhe com amor

cristão pelos que se acham fora do redil. ... Ao trabalharem e orarem em nome de Cristo, seu número aumentará. Testemunhos Seletos, vol. 3, págs. 84 e 85.

Maranata, o Senhor vem (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977), 36.

6

Results to Follow Proper Effort – God wants the work to go forward in New York. There ought to be thousands of Sabbathkeepers in that place, and there would be if the work were carried on as it should be. But prejudices spring up. Men want the work to go in their lines, and they refuse to accept broader plans from others. Thus opportunities are lost. In New York there should be several small companies established, and workers should be sent out. It does not follow that because a man is not ordained as a preacher he cannot work for God. Let such ones as these be taught how to work, then let them go out to labor. On returning, let them tell what they have done. Let them praise the Lord for His blessing, and then go out again. Encourage them. A few words of encouragement will be an inspiration to them. – Life Sketches, p. 385 (1915).

Evangelism (Washington, DC: Review and Herald, 1946, 1970), 389.

Resultados Seguem os Devidos Esforços

Deus quer que a obra vá avante em Nova Iorque. Deve haver nesse lugar milhares de observadores do sábado, e haveria caso a obra fosse levada avante como devia ser. Levantam-se porém, preconceitos. Homens querem que o trabalho vá segundo suas idéias, e recusam-se a receber idéias mais amplas de outros. Assim se perdem oportunidades. Deviam ser estabelecidos vários grupos pequenos em Nova Iorque, e serem enviados obreiros. Não se compreende que por um homem não ser ordenado pregador não possa trabalhar para Deus. Sejam estes ensinados na maneira de trabalhar, e depois saiam a fazê-lo. De regresso, contem o que fizeram. Louvem ao Senhor por Sua bênção, e depois saiam novamente. Animai-os. Algumas palavras animadoras hão de ser-lhes inspiração. Life Sketches, pág. 385.

Evangelismo (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 389.

7

Our small companies of Sabbathkeepers are needed to hold up the light before their neighbors; and the children are needed in their homes, where they may be a help to their parents when the hours of study are ended. The well-ordered Christian home, where young children can have parental discipline that is after the Lord's order, is the best place for them.

Counsels to Parents, Teachers, and Students (Mountain View, CA: Pacific Press, 1943), 158.

Nossos pequenos grupos de observadores do sábado são necessários para manter a luz diante de seus vizinhos, e precisam das crianças em seus lares, onde, terminadas as horas de estudo, podem ser um auxílio a seus pais. O lar cristão bem organizado, onde as tenras crianças podem ter aquela disciplina paternal que é segundo a determinação do Senhor, é para elas o melhor lugar.

Conselhos aos pais, professores e estudantes (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), 158.

8

Our small companies of Sabbathkeepers are needed to hold up the light before their neighbors; and the children are needed in their homes, where they may be a help to their parents when the hours of study are ended. The well-ordered Christian home, where young children can have parental discipline that is after the Lord's order, is the best place for them.

Child Guidance (Washington, DC: Review and Herald, 1954), 308.

Nossos pequenos grupos de observadores do sábado são necessários para manter a luz diante de seus vizinhos, e precisam das crianças em seus lares, onde, terminadas as horas de estudo, podem ser um auxílio a seus pais. O lar cristão bem organizado, onde as tenras crianças podem ter aquela disciplina paternal que é segundo a determinação do Senhor, é para elas o melhor lugar. *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*, pág. 158.

Orientação da Criança (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996), 308.

9

There should be opened to the youth means whereby many may, while attending school, learn the trade of carpentry. Under the guidance of experienced workmen, carpenters who are apt to teach, patient, and kind, the youth should be taught how to build substantially and economically. Cottages and other buildings essential to the various lines of schoolwork are to be erected by the students themselves. These buildings should not be crowded close together, or built near the school buildings proper. In the management of the schoolwork, small companies should be formed, who should be taught to carry a full sense of their responsibility. All these things cannot be accomplished at once, but we can begin to work in faith.

Counsels to Parents, Teachers, and Students (Mountain View, CA: Pacific Press, 1943), 311.

Apresentem-se aos jovens meios pelos quais muitos possam enquanto freqüentam a escola, aprender a arte de carpinteiro. Sob a guia de trabalhadores experientes, carpinteiros que sejam aptos a ensinar, pacientes e bondosos, os jovens devem ser ensinados quanto a construir sólida e economicamente. Pequenas casas e outros edifícios essenciais aos vários ramos da obra escolar, devem ser construídos pelos próprios estudantes. Não devem ficar muito próximos uns dos outros ou dos edifícios escolares propriamente ditos. Na administração da obra escolar, devem ser formados pequenos grupos, aos quais se deve ensinar a ter um senso completo de sua responsabilidade. Nem tudo isso pode ser realizado de imediato, mas devemos começar a trabalhar com fé.

Conselhos aos pais, professores e estudantes (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), 311.

10

Christ sought the people where they were and placed before them the great truths in regard to His kingdom. As He went from place to place, He blessed and comforted the suffering and healed the sick. This is our work. Small companies are to go forth to do the work to which Christ appointed His disciples. While laboring as evangelists they can visit the sick, praying with them and, if need be, treating them, not with medicines but with the remedies provided in nature.

Counsels on Health (Mountain View, CA: Pacific Press, 1957), 501.

Cristo ia ao encontro das pessoas onde elas estavam, e expunha perante elas as grandes verdades relacionadas com o Seu reino. Ao ir de lugar em lugar, abençoava e confortava os sofredores e curava os enfermos. Este é nosso trabalho. Pequenos grupos devem sair para fazer a obra que Cristo indicou aos Seus discípulos. Enquanto trabalham como evangelistas podem eles visitar os doentes, orar com eles e, se necessário, tratar deles, não com medicamentos, mas com os remédios providos pela natureza.

Conselhos sobre saúde (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 501.

11

After the disciples had been driven from Jerusalem by persecution, the gospel message spread rapidly through the regions lying beyond the limits of Palestine; and many small companies of believers were formed in important centers. Some of the disciples "traveled as far as Phenice, and Cyprus, and Antioch, preaching the word." Their labors were usually confined to the Hebrew and Greek Jews, large colonies of whom were at this time to be found in nearly all the cities of the world.

The Acts of the Apostles (Mountain View, CA: Pacific Press, 1911), 155.

Após haverem sido os discípulos expulsos de Jerusalém pela perseguição, a mensagem do evangelho espalhou-se rapidamente pelas regiões que ficavam além das fronteiras da Palestina; e muitos grupos pequenos de crentes se formaram em importantes centros. Alguns dos discípulos "caminharam até a Fenícia, Chipre e Antioquia, ... anunciando... a Palavra ". Atos 11:19. Suas atividades estavam circunscritas em geral aos hebreus e judeus gregos, dos quais se encontravam por esse tempo grandes colônias em quase todas as cidades do mundo.

Atos dos apóstolos (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), 155.

12

Cottages and buildings essential to the schoolwork are to be erected by the students themselves. These should not be crowded close together, nor located near the school buildings proper. In the management of this work small companies should be formed who, under competent leaders, should be taught to carry a full sense of their responsibility. All these things cannot be accomplished at once, but we are to begin to work in faith.

Testimonies for the Church, 9 vols. (Mountain View, CA: Pacific Press, 1948), 6:182-183.
As casas e edifícios essenciais ao trabalho escolar devem ser construídos pelos próprios alunos. Essas construções não devem ser feitas muito juntas, nem situadas próximo dos edifícios escolares propriamente ditos. Na execução dessa obra devem-se formar

pequenos grupos que, sob a direção de competentes líderes, sejam ensinados a experimentar um perfeito senso de responsabilidade. Todas essas coisas não podem ser realizadas de uma vez; mas devemos começar a trabalhar com fé.

Conselhos sobre educação (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008), 168-169.

13

Let the workers who have to act a part in this firm remember that God calls them to be a convention of Christian workers, a spectacle to the world, to angels, and to men. Let small companies assemble together in the evening or early morning to study the Bible for themselves. Let them have a season of prayer that they may be strengthened and enlightened and sanctified by the Holy Spirit. This is the work Christ wants to have done in the heart of everyone who is engaged in any department of the publishing work. If you will do this, a great blessing will come to you from the One who gave His whole life to service, the One who redeemed you by His own life.

Ye Shall Receive Power (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1995), 151.

Os obreiros que têm uma parte a desempenhar nesta empresa devem lembrar-se de que Deus os convida a ser uma convenção de obreiros cristãos, um espetáculo ao mundo, aos anjos e aos homens. Que pequenos grupos se reúnam ao anoitecer ou de manhã cedo para estudar a Bíblia por si mesmos. Tenham um período de oração a fim de que sejam fortalecidos, iluminados e santificados pelo Espírito Santo. Este é o trabalho que Cristo quer que seja efetuado no coração de todo aquele que está engajado em qualquer departamento da obra de publicações. Se fizerdes isso, vos admirará grande bênção dAquele que dedicou toda Sua vida ao serviço, dAquele que vos remiu com Sua própria vida.

E recebereis poder (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999), 149.

14

The formation of small companies as a basis of Christian effort has been presented to me by One who cannot err. If there is a large number in the church, let the members be formed into small companies, to work not only for the church members, but for unbelievers. If in one place there are only two or three who know the truth, let them form themselves into a band of workers. Let them keep their bond of union unbroken, pressing together in love and unity, encouraging one another to advance, each gaining courage and strength from the assistance of the others. Let them reveal Christlike forbearance and patience, speaking no hasty words, using the talent of speech to build one another up in the most holy faith. Let them labor in Christlike love for those outside the fold, forgetting self in their endeavor to help others. As they work and pray in Christ's name, their numbers will increase; for the Saviour says: "If two of you shall agree on earth as touching anything that they shall ask, it shall be done for them of My Father which is in heaven." Matthew 18:19.

Testimonies for the Church, 9 vols. (Mountain View, CA: Pacific Press, 1948), 7:21-22.

A formação de pequenos grupos como base de esforço cristão, foi-me apresentada por Aquele que não pode errar. Se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em pequenos grupos a fim de trabalhar, não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos. Se num lugar houver apenas dois ou três que conheçam a verdade, organizem-se num grupo de obreiros. Mantenham indissolúvel seu laço de união, apegando-se uns aos outros com amor e unidade, animando-se mutuamente para avançar, adquirindo cada qual ânimo e força do auxílio dos outros. Manifestem eles paciência e longanimidade cristãs, não proferindo palavras precipitadas, mas empregando o talento da palavra para edificar-se uns aos outros na mais santa fé. Trabalhe com amor cristão pelos que se acham fora do redil, esquecendo-se a si mesmos no empenho de ajudar outros. Ao trabalharem e orarem em nome de Cristo, seu número aumentará, pois diz o Salvador: "Se dois de vós concordarem na Terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por Meu Pai, que está nos Céus." Mat. 18:19.

Testemunhos seletos, 3 vols. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992), 3:84-85.

15

Let small companies assemble in the evening, at noon, or in the early morning to study the Bible. Let them have a season of prayer, that they may be strengthened, enlightened, and sanctified by the Holy Spirit. This work Christ wants to have done in the heart of every worker. If you yourselves will open the door to receive it, a great blessing will come to you. Angels of God will be in your assembly. You will feed upon the leaves of the tree of life.

In Heavenly Places (Washington, DC: Review and Herald, 1967), 92.

Juntem-se pequenos grupos à noitinha, ao meio-dia, ou cedo de manhã, para estudar a Bíblia. Observem então um período de oração, para que fiquem fortalecidos, esclarecidos, e santificados pelo Espírito Santo.... Se abrires a porta para recebê-la, uma grande bênção vos virá. Anjos de Deus estarão em vossa reunião. Alimentar-vos-eis das folhas da árvore da vida. Testimonies, vol. 7, pág. 195.

Nos lugares celestiais (Tatuí: SP, Casa Publicadora Brasileira, 1968), 92.

SMALL COMPANY (2x)

1

In many places where the message has been preached and souls have accepted it, they are in limited circumstances, and can do but little toward securing advantages that would give character to the work. Often this renders it difficult to extend the work. As persons become interested in the truth, they are told by the ministers of other churches,--and these words are echoed by the church members, - "These people have no church, and you have no place of worship. You are a small company, poor and unlearned. In a short time the ministers will go away, and then the interest will die down. Then you will give up all these new ideas which you have received".

Evangelism (Washington, DC: Review and Herald, 1946, 1970), 376.

Em muitos lugares em que a mensagem tem sido pregada e almas a têm aceito, elas se encontram em situação restrita, e não podem fazer senão pouca coisa no sentido de assegurar vantagens que dariam crédito à obra. Muitas vezes isto torna difícil o estender o trabalho. Ao se interessarem as pessoas na verdade, é-lhes dito por pastores de outras igrejas e essas palavras são ecoadas pelos membros da igreja -"Esse povo não tem igreja, e vocês não têm lugar de culto. Vocês são um pequeno grupo, pobre e iletrado. Dentro de pouco tempo os pastores irão embora, e então o interesse se extinguirá. Então vocês abandonarão todas essas idéias novas que aceitaram".

Evangelismo (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 376.

2

Last night I dreamed that a small company were assembled together to have a religious meeting. There was one who came in and seated himself in a dark corner, where he would attract little observation. There was not a spirit of freedom. The Spirit of the Lord was bound. Some remarks were made by the elder of the church. He seemed to be trying to hurt someone. I saw a sadness upon the countenance of the stranger. It became apparent that there was not the love of Jesus in the hearts of those who claimed to believe the truth and there was, as the sure result, an absence of the spirit of Christ and a great want both in thoughts and feelings of love for God and for one another. The assembling together had not been refreshing to anyone.

This Day With God (Washington, DC: Review and Herald, 1979), 157.

Na noite passada sonhei que um pequeno grupo se achava congregado para ter uma reunião religiosa. Houve alguém que entrou e sentou-se num canto escuro, onde atrairia pouca observação. Não havia um espírito de liberdade. O Espírito do Senhor estava detido. Foram feitos alguns comentários pelo ancião da igreja. Ele parecia estar procurando ferir a alguém. Vi a tristeza estampada no semblante do estranho. Tornou-se evidente que o amor de Jesus não se encontrava no coração dos que pretendiam crer na verdade, e havia, como infalível resultado, a ausência do Espírito de Cristo e grande necessidade tanto de pensamentos como de sentimentos de amor a Deus e uns aos outros. A reunião não fora reconfortante para pessoa alguma.

Este dia com Deus (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1980), 157.

SMALL GROUP (11X)

1

At times, when a small group of men entrusted with the general management of the work have, in the name of the General Conference, sought to carry out unwise plans and to restrict God's work, I have said that I could no longer regard the voice of the General Conference, represented by these few men, as the voice of God. But this is not saying that the decisions of a General Conference composed of an assembly of duly appointed, representative men from all parts of the field should not be respected. God has ordained that the representatives of His church from all parts of the earth, when assembled in a General Conference, shall have authority. The error that some are in danger of committing is in giving to the mind and judgment of one man, or of a small group of men, the full

measure of authority and influence that God has vested in His church in the judgment and voice of the General Conference assembled to plan for the prosperity and advancement of His work

When this power, which God has placed in the church, is accredited wholly to one man, and he is invested with the authority to be judgment for other minds, then the true Bible order is changed. Satan's efforts upon such a man's mind would be most subtle and sometimes well-nigh overpowering, for the enemy would hope that through his mind he could affect many others. Let us give to the highest organized authority in the church that which we are prone to give to one man or to a small group of men.

Testimonies for the Church, 9 vols. (Mountain View, CA: Pacific Press, 1855-1909, 1948), 9:260-261.

Por vezes, quando um pequeno grupo de homens, aos quais se acha confiada a direção geral da obra, tem procurado, em nome da Associação Geral, exercer planos imprudentes e restringir a obra de Deus, tenho dito que eu não poderia por mais tempo considerar a voz da Associação Geral, representada por esses poucos homens, como a voz de Deus. Mas isto não equivale a dizer que as decisões de uma Associação Geral composta de uma Assembléia de homens representativos e devidamente designados, de todas as partes do campo, não deva ser respeitada. Deus ordenou que os representantes de Sua igreja de todas as partes da Terra, quando reunidos numa Assembléia Geral, devam ter autoridade. O erro que alguns estão em perigo de cometer, é dar à opinião e ao juízo de um homem, ou de um pequeno grupo de homens, a plena medida de autoridade e influência de que Deus revestiu Sua igreja, no juízo e voz da Associação Geral reunida para fazer planos para a prosperidade e avançamento de Sua obra. Quando este poder, que Deus colocou na igreja, é entregue inteiramente a um só homem, e ele é revestido da autoridade de servir de critério para outros espíritos, acha-se então mudada a verdadeira ordem da Bíblia. Os esforços de Satanás sobre o espírito de tal homem seriam os mais sutis, e por vezes quase dominantes; pois o inimigo teria a esperança de, por meio do seu espírito, poder influenciar muitos outros. Demos à mais altamente organizada autoridade na igreja aquilo que somos propensos a dar a um único homem ou a um pequeno grupo de homens.

Testemunhos Seletos, 3 vols. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984), 408-409.

2

At times, when a small group of men entrusted with the general management of the work have, in the name of the General Conference, sought to carry out unwise plans and to restrict God's work, I have said that I could no longer regard the voice of the General Conference, represented by these few men, as the voice of God. But this is not saying that the decisions of a General Conference composed of an assembly of duly appointed, representative men from all parts of the field, should not be respected. God has ordained that the representatives of His church from all parts of the earth, when assembled in a General Conference, shall have authority. The error that some are in danger of committing, is in giving to the mind and judgment of one man, or of a small group of men, the full measure of authority and influence that God has vested in His church, in the

judgment and voice of the General Conference assembled to plan for the prosperity and advancement of His work. {GW 490.1}

When this power, which God has placed in the church, is accredited wholly to one man, and he is invested with the authority to be judgment for other minds, then the true Bible order is changed. Satan's efforts upon such a man's mind would be most subtle, and sometimes well-nigh overpowering; for the enemy would hope that through his mind he could affect many others. Let us give to the highest organized authority in the church that which we are prone to give to one man or to a small group of men.--"Testimonies for the Church," Vol. IX, pages 257-261.

Gospel Workers (Washington, DC: Review and Herald, 1948), 490.

Por vezes, quando um pequeno grupo de homens, aos quais se acha confiada a direção geral da obra tem procurado, em nome da Associação Geral, exercer planos imprudentes e restringir a obra de Deus, tenho dito que eu não poderia por mais tempo considerar a voz da Associação Geral, representada por esses poucos homens, como a voz de Deus. Mas isto não é dizer que as decisões de uma Associação Geral composta de uma assembléia de homens representativos e devidamente designados, de todas as partes do campo, não deva ser respeitada. Deus ordenou que os representantes de Sua igreja de todas as partes da Terra, quando reunidos numa Associação Geral, devam ter autoridade. O erro que alguns estão em perigo de cometer, é dar à opinião e ao juízo de um homem, ou de um pequeno grupo de homens, a plena medida de autoridade e influência de que Deus revestiu Sua igreja, no juízo e voz da Associação Geral reunida para fazer planos pela prosperidade e divulgação de Sua obra.

Quando este poder, que Deus colocou na igreja, é entregue inteiramente a um só homem, e ele é revestido da autoridade de servir de critério para outros espíritos, acha-se então mudada a verdadeira ordem da Bíblia. Os esforços de Satanás sobre o espírito de tal homem seriam os mais sutis, e por vezes quase dominantes; pois o inimigo teria a esperança de, por meio de seu espírito, poder influenciar muitos outros. Demos à mais altamente organizada autoridade na igreja aquilo que somos propensos a dar a um só homem ou a um pequeno grupo de homens. Testemunhos Seletos, vol. 3, págs. 405-409.

Obreiros evangélicos (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993), 490.

3

At times, when a small group of men entrusted with the general management of the work have, in the name of the General Conference, sought to carry out unwise plans and to restrict God's work, I have said that I could no longer regard the voice of the General Conference, represented by these few men, as the voice of God. But this is not saying that the decisions of a General Conference composed of an assembly of duly appointed, representative men from all parts of the field should not be respected. God has ordained that the representatives of His church from all parts of the earth, when assembled in a General Conference, shall have authority. The error that some are in danger of committing is in giving to the mind and judgment of one man, or of a small group of men, the full measure of authority and influence that God has vested in His church in the judgment and

voice of the General Conference assembled to plan for the prosperity and advancement of His work.

When this power, which God has placed in the church, is accredited wholly to one man, and he is invested with the authority to be judgment for other minds, then the true Bible order is changed. Satan's efforts upon such a man's mind would be most subtle and sometimes well-nigh overpowering, for the enemy would hope that through his mind he could affect many others. Let us give to the highest organized authority in the church that which we are prone to give to one man or to a small group of men.

Testimonies for the Church, 9 vols. (Mountain View, CA: Pacific Press, 1948), 9: 260-261.

Por vezes, quando um pequeno grupo de homens, aos quais se acha confiada a direção geral da obra tem procurado, em nome da Associação Geral, exercer planos imprudentes e restringir a obra de Deus, tenho dito que eu não poderia por mais tempo considerar a voz da Associação Geral, representada por esses poucos homens, como a voz de Deus. Mas isso não equivale a dizer que as decisões de uma Associação Geral composta de uma assembléia de homens representativos e devidamente designados, de todas as partes do campo, não deva ser respeitada. Deus ordenou que os representantes de Sua igreja de todas as partes da Terra, quando reunidos numa Associação Geral, devam ter autoridade. O erro que alguns estão em perigo de cometer, é dar à opinião e ao juízo de um homem, ou de um pequeno grupo de homens, a plena medida de autoridade e influência de que Deus revestiu Sua igreja, no juízo e voz da Associação Geral reunida para fazer planos para a prosperidade e progresso de Sua obra. Quando este poder, que Deus colocou na igreja, é entregue inteiramente a um só homem, e ele é revestido da autoridade de servir de critério para outros espíritos, acha-se então mudada a verdadeira ordem da Bíblia. Os esforços de Satanás sobre o espírito de tal homem seriam os mais sutis, e por vezes quase dominantes; pois o inimigo teria a esperança de, por meio do seu espírito, poder influenciar muitos outros. Demos à mais altamente organizada autoridade na igreja aquilo que somos propensos a dar a um único homem ou a um pequeno grupo de homens. *Testimonies*, vol. 9, págs. 260 e 261.

A igreja remanescente, (Tatuí, SP, Casa Publicadora Brasileira, 1995), 67-68.

4

At times, when a small group of men entrusted with the general management of the work have, in the name of the General Conference, sought to carry out unwise plans to restrict God's work, I have said that I could no longer regard the voice of the General Conference, represented by these few men, as the voice of God. But this is not saying that the decisions of a General Conference composed of an assembly of duly appointed, representative men from all parts of the field should not be respected. {LDE 55.4}

God has ordained that the representatives of His church from all parts of the earth, when assembled in a General Conference, shall have authority. The error that some are in danger of committing is in giving to the mind and judgment of one man, or of a small group of men, the full measure of authority and influence that God has invested in His church in the judgment and voice of the General Conference assembled to plan for the prosperity and advancement of His work. - 9T 260, 261 (1909).

Last Day Events (Boise, ID: Pacific Press, 1992), 55-56.

Por vezes, quando um pequeno grupo de homens, aos quais se acha confiada a direção geral da obra tem procurado, em nome da Associação Geral, exercer planos imprudentes e restringir a obra de Deus, tenho dito que eu não poderia por mais tempo considerar a voz da Associação Geral, representada por esses poucos homens, como a voz de Deus. Mas isto não equivale a dizer que as decisões de uma Associação Geral composta de uma Assembléia de homens representativos e devidamente designados, de todas as partes do campo, não deva ser respeitada.

Deus ordenou que os representantes de Sua igreja de todas as partes da Terra, quando reunidos numa Associação Geral, devam ter autoridade. O erro que alguns estão em perigo de cometer, é dar à opinião e ao juízo de um homem, ou de um pequeno grupo de homens, a plena medida de autoridade e influência de que Deus revestiu Sua igreja, no juízo e voz da Associação Geral reunida para fazer planos para a prosperidade e avançamento de Sua obra. Testemunhos Seletos, vol. 3, pág. 408.”

Eventos finais (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005), 55-56.

SMALL GROUPS (1X)

1

And to the church in Los Angeles, over a year ago, when the Lord was mightily stirring the people through the tent meetings in progress, was sent the word: “Let the Los Angeles church have special seasons of prayer daily for the work that is being done. The blessing of the Lord will come to the church members who thus participate in the work, gathering in small groups daily to pray for its success. Thus the believers will obtain grace for themselves, and the work of the Lord will be advanced.

Evangelism (Washington, DC: Review and Herald, 1946, 1970), 111-112.

E à igreja em Los Angeles, mais de um ano atrás, quando o Senhor estava poderosamente despertando o povo mediante as reuniões de tenda que se realizavam, foi-lhe enviada a recomendação: "Tenha a igreja em Los Angeles reuniões especiais de oração, diariamente, em favor do trabalho que está sendo feito. A bênção do Senhor virá sobre os membros da Igreja que assim tomarem parte na obra, reunindo-se em pequenos grupos, cada dia, para orarem pelo seu êxito. Desta sorte os crentes obterão graça e a obra do Senhor progredirá”.

Evangelismo (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 111-112.

ANEXO 2

Tabela de Textos de Ellen G. White sobre Pequenos Grupos

Nº	Livro	Português		Inglês		
		Pág.	Qtde.	Expressão	Qtde.	Expressão
1 ¹	Test. seletos, vol. 3	84-85	2	pequenos grupos	2	small companies
	Beneficência social	107	2	pequenos grupos	2	small companies
	Serviço cristão	72	2	pequenos grupos	2	small companies
	Evangelismo	115	2	pequenos grupos	2	small companies
	Maranata, o Senhor vem	36	1	pequenos grupos	1	small companies
2	Evangelismo	203	1	pequeno grupo	1	little company
3	Evangelismo	278	1	pequeno grupo	1	little company
4	Evangelismo	357-358	1	pequeno grupo	1	little company
5	Evangelismo	376	1	pequeno grupo	1	small company
6	Evangelismo	389	1	grupos pequenos	1	small companies
7	O desejado de todas as nações	818	1	pequenos grupos	1	little knots
	Exaltai-O!	323	1	pequenos grupos	1	little knots
8	Test. seletos, vol. 3	408-409	3	pequeno grupo	3	small group
	Obreiros evangélicos	490	3	pequeno grupo	3	small group
	A igreja remanescente	67-68	3	pequeno grupo	3	small group
	Eventos finais	55-56	2	pequeno grupo	2	small group
9	Serviço cristão	158	1	pequeno grupo	1	little company
	Maranata, o Senhor vem	30	1	pequeno grupo	1	little company
	Maranata, o Senhor vem	211	1	pequeno grupo	1	little company
	A Fé pela qual eu vivo	289	1	pequeno grupo	1	little company
	Eventos finais	256	1	pequeno grupo	1	little company
10	Profetas e reis	605	1	pequeno grupo	1	little company
	Eventos finais	258	1	pequeno grupo	1	little company
	A Fé pela qual eu vivo	311	1	pequeno grupo	1	little company
11	O Desejado de todas as nações	296	1	pequeno grupo	1	little band
12	O Desejado de todas as nações	830	1	pequeno grupo	1	little company
13	O grande conflito	74	1	pequeno grupo	1	little company
14	O grande conflito	610-611	1	pequeno grupo	1	few men

¹ Os livros reunidos no mesmo número referem-se ao mesmo texto original ou com pouca variação.

	Maranata, o senhor vem	29	1	pequeno grupo	1	few men
15	O grande conflito	454	1	pequeno grupo	1	little company
	O grande conflito	618	1	pequeno grupo	1	little company
16	Maranata, o Senhor vem	270	1	pequeno grupo	1	little company
17	O grande conflito	224	1	pequenos grupos	1	little companies
18	Caminho a Cristo	75	1	pequeno grupo	1	little band
	Cons. aos prof., pais e estudantes	158	1	pequenos grupos	1	small companies
19	Orientação da criança	308	1	pequenos grupos	1	small companies
	Cons. aos prof., pais e estudantes	311	1	pequenos grupos	1	small companies
21	Cons. aos prof., pais e estudantes	469	1	pequenos grupos	1	little companies
22	Conselhos sobre Saúde	501	1	pequenos grupos	1	small companies
23	Obreiros evangélicos	407-408	1	pequenos grupos	1	little groups
24	Atos dos apóstolos	155	1	grupos pequenos	1	small companies
25	Atos dos apóstolos	262	1	pequenos grupos	1	little companies
26	Obreiros evangélicos	335-336	1	pequeno grupo	1	few
27	Obreiros evangélicos	138	1	pequeno grupo	1	little company
29	Primeiros escritos	263	2	pequeno grupo	2	little company
30	Testemunhos seletos 2	150	1	pequeno grupo	1	little company
31	Maranata, o Senhor vem	196	1	pequeno grupo	1	little company
32	Beneficência social	94	1	pequenos grupos	1	little companies
33	Cons. sobre educação	168-169	1	pequenos grupos	1	small companies
34	Mens. escolhidas, vol. 3	262-263	1	pequeno grupo	1	little company
	Test. seletos, vol. 3	371	1	grupos pequenos	1	little companies
35	Beneficência social	133	1	grupos pequenos	1	little companies
36	Este dia com Deus	155	1	pequeno grupo	1	small company
37	E recebereis poder	149	1	pequenos grupos	1	small companies
38	Test. para a Igreja, vol. 7	21-22	2	pequenos grupos	2	small companies
39	Test. para a Igreja, vol. 7	195	1	pequenos grupos	1	small companies
40	Evangelismo	111-112	1	pequenos grupos	1	small groups
	Total		70		70	

Ocorrências

Em Português	
1. Grupos pequenos	4
2. Pequeno grupo	40
3. Pequenos grupos	26
Total	70

Em Inglês	
1. Few	1
2. Few men	2
3. Little band	2
4. Little companies	6
5. Little company	22
6. Little groups	1
7. Little knots	2
8. Small companies	20
9. Small company	2
10. Small group	11
11. Small Groups	1
Total	70

BIBLIOGRAFIA

- Abdala, Emílio. "Os pequenos grupos na história do cristianismo". Em *Pequenos grupos grandes soluções*, ed. Milton Torres, 29-41. Guarulhos, SP: ABU, 2007.
- Acampamento da Missão Brasil Central. "Programa do Retiro Espiritual Coinonias". 03 a 06 de novembro de 1977.
- Alexander of Alexandria *Alexander, Bishop Alexandria*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 6:485-510. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Alexander of Lycopolis *Alexander, Bishop of Lycopolis*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 6:411-435. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- The American Heritage Dictionary of the English Language*. New York: American Heritage, 1970. Ver "Company".
- Anatolius *Anatolius and Minor Writers*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 6:246-298. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- The Apocalypse of Peter, Visio Pauli, Apocalypse of Maria Virgo, Apocalypse Sedrach*. The Anti-Nicene Fathers, ed. Allan Menzies, 9:270-316. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Apocrypha of the New Testament*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 8:621-1008. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005.
- Apolinário, Pedro. *Melhore sua linguagem*. São Paulo: IAE, 1975.
- Archelaus *Archelaus*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 6:299-410. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Archer, Gleason Jr e Bruce K. Waltke. "Habar". *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. Ed. Laird Harris. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1:420-421.
- Archer, Gleason Jr. *A Survey of Old Testament Introduction*. Chicago, IL: Moody Press, 1998.
- Aristides *The Apology of the Aristides the Philosopher*. The Anti-Nicene Fathers, ed. Allan Menzies, 9:420-445. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.

- Arndt, William F., e F. Wilbur Gingrich. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1979. 791.
- Arnobius *Arnobius*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 6:678-951. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Arnold, Jeffrey. *Pequenos grupos: Sua missão na igreja e na comunidade*. Arapongas, PR: Editora Aleluia, 2000.
- _____. *Starting Small Groups: Building Communities That Matter*. Nashville, TE: Abingdon Press, 1997.
- _____. *The Big Book on Small Groups*. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 1992.
- Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. org. Nisto cremos: as 28 doutrinas fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- Asterius Urbanus *The Extant Writings of Asterius Urbanus*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 7:506-512. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Athenagoras *Writings of Athenagoras*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 2:197-259. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Atkerson, Steve. ed. *Ekklesia, To the Roots of the Biblical House Church Life*. Atlanta, GA: New Testament Restoration Foundation, 2003.
- Azevedo, Marcelo. *Comunidades eclesiais de base e inculturação da fé*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- _____. "Comunidades eclesiais de base". Ed. D. tese, Faculdade de Missiologia da Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, ITA, 1985.
- Banks, Robert e Julia Banks. *The Church Comes Home*. Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 1998.
- Banks, Robert. *Paul's Idea of Community: the Early House Churches and Their Historical Setting*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1980.
- Barbaglio, Giuseppe. *As cartas de Paulo*. São Paulo: Loyola, 1991.
- Barbé, Domingos, e Emmanuel Retumba. *Retrato de uma comunidade de base – prática e teologia da comunidade de base*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.
- Barbosa, Glêydson C. "Pensadores Adventistas Contemporâneos e a Estrutura de Pequenos Grupos". Em *Pequenos grupos grandes soluções*, ed. Milton Torres, 77. Guarulhos, SP: Parma, 2007.

- Barbosa, José M. Diretor de Desenvolvimento Espiritual do UNASP, Engenheiro Coelho, SP. Entrevista em 22 de junho de 2009.
- Barclay, William. *The Letter to the Romans*. Philadelphia, PA: The Westminster Press, 1955. 228.
- Barnabas *The Epistle of Barnabas*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 1:208-236. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001.
- Barreto, Álvaro. "Raízes da Consciência Eclesial das CEBS". *Convergência* 17/158 (1982): 602-609.
- Barrett, Lois. *Building the House Church*. Scottsdale, PA: Herald Press, 1986.
- Bartley, James. *Juan, Comentario Bíblico Mundo Hispano*, vol.17. El Paso, TX: Editorial Mundo Hispano, 2004. 354.
- Bate, John. *Objections to the Methodist Class Meeting Answered: A Book for the Hearers and Members*. London: Hamilton, Adams & Co., 1866.
- Beckham, William A. *A segunda reforma: A igreja do novo testamento no século XXI*. Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 2007.
- Benedicto, Marcos De, e Abigail R. Liedk. *Questões sobre doutrina*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.
- Bernard, J. H. *The Prayer of Jesus for All Future Disciples. A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. John. Vol. 2*. New York: C. Scribner' Sons, 1929. 576-578.
- Bezerra, Rubem R. "Um Estudo Resumido de Plano das Unidades Evangelizadoras e sua Funcionalidade na Escola Sabatina Atual". Uma dissertação para o "Mestrado em Teologia" Seminário Adventista Latino-Americano de teologia, fevereiro de 1984.
- Bíblia Sagrada*, rev. e atual. 2ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- Bíblia Sagrada, Almeida Revista e Atualizada - com números de Strong* (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005).
- Bilezikian, Gilbert. *Community 101: Reclaiming the Local Church as Community of Oneness*. Grand Rapids. MI: Zondervan Publishing house, 1997.
- Birkey, Del. "The House Church: A Missiological Model". *Missiology: An International Review* 19, nº 1 (1991): 69-80.
- Blum, Edwin A. John. *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*. Vol. 2. Wheaton, IL: Victor Books, 1985. 333.

- Boff, Leonardo. "Comunidades eclesiais de base e teologia da libertação". *Convergência* 14/145 (1981): 430-441.
- _____. "Comunidades eclesiais de base y teología de la liberación". *Puebla* n. 11-12 (s.d):767-777.
- Borland, James A. *Exodus*. KJV Bible Commentary. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1997. 13.
- Bowie, Walter R. "Exposition of the Book of Genesis", *Interpreter's Bible*. New York: Abingdon, 1952. 1:508-509.
- Boyer, Orlando. *Heróis da Fé: Vinte homens extraordinários que incendiaram o mundo*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1985.
- Brown, David. *The Gospel According to John*. A Commentary, Critical and Explanatory, on the Old and New Testaments. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, 1997. S. Jo 17:21.
- Bruce, Frederic F. *The Epistles to the Ephesians and Colossians*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1957.
- _____. *The Epistles of John*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970.
- Bruneau, T. *Catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Edições Loyola, 1974.
- Bunton, Peter. *Cell Groups and House Churches: What History Teaches Us?* Ephrata, PA: House to House, 2001.
- Burkett, Bill. *Pentecostais ou carismático? Um chamado ao verdadeiro pentecostes*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1999.
- Burlandy, Jorge L. Pastor jubilado, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista em 02 de julho de 2007.
- Burrill, Russell. *Como reavivar a igreja no século 21*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- _____. *Revolução na igreja: Com o incrível poder do ministério leigo*. Almargem do Bispo, Portugal: Publicadora Atlântico S.A., 1999.
- Cáceres, Florival. *História da América*. São Paulo: Editora Moderna, 1992.
- Caius Caius, *Presbyter of Rome*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 5:1058-1067. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Calvin, John. *Calvin's Commentaries*. Electronic ed. Garland, TX: Galaxie Software, 2000. S. Jo 17:20.

- Caramuru, R. B. *Comunidade eclesial de base: uma opção pastoral decisiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1967.
- Carneiro, Marcelo. "Em Nome do Marketing". *Veja on-line*, 29 de setembro de 2004.
- Carson, D. A. *The Gospel According to John Carson*. Leicester, England: Intervarsity, 1991.
- Carvalho, Celso. "Fermento para as Igrejas". *Igreja*, maio-junho de 2009, 42-44.
- Casali, Víctor. *História de las doctrinas adventistas*. São Paulo: Seminário Adventista Latinoamericano de Teologia, 1991.
- Castellanos, César. *Sonha e Ganharás o Mundo*. São Paulo: Palavra da Fé Produções, 1999.
- Cavalcanti, Helder R. Presidente da União Centro-Oeste Brasileira, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista em 23 de setembro de 2008.
- _____. Presidente da União Centro-Oeste Brasileira, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista em 24 de setembro de 2008.
- _____. Presidente da União Centro-Oeste Brasileira, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista em 27 de junho de 2009.
- _____. Presidente da União Nordeste Brasileira, Aracaju, Sergipe. Entrevista em setembro de 1996.
- Cerna, Miguel A. *El poder de los grupos pequeños en la iglesia*. Newbury Park, CA: Publicaciones El Camino, 1991.
- César, Sesóstri. Declaração feita na Reunião de Congregação do UNASP-EC. Universidade Adventista de SP. 21 de setembro de 2008.
- Chaves, Jolivê. Departamental de Ministério Pessoal da Divisão Sul-Americana, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista em 04 de agosto de 2009.
- Cho, Paul Y. *A quarta dimensão*. São Paulo: Vida, 1991.
- _____. *O Espírito Santo, meu companheiro: conheça melhor o Espírito Santo e seus dons*. Brasil: Vida, 1999.
- _____. *Grupos familiares e o crescimento da igreja*. Belo Horizonte, MG: Editora Vida, 1995.
- _____. *Muito mais do que números*. Venda Nova, MG: Editora Vida, 1986.
- _____. *Oração – a chave do avivamento*. Belo Horizonte, MG: Betânia, 1986.

“Church ... in their house” [1Co 16:19]. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Ed. Francis D. Nichol. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976. 6:817.

Church School Manual: for Parents and Teachers. California, CA: Pacific Press, 1906.

Clement *The Epistles of Clement*. The Anti-Nicene Fathers, ed. Allan Menzies, 9:364-419. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.

Clement of Alexandria *Clement of Alexandria*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 2:260-1005. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.

Clement of Rome *The First Epistle of Clement to the Corinthians*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 1:5-42. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001.

“Coats of skins” [Gn 3:21]. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Ed. Francis D. Nichol. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976. 1:235.

Coelho, Mábio. Empresário e estudante de teologia, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista em 15 de julho de 2009.

Coleman, Lyman. *Manual Serendipity para treinamento de pequenos grupos*. São Paulo: Editora Sepal, 1996.

Collins Essential English Dictionary. Glasgow: HarperCollins, 2006. Ver “band”.

Commodianus *Instructions of Commodianus in Favor of Christianity Discipline against the Gods of the Heathens*. The Anti-Nicene Fathers, [ed. Allan Menzies], 4:369-402. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006.

Comiskey, Joel. “A Cell-Based Ministry: A Positive Factor Church Growth in Latin America”. Ph. D. tese, Fuller Theological Seminary, Pasadena, California, 1997.

_____. *Crescimento explosivo da igreja em células: Como o seu pequeno grupo pode crescer e se multiplicar*. Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 1997.

_____. *O grupo pequeno cheio do Espírito*. Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 2008.

_____. *Reuniões atraentes: Como conduzir encontros de grupos pequenos/células que motivem o retorno das pessoas*. Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 2008.

“Conference of Adventist at New York, Commencing May 6th, 1845”. *Advent Herald*, 21 de maio de 1845, 118.

The Constitutions of the Holy Apostles. The Anti-Nicene Fathers, ed. James Donaldson, 7:573-763. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.

- Costa, Miguel P., José Umberto Moura, e Osmar Reis. eds. *Preparo para a chuva serôdia*. São Paulo: Ministério Pessoal UNeB, 1997.
- _____. *Preparo para testemunhar*. São Paulo: Ministério Pessoal UNeB, 1997.
- Coutinho, Lila. "Lila Coutinho". *Em Encontros com Deus*, ed. Valéria Martins, 50. Rio de Janeiro: Mauad, 1997.
- Cox, David. *Pense em grande. Pense em grupos pequenos*. Almargem do Bispo, Portugal: Publicadora Atlântico S.A., 2000.
- Cranfield, C.E.B. *Conclusion to the Epistle*. A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of the Roman, Vol. 2. London, New York: T&T Clark International, 2004. 2:786.
- Cruz, Valberto, e Fabiana Ramos. *Pequenos grupos para a igreja crescer integralmente*. Viçosa, MG: Ultmato, 2007.
- Cunha, Antônio G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 198.
- Curtis, Kenneth, Stephen Lang, e Randy Petersen. *Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo*. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- Cyprian *Cyprian*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 5:472-1057. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- D'Aubigné, J. H. Merle. *História da reforma do século XVI*. 6 vols. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1962.
- Dean, William W. "Disciplined fellowship: The Rise and Decline of Cell Groups in British Methodism". Ph. D. tese, Graduate College of The University of Iowa, Iowa City, Iowa, 1985.
- Departamento da Escola Sabatina. *Auxiliar do programa para o jardim da infância*. Santo André, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1966.
- Departamento da Escola Sabatina da Associação Geral. *Educando professores: lições para os professores da escola sabatina*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1952.
- Departamento de Educação da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. *Princípios de vida da Palavra de Deus*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1968.
- Derksen, Kenneth. "The Collegium Pietatis as a Model for Home Bible Study Groups". *Crux XXII*, n° 4 (1986):17.

- Dionysius *Dionysius, Bishop of Alexandria*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 6:131-213. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- _____. *Dionysius, Bishop of Rome*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 7:546-551. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Divisão Sul-Americana, Brasília, DF. "Ata da Comissão Diretiva Plenária da Divisão Sul-Americana". 03 a 06 de maio de 2004.
- _____. Brasília, DF. "Proposta do II Fórum de Pequenos Grupos da DSA, Aprofundando a Caminhada". 02-05 de novembro de 2008.
- _____. Brasília, DF. "Ata da Comissão Diretiva Plenária da Divisão Sul-Americana". 03 a 06 de maio de 2004.
- _____. Centro de Vida Saudável, Engenheiro Coelho, SP. "Documento de Pequenos Grupos da DSA". Maio de 2007.
- _____. Foz do Iguaçu, PR. "Recomendações do Departamento dos Ministérios Pessoais para o Concílio Quinquenal da Divisão Sul-Americana". 30 de outubro a 09 de novembro de 2005.
- Donahue, Bill, e Russ Robinson. *Edificando uma igreja de grupos pequenos*. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- Dossmann, Craig A. "Home Cells: A New Testament Model for Church Growth". Min. D. tese, Faculty of the School of Theology, Claremont, California, 1995.
- Douglas, Herbert E. *Mensageira do Senhor*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002.
- Dunn, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- _____. *Romans*. Word Biblical Commentary. Dallas, TX: Word Publishing, 1992. 893.
- Dupertuis, Atilio R. *De Egípto a Canaán: El evangelio em El éxodo*. Berrien Springs, MI: Pioneer Publications, 1995.
- Duwel, Wesley L. *Revival Fire*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1995.
- Early Liturgies*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 7:785-864. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Edilson, José. Departamental de Ministério Pessoal da Associação Paulista Leste, São Paulo. Entrevista por telefone em 08 de junho de 2009.
- Eichler, J. "Comunhão, Ter, Repartir, Participar". *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Eds. Colin Brown e Lothar Coenen. São Paulo: Vida Nova, 2000. 1:373-375.

Encyclopaedia Britannica in 30 vols. Ed. William Barton. Chicago, IL: *Encyclopaedia Britannica*, 1974. Ver “Company”.

“The Epistle of Paul the Apostle to the Romans” [Romans 16:5]. *The Believer's Study Bible*. Ed. W. A. Criswell. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1997. 16:5.

Epistle to Gregory and Origin's Commentary of the Gospel of John. The Anti-Nicene Fathers, ed. Allan Menzies, 9:449-639. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.

“El éxodo” [12:1–51]. *Comentario Bíblico Mundo Hispano Éxodo*. Eds. Daniel Carro, José Tomás Poe e Rubén O. Zorzoli. El Paso, TX: Editorial Mundo Hispano, 1997. 2:114-126.

Falcão, Delman. Ancião da igreja central de Aracaju, Aracaju, Sergipe. Entrevista por telefone em 05 de janeiro 2009.

Faraco & Moura. *Gramática*. São Paulo: Ática, 2004.

Fausset, A. R. *The Epistle of Paul to Philemon*. A Commentary, Critical and Explanatory, on the Old and New Testaments. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997. Fm 2.

_____. *The First Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians*. A Commentary, Critical and Explanatory on the Old and New Testaments. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997. 1Co 16:19.

Faw, Chalmer E. “Acts”. *Believers Church Bible Commentary*. Scottsdale, PA: Herald Press, 1993. 41.

Federação Paulista Central, Campinas. “Ata da Sessão Ordinária da Comissão Executiva”. 25 de setembro de 1989.

_____. I Assembléia Geral Ordinária, Campinas. “Relatório de Grupos Familiares”. 04-05 de dezembro de 1991.

_____. II Assembléia Denominacional Ordinária, Campinas. “Relatório dos Jovens Adventista e Desbravadores e ADRA”. 07-09 de novembro de 1994.

_____. II Assembléia Geral Ordinária, Campinas. “Relatório da Comissão de Nomeações”. 04-05 de dezembro de 1991.

Filson, Floyd V. “The Significance of the Early House Churches”. *Journal of Biblical Literature* 58 (1939):109–112.

Fink, Peter E. “Traditions, Liturgical, in the West: Pre-Reformation”. *Em The New Dictionary of Sacramental*. Ed. Peter E. Fink. Collegeville, MN: Liturgical Press, 1990. 1282–1293.

Fiorim, José L. *As astúcias de enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.

- Fonseca, Almir A., Rubem M. Scheffel e Abigail Liedk. *Estudos bíblicos – doutrinas fundamentais das Escrituras Sagradas*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- Friberg, Timothy, Barbara Friberg e Neva F. Miller. “Κoinwνία”. *Analytical Lexicon of the Greek New Testament*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000. 233.
- Funderburk, G. B. “Communion”, *The Zondervan Encyclopedia of the Bible*. Ed Merrill C. Tenney. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1975. 1:928.
- Galindo, Álvaro. Chefe dos diáconos da Igreja Adventista do UNASP, Engenheiro Coelho, SP. Entrevista em 22 de junho de 2009.
- Gama, Cícero. Diretor de Pequenos Grupos na União Centro-Oeste Brasileira, Engenheiro Coelho, SP. Entrevista por telefone em 22 de setembro de 2009.
- _____. Diretor de Ministério Pessoal da União Centro-Oeste Brasileira da IASD. Engenheiro Coelho, SP. Entrevista via internet em 18 de agosto de 2009.
- Geisler, Norman L. *Colossians*. The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures. Vol.2. Wheaton, IL: Victor Books, 1983-c1985. 685.
- George, Carl F. *Preparing Your Church for the Future*. Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 2001.
- _____. *Nine Keys to Effective Small Groups Leadership*. Mansfield, TX: Kingdom, 1997.
- _____. *The Coming Church Revolution*. Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1994.
- Gilbrant, Thoralf, e Tor Inge Gilbrant. “Κoinwνία”. *The New Testament Greek-English Dictionary*. Springfield, MO: Zeta-Kappa, 1986. 367-368.
- Goetzmann, J. “House”, *The New International Dictionary of the New Testament*. Ed. Colin Brown. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1975. 2:250.
- _____. “Οἶκος”, *O Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1981. 1:365-368.
- Gonçalves, Otimar. “Força Jovem no Pequeno Grupo”. *Revista do Ancião*, julho-setembro de 2009, 28.
- González, Justo L. *Historia Del Cristianismo*. 2 vols. Miami, FL: Editorial Unilit, 2003.
- Gorman, Julie. *Community that is Christian*. Colorado Springs, CO: Chariot Victor, 1993.
- The Gospel of Peter*. The Anti-Nicene Fathers, ed. Allan Menzies, 9:4-27. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.

- Gregory Thaumaturgus *Gregory Thaumaturgus*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 6:6-130. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Guimarães, Almir R. *Comunidades de base no Brasil: uma nova maneira de ser da Igreja*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.
- Guimarães, Emmanuel. Secretário Geral da Associação Paulista Central, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista via internet em 03 de setembro de 2009.
- Habenicht, Donna, e Anne Bell. *Como ensinar as crianças na escola sabatina*. Tatuí - SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992.
- Handbook of Seventh-Day Adventist Theology*. Ed. Raoul Dederen. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000.
- Hanz, J. "Κοινωνία". *Exegetical Dictionary of the New Testament*. Eds. Horst Robert Balz e Gerhard Schneider. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990-c1993. 2:303.
- Harris, R. Laird, Gleason L. Archer, Jr. e Bruce K. Waltke. "ἄγιος", *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998. 65-66.
- Harris, William J. *Our Priceless Primaries*. Nampa, ID: Pacific Press, 1970.
- Hekler, Evaldo, Sebald Back e Egon Massing. "Éden", *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. São Leopoldo, RS: Unisinos, 1985. 1542-1543.
- Henderson, Michael D. *John Wesley's Class Meeting*. Neppanee, IN: Evangel Publishing House, 1997.
- Henderson, William W. D. "Disciplined Fellowship: The Rise and Decline of Cell Groups in British Methodism". Ed. D. tese, University of Iowa, Iowa City, Iowa, 1985.
- Hendriksen, William, e Simon J. Kistemaker. *The Gospel According to John*, New Testament Commentary: Exposition of the Gospel According to John. Vol. 2. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2001. 49.
- Hendriksen, William. *New Testament Commentary: Exposition of the Gospel According to John*. Vol.1. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 2001. 168-169.
- Henry, Matthew. *Éxodo*. Comentario de la Biblia Matthew Henry En Un Tomo. Miami, FL: Editorial Unilit, 2003. 84.
- _____. *Juan*. Comentario de la Biblia Matthew Henry En Un Tomo. Miami, FL: Editorial Unilit, 2003. 831.
- _____. *Pentateuco: Comentario exegético-devocional a toda a Bíblia*. Barcelona: CLIE, 1983. 32-34.

- _____. *The Epistle of St. Paul to Philemon*. Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible: Complete and Unabridged in One Volume. Peabody, FL: Hendrickson, 1996. Ph 2.
- _____. *The First Epistle of St. Paul to the Corinthians*. Matthew Henry's Commentary on the Whole Bible: Complete and Unabridged in One Volume. Peabody, FL: Hendrickson, 1996. 1Co 16:19.
- Hermas *The Pastor of Hermas*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 2:1-95. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Hestenes, Roberta. *Using the Bible in Groups*. Philadelphia, PA: Westminster Press, 1983.
- Hippolytus *Hippolytus*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 5:5-471. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Hodge, Charles. *1 Corinthians*. The Crossway Classic Commentaries. Wheaton, IL: Crossway Books, 1995. 1Co 10:18.
- Horn, Sigfried H. "Home". *The Seventh-day Adventist Bible Dictionary*. Vol 8. Ed. Francis D. Nichol. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1979. 505.
- Howell, Ema E. *O grande movimento adventista*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1940.
- Hughes, Thomas. *The Condition of Membership of Christian Church, Viewed in Connexion with the Class-Meeting System in the Methodist Body*. London: Hodder and Stroughton, 1873.
- Hunter III, George G. *To Spread the Power: Church Growth in the Wesleyan Spirit*. Nashville, TE: Abingdon Press, 1987.
- Icenogle, Gareth W. "Biblical, Theological and Integrative Foundations for small groups ministry". Min. D. tese, Fuller Theological Seminary, Pasadena, California, 1990.
- _____. *Biblical Foundation for Small Group Ministry: An Integrational Approach*. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 1994.
- "If the household" [Êx 12:4]. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Ed. Francis D. Nichol. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976. 1:550.
- Ignatius *The Epistle of the Ephesians Shorter and Longer Version*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 1:76-207. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001.
- "In their house" [Rm 16:5]. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Ed. Francis D. Nichol. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976. 6:652.

"It shall bruise thy head" [Gn 3:15]. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Ed. Francis D. Nichol. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976. 1:233.

Ireaneus *against Heresies*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 1:508-955. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001.

_____. *Fragments from the Lost Writings of Ireaneus*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 1:955-979. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001.

Jamieson, Robert. *A Commentary, Critical and Explanatory, on the Old and New Testaments*. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997. Gn 3:15.

Jenks, Alan W. "Eating and Drinking in the Old Testament", *The Anchor Bible Dictionary*. Ed. David Noel Freedman. New York: Doubleday, 1996. 2:250-252.

Johnson, Kurt W. *Pequenos grupos para o tempo do fim*. [Brasília, DF]: Departamento de Ministério Pessoal da Divisão Sul-Americana da IASD, 2000.

_____. *Small Group Outreach*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1991.

Josefos, Flávio. *História dos hebreus: obra completa*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1992.

Julius Africanus *Julius Africanus*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 6:214-245. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.

Justin Marthyr *The First Apology of Justin*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 1:244-507. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001.

Kennedy, Darin. "A Theology of Small Groups". *Restoration Quarterly* 38 (1996): 175.

Kistemaker, Simon J, e William Hendriksen. *New Testament Commentary: Exposition of the Acts of the Apostles*. Vol. 17. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1990. 49.

Knight, George. *Millennial Fever*. Nampa, ID: Pacific Press Publisher Association, 1993.

Knowles, Andrew. *The Bible Guide*. Minneapolis, MN : Augsburg, 2001.

Köhler, Erton. "Completem a Obra." Sermão no II Fórum de Pequenos Grupos. Brasília, DF, 05 de novembro de 2008.

Kornfield, David. *Começando grupos familiares pastorais: vivenciando a igreja em pequeno grupo*. São Paulo: Sepal, 2001.

Kuiper, B. K. *The Church in History*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1978.

Lactantius *Lactantius*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 7:5-501. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.

Ladd, George E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2002.

"A Lamb" [Ex 12:3]. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Ed. Francis D. Nichol. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976. 1:550.

Latham, Jane H. "In Search of the True Church: An Examination of the Significance of Small Groups Within Early Anabaptism and Pietism". M.A. tese, Acadia University, Wolfville, NS, 1992.

Latourette, Kenneth S. *A history of the Christianity*. 2 vols. New York: Harper and Row Publishers. 1975.

Lay, Robert M, e Hélio R. Nichele. ed. *Manual do auxiliar de célula*. Curitiba, PR: Ministério Igreja em Célula, 1998.

_____. *Manual do líder de células*. Houston, TX: Touch Publications, 1998.

Lay, Robert. Líder do ministério Igreja em Células. Curitiba, PR. Entrevista em 24 de junho de 2009.

Lehoux, Walter, e Viviana Lehoux. *Em las manos de uno que no falla*. Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana, 2008.

"Let us make man" [Gn 1:26]. *Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Ed. Francis D. Nichol. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1979. 1:215-216.

Libânio, João B. "Experiences with Base Communities in Brazil". *Missiology, An International Review* 8/3 (1980): 320-338.

"Líder MV Sul-Americano Fala Sobre 'Koinonias'". *Revista Adventista*, agosto de 1977, 22.

Lightfoot, Joseph B. *Saint Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon*. Classic Commentaries on the Greek New Testament. London and New York: Macmillan and co., 1886. 241.

Lima, Neumar. Professor da Faculdade Adventista de Letras, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista em 28 de setembro de 2007.

Lowe, Harry W. *Evangelism in the Sabbath School*. Washington, D.C.: Review and Herald, 1948.

_____. *Manual para professor da escola sabatina*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

Lukaszewski, Albert L. "1 Corinthians". *The Lexham Syntactic Greek New Testament: Expansions and Annotations*. Electronic ed. Logos Research Systems, Inc., 2006. I Corinthians 16:19.

- _____. "Romans". *The Lexham Syntactic Greek New Testament: Expansions and Annotations*. Electronic ed. Logos Research Systems, Inc., 2006. Rm 16:5.
- Luther, Martin. Luther's work. 55 vols. Ed. Ulrich Leupold. Philadelphia: Fortress Press. 1965.
- MacArthur, John. *1 Corinthians*. The MacArthur New Testament Commentary. Chicago: Moody Press, 1996. 266.
- MacDonald, William. *The Gospel According to John*, Believer's Bible Commentary: Old and New Testaments. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1997. S. Jo 17:21.
- Mallison, John. *Growing Christians in Small Groups*. London: Scripture Union, 1989.
- Marins, J. "Comunidades Eclesiais de Base na América Latina". *Concilium* 104 (1975/4): 406-409.
- Martin, Ernest. *Believers Church Bible Commentary: Colossians, Philemon*. Scottsdale, PA: Herald Press, 1993. 297.
- Mathetes The *Epistle of Mathetes to the Diognetus*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 1:43-54. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001.
- Maxwel, C. Mervyn. *Tell It to the World*. Mountain View, CA: Pacific Press Publisher Association, 1976.
- McGavran, Donald A. *Understanding Church Growth*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1970.
- McKenzie, Roderick. "Κοινωνία", *A Greek-English Lexicon*. Oxford, New York: Clarendon Press, Oxford University Press, 1996. 970.
- Mello, Leone I. A., e Luís A. Costa. *História moderna e contemporânea*. São Paulo: Scipione, 1993.
- Melo, Luís. "Noticiário". *Revista Adventista*, dezembro de 1977, 28.
- Melo, Oder. Pastor jubilado, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista em 05 de julho de 2007.
- Memoirs of Edessa and Others Ancient Syriac Documents*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 8:1078-1234. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005.
- Menezes, Élbio. Secretário da Associação Bahia Sul, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista por telefone com 04 de agosto de 2009.
- Mesquita, Wagne. "Organizando a Escola Sabatina na Igreja Local". *Enriquecendo a Escola Sabatina*, 2008, 9-10.

- Methodius *Methodius*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 6:511-677. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Metzger, Bruce M. *A Textual Commentary on the Greek New Testament*. London and New York: United Bible Societies, 1975. 278-79.
- Michel, Otto. "Οἶκος". *Theological Dictionary of the New Testament*. Eds. Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1985. 5:119-130.
- Minucius Felix *The Otavius of Minucius Felix*. The Anti-Nicene Fathers, [ed. Allan Menzies, 4:321-368]. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006.
- Mota, Carlos G. *História moderna e contemporânea*. São Paulo: Editora Moderna, 1988.
- Moura, José U. "El éxito de los grupos pequeños". *Ministerio Adventista*, Marzo-Abril, 2004, 28.
- _____. *Evangelismo Integrado: Pequenos Grupos - Evangelismo - Escola Sabatina*. Aracaju, SE: Missão Sergipe Alagoas, 2003.
- _____. "Evangelismo Integrado". *Revista Ministério*, julho-agosto de 2008, 14-15.
- _____. "Evangelismo Público e os Pequenos Grupos". *Revista do Evangelista*, 2004, 36-38.
- _____. *Manual para implantação e desenvolvimento de pequenos grupos*. São Paulo: Editora Sobretudo, 1995.
- _____. *Preparo para a chuva serôdia*. Rio de Janeiro: Golden Cross, 1989.
- _____. *Preparo para testemunhar em pequenos grupos*. São Paulo: Editora Sobretudo, 1995.
- _____. *Preparo para testemunhar*. São Paulo: Sobretudo, 1995.
- _____. "Programa Básico Unificado". Documento não publicado. São Paulo. 1993.
- _____. "O Sucesso dos Pequenos Grupos". *Revista Ministério*, novembro/dezembro de 2003, 23.
- _____. "Sucesso Garantido". *Revista Ministério*, maio/junho de 1999, 24.
- Neighbour, Jr., e Ralph W. *Where do We Go From Here? A Guide Book for the Cell Group Church*. Houston, Texas: Touch Publications, 2000.
- Neighbour, Randal. *The Naked Truth about Small Group Ministry TOUCH*. Houston, Texas: Touch Publications, 2009.

- _____. *Manual do líder de célula: Fundamentação espiritual e prática para líderes de células*. Curitiba, PR: Ministério Igreja em células, 1995.
- Newman, Barclay M. "Κοινωνία". *Concise Greek-English Dictionary of the New Testament*. Ed. Barclay M. Newman, Jr. Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, United Bible Societies, 1993. 101.
- Newton, John A. *Susanna Wesley and the Puritan Tradition in Methodism*. London: Epworth Press, 1968.
- Nichol, Francis D. *Respostas e objeções – uma defesa bíblica da doutrina adventista*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- Nogueira, Paulo. Pastor distrital, Jundiaí, São Paulo. Entrevista em 28 de maio de 2009.
- Novatian a *Roman Presbyter*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 5:1068-1139. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Nowen, Henri. *Tudo se fez novo: Um convite à vida espiritual*. Brasília, DF: Editora Palavra, 2007.
- "Nymphas" [Cl 4:15]. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Ed. Francis D. Nichol. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976. 7:218.
- "O Desafio das Koinonias". *Revista Adventista*, abril de 1984, 27.
- O'Brien, Peter T. *Colossians*. Word Biblical Commentary. Vol 44. Waco, TX: Word Books, 1982. 256-257.
- _____. *Philemon*. Word Biblical Commentary. Waco, TX: Word Books, 1982. 273.
- Oyen, A. B. "Sixteenth Session of the General Conference of S. D. Adventist". *Review and Herald*, vol. 50, nº 14, 04 de outubro de 1877, 106.
- Oliveira, Arilton. "Pequeno Grupo Não é Programa da Igreja; é o Estilo de Vida Ideal do Cristão". Em *Pequenos grupos teoria e prática*, org. Heron Santana, 62-73. Brasília, DF: Confederação das Uniões Brasileiras da IASD, 2008.
- Oliveira, Jorge M. *O diretor e a funcionalidade na escola sabatina da igreja local*. Engenheiro Coelho, SP: UNASP - Centro Universitário Adventista de São Paulo, 1991.
- Origin's Commentary of the Gospel of Mathew*. The Anti-Nicene Fathers, ed. Allan Menzies, 9:640-818. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Origin Works of Origin*. The Anti-Nicene Fathers, [ed. Allan Menzies], 4:403-1187. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006.
- Otaviano, Sergio. Pastor jubilado, São Paulo, SP. Entrevista em 1º de junho de 2009.

- Page, Thomas E. *The Acts of the Apostles*. London: Macmillan, 1886.
- Papias *Fragments of Papias*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 1:237-243. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001.
- The Passion of the Scillitan Martyrs*. The Anti-Nicene Fathers, ed. Allan Menzies, 9:446-448. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Patterson, Lloyd G. "Sources, Early Liturgical." *Em The New Dictionary of Sacramental*. Ed. Peter E. Fink. Collegeville, MN: Liturgical Press, 1990. 1201–1213.
- _____. "Traditions, Liturgical, in the East". *Em The New Dictionary of Sacramental*. Ed. Peter E. Fink. Collegeville, MN: Liturgical Press, 1990. 1255–1272.
- Payne, Laveta M. *Called to Teach a Sabbath School Class*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1969.
- Peck, M. Scott. *The Different Drum*. New York: Simeon and Schuster, 1987.
- "Pequenos grupos – caminho para o êxito". *Revista Adventista*, outubro de 1990, 41.
- Pereira, Eufrázio. Pastor Distrital de Jardim São Judas Tadeu, São Paulo. Entrevista em 08 de setembro de 2009.
- Pereyra, Roberto. *Preparacion del obrero voluntario*. Seminário Adventista Latinoamericano de Teologia, 1988.
- Peter of Alexandria *Peter Bishop of Alexandria*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 6:436-484. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Pfandl, Gerhard. "O Dom Profético". *Lição da Escola Sabatina*, janeiro-março de 2009, 77.
- Philips, Thomas. "The Welsh Revival: Its Origin and Development". London: James Nosbet and CO, 1958.
- Pinho, Gilson A. *Edificando pequenos grupos em uma igreja com propósitos*. Rio de Janeiro: MK Editora, 1995.
- Plenc, Daniel O. *El culto que agrada a Dios*. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2007.
- Plueddemann, Jim e Carol Plueddemann. *Pilgrim in Progress*. Wheaton, IL: Harold Shaw Publishers, 1990.
- Plummer, L. Flora. *O professor ideal da escola sabatina*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, s/d.
- Polycarp *The Epistle of Polycarp to the Philippians*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 1:55-75. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2001.

“Programação Semanal”. *Enriquecendo a Escola Sabatina*. Documento não publicado. 2007.

Pseud-Clementine Literature. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 8:104-620. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005.

Queiroga, Gervásio F. *CNBB - comunhão e co-responsabilidade*. São Paulo: Edições Paulinas, 1977.

Reis, Osmar. Pastor jubilado, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista em 02 de julho de 2007.

_____. Pastor jubilado, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista em 04 de julho de 2007.

_____. Pastor jubilado, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista por telefone em 22 de junho de 2009.

Remains of the Second and Third Centuries. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 8:1235-1302. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005.

Retiro de Koinonia do Distrito de Pinheiros, “Programa do Acampamento Monte das Oliveiras”. 14 a 16 de dezembro de 1984.

Richards, Lawrence O. *The Bible Readers Companion*. Wheaton, IL: Victor Books, 1991.

Robert, Webber. ed. *Twenty Centuries of Christian Worship*. 2 vols. Nashville, TN: Star Song Pub. Group, 1994.

Rocha, José M. Professor do Seminário Latino-Americano de teologia, Engenheiro Coelho. Entrevista em 28 de maio de 2009.

Rode, Isabel, e Daniel Rode. *Crescimento: chaves para revolucionar sua igreja*. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2007.

Rojas, Adolfo T. Pastor Distrital de Cidade Dutra, São Paulo. Entrevista em 08 de setembro de 2009.

Roop, Eugene F. *Genesis*. Believers Church Bible Commentary. Scottdale, PA: Herald Press, 1987. 29.

Rosa, Édson. Diretor de Comunicação da Divisão Sul-Americana, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista por telefone em 22 de junho de 2009.

Rossi, Wilson. Ancião da Igreja do UNASP-SP. São Paulo. Entrevista em 22 de junho de 2009.

The Sabbath School Department. *The Sabbath School: Its History, Organization, and Objectives*. Takoma Park, Washington, D.C: Review and Herald, 1938.

- Sabbath School Department of General Conference. *Testimonies on Sabbath-School Work*, s/d.
- Sales, Raniere. Ex-Secretário Ministerial Associado da Divisão Sul-Americana, Engenheiro Coelho, SP. Entrevista em 22 de setembro de 2009.
- Sanday W., Arthur C. Headlam. *Aquila and Priscilla. A Critical and Exegetical Commentary on the Epistle of the Roman*. New York: C. Scribner's sons, 1979. 420.
- Santana, Heron. org. *Pequenos Grupos: Teoria e Prática*. Brasília, DF: Confederação das Uniões Brasileiras da IASD, 2008.
- Sarli, Tércio. "Breve Relato dos Pequenos Grupos no Brasil e na América do Sul". Campinas, SP. Artigo não publicado, s.d.
- _____. "A Igreja, Alvos e Batismos". *Revista Adventista*, dezembro de 1987. 8-11.
- _____. "Koinonias Familiares". *O Cajado*, fevereiro de 1984, 1-4.
- _____. "Koinonias Familiares". *Revista Adventista*, março de 1984, 17-18.
- _____. Pastor jubilado, Campinas, São Paulo. Entrevista em 05 de julho de 2007.
- _____. "Vem Aí os Grupos Familiares". *Revista Adventista*, junho de 1985, 8-9.
- Schaller, Lyle E. *The New Reformation: Tomorrow Arrived Yesterday*. Nashville, TE: Abingdon Press, 1995.
- Schattenmann, J. "Comunhão, Ter, Repartir, Participar". *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Eds. Colin Braun e Lothar Coenen. São Paulo: Vida Nova, 2000. 1:378.
- _____. "Comunhão, Ter, Repartir, Participar". *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. Eds. Colin Braun e Lothar Coenen. São Paulo: Vida Nova, 2000. 1:379-380.
- Schrader, Stephen R. *Genesis*. KJV Bible Commentary. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1997. 13.
- Schwarz, Christian. *O desenvolvimento natural da igreja*. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 1996.
- Schwarz, Richard. W. *Light Bearers to Remnant*. Boise, ID: Pacific Press, 1979.
- Schwarz, Richard W, e Floyd Greenleaf. *Portadores de luz*. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009.
- _____. *Light Bearers to the Remnant*. Mountain View, CA: Pacific Press Publisher Association, 1979.

- The Second Epistle of Clemente*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 7:764-784. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Sesóstri, César. Reunião de Congregação na capela do Residencial Masculino, UNASP-EC, 21 de setembro 2008.
- Seven-Day Adventist Bible Encyclopedia*. Ed. F. Neufeld. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1996. Ver "Sabbath School".
- Silva, Aluizio A. *Manual da visão de células*. Goiânia, GO: Editora Vinha, 2008.
- Silva, P. Horne. "Bible Study Groups as a Means of Christian Nurture in the Brazilian Culture". D. Min. tese, Andrews University, Berrien Springs, MI, 1974.
- Silva, Sóstenes A. *Não Temas*. Brasília, DF: M. R. Werner Distribuidora e Editora, 2001.
- Simson, Wolfgang. *Casas que transformam o mundo*. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2001.
- Smith, Fred. *Dinâmica de iglecrecimiento*. Miami, FL: Editorial Caribe, 1993.
- _____. *Sharing the Journey: Support Groups and America's New Quest for Community*. 2 vols. New York: Free Press, 1994.
- Snyder, Howard. *O problema dos odres*. Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 1975.
- _____. *The Radical Wesley: Pattern for Church Renewal*. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1987.
- _____. *Vinho novo, odres velhos: Vida nova para a igreja*. São Paulo: Abu Editora S/C, 1997.
- "So God created man" [Gn 1:27]. *Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Ed. Francis D. Nichol. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1979. 1:215.
- Souza, Elias B. "Fundamentos Bíblicos e Teológicos do Ministério de Pequenos Grupos". Em *Pequenos Grupos Grandes Soluções*, ed. Milton Torres, 14-27. Guarulhos, SP: ABU, 2007.
- Stern, David H. *Jewish New Testament Commentary: A Companion Volume to the Jewish New Testament*. Clarksville, MD: Jewish New Testament Publications, 1992. Jo 4:26.
- Stott, John R. W. *A mensagem de Atos até os confins da terra*. São Paulo: ABU, 2003.
- _____. *I, II e III João: Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1985. 55.

- Swanson, James. "Κοινωνία". *Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domains: Greek New Testament*. Electronic ed. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997. 3126.
- _____. "בַּיִת (bait)". *Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domain: Hebrew Old Testament*. Oak Harbor, WA: Logos Research Systems, Inc., 1997. 1074.
- Tatian *Diatessaron of Tatian*. The Anti-Nicene Fathers, ed. Allan Menzies, 9:28-269. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- _____. *Tatian's Adresse to the Greeks*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 2:96-132. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Tappert, Theodore G. *Selected Writings of Martin Luther*. 4 vols. Philadelphia, PA: 1967.
- The Teaches of Twelve Apostles*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 7:552-572. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Teixeira, Faustino L. C. "Comunidade eclesial de base: elementos explicativos de sua gênese". Dissertação de M. Th., Pontifícia Universidade Católica, Departamento de Teologia, Rio de Janeiro, fevereiro de 1982.
- Tertullian *Part Fourth*. The Anti-Nicene Fathers, [ed. Allan Menzies], 4:3-320. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006.
- _____. *Anti-Marcion*. The Anti-Nicene Fathers, ed. Allan Menzies, 3:380-1141. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006.
- _____. *Apologetic*. The Anti-Nicene Fathers, ed. Allan Menzies, 3:3-379. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006.
- _____. *Ethical*. The Anti-Nicene Fathers, ed. Allan Menzies, 3:1142-1246. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006.
- The Testament of Abraham, The Acts of Xanthippe and Polyxena, The Narrative of Zosimus*. The Anti-Nicene Fathers, ed. Allan Menzies, 9:317-363. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- The Testaments of the Twelve Patriarchs*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 8:5-61. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005.
- Theodotus *Excerpts of Theodotus; or, Selections from the Selects Scripture*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 8:62-77. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005.
- Theophilus *Theophilus of Anthioch*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Robert e James Donaldson, 2:133-196. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.

"Thy house" [Fm 2]. *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*. Ed. Francis D. Nichol. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1976. 7:378.

Timm, Alberto R. "Comunhão e Missão". *Revista do Anciã*, julho-setembro de 2009, 10.

_____. *Doutrina do Santuário*. Engenheiro Coelho, SP: Centro Universitário Adventista de São Paulo, Curso de Teologia, 2007.

_____. *O santuário e as três mensagens angélicas: Fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas*. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2007.

_____. "Uma Igreja em Crescimento". *Revista Ministério*, janeiro-fevereiro, 2009, 25.

Torres, Milton. org. *Pequenos grupos, grandes soluções*. Guarulhos, SP: Parma, 2007.

Two Epistles Concerning Virginity. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 8:78-103. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2005.

Tyerman, Luke. *The Life of the Reverend Georg Whitefield*. 2 vols. London: Hodder and Stoughton, 1876.

União Central Brasileira. Instituto Adventista de Ensino, Campus 2, III Assembléia Quinquenal. "Um Só Coração". 13 a 16 de dezembro de 1998.

_____. Instituto Adventista de Ensino, Campus 2, IV Assembléia Quinquenal. "Fé, Oração, Trabalho". 14 a 16 de dezembro de 2003.

_____. Instituto Adventista de Ensino, Campus 2, V Assembléia Quinquenal. "Diga ao Mundo: A Esperança É Jesus". 07 a 09 de dezembro de 2008.

União Este Brasileira, Instituto Petropolitano Adventista de Ensino, XIV Assembléia Geral Ordinária. "Relatório Escola Sabatina e Ação missionária". 02 a 05 de dezembro de 1992.

_____. Faculdades Integradas Adventista de Minas Gerais, Lavras. "Relatório Escola Sabatina e Ministério Pessoal". 04 a 07 de Janeiro de 1998.

_____. Faculdades Integradas Adventista de Minas Gerais, Lavras. "Relatório sobre Pequenos Grupos". 02-04 de dezembro de 2007.

_____. Faculdades Integradas Adventista de Minas Gerais, Lavras. "Relatório sobre Pequenos Grupos". 10-12 de novembro de 2002.

_____. Faculdades Integradas Adventista de Minas Gerais, Lavras. "Relatório sobre Pequenos Grupos". 04-07 de janeiro de 1998.

- _____. Faculdades Integradas Adventista de Minas Gerais, *XVI Assembléia Geral Ordinária*, Lavras. "Relatório Escola Sabatina e Ação missionária". 10 a 12 de novembro de 2002.
- _____. Instituto Petropolitano Adventista de Ensino, Petrópolis. "Relatório sobre Pequenos Grupos". 02-05 de dezembro de 1992.
- _____. Instituto Petropolitano Adventista de Ensino, Petrópolis, *XIV Assembléia Geral Ordinária*, Petrópolis. "Relatório Escola Sabatina e Ação missionária". 02 a 05 de dezembro de 1992.
- União Norte Brasileira, Hospital Adventista de Belém, *XI Assembléia Quinquenal União Norte Brasileira*. "Vivendo a Esperança". 23 a 26 de maio de 1999.
- _____. *XII Assembléia Quinquenal União Norte Brasileira*, Belém. "Já é Hora!". 07 a 09 de novembro de 2004.
- União Sul Brasileira, *II Assembléia Quinquenal*, Itajaí. "Escola Sabatina e Ministério Pessoal", 12 a 14 de fevereiro de 1996.
- _____. Curitiba, *III Assembléia Quinquenal da União Sul Brasileira*. "Quase no Lar", 04 a 06 de dezembro de 2000.
- _____. Curitiba, *IV Assembléia Quinquenal da União Sul Brasileira*. "Ministério Pessoal". 28 a 30 de novembro de 2005.
- Veloso, Mário. Coinonia e ação missionária. "Programa do Acampamento da Missão Brasil Central". Goiânia. 1977. 4.
- _____. Consultor de Educação da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia para América do Sul, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista em 08 de julho de 2009.
- _____. "A Missão da Igreja de Acordo com a Bíblia". Sermão na Mesa administrativa. Divisão Sul-Americana. 26 de julho de 1989.
- _____. Teología de la administración eclesiástica. Brasília, DF: Seminário Adventista Latino Americano de Teologia, 1982.
- _____. Retiro espiritual coinonias. "Acampamento da Missão Brasil Central". Goiânia. 1977. 2.
- Viaro, Mário E. "A Importância do Latim na Atualidade". *Revista de ciências humanas e sociais* 1, nº 1 (1999): 7-12.
- Venantius *Poem of Venantius Honorius Clementianus Fortunatus, on Easter*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 7:502-505. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.

- Victorinus *Victorinus*. The Anti-Nicene Fathers, eds. Alexander Roberts e James Donaldson, 7:513-545. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2004.
- Vine, W. E, M. F. Unger e W. White. *Vine's Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words*. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1996. 2:308-309.
- Viola, Frank. *Rethinking the Wineskin – The Practice of the New Testament Church*. Brandon, FL: Present Testimony Ministry, 1997.
- Vyhmeister, Werner. *Misión de la iglesia adventista*. Brasilia, DF: Seminario Adventista Latinoamericano, 1981.
- Walvoord John F., e Roy B. Zuck. *Dallas Theological Seminary: The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*. 2 vols. Wheaton, IL: Victor Books, 1983-c1985. 1:29.
- _____. *Dallas Theological Seminary: The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*. 2 vols. Wheaton, IL: Victor Books, 1983-c1985. 1:33.
- Watson, David L. *The Early Methodism Class Meeting*. Nashville, TN: Discipleship Resources, 1987.
- Watts, Dorothy E. *Getting excited about global mission*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1989.
- _____. *Sabbath School Program Planner*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1993.
- Weigandt, P. "Oikos", *Exegetical Dictionary of the New Testament*. Ed. Horst Robert Balz and Gerhard Schneider. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1990-c1993. 2:495, 500-503.
- White, Ellen G. *Atos dos apóstolos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- _____. *Beneficência social*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- _____. *Caminho a Cristo*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.
- _____. *Child Guidance*. Washington, D.C: Review and Herald, 1954.
- _____. *Christian Service*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1947.
- _____. *Ciência do bom viver*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- _____. *Conselhos aos pais professores e estudantes*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- _____. *Conselhos sobre educação*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- _____. *Conselhos sobre a escola sabatina*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984.

- _____. *Conselhos sobre saúde*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- _____. *Counsels on Health*. Mountain View, CA: Pacific Press, 1957.
- _____. *Counsels to Parents, Teachers, and Students*. Mountain View, CA: Pacific Press, 1913.
- _____. *Cristo em Seu santuário*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.
- _____. *O desejado de todas as nações*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
- _____. *Early Writings of Ellen G. White*. Washington, D.C: Review and Herald, 1945.
- _____. *Educação*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- _____. *Este dia com Deus*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1980.
- _____. *Evangelism*. Washington, D.C: Review and Herald, 1970.
- _____. *Evangelismo*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997.
- _____. *Eventos finais*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.
- _____. *Exaltai-O!* Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992.
- _____. *A fé pela qual eu vivo*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1959.
- _____. *Fundamentos da educação cristã*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- _____. *Gospel Workers*. Washington, D.C: Review and Herald, 1915.
- _____. *O grande conflito*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.
- _____. *A igreja remanescente*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- _____. *In Heavenly Places*. Washington, D.C: Review and Herald, 1967.
- _____. *Last Day Events*. Boise, ID: Pacific Press, 1992.
- _____. *Lift Him Up*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1988.
- _____. *Maranata, o Senhor vem*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977.
- _____. *Maranatha: The Lord Is Coming*. Washington, D.C: Review and Herald, 1976.
- _____. *Mensagens aos jovens*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004. 76.

- _____. *Mensagens escolhidas*. Vol. 2. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.
- _____. *Mensagens escolhidas*. Vol. 3. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1966.
- _____. *Mente, caráter e personalidade*. Vol. 1. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989. 92.
- _____. *Obreiros evangélicos*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.
- _____. *Orientação da criança*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
- _____. *Patriarcas e profetas*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996.
- _____. *Primeiros escritos*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1976.
- _____. *Profetas e reis*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
- _____. *Prophets and Kings*. Mountain View, CA: Pacific Press, 1943.
- _____. *E recebereis poder*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999.
- _____. *Selected Messages*. 3 vols. Washington, D.C.: Review and Herald, 1980. 3:262-263.
- _____. *Serviço cristão*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- _____. *Steps to Christ*. Mountain View, CA: Pacific Press, 1892.
- _____. *Testemunhos para a igreja*. Vol. 7. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.
- _____. *Testemunhos seletos*. Vol. 3. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984.
- _____. *Testemunhos seletos*. Vol. 2. Tatuí, São Paulo: Casa publicadora Brasileira, 1970.
- _____. *Testemunhos seletos*. Vol. 3. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1984.
- _____. *Testemunhos*. 9 vols. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. 7:195.
- _____. *Testimonies for the Church*. Vol. 5. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948.
- _____. *Testimonies for the Church*. Vol. 6. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948.
- _____. *Testimonies for the Church*. Vol. 7. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948.
- _____. *Testimonies for the Church*. Vol. 9. Mountain View, CA: Pacific Press, 1948.

- _____. *The Acts of the Apostles*. Mountain View, CA: Pacific Press, 1911.
- _____. *The Desire of Ages*. Mountain View, CA: Pacific Press, 1940.
- _____. *The Faith I Live By*. Washington, D.C: Review and Herald, 1973.
- _____. *The Great Controversy between Christ and Satan*. Mountain View, CA: Pacific Press, 1911.
- _____. "The Work of Soul Saving". *Advent Review and Sabbath Herald*, 12 de agosto de 1902, 8.
- _____. *This Day with God*. Washington, D.C: Review and Herald, 1979.
- _____. *Vida e ensinos*. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, s.d.
- _____. *Welfare Ministry*. Washington, D.C: Review and Herald Publishing Association, 1952.
- _____. *Ye Shall Receive Power*. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1995.
- White, James F. "Traditions, Liturgical, in the West: Post-Reformation". *Em The New Dictionary of Sacramental*. Ed. Peter E. Fink. Collegeville, MN: Liturgical Press, 1990.1274–1281.
- White State. *Comprehensive Index to the Writings of Ellen G. White*. Estados Unidos da América: Pacific Press, 1962.
- Wichert, César. Pastor jubilado, Engenheiro Coelho, São Paulo. Entrevista em 22 de junho de 2009.
- Will, Stanley S. *Ensinar: guia para o ensino eficiente na escola sabatina*. Santo André - SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982.
- Williams, Garrie. *Círculo do poder da trindade*. Campinas, SP: Gráfica da APC, 1990.
- Witmer, John A. Romans. *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*. Vol. 2. Wheaton, IL: Victor Books, 1983-c1985. 548.
- Wuthnow, Robert. "Small Groups and Spirituality: Exploring the Connections". Em *I Come Away Stronger*, ed. Robert Wuthnow, 1. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 1994.
- _____. "Appendix: Small Group – A National Profile". Em *I Came Away Stronger*, ed. Robert Wuthnow, 370. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 1994.
- _____. *I Come Away Stronger: How Small Groups Are Shaping American Religion*. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 1994.

_____. *Rediscovering the Sacred: Perspectives on Religion in Contemporary Society*. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 1992.

_____. *Sharing the Journey: Support Groups and America's New Quest for Community*. 2 vols. New York: Free Press, 1994.

_____. *The Restructuring of American Religion: Society and Faith since World War II*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1988.

Young, Doyle L. *New Life for Your Church: A Renewal Handbook for Pastors*. Grand Rapids, MI: Barker Book House, 1989.

Zackrisson, Jim. Diretor Mundial do Departamento de Escola Sabatina da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, Cachoeira, Bahia. Entrevista em julho de 2003.

SITES CONSULTADOS

Abdala, Emílio. "Evangelismo: princípio permanente, metodologia em mudança". Instituto de Crescimento de Igreja, SALT-IAENE. Pesquisa realizada na internet, no site www.salt.edu.br/ici, no dia 20 de setembro de 2009.

"Al-Anon Grupos Familiares". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.adroga.casadia.org/grupos/al-anon-alateen.htm>, no dia 17 de outubro de 2007.

"Alateen". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.adroga.casadia.org/grupos/al-anon-alateen.htm>, no dia 17 de outubro de 2007.

"Assembléia de Deus". Pesquisa realizada na internet, no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Assembleia_de_Deus, no dia 22 de setembro de 2009.

Atkerson, Steve. "The Church That Meets in Your Home". Pesquisa realizada na internet, no site http://www.elseroad.com/topics/house_church/tahct/9.pdf, no dia 16 de dezembro de 2008.

_____. ed. *Towards a Theology of Housechurch*, New Testament Restoration Foundation. Atlanta, CA: s.d. "The Church That Meets In Your Home". Pesquisa realizada na internet, no site http://www.elseroad.com/topics/house_church/tahct/9.pdf, no dia 16 de dezembro de 2008.

Averbug, Samuel. "A maior igreja evangélica do mundo faz 50 anos". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.cristianismohoje.com.br/retrancas/A+maior+igreja>, no dia 22 de abril de 2009.

- Barna, George. "Protestants, Catholics and Mormons Reflect Diverse Levels of Religious Activity". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.barna.org/cgi-bin/PagrPressRelease.asp?PressReleaseID=93&Reference=4>, no dia 15 de julho de 2009.
- Birkey, Del. "The House Church: A Missiological Model". *Missiology: An International Review* 19. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.hccentral.com/birkey1/mismod1.html>, no dia 12 de dezembro 2008.
- "Cell church international". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.cellchurchonline.com/home.cfm>, no dia 17 de julho de 2007.
- "Cell Church Network - Hong Kong". Pesquisa realizada na internet, no site www.ccmnglobal.com/, no dia 15 de julho de 2009.
- Comiskey, Joel. "Cell Basics". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.joelcomiskeygroup.com/articles/basics/whatsACell.htm>, no dia 12 de agosto de 2008.
- _____. "Do you Need to Use Cell to Describe Your Small Groups?" Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.joelcomiskeygroup.com/articles/basics/whatsACell.htm>, no dia 12 de agosto de 2008.
- "Congregacionalismo". Pesquisa realizada na internet, no site <http://historiacongregacional.blogspot.com/2009/06/igrejas-congregacionais-1.html>, no dia 21 de setembro de 2009.
- Cousturié, Isabelle. Pesquisa realizada na internet, no site "Reconnaissance du Système des Cellules Paroissiales D'évangélisation". <http://cellules-evangelisation.org/>, no dia 01 de maio de 2009.
- "David (Paul) Yonggi Cho". Pesquisa realizada na internet, no site [http://pt.wikipedia.org/wiki/David_\(Paul\)_Yonggi_Cho](http://pt.wikipedia.org/wiki/David_(Paul)_Yonggi_Cho), no dia 17 de outubro de 2007.
- "Elseroad". Pesquisa realizada na internet, no site http://www.elseroad.com/topics/house_church/, no dia 17 de julho de 2007.
- FAQs-General Information . "ATLA Serials". Pesquisa realizada na internet, no site http://www.atla.com/products/FAQs/FAQs_atlas/FAQs_atlas_general.html, no dia 18 de junho de 2009.
- F-Cigoña, Ramón. "Discípulos e companheiros do Senhor". Pesquisa realizada na internet, no site http://www.puc-rio.br/centroloyola/pdf/boletim_setembro.pdf, no dia 02 de março de 2009.
- Fitts, Robert . "The Church in the House – A Return to Simplicity ". Kaulua-Kona, HI, s.d. Pesquisa realizada na internet, no site <http://robertfitts.com/63>, no dia 08 de dezembro de 2008.

“Fundação Betel”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.fundacaobetel.com.br>, no dia 17 de julho de 2007.

“G12 na Europa”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.g12harvest.org>, no dia 13 de julho de 2007.

Gomes, Ivo P. “Vivendo a comunhão do primeiro amor”. Assis, SP: 2009. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.scribd.com/doc/80561/Apostila-Igreja-em-Celulas-Ivo-Gomes-do-Prado>, no dia 03 de junho de 2009.

“House church central”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.hccentral.com/>, no dia 13 de julho de 2007.

“IGEVA - Igrejas Evangélicas”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.igeva.com.br/pages/comunidades.php>, no dia 24 de julho de 2007.

“Igreja Adventista do Sétimo Dia”. Pesquisa realizada na internet, no site www.pequenosgrupos.com.br/, no dia 24 de julho de 2007.

“Igreja Betânia americana”. Pesquisa realizada na internet, no site www.bccn.com, no dia 24 de julho de 2007.

“Igreja do Evangelho Pleno”. Pesquisa realizada na internet, no site http://evangelho-pleno.com/br/bbs/board.php?bo_table=jf_yoido&wr_id=3, no dia 24 de julho de 2007.

“Igreja Elim”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.achologia.blogspot.com>, no dia 17 de julho de 2007.

_____. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.achologia.wordpress.com>, no dia 17 de julho de 2007.

“A Igreja em Células”. Pesquisa realizada na internet, no site www.videirasampa.org.br/portal_historico.asp, no dia 17 de julho de 2007.

“Igreja Evangélica Elim”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.igrejaselim.org.br/>, no dia 17 de julho de 2007.

“Igreja evangélica tabernáculo da fé”. Pesquisa realizada na internet, no site http://www.avozdedeus.org.br/igreja/index.php?option=com_content&task=view&id=388&Itemid=82, no dia 17 de julho de 2007.

“Igreja Videira”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.videirario.com.br/>, no dia 17 de julho de 2007.

_____. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.igrejavideira.com>, no dia 17 de julho de 2007.

“Joel Comiskey Group”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://joelcomiskeygroup.com>, no dia 17 de julho de 2007.

Lay, Robert. "Ministério da Igreja em Células". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.celulas.com.br/boletim/index.htm>, no dia 17 de julho de 2007.

Leoto, Sérgio. "Iniciando Pequenos Grupos I". Pesquisa realizada na internet, no site http://www.igeva.com.br/pages/estudos.php?id_estudo=313, no dia 05 de dezembro de 2008.

_____. Pesquisa realizada na internet, no site http://www.igeva.com.br/pages/estudos.php?id_estudo=313, no dia 05 de dezembro de 2008.

"Levando a palavra". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.levandoapalavra.com.br/avivamento/aconcessaodepoder.htm>, no dia 02 de março de 2009.

"Liber Exodus – Nova Vulgata, Vetus testamentum". Pesquisa realizada na internet, no site http://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_vt_exodus_lt.htm#12, no dia 02 de março de 2009.

"Links Evangélicos". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.fundacaobetel.com.br>, no dia 24 de julho de 2007.

McLaren. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.metodistasonline.kit.net/porquesoumetodista.htm>, no dia 15 de julho de 2009.

"MCI". Pesquisa realizada na internet, no site <http://mci12.com>, no dia 16 de outubro de 2007.

McLaren, Brian. "Por Que Sou Um Metodista?". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.metodistasonline.kit.net/porquesoumetodista.htm>, no dia 15 de julho de 2009.

Meimaridis, Alex . "Enganados de Propósito". Pesquisa realizada na internet, no site <http://jesussite.com>, no dia 16 de outubro de 2007.

Mello, José I. S. "Wesley, grupos pequenos como modelos da cultura do Reino". Pesquisa realizada na internet, no site <http://escatologiacrsta.blogspot.com>, no dia 03 de julho de 2008.

Merriam-webster dictionary. "Company". Pesquisa realizada na internet, no site http://www3.merriam-webster.com/opedictionary/newword_search.php, no dia 27 de setembro de 2009.

Mesquita, José J. "Igreja em Células – Evangelização". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.ipmanaus.org>, no dia 13 de julho de 2007.

"Ministério igreja em células". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.celulas.com.br>, no dia 17 de julho de 2007.

- “Ministério Internacional da Restauração”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.mir12.com.br>, no dia 17 de julho de 2007.
- “MIR – Ministério Internacional da Restauração”. Primeira Igreja Batista da Renovação em Manaus”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.mir12.com.br>, no dia 16 de outubro de 2007.
- Miranda, Weverton . “Pequenos Grupos”. Pesquisa realizada na internet, no site http://www.pibac.org.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=51&Itemid=64, no dia 05 de dezembro de 2008.
- “Misión Cristiana Elin Internacional”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.elim.org.sv>, no dia 17 de julho de 2007.
- “Modus operandi – Wikipédia”. Pesquisa realizada na internet, no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Modus_operandi, no dia 20 de maio de 2009.
- Moura, José U. “Guia de funcionamento dos pequenos grupos – a pedagogia da programação”. Pesquisa realizada na internet, no site www.pequenosgrupos.com.br, no dia 22 de junho de 2009.
- _____. “Implantação”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.pequenosgrupos.com.br/Materiais/Implementando>, no dia 22 de junho de 2009.
- Oliveira, Arilton. “Escola Sabatina”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.escolasabatina.com.br/>, no dia 17 de setembro de 2009.
- Oliveira, Felipe. “Fim do Silêncio - Renê Terra Nova volta a falar”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://iban12.blogspot.com/2008/07/fim-do-silencio-ren-terra-nova-volta.html>, no dia 27 de novembro de 2008.
- Piggin, Stuart. “Reavivamento na Austrália”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.renewaljournal.com/>, no dia 20 de setembro .
- “Primeira Igreja Batista da Penha”. Pesquisa realizada na internet, no site http://www.pibpenha.org.br/pequenos_grupos.php, no dia 13 de julho de 2007.
- “Primeira Igreja Batista em Arraial do Cabo”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.pibac.org.br/site/index>, no dia 13 de julho de 2007.
- “Propósitos da Escola Sabatina”. Pesquisa realizada na internet, no site http://www.usb.org.br/canais/index.php?option=com_content&task=view&id=168&Itemid=213, no dia 21 de setembro de 2009.
- “R. A. Torrey - 1856-1928”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.swordofthelord.com/biographies/TorreyRA.htm>, no dia 20 de setembro de 2009.

- “Reuben Archer Torrey”. Pesquisa realizada na internet, no site http://en.wikipedia.org/wiki/Reuben_Archer_Torrey, no dia 20 de setembro de 2009;
- Romeiro, Paulo. “Movimento G 12”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.agirbrasil.com>, no dia 13 de julho de 2007.
- Sacramento, Sandra M. “O perfil feminino na obra de José Lins do Rego: discernimento e opressão”. Pesquisa realizada na internet, no site http://www.geocities.com/ail_br/operfilfemininonaobrajosejelsins.htm, no dia 30 de março de 2009.
- “Semântica é o estudo do sentido das palavras de uma língua”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.pciconcursos.com.br/aulas/portugues/semantica>, no dia 14 de fevereiro de 2009.
- “Semântica”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sem%C3%A2ntica>, no dia 14 de fevereiro de 2009.
- “SEPAL”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.sepal.org.br>, no dia 17 de outubro de 2007.
- Silva, Antônio F. “A Igreja em Células”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://achologia.wordpress.com>, no dia 13 de julho de 2007.
- Silva, Guilherme. “Resumo Histórico da Associação Paulista Central: Desenvolvimento”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.apac.org.br/index.asp>, no dia 18 de maio de 2009.
- Silva. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.apac.org.br/index.asp>, no dia 18 de maio de 2009.
- Silveira, Walter P. “A História dos Grupos Familiares”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.igrejabatistadotiro.com.br>, no dia 17 de outubro de 2007.
- “Sistema”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema>, no dia 24 de março de 2001.
- “Site oficial dos Pequenos Grupos”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.pequenosgrupos.org.br>, no dia 17 de julho de 2007.
- “The welsh Revival”. Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.scribd.com/doc/4871822/The-Welsh-Revival-O-Avivamento-de-Gales>, no dia 17 de julho de 2007.
- “Touch Ministries International”. Pesquisa realizada na internet, no site http://www.fcbc.org.sg/ministry_International.asp, no dia 17 de julho de 2007.
- “Touch Ministries”. Pesquisa realizada na internet, no site www.touchusa.org, no dia 17 de julho de 2007.

Unabridged Based on the Random House Dictionary. "Company". Pesquisa realizada na internet, no site www.randomhouse.com/catalog/display.pperl?, no dia 20 de setembro de 2009.

Valéria, Nilza. "O G12 de Hoje". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.revistaenfoque.com.br>, no dia 15 de julho de 2007.

"A Visão do G12". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.visiong12.com/>, no dia 15 de julho de 2007.

"Vocabulário político moderno". Pesquisa realizada na internet, no site ialexandria.sites.uol.com.br/textos/israel_textos/vocabulario_politico_moderno.htm, no dia 28 de abril de 2009.

"WCCC". Pesquisa realizada na internet, no site <http://light.willowcreek.org/>, no dia 15 de julho de 2007.

White, Ellen G. *Manuscript Release*, vol. 12, nº 932, 46-47. Pesquisa realizada na internet, no site <http://egwdatabase.whiteestate.org/>, no dia 24 de setembro de 2009.

"Why the House Church?". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.hccentral.com/index.html>, no dia 12 dezembro de 2008.

Wuthnow, Robert. "Small Groups Forge New Notions of Community and the Sacred". Pesquisa realizada na internet, no site <http://www.religion-online.org/showarticle.asp?title=228>, no dia 03 de julho de 2008.

<http://egwdatabase.whiteestate.org/>, no dia 24 de setembro de 2009.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Org%C3%A2nico>, no dia 04 de abril de 2009.

<http://www.aol.com.br/celulas>, no dia 09 de setembro de 2009.

http://www.avozdedeus.org.br/igreja/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=388, no dia 17 de julho de 2007.

<http://www.cellchurch.com>, no dia 17 de julho de 2007.

<http://www.celluk.org.uk>, no dia 17 de julho de 2007.

<http://www.cristianet.com.br>, no dia 09 de setembro de 2009.

<http://www.femanet.com.br/~micassis>, no dia 09 de setembro de 2009.

<http://www.geocities.com/ccgpuava/>, no dia 09 de setembro de 2009.

<http://www.iacrigo.cjb.net/>, no dia 09 de setembro de 2009.

<http://www.ibcgama.hpg.com.br>, no dia 09 de setembro de 2009.

<http://www.insejecmci.cjb.net>, no dia 09 de setembro de 2009.

<http://www.internext.com.br/mir>, no dia 09 de setembro de 2009.

<http://www.ipilondrina.org>, no dia 09 de setembro de 2009.

<http://www.lagoinha.org.br>, no dia 09 de setembro de 2009.

<http://www.manaus.br/pibmanaos>, no dia 09 de setembro de 2009.

<http://www.pequenosgrupos.com>, no dia 17 de julho de 2007.

<http://www.portaladventista.org/portal/>, no dia 27 de setembro de 2009.

<http://www.videira.org.br>, no dia 09 de setembro de 2009.

www.celulas.com.br/, no dia 09 de setembro de 2009.

www.palavradafe.com.br/, no dia 09 de setembro de 2009.

www.socialgest.pt/cgi-bin/registos/scripts/redirect.cgi, no dia 28 de abril de 2009.

www.socialgest.pt/cgi-bin/registos/scripts/redirect.cgi, no dia 28 de abril de 2009.

ead.cefetpa.br/mod/glossary/view.php, no dia 28 de abril de 2009.

pt.wiktionary.org/wiki/comunidade, no dia 28 de abril de 2009.

sua7auladodia.wordpress.com/2009/02/09/definicao-e-conceitos-sociologia-0902/, no dia 28 de abril de 2009.

VITA

Nome: José Umberto Moura

Nascimento: 19 de março de 1956, em Santa Maria, PA

Esposa: Eliane Moura

Filhos: Joelson (esposa Greyce, filho Víctor)
Josane (esposo Filipe)
Jeanne (esposo Manolo)

Formação Acadêmica: 1977 – Engenharia – Marinha do Brasil – Rio de Janeiro
1984 – Bacharel em Teologia (Línguas Bíblicas) – SALT-IAE
– São Paulo
1992 – Mestre em Teologia – UNASP – Engenheiro Coelho
1992 – História – Universidade São Marcos – São Paulo
1992 – Geografia – Universidade São Marcos – São Paulo

Experiência Profissional: 1985-1986 – Preceptor IAE – São Paulo
1987-1995 – Professor (Ensino Básico, Médio, Superior,
Curso de Verão, Curso Especial em Teologia) IAE – São
Paulo
1993-1995 – Pastor Distrital em Itapecerica da Serra – SP
1995-1998 – Pastor Distrital em Aracajú – SE

1999-2002 – Departamental de Escola Sabatina, Ministério
Pessoal, Evangelismo, ADRA, Missão Global na Missão
Sergipe Alagoas (UNeB)

2002-2004 – Departamental de Escola Sabatina, Ministério
Pessoal, Evangelismo, na Missão Sergipe Alagoas (UNeB)

2004-2006 – Diretor da Pastoral Universitária – UNASP –
Engenheiro Coelho

2006- – Diretor de Desenvolvimento Espiritual – UNASP
– Engenheiro Coelho